

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

TAMARA VÉRAS DE BITENCOURT

**PROTAGONISMO DA LEITURA: ESCOLA E FORMAÇÃO DE
LEITORES (Alvorada/RS)**

Porto Alegre
2014

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

TAMARA VÉRAS DE BITENCOURT

**PROTAGONISMO DA LEITURA: ESCOLA E FORMAÇÃO DE
LEITORES (Alvorada/RS)**

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado da Faculdade de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador (a): Profa. Dra. Maria Helena Camara Bastos
Coorientador (a): Profa. Dra. Maria Conceição P. Christofoli

Porto Alegre
2014

B624p Bitencourt, Tamara Vêras de
Protagonismo da leitura: escola e formação de leitores
(Alvorada/RS) / Tamara Vêras de Bitencourt. – Porto Alegre,
2014.
317 f.: il.

Diss. (Mestrado) – Faculdade de Educação, PUCRS.
Orientação: Profa. Dra. Maria Helena Camara Bastos
Coorientação: Profa. Dra. Maria Conceição P. Christofoli

1. Educação. 2. Educação Básica. 3. Ensino Fundamental
4. Leitores - Formação. I. Bastos, Maria Helena Camara. II.
Christofoli, Maria Conceição P. III. Título.

CDD 028.9

Ficha Catalográfica elaborada por
Sabrina Vicari
CRB 10/1594

PROTAGONISMO DA LEITURA: ESCOLA E FORMAÇÃO DE LEITORES
(Alvorada/RS)

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado da Faculdade de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Aprovada em: 26 de fevereiro de 2014.

Banca avaliadora:

Profa. Dra. Maria Helena Camara Bastos

Profa. Dra. Maria Conceição P. Christofoli

Profa. Dra. Miriam Pires Correa de Lacerda

Profa. Dra. Jocelyne da Cunha Bocchese

Prof. Dr. Marcelo da Silva Rocha

Porto Alegre
2014

AGRADECIMENTOS

As travessias da vida tornam-se mais belas e mais leves quando são percorridas em conjunto. Este trabalho é de autoria única, mas não é justo desconsiderar todos que não realizaram o trabalho, mas que permitiram que ele fosse concluído, colaborando, cada um a sua maneira e de acordo com suas possibilidades, para que o caminho fosse menos árduo e mais satisfatório. Agradeço, portanto:

À CAPES e à FAPERGS pela bolsa de Mestrado, sem a qual não haveria tanto tempo disponível para a realização de uma pesquisa como esta e pelo subsídio financeiro que tornou a travessia mais segura;

À Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, por ser a casa da minha formação acadêmica desde a graduação, pela excelência do Programa de Pós-Graduação em Educação e por ter me proporcionado tantas aprendizagens;

À professora Maria Helena Camara Bastos, pelas orientações exigentes, pelo respeito ao conhecimento, pela seriedade com quem me conduziu por este caminho;

À professora Maria Conceição P. Christofoli, pelo suporte fundamental, pela acolhida, pela indicação dos referenciais teóricos e, principalmente, por ter me proporcionado momentos breves de profundas aprendizagens;

À professora Miriam Pires Correa de Lacerda, por quem senti empatia desde a entrevista de seleção; pelas trocas, pelos compartilhamentos, pelo carinho; por ter sido uma segurança nos muitos momentos de incertezas;

Ao olhar atento da professora Vera Wannmacher Pereira, que me viu, quando eu não queria ser vista, fazendo com que eu encontrasse uma reta onde eu só via curvas;

À professora Jocelyne da Cunha Bocchese, por me acompanhar sempre, sem saber que está comigo: é imensurável a sua presença na minha formação;

À Secretaria Municipal de Educação de Alvorada, pela autorização para a realização da pesquisa; em especial, às escolas municipais Herbert José de Souza e Antônio de Godoy por terem me acolhido durante a trajetória; às equipes diretivas, aos professores e aos alunos, por terem me recebido em seus espaços e suas rotinas, colaborando com o trabalho;

À minha família e aos meus amigos, pela torcida, pela confiança, pelos momentos de confraternização, por encherem o caminho de outras belezas; à minha tia Ângela, em especial, pela impagável ajuda na tabulação dos dados;

Aos meus pais - sustentação de todo o caminho – pela entrega, pela acolhida, pela disponibilidade, pelo amor; pelos debates, pelas leituras atentas dos meus escritos, pelas

reflexões, pelos ensinamentos; por serem exemplo de ética, seriedade e compromisso com a educação; por terem criado um ambiente favorável à formação de leitores, conduzindo os três filhos nos caminhos da leitura;

Ao Adriano, companheiro de todas as horas, por seguir ao meu lado neste caminho, aguentando minhas queixas, minhas crises, meu estresse; por ter me mostrado vida além da dissertação, trazendo alegria e movimento para esta travessia;

Ao Matheus – pedaço de mim - por fazer tudo ter sentido, por me ensinar todos os dias a ser uma pessoa melhor, mais humana; pela paciência com a minha ausência; pela sabedoria em me alertar quando precisei estar mais presente; por ter entrado no mundo da escrita e ter descoberto o prazer da leitura neste ano, compartilhando comigo, de forma ainda mais intensa, a construção deste trabalho.

Eu atravesso as coisas – e no meio da travessia não vejo! – só estava era entretido na idéia dos lugares de saída e de chegada. Assaz, o senhor sabe: a gente quer passar um rio a nado, e passa; mas vai dar na outra banda é num ponto muito mais embaixo, bem diverso do em que primeiro se pensou. Viver nem não é muito perigoso?

ROSA, João Guimarães, 1994, p. 42.

RESUMO

O objetivo deste trabalho foi contextualizar o lugar da leitura na Educação Básica, mais especificamente, nas séries finais do Ensino Fundamental. Partindo da problemática acerca do paradoxo existente entre o discurso recorrente de que os alunos não leem e/ou não sabem ler e a forma como a leitura aparece no cotidiano escolar, utilizou-se os Ideb's de duas escolas municipais de Alvorada/RS para a escolha dos contextos a serem pesquisados. Os recursos metodológicos utilizados foram: revisão bibliográfica, questionários para identificação do perfil leitor dos sujeitos e etnografia da sala de aula. As escolas foram escolhidas de acordo com os Ideb's 2011: Escola Municipal de Ensino Fundamental Herbert José de Souza – maior Ideb, e Escola Municipal de Ensino Fundamental Antônio de Godoy – menor Ideb. Em cada, uma turma de sétimo ano e seus respectivos professores compuseram o corpus de sujeitos da pesquisa. Além de alunos e professores, as responsáveis pela supervisão escolar e as responsáveis pelas bibliotecas também responderam a questionários. A pesquisadora acompanhou as turmas selecionadas por um período de trinta dias, compondo a etnografia. O protagonismo da leitura é evidenciado apenas na sua dimensão informativa. Os alunos leem para aprender os conteúdos, sem que sejam ensinados a ler. Os perfis leitores, tanto de alunos quanto de professores, são muito semelhantes, não justificando a diferença nos Ideb's das duas escolas. A biblioteca da escola com maior Ideb mostrou-se mais engajada com a formação de leitores do que a da escola com o índice menor. A escrita etnográfica torna evidente o pouco espaço destinado à leitura e os problemas que têm enfrentado alunos e professores no dia a dia da escola. O estudo aponta para a necessidade de se pensar na formação dos professores como responsáveis pelo desenvolvimento do letramento ao longo das séries finais do Ensino Fundamental. Para que a leitura se torne protagonista no contexto escolar, ela terá que ser entendida em todas as suas dimensões e funções e ser responsabilidade de todos.

Palavras-chave: Educação Básica. Ensino Fundamental. Ideb. Leitura. Formação de leitores.

ABSTRACT

The aim of this study was to contextualize the place of reading in Basic Education, more specifically, in the final grades of Elementary School. It starts of problematic about the existing paradox between recurrent speech that students do not read and / or cannot read and how the reading appears in daily school, It was used the *Ideb 's* of two municipal schools of *Alvorada / RS* for the choice of contexts to be researched . The methodological resources used were: literature review, questionnaires to identify the reader profile of subjects and ethnography of the classroom. The schools were chosen according to *Ideb 's* 2011 : Municipal Elementary School *Herbert Jose de Souza* – the most *Ideb*, and Municipal Elementary School *Antonio Godoy* – the lowest *Ideb*. In each of the schools a class of seventh grade and their teachers formed the corpus of subjects of this research. In addition to students and teachers, the responsible for school supervision and responsible for libraries also answered questionnaires. The researcher followed the two selected classes for a period of thirty days, composing the ethnography. The protagonism of reading is seen only in its informative dimension. Students read to learn the contents, without that they are taught to read. The readers profiles, both students and teachers, are very similar and do not justify the difference in *Ideb 's* of two schools. The library of school with the most *Ideb* was more engaged with the formation of readers than the school with the lowest index. The ethnographic writing becomes apparent the little space dedicated to reading and problems that students and teachers have faced in routine of the school. This study appoints to the need to think about the training of teachers as responsible for the development of literacy throughout the final grades of Elementary School. For the reading becomes protagonist in the school context, it has to be understood in all its dimensions and functions, mainly, it must be the responsibility of all.

Key-words: Basic Education. Elementary School. Ideb. Reading. Formation of readers.

LISTA DE FIGURAS E QUADROS

Quadro 1- Médias de proficiência em Língua Portuguesa	52
Quadro 2- Porcentagem de alunos por nível de proficiência Língua Portuguesa – 8º série/9º ano do EF - Brasil.....	52
Quadro 3 – Porcentagem de alunos por nível de proficiência Língua Portuguesa – 4º série/5º ano EF – Brasil	53
Quadro 4 - Descritores.....	59
Quadro 5 - Descritores.....	60
Quadro 6 - Descritores.....	60
Quadro 7 - Descritores.....	61
Quadro 8 - Descritores.....	62
Quadro 9 - Descritores.....	62
Quadro 10 - Descritores.....	63
Figura 1 – Região Metropolitana de Porto Alegre	69
Quadro 11 - Número de estabelecimentos de ensino - Educação Infantil ao Ensino Superior em cada instância administrativa, no município de Alvorada/RS.....	71
Quadro 12 - Número de professores em exercício no ano de 2011, no município de Alvorada/RS	72
Por instância administrativa.....	72
Quadro 13 - Número de alunos matriculados em 2011, no município de Alvorada.....	72
Por instância administrativa.....	72
Quadro 14 – Ideb de todas as escolas municipais de Alvorada/RS.....	74
Quadro 15 – Ideb das escolas com séries finais do Ensino Fundamental	76
Quadro 16- Ideb das escolas analisadas	77
Quadro 17 - Herbert José de Souza - 2007 – 1º série/ano.....	82
Quadro 18 - Herbert José de Souza - 2008 – 2º série/ano.....	83
Quadro 19 - Herbert José de Souza - 2009 – 3º ano	83
Quadro 20 - Herbert José de Souza - 2010 – 4º ano	83
Quadro 21 - Herbert José de Souza - 2011 – 5º ano	84
Quadro 22 - Herbert José de Souza - 2012 - 6º ano	84
Quadro 23 - Antônio de Godoy - 2007 – 1º ano	86
Quadro 24 - Antônio de Godoy - 2008 – 2º ano	86
Quadro 25 - Antônio de Godoy - 2009 – 3º ano	86

Quadro 26 - Antônio de Godoy - 2010 – 4º ano	86
Quadro 27 – Professores participantes da pesquisa.....	87
Quadro 28 – Sexo dos sujeitos da pesquisa.....	87
Quadro 29 – Idade média dos professores.....	88
Quadro 30 - Média de anos na escola.....	88
Quadro 31- Média da carga-horária semana.....	88
Quadro 32 - Média de escolas em que trabalha.....	88
Quadro 33 - Média de anos de exercício da docência	89
Quadro 34 – Alunos participantes da pesquisa.....	91
Quadro 35- Número de alunos – 7º A – Herbert José de Souza	92
Quadro 36- Número de alunos – 7º A – Antônio de Godoy	92
Quadro 37 – Sexo dos sujeitos da pesquisa.....	93
Quadro 38 – Questionário bibliotecárias	100
Quadro 39– Atividades de leitura.....	107
Quadro 40 - Atividades de leitura – EMEF Herbert José de Souza	107
Quadro 41 – Atividades de leitura – EMEF Antônio de Godoy	108
Quadro 42– Disciplinas em que foram realizadas as atividades – EMEF Herbert José de Souza	109
Quadro 43 – Disciplinas em que foram realizadas as atividades – EMEF Antônio de Godoy	109
Quadro 44 – Metodologia das atividades de leitura – EMEF Herbert José de.....	112
Quadro 45 – Metodologia das atividades de leitura – EMEF Antônio de.....	112
Quadro 46 – Objetivos de leitura – EMEF Herbert José de Souza	114
Quadro 47 – Objetivos de leitura – EMEF Antônio de Godoy	114
Quadro 48 – Horário 2013 – 7º A – Herbert José de Souza.....	119
Quadro 49 – Horário 2013 – 7º A – Antônio de Godoy	120
Quadro 50 – Carga-horária etnografia.....	121
Quadro 51 – Justificativa para a influência ou não do perfil leitor	130
Quadro 52 – Suporte dos textos – EMEF Herbert José de Souza	155
Quadro 53 – Suporte dos textos – EMEF Antônio de Godoy	155
Quadro 54 - Média de livros lidos no ano - Professores	173
Quadro 55 - Média de livros lidos no ano - Alunos	173

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Instâncias administrativas – EMEF Antônio de Godoy	89
Gráfico 2 – Instâncias administrativas – EMEF Antônio de Godoy	89
Gráfico 3 – Formação dos professores	90
Gráfico 4 – Formação dos professores	90
Gráfico 5 – Sexo – EMEF Herbert José de Souza.....	93
Gráfico 6 – Sexo – EMEF Antônio de Godoy	93
Gráfico 7 – Tempo em que estudam na escola.....	94
Gráfico 8 – Repetências – EMEF Herbert José de Souza	94
Gráfico 9 – Repetências – EMEF Antônio de Godoy	94
Gráfico 10 – Número de repetência.....	95
Gráfico 11 – Anos em que ocorreram as reprovações.....	95
Gráfico 12 – Constituição familiar	96
Gráfico 13 – Responsável 1 – EMEF Herbert José de Souza	96
Gráfico 14 – Responsável 1 – EMEF Antônio de Godoy	97
Gráfico 15 – Responsável 2 – EMEF Herbert José de Souza	97
Gráfico 16 – Responsável 2 – EMEF Antônio de Godoy	97
Gráfico 17 – Escolaridade responsável 1	98
Gráfico 18 - Disciplina em que mais lê	110
Gráfico 19 - Disciplina em que mais lê	111
Gráfico 20 – Incentivo à leitura – Alunos	125
Gráfico 21 – Incentivo à leitura – Alunos	125
Gráfico 22 – Presenteado com um livro – Alunos	126
Gráfico 23 – Presenteado com um livro – Alunos	126
Gráfico 24 – Presenteado com um livro – Alunos	127
Gráfico 25 – Presenteado com um livro – Alunos	127
Gráfico 26 – Gosto pela leitura – Alunos	128
Gráfico 27 – Gosto pela leitura – Alunos	128
Gráfico 28 – Exigência de leitura – Alunos	129
Gráfico 29 – Exigência de leitura – Alunos	129
Gráfico 30 – Influência na formação de leitores – Professores.....	130
Gráfico 31 – Influência na formação de leitores– Professores.....	130
Gráfico 32 – Gosto pela leitura – Professores	133

Gráfico 33 – Gosto pela leitura – Professores	133
Gráfico 34 – Empréstimo de livros – Alunos	134
Gráfico 35 – Empréstimo de livros – Alunos	134
Gráfico 36 – Acesso aos livros – Alunos	134
Gráfico 37 – Acesso aos livros – Alunos	135
Gráfico 38 - O que a biblioteca representa – Professores.....	136
Gráfico 39 - O que a biblioteca representa – Professores.....	136
Gráfico 40 – O que a biblioteca representa - Alunos	137
Gráfico 41 – O que a biblioteca representa - Alunos	137
Gráfico 42 – Frequência de leitura - Professores	138
Gráfico 43 – Frequência de leitura - Professores	138
Gráfico 44 - Frequência a bibliotecas – Alunos	139
Gráfico 45 - Frequência a bibliotecas – Alunos	139
Gráfico 46 - Frequência a bibliotecas – Professores	140
Gráfico 47 - Frequência a bibliotecas – Professores	140
Gráfico 48 - Conhecimento sobre a biblioteca pública – Alunos.....	141
Gráfico 49 - Conhecimento sobre a biblioteca pública – Alunos.....	141
Gráfico 50 – Jornais - Alunos.....	142
Gráfico 51 – Jornais - Alunos.....	143
Gráfico 52 – Frequência de leitura - Alunos	143
Gráfico 53 – Frequência de leitura - Alunos	143
Gráfico 54 – Jornais - Professores	144
Gráfico 55 – Jornais - Professores	144
Gráfico 56 – Jornais - Professores	145
Gráfico 57 – Jornais - Alunos.....	145
Gráfico 58 – Jornais - Alunos.....	145
Gráfico 59 – Jornais - Professores	146
Gráfico 60 – Jornais - Professores	146
Gráfico 61 – Revistas - Alunos	147
Gráfico 62 – Revistas - Alunos	147
Gráfico 63 – Revistas - Alunos	147
Gráfico 64 – Revistas - Alunos	148
Gráfico 65 – Revistas - Professores.....	148
Gráfico 66 – Revistas - Professores.....	149

Gráfico 67 – Revistas - Professores.....	149
Gráfico 68 – Revistas - Professores.....	149
Gráfico 69 – Textos relacionados à docência - Professores	150
Gráfico 70 – Textos relacionados à docência - Professores	150
Gráfico 71 – Frequência de leitura - Alunos	151
Gráfico 72 – Frequência de leitura - Alunos	151
Gráfico 73 – Ocupação do tempo livre – Alunos - 1° opção.....	159
Gráfico 74 – Ocupação do tempo livre – Alunos - 2° opção.....	159
Gráfico 75 – Ocupação do tempo livre – Alunos - 3° opção.....	160
Gráfico 76 – Leitura no tempo livre - Alunos	160
Gráfico 77 – Ocupação do tempo livre – Professores – 1° opção	161
Gráfico 78 – Ocupação do tempo livre – Professores – 2° opção	162
Gráfico 79 – Ocupação do tempo livre – Professores – 3° opção	162
Gráfico 80 – Acesso à internet - Professores.....	163
Gráfico 81 – Acesso à internet - Professores.....	163
Gráfico 82 – Leitura de textos na internet - Professores	164
Gráfico 83 – Leitura de textos na internet - Professores	164
Gráfico 84 – Motivos para não ler - Professores	164
Gráfico 85 – Acesso aos livros - Professores	165
Gráfico 86 – Acesso aos livros - Professores	165
Gráfico 87 – Empréstimo de livros - Professores.....	166
Gráfico 88 – Empréstimo de livros - Professores.....	166
Gráfico 89 – Acesso à internet - Alunos.....	167
Gráfico 90 – Acesso à internet - Alunos.....	167
Gráfico 91 – Frequência de leitura - Alunos	168
Gráfico 92 – Frequência de leitura - Alunos	168
Gráfico 93 – <i>E-book</i> - Alunos	169
Gráfico 94 – <i>E-book</i> - Alunos	169
Gráfico 95 – Motivos para não ler - Alunos.....	169
Gráfico 96 – Motivos para não ler - Alunos.....	170
Gráfico 97 – Motivos para não ler - Alunos.....	170
Gráfico 98 – <i>E-book</i> - Professores.....	171
Gráfico 99 – <i>E-book</i> - Professores.....	171
Gráfico 100 – Quantidade de leitura - Professores.....	172

Gráfico 101 – Quantidade de leitura - Professores.....	172
Gráfico 102 – Quantidade de leitura - Alunos.....	173
Gráfico 103 – Quantidade de leitura - Alunos.....	174
Gráfico 104 – Livros lidos - Alunos.....	174
Gráfico 105 – Livros lidos - Alunos.....	174
Gráfico 106 – O que é leitura? - Alunos.....	176
Gráfico 107 – O que é leitura? - Professores.....	176
Gráfico 108 – Frequência de leitura - Alunos	178
Gráfico 109 – Frequência de leitura - Alunos	178
Gráfico 110 – Dificuldades de leitura - Alunos.....	180
Gráfico 111 – Dificuldades de leitura - Alunos.....	180
Gráfico 112 – Dificuldades de leitura - Professores.....	180
Gráfico 113 – Dificuldades de leitura - Professores.....	181

LISTA DE SIGLAS

ANEB – Avaliação Nacional da Educação Básica
ANPED – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação
ANRESC – Avaliação Nacional do Rendimento Escolar
EF – Ensino Fundamental
EMEF – Escola Municipal de Ensino Fundamental
FMSS – Fundação Maurício Sirotski Sobrinho
FNDE – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação
IBOPE – Instituto Brasileiro de opinião Pública e Estatística
IDEB – Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
INAF – Índice de Alfabetismo Funcional
INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
IPL – Instituto Pró-Livro
MEC – Ministério da Educação e Cultura
OCDE – Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico
PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais
PISA – Programa Internacional de Avaliação de Estudantes
PNBE – Plano Nacional Biblioteca na Escola
PNLD – Plano Nacional do Livro Didático
PNLL – Plano Nacional do Livro e Leitura
RBS – Rede Brasil Sul de Televisão
RS – Rio Grande do Sul
SAEB – Sistema de Avaliação da Educação Básica
SC – Santa Catarina
SMED – Secretaria Municipal de Educação
UNESCO – Organização das Nações Unidas para a educação, a ciência e a cultura

SUMÁRIO

PRÓLOGO	17
1 A TRAVESSIA	22
1.1 POR QUE ESTA TRAVESSIA	26
1.2 A ESCOLHA DOS MÉTODOS.....	35
1.2.1 Questionário – alunos	36
1.2.2 Questionário – professores	42
1.2.3 Etnografia	43
2 O CENÁRIO	46
3 O ESPAÇO	69
3.1 O MUNICÍPIO	69
3.2 REDE DE ENSINO DO MUNICÍPIO	71
3.2.1 EMEF Herbert José de Souza	81
3.2.2 EMEF Antônio de Godoy	84
4 OS PERSONAGENS	87
4.1 OS PROFESSORES	87
4.2 OS ALUNOS.....	91
4.3 AS BIBLIOTECÁRIAS	99
4.4 A LEITURA	106
5 O ENREDO	119
EPÍLOGO	187
REFERÊNCIAS	195
ANEXO A – Carta de apresentação.....	199
ANEXO B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	201
ANEXO C - Lista das escolas municipais de Alvorada/RS.	203
ANEXO D - Descrição dos níveis da escala de desempenho de Língua Portuguesa - SAEB.	204
APÊNDICE A - Questionário para identificação das práticas da escola em relação aos projetos de incentivo à leitura e formação de leitores.	210
APÊNDICE B - Questionário para identificação das práticas da biblioteca em relação aos projetos de incentivo à leitura e formação de leitores.	211
APÊNDICE C – Levantamento de dados para compor o perfil leitor dos alunos de sétimo ano do Ensino Fundamental – 1ª versão	212

APÊNDICE D - Levantamento de dados para compor o perfil leitor dos alunos de sétimo ano do Ensino Fundamental – Nova versão	218
APÊNDICE E - Levantamento de dados para compor o perfil leitor dos professores do sétimo ano do Ensino Fundamental.....	222
APÊNDICE F – Etnografia 7º ano Herbert José de Souza	226
APÊNDICE G – Etnografia 7º ano Antônio de Godoy	263
APÊNDICE H – Quadro de categorias estabelecidas a partir das etnografias.....	306

PRÓLOGO

As incertezas e angústias que perpassam a vida de grande parte dos jovens, no momento de escolher a profissão a seguir, estiveram presentes, quando, ao concluir o Ensino Médio, optei pelo curso de Letras, na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Filha do meio de dois professores da rede estadual de ensino, cresci ouvindo discussões intermináveis que variavam apenas entre os problemas dos professores, os problemas administrativos, os problemas dos alunos, enfim, os problemas da escola. Meus pais passaram grande parte das suas vidas profissionais trabalhando juntos, na mesma instituição de ensino. Durante os anos precedentes à aposentadoria de ambos, estiveram na direção da escola: um como supervisor escolar e outro como vice-diretor. Quando criança, inúmeras vezes tive a certeza de que não queria aqueles problemas para mim; em função disso, uma surpresa muito grande atingiu a todos da família quando eu anunciara a inscrição no vestibular para o curso de Letras.

O ingresso na Universidade deu-se concomitante ao exercício da profissão como Educadora Infantil, em função de um curso rápido para formação de Recreacionistas, realizado durante as férias. Ao assumir uma turma de Maternal I, em uma creche particular do bairro onde morava, decidi, então, ser professora. As habilidades linguísticas, o conhecimento da gramática da Língua Portuguesa e o amor pela leitura fizeram-me optar pelo curso de Letras.

O início do curso superior foi difícil. A timidez ainda era muito grande e a apresentação de trabalhos e inserções nas aulas eram impossíveis. Para agravar, um equívoco no momento da inscrição fez com que eu ingressasse no Curso de Letras/Espanhol, cujo currículo, na época, era independente do Curso de Letras/Língua Portuguesa. Se o expressar-me em minha língua materna já era algo impossível, em língua estrangeira era inimaginável. Foram dois semestres de muito sofrimento, de altas médias em disciplinas que pouco exigiam exposição e uma reprovação. A solicitação de troca de curso foi a medida por mim encontrada, a fim de que eu não concluísse o curso com êxito.

No curso de Letras/Língua Portuguesa, fui agraciada pela presença de professores, que não só compreenderam minhas dificuldades de exposição, como me ajudaram, cada um à sua maneira, a superá-las. Assim, fui contratada como estagiária por uma escola privada de Educação de Jovens e Adultos, como professora de Língua Portuguesa. Tornei-me uma aluna dedicada, uma professora que, consciente de estar ainda muito no início do curso, não cansou

de solicitar ajuda e esforçou-se para ser a melhor professora que as condições permitiam que fosse. A escola foi meu laboratório, minha extensão da Universidade, foi onde testei diferentes métodos, diferentes concepções de ensino, de aprendizagem, de avaliação. Foi onde, paralelamente à academia, fui me constituindo professora.

Ainda durante a graduação, fui bolsista do CELIN – (Centro de Referência para o Desenvolvimento da Linguagem) -, onde participei do projeto ACOL – (Avaliação da Compreensão Leitora). Esta pesquisa foi determinante para o meu trabalho de conclusão de curso, em que avalei a compreensão leitora de alunos do Ensino Fundamental. Neste período, a ideia de seguir como bolsista para uma tentativa de ingresso no Mestrado tão logo concluísse a graduação foi adiada pelo desejo de estar na escola, especialmente, na escola pública.

Logo depois de formada, fui chamada para um contrato emergencial no Estado e lectionei Língua Portuguesa e Ensino Religioso em três escolas estaduais do município de Alvorada/RS, ao longo de três anos. A decepção foi muito grande. Muitas vezes, durante estes três anos, pensei em trocar de profissão, não poucas vezes cheguei em casa chorando e me lamentando das situações vividas no cotidiano escolar. Ao ingressar, fui alertada por vários colegas de que, em breve, eu entenderia como as coisas funcionavam e me entregaria ao sistema. Decidi, então, que eu não poderia continuar. Fui nomeada na prefeitura municipal de Alvorada e contratada por uma escola particular de Ensino Fundamental do mesmo município. Exonerei-me do Estado e, um ano depois, pedi demissão da escola privada para assumir mais uma nomeação na prefeitura. Neste momento, passei a exercer a profissão exclusivamente na rede municipal de Ensino.

Com cinco anos de prefeitura, já passados os meus três anos de estágio probatório na primeira matrícula, e já não mais com um bebê (meu filho, então, com quatro anos), estimulada por um ambiente de trabalho insatisfatório, busquei pela terceira vez, uma vaga no Mestrado em Educação na PUCRS. Estar no Mestrado em Educação significa, para mim, estar em um ambiente que não barra reflexões, pelo contrário, propicia aprofundamentos teóricos, discussões sérias e descobertas fundamentais para angústias antigas. Estar no Mestrado em Educação significa poder afastar-me do ambiente escolar para pensá-lo de fora. Escolher pesquisar a escola significa me reaproximar, estando em outro lugar, na tentativa de elucidar, compreender, pensar sobre aquilo que estive muito dentro de mim durante todos os anos anteriores.

Se me frustrei nas outras vezes em que não obtive êxito na tentativa de ingressar no mestrado, hoje compreendo que a história teria sido outra e que eu precisava das experiências profissionais que tive, que eu precisava amadurecer e entender mais sobre mim, sobre o meu lugar neste contexto complexo da Educação Brasileira e, principalmente, sobre que escolhas eu faria no futuro.

Muitos professores, muitos colegas, muitas pessoas me questionam do porquê eu ter escolhido a Educação e não a Linguística e, diante de tantos questionamentos, diversas vezes busquei as justificativas cabíveis para aquietar a dúvida alheia. Várias questões servem, mas só uma é profunda e verdadeira. Aquilo que me preocupa, aquilo que me instiga, aquilo que me move não é única e exclusivamente o ensino da língua materna, nem os equívocos gramaticais, nem as variações linguísticas, tampouco as análises de discurso. O que me fez escolher o magistério, o que me fez buscar mais e mais conhecimento é o funcionamento das escolas públicas brasileiras, os discursos subjacentes aos discursos oficiais, a manutenção do insucesso escolar, das deficiências econômicas, sociais, culturais de grande parte da população. O que me instiga está em compreender que escola é esta que estamos oferecendo às nossas crianças e aos nossos jovens e, mais do que isso, o que podemos oferecer de melhor para minimizar as desigualdades e injustiças deste país.

No cerne destas questões que me acompanham desde o início da minha formação como professora está a questão da leitura. A convicção que carrego, a qual foi sendo reforçada ano após ano, de que a escola não tem dado a devida importância à leitura, mais especificamente, à formação de leitores, fez com que eu chegasse ao Mestrado em Educação não só preocupada ainda com esta questão, como disposta a estudar o mais seriamente possível o lugar da leitura na escola, a fim de elucidar como a escola está lidando com sua função social de formar leitores.

A confluência das minhas aspirações de pesquisa com a minha trajetória docente resultaram nas escolhas que estruturam a dissertação. O campo de pesquisa escolhido foi a escola pública, especificamente, duas escolas municipais de Alvorada/RS. O critério de escolha das escolas foi baseado nos Ideb's (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica)¹, sendo selecionadas a com o maior índice e a com menor índice, a fim de poder estabelecer relações entre o ranking e as práticas do cotidiano escolar. A escolha pelo município de

¹ O Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) foi criado pelo INEP em 2007 e representa a iniciativa pioneira de reunir num só indicador dois conceitos igualmente importantes para a qualidade da educação: fluxo escolar e médias de desempenho nas avaliações.

Alvorada deve-se ao compromisso ético de pesquisar com o intuito de colaborar com melhorias, portanto, retornar ao município em que me constituí como docente. Os sujeitos da pesquisa são os profissionais da escola: equipe diretiva, professores, bibliotecárias e alunos. Duas turmas foram selecionadas, uma em cada escola, a critério dos professores. Os alunos avaliados pela Provinha Brasil de 2011, resultados utilizados para a pesquisa, estão no sétimo ano, sendo este o motivo da escolha por esta etapa escolar. Os professores pesquisados são apenas os que lecionam nas duas turmas.

A pesquisa foi realizada a partir de dois instrumentos diferentes para análise dos aspectos que se pretende pesquisar: questionários e etnografia. Para a compreensão das práticas que envolvem a escola como um todo, foi realizado um levantamento dos eventos promovidos pela escola, cujo objetivo fosse a promoção da leitura (Apêndice A). Paralelo a esse levantamento, investigou-se o funcionamento da biblioteca, através de questões às bibliotecárias (Apêndice B). Para alunos e professores houve aplicação de questionário para identificação do perfil leitor, bem como de alguns aspectos sócio econômicos (Apêndices D e E). Os questionários para identificação do perfil leitor foram elaborados tendo como base o questionário utilizado pelo Instituto Pró-Livro² (IPL) para identificação do perfil leitor dos brasileiros.

Tendo em vista o frequente discurso acerca da importância da leitura e as recorrentes queixas dos professores em relação à falta de leitura por parte dos alunos ou incapacidade de compreensão leitora, entendeu-se que o questionário não seria suficiente para se ter acesso, de fato, ao lugar da leitura no cotidiano escolar. Para isso, a etnografia das salas de aula foi utilizada, a fim de confrontar a fidedignidade das respostas à realidade do exercício da profissão e do funcionamento da escola.

De acordo com Silva (2009, p. 171), a “cena de componentes tão inextricáveis impõe que a etnografia se torne o relato de um percurso. Dados e informações sobre a sociedade observada devem estar organizados no texto ao longo de uma espinha dorsal, o percurso do etnógrafo”. Esta é a ideia para a análise das práticas dos professores. Portanto, foi realizada uma pesquisa etnográfica, de acompanhamento e observação de uma turma de 7º ano do Ensino Fundamental, em cada uma das escolas pesquisadas, durante um mês, a fim de verificar como a leitura aparece nas diferentes disciplinas, no decorrer do turno em que os alunos estão na escola, bem como as estratégias de leitura utilizadas nas práticas e,

² Pesquisa realizada pelo Instituto Pró- Livro – IPL, uma associação de caráter privado e sem fins lucrativos, mantida com recursos constituídos, principalmente, por contribuições de entidades do mercado editorial, com o objetivo principal de fomento à leitura e à difusão do livro.

consequentemente, a forma como a leitura é avaliada pelos professores das diferentes disciplinas curriculares da referida etapa escolar. Ao fazermos isso, acreditamos, como Kleiman (1989, p. 11) que:

todo professor é também um professor de leitura: conhecendo o professor as características e dimensões do ato de ler, menores serão as possibilidades de propor tarefas que trivializem a atividade de ler, ou que limitem o potencial do leitor de engajar suas capacidades intelectuais, e, portanto, mais próximo estará esse professor do objetivo de formação de leitores.

A triangulação estabelecida entre os sentidos atribuídos à leitura no discurso – expressa através dos questionários –, na prática pedagógica – observada pela etnografia –, e no referencial teórico sustentam a tese de que é preciso subverter o *status quo* do discurso da importância da leitura, transformando-o em práticas comprometidas pedagogicamente e socialmente com a formação de leitores.

Interessa-me, portanto, depois de dez anos em sala de aula, afastar-me do ambiente escolar para, a partir de um olhar de pesquisadora, observar e analisar práticas de incentivo à leitura, à formação de leitores e ao desenvolvimento da compreensão leitora e utilizar o IDEB das escolas analisadas como um ponto de referência em relação às suas práticas pedagógicas. Para esse interesse, a leitura é entendida além da sua funcionalidade, é pensada, sentida e vivida como bem define Bloom (2001, p. 15), quando afirma que o ato de ler nos conduz à alteridade, seja à nossa própria ou à de nossos amigos, presentes ou futuros, e acrescenta, ainda, que a literatura de ficção é alteridade e, portanto, alivia a solidão.

Para tanto, a dissertação está organizada nos capítulos que seguem, após este prólogo: a travessia, o espaço, os personagens, o enredo e o epílogo. Porque falamos em leitura e em formação de leitores, optamos por utilizar os elementos da narrativa como título dos capítulos. Além deles, a travessia percorre todo o trabalho, embora também intitule o capítulo 1. A travessia é o caminho, é o trajeto, é o atravessar; é o que mais importa. O foco esteve na travessia, muito mais do que no resultado. Não sei o que tem do outro lado, depois do Mestrado, apenas sei que o trajeto me faz diferente hoje: eis o perigo e a beleza de estar atravessando.

1 A TRAVESSIA

Este capítulo denomina-se *a travessia* porque trata do caminho percorrido até a chegada à construção deste trabalho. É a via percorrida como docente de Língua Portuguesa, como acadêmica do curso de Letras e como mestranda. A apresentação é acompanhada das vivências, das experiências e, sobretudo, das inquietações que estiveram comigo ao longo dos anos.

Durante o tempo em que estive lecionando a disciplina de Língua Portuguesa nos Ensinos Fundamental e Médio, questioneimei-me diversas vezes a respeito do aparente aprisionamento dos professores no ensino da Gramática Normativa e da insegurança dos mesmos em tentar um trabalho com foco na leitura e na produção textual. Não com qualquer leitura, tampouco com qualquer produção textual, mas com um trabalho eficiente, organizado, significativo na criação de possibilidades para interpretar e ampliar o mundo dos alunos. Nesse sentido é que Ramos do Ó (2007, p. 110) explica a antinomia que tem se constituindo entre o trabalho com leitura e a escrita na escola:

Escrever é, sem dúvida alguma, uma das maiores dificuldades que enfrenta todo o habitante da instituição escolar, e o problema cresce à medida que os alunos progredem na escolaridade. Infelizmente é cada vez mais frequente encontrar bloqueios de escrita nos alunos que frequentam os nossos cursos de mestrado e doutorado. A sua escolaridade anterior foi quase sempre excelente, mas não lhe forneceu técnicas e hábitos capazes de gerar e sustentar uma escrita criativa.

As aulas de Língua Portuguesa como espaço de aprendizagem das regras do idioma parecem estar consolidadas e sistematizadas. Em contrapartida há um discurso crescente de queixas relativas às dificuldades em compreensão leitora e produção escrita nos mais diferentes níveis de ensino. Segundo Marcuschi (2008, p. 57):

É claro que a gramática tem uma função sociocognitiva relevante desde que entendida como uma ferramenta que permite uma melhor atuação comunicativa. O problema é fazer de uma metalinguagem técnica e de uma análise formal o centro do trabalho com a língua. Também não se deve reduzir a língua à ortografia e às regras gramaticais.

A questão que nos interessa, enquanto objeto de pesquisa, está centrada na escola como formadora ou não de leitores, portanto é importante compreender que o ensino da gramática, que se perpetua até os dias atuais, tem suas raízes num contexto sócio histórico diferenciado e que precisa ser compreendido, a fim de que as práticas de ensino centradas na Gramática

Normativa não sejam vistas sem o contexto em que surgem. Soares (2008, p. 101) assim esclarece:

De forma sucinta e bastante superficial, pode-se dizer que, até os anos 60, predominava, no ensino da língua materna, a perspectiva gramatical: ensinar a Língua Portuguesa na escola era, fundamentalmente, ensinar *a respeito* da língua, ensinar a gramática da língua. Essa perspectiva perpetuava uma longa tradição: até meados do século XVIII, no sistema de ensino do Brasil (como no de Portugal), o ensino do português restringia-se à alfabetização, após a qual os alunos passavam diretamente à aprendizagem do latim, ou melhor, da Gramática da língua latina. Quando a Reforma Pombalina (1759) tornou obrigatório, em Portugal e no Brasil, o ensino da Língua Portuguesa, esse ensino seguiu a tradição do ensino do latim, isto é, definiu-se e realizou-se como ensino da gramática do português.

Sabemos que é evidente que se lê na escola, talvez até mais do que em qualquer outro lugar, mas o que se lê, como se lê e como se ensina a ler parece não estar ainda muito claro. Segundo Colomer & Camps (2002, p, 70):

Embora ler seja a base de quase todas as atividades que se realizam na escola, e a concepção de leitura como ato compreensivo seja aceita por todos, a maioria das pesquisas sobre as atividades de leitura na escola demonstram que nela não se ensina a entender os textos.

Em pesquisa realizada anteriormente – Leitura e compreensão de alunos do Ensino Fundamental (2005)³, cujo objetivo foi avaliar a compreensão leitora de alunos das 6ª e 8ª séries, a fim de verificar se a diferença entre os escores obtidos no teste de compreensão leitora era significativa, foi possível evidenciar uma diferença pouco significativa nos escores obtidos pelos alunos de cada uma das etapas escolares analisadas, o que pressupõe a ideia de que, havendo um trabalho eficiente com o desenvolvimento das habilidades de compreensão leitora dos alunos, os escores obtidos nos testes deveriam apresentar uma diferença que ultrapassasse a progressão natural em compreensão leitora que está relacionada à faixa etária.

Antes de buscar respostas e soluções para uma problemática atual – dificuldade em compreensão leitora – é relevante uma reflexão sobre a importância da leitura na sala de aula, sobre o papel dos professores no provimento das competências exigidas pelas sociedades letradas para o verdadeiro exercício da cidadania. Conforme Giardinelli (2010, p. 39):

Dá nossa obsessão em recuperar a leitura. De jornais, de livros, de textos que sejam consistentes e que ajudem o nosso povo a ser mais consciente do que diz e do que faz, o que somente se consegue – e não existe melhor opção – por meio da leitura como exercício e prática cotidiana da inteligência.

³ Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura Plena em Língua Portuguesa e Literaturas da Língua Portuguesa pela Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. (2005)

Assim se alcança o pensamento autônomo, ou seja, a independência de critério de cada pessoa.

Em 29 de setembro de 2012, o jornal Zero Hora publicou uma matéria a respeito da necessidade de se redobrar os esforços no 6º ano do Ensino Fundamental, em função das mudanças repentinas, que acabam provocando altas taxas de reprovação. Nesta ocasião, o então Ministro da Educação, Aloizio Mercadante, afirmou que uma das maiores preocupações do governo é justamente esta etapa escolar, principalmente em função do fim da unidocência. A entrada na adolescência, concomitante a esta mudança na vida escolar, parece afastar os pais do acompanhamento da rotina escolar dos filhos, segundo a visão do ministro. De acordo com o Censo Escolar (2010), enquanto a taxa de reprovação do 5º ano foi de 8,2%, o 6º ano apresentou uma taxa de 15,2%, tendo sido o maior índice de reprovação, seguido do 7º ano, com 13,1%. Paralelas às taxas de repetência estão as taxas de abandono, em que o 6º ano aparece no topo, com 5,1%, seguido do 9º ano, com 4,6%.

A passagem das séries iniciais para as séries finais do Ensino Fundamental parece ainda encoberta de muitas variáveis passíveis de pesquisa e discussão. São inúmeros fatores que contribuem para uma ruptura nessa passagem; ruptura relacionada a fatores de toda ordem: biológicos, sociais, psicológicos, etc. Embora o objetivo principal desta pesquisa não seja identificar e analisar estes fatores, não é possível ignorar a relação da leitura com esta ruptura, uma vez que é a partir do 6º ano que os alunos deixam de estar com alfabetizadores para estarem com professores especialistas nas diversas áreas do conhecimento. Só isto já é suficiente para que se pense em mais dois aspectos: e os alunos que ainda não concluíram o processo de alfabetização? E o letramento? Marcuschi (2008, p. 51) nos dá uma pequena sugestão de como o texto tem aparecido no contexto escolar:

Que o ensino de língua deva dar-se através de *textos* é hoje um consenso tanto entre linguistas teóricos como aplicados. Sabidamente, essa é, também, uma prática comum na escola e orientação central dos PCN⁴. A questão não reside no consenso ou na aceitação desse postulado, mas no modo como isto é posto em prática, já que muitas são as formas de se trabalhar o texto.

É preciso olhar para as práticas da escola, se queremos formar um país de leitores. Quem se responsabiliza pelos alunos que chegam ao 6º ano do Ensino Fundamental no nível rudimentar de alfabetismo? De que forma a escola e os professores especialistas, das mais variadas áreas do conhecimento, assumem a responsabilidade de seguir com o processo de

⁴ Parâmetros Curriculares Nacionais

letramento dos alunos até o final da escolarização? Partindo-se da premissa de que “saber ler não é saber decifrar e, portanto, não se pode considerar que os alunos sabem ler ao concluir o ensino inicial” (MARCUSCHI, 2008, p. 89), de que forma a escola tem dado conta de desenvolver a competência linguística necessária para que os alunos cheguem ao nível pleno de alfabetismo? Segundo Soares (2008, p. 15):

É verdade que, de certa forma, a aprendizagem da língua materna, quer escrita, quer oral, é um processo permanente, nunca interrompido. Entretanto, é preciso diferenciar um processo de *aquisição* da língua (oral e escrita) de um processo de *desenvolvimento* da língua (oral e escrita); este última é que, sem dúvida, nunca é interrompido.

Acredito, assim como muito bem elucidada Foucambert (1997, p. 57), que é preciso fazer os livros aparecerem, serem atrativos, porque só pode não ser leitor aquele que for privado de descobrir o prazer da leitura no sentido mais amplo que este prazer pode significar:

O que caracteriza o “ainda não-leitor”, criança ou adulto, é ele ter sido mantido afastado daquilo que necessariamente a escrita traz de violência, daquilo que só o escrito pode encontrar por trás das aparências – seu poder de fazer surgir uma ordem desconhecida de fatos que me são estranhos, uma ordem que bruscamente propõe um sentido novo à minha experiência e assim me obriga, para defendê-la ou para descobri-la outra, a voltar a ela mais intensamente.

Entendemos, assim, que a escola, ao assumir a responsabilidade de desenvolver o letramento, ao longo dos anos de escolarização e não só durante o período de alfabetização, assume também o compromisso de fazer o livro e a leitura o centro do processo de aprendizagem. Isso significa que a leitura não pode ser encarada como uma habilidade já adquirida nos anos iniciais do Ensino Fundamental, como se fosse uma atividade única, sempre igual, realizada sempre da mesma forma e com os mesmos objetivos. O livro, nesta perspectiva, não pode referir-se, no ambiente escolar, apenas a livros didáticos, tampouco ser coadjuvante das atividades escolares. Há de estar no centro, no foco, ser meio e fim. Estar presente, em todas as suas formas e funções, fazendo parte da rotina dos alunos.

Ao iniciar esta travessia, muitas reflexões estiveram presentes. Nestas páginas fica o registro de uma parte, evidentemente inserida em um horizonte muito mais amplo no qual estão inseridos o discurso oficial, a dicotomia entre currículo prescrito e currículo vivido, as avaliações de larga escala, os índices oficiais e o cotidiano escolar.

1.1 POR QUE ESTA TRAVESSIA

A fim de justificar esta travessia, partimos da premissa de que a preocupação com a leitura e a formação de leitores há muito vem se constituindo em foco, quando se fala em qualidade da educação. O discurso corrente na sociedade, nos meios de comunicação, nas falas políticas, entre outros, é de que a leitura é fundamental para a conquista de um país constituído de sujeitos não só escolarizados, mas também ativos, críticos e reflexivos, capazes de agir em sociedade com eficiência, na busca de uma vida mais justa, mais igualitária, mais humana, mais honesta e mais pacificada. Concomitantemente aos discursos exaustivos e ações sociais de incentivo à leitura, assistimos a um arsenal de avaliações externas, nacionais e internacionais, que buscam quantificar a aprendizagem dos alunos, sobretudo no que concerne à compreensão leitora.

Se temos a impressão de que os resultados estão mais a serviço da classificação dos países, dos estados, dos municípios, das escolas, dos alunos, do que da busca pela qualidade, faz-se necessário que estas estatísticas permitam reflexões que levem à melhoria das práticas e à construção de novas estratégias, quando necessário. O ideal é que os resultados, antes de suscitar a competição e a comparação, possam ser a base para políticas públicas eficientes no combate às mazelas atestadas pelas avaliações. Os PCN (1997, p. 15) esclarecem:

O domínio da língua, oral e escrita, é fundamental para a participação social efetiva, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento. Por isso, ao ensiná-la, a escola tem a responsabilidade de garantir a todos os seus alunos o acesso aos saberes linguísticos, necessários para o exercício da cidadania, direito inalienável de todos.

Segundo Eduardo Vidal-Abarca, da Universidade de Valência, psicólogo e pesquisador especialista em psicologia da educação e dificuldades de aprendizagem, em entrevista à Zero Hora do dia 22 de setembro, se os hábitos de leitura fossem incrementados, a pontuação em leitura deveria acompanhar este incremento. Segundo ele, os professores devem se preocupar com a leitura por prazer, mas também devem incrementar as situações de leitura funcional dos alunos. Tendo em vista que hoje se lê mais por necessidade, é importante que os alunos sejam ensinados a ler, compreender e usar as informações com propósitos variados. De acordo com Leffa (1996, p. 45):

O leitor eficiente sabe também o que fazer quando está tendo problemas com o texto. Sabe até que ponto está ou não preparado para atender as exigências encontradas, qual é a tarefa necessária para resolver o problema e, o que é

mais importante, se o esforço a ser dispendido vale ou não a pena em função dos possíveis resultados.

O Ideb, cuja meta para o país é a nota 6 em 2022, – média correspondente à qualidade de ensino em países desenvolvidos – no Município de Alvorada, foi de 4,3 para 4º série/5º ano e de 3,4 para 8º série/9º ano, em 2011.

No município de Alvorada/RS, dentre as onze escolas que oferecem o Ensino Fundamental completo, em 2011, enquanto o Ideb do município foi de 4,3 para a 4º série e 3,4 para a 8º série, a escola com menor Ideb/4º série obteve média 3,3 (EMEF Antônio de Godoy) e menor Ideb/8º série obteve média 2,6 (EMEF Antônio de Godoy). Já as escolas com maior Ideb, em 2011, obtiveram média 5,0 na avaliação da 4º série (EMEF Herbert José de Souza e EMEF Duque de Caxias) e 4,0 na avaliação da 8º série (EMEF Idalina de Freitas Lima).

Comparando os dados da rede municipal de Alvorada/RS ao Ideb geral do Brasil, no mesmo ano, a média do país para a 4º série foi 4,6 e para 8º série 4,0. Em relação só às redes municipais do país, o Ideb para a 4º série foi de 5,0 e 4,1 para a 8º série. Esses índices mostram que a média municipal de Alvorada/RS ficou abaixo da média nacional, tanto no âmbito geral, quanto comparada à média das escolas municipais do país. Em relação às escolas com maior Ideb em 2011, no 5º ano a média foi superior à nacional e no 9º ano abaixo da média nacional, embora não significativamente.

O Rio Grande do Sul, em dez anos (1995 a 2005), apresentou uma queda nas médias de proficiência em Língua Portuguesa, avaliadas pelo SAEB⁵. A diferença entre a média de 1995 e a de 2005, na 4º série do Ensino Fundamental é de 9,7 pontos. Na 8º série do Ensino Fundamental a diferença é de 24,3 pontos, ou seja, uma diferença ainda mais significativa. Estes dados são indicadores de que a habilidade que deveria aumentar no decorrer do processo escolar – a compreensão leitora – parece não acompanhar diretamente a progressão do aluno até o fim do Ensino Fundamental.

O último relatório da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil⁶, cujo objetivo é avaliar o comportamento leitor do brasileiro, aponta uma redução no número de leitores. Em 2007, quando perguntados sobre suas atividades no tempo livre, 36% dos brasileiros apontaram a

⁵ Sistema de Avaliação da Educação Básica

⁶ Pesquisa realizada pelo Instituto Pró- Livro – IPL, uma associação de caráter privado e sem fins lucrativos, mantida com recursos constituídos, principalmente, por contribuições de entidades do mercado editorial, com o objetivo principal de fomento à leitura e à difusão do livro.

leitura como prática, ao passo que, em 2011, este índice caiu para 28%, com aumento significativo de ocupação do tempo livre com as redes sociais. A definição de leitor e não leitor, na referida pesquisa, diz respeito à leitura nos três meses anteriores à realização da entrevista, portanto, foram considerados leitores aqueles que haviam lido pelo menos um livro nos três meses anteriores e não leitores aqueles que não haviam lido nem um livro no período. De acordo com este critério, a região Sul do Brasil foi a única com porcentagem de não leitores superior a de leitores. Parece oportuno usar os questionamentos propostos por Giardinelli (2010, p. 41), que, embora se refiram à Argentina, servem de reflexão sobre os dados acima apresentados:

Todas as observações de nossa realidade leitora apontam para o mesmo: pais sem tempo nem vontade, professores desanimados. Quantos são leitores habituais e competentes? Que estratégias de leitura produz realmente novos leitores convictos? Quantas crianças são leitoras cotidianas graças aos seus laços familiares e/ou à escola que os educa?

Conforme a pesquisa, cabe ressaltar que os professores aparecem como os maiores influenciadores do hábito de leitura, em 45% das cinco mil pessoas ouvidas em todo o país. Este dado, paralelo ao índice de aumento do tempo com as redes sociais, corrobora o papel indiscutível, no cenário atual, da escola como grande responsável pela formação de leitores. Somado a isso, temos o decréscimo na porcentagem que indicava, em 2007, a mãe como grande incentivadora da leitura, papel substituído, em 2011, pelo professor. A pesquisa apresenta a concepção de que o brasileiro vê a biblioteca como extensão da escola, na medida em que o índice de estudantes, entre os 24% de brasileiros que declararam frequentar bibliotecas, é de 80%. Este dado pode ser complementado com o índice de 33% de brasileiros que afirmaram não existir nada que os faça frequentar uma biblioteca. Com base nessas informações, Antunes (2007, p. 123) corrobora a necessidade de a escola assumir sua responsabilidade com a leitura.

Todos os professores, de qualquer disciplina, devem ter uma ampla competência linguística e precisam requisitá-la dos alunos, sob pena de seu trabalho ficar imensamente comprometido. A apreensão de qualquer conhecimento passa necessariamente pela linguagem. Isto é, o que aprendemos tem como acesso e como percurso a linguagem. Privar, portanto, as pessoas de um amplo e consistente conhecimento dessa linguagem é privá-las de chegar a uma porta que abre para inúmeros atalhos... e de onde se pode enxergar um horizonte vastíssimo.

Neste sentido, observar e compreender as práticas escolares de incentivo ou não à formação de leitores pode proporcionar reflexões acerca do que deve ser mantido e do que

ainda pode ser feito para que a leitura cumpra um de seus papéis: o de preparar para uma transformação de caráter universal (BLOMM, 2001, p.17). Embora os dados tenham relevância como ponto de partida, eles sozinhos não atingem todas as dimensões que a leitura pode alcançar. De acordo com Petit (2008, p. 77):

Há todo um aspecto qualitativo da leitura que é esquecido com o hábito de avaliar esta atividade unicamente a partir de indicadores numéricos. É possível ser um “leitor pouco ativo” em termos estatísticos, e ter conhecido a experiência da leitura em toda a sua extensão – quero dizer, ter tido acesso a diferentes registros, e ter encontrado, particularmente, em um texto escrito, palavras que o transformaram, algumas vezes muito tempo depois de tê-las lido.

Em 2000, o IBOPE⁷ criou o Instituto Paulo Montenegro, uma instituição cujo objetivo é a execução de projetos na área da educação. É este instituto o responsável pela pesquisa anual do INAF – Índice de Alfabetismo Funcional. O INAF levanta informações e práticas relacionadas à leitura, escrita e matemática da população brasileira. São entrevistadas duas mil pessoas por ano, nas zonas urbanas e rurais, em todas as regiões do Brasil. O primeiro levantamento do INAF foi realizado em 2001 e abordou as habilidades e práticas de leitura e escrita. Segundo Ribeiro (2004, p. 11):

Quando o instituto Paulo Montenegro e a Ação Educativa idealizaram o INAF, estavam preocupados não apenas em oferecer informação, mas principalmente em oferecer informação qualificada, que ajudasse de fato na compreensão e enfrentamento dos problemas.

O significado de alfabetismo funcional vem sofrendo revisões significativas como reflexo das próprias mudanças sociais. Em 1958, a UNESCO⁸ definia como alfabetizada uma pessoa capaz de ler e escrever um enunciado simples, relacionado a sua vida diária. Vinte anos depois, a UNESCO sugere a adoção dos conceitos de analfabetismo e alfabetismo funcional. Portanto, é considerada alfabetizada funcionalmente a pessoa capaz de utilizar a leitura e escrita e habilidades matemáticas para fazer frente às demandas de seu contexto social e utilizá-las para continuar aprendendo e se desenvolvendo ao longo da vida. São definidos, portanto, os níveis de alfabetismo funcional: analfabeto, rudimentar, básico e pleno. O analfabeto corresponde à condição dos que não conseguem realizar tarefas simples que envolvem a leitura de palavras e frases ainda que uma parcela destes consiga ler números familiares (números de telefone, preços etc.).

⁷ Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística

⁸ Organização das Nações Unidas para a educação, a ciência e a cultura

O nível rudimentar corresponde à capacidade de localizar uma informação explícita em textos curtos e familiares (como um anúncio ou pequena carta), ler e escrever números usuais e realizar operações simples, como manusear dinheiro para o pagamento de pequenas quantias ou fazer medidas de comprimento usando a fita métrica. No nível básico, as pessoas podem ser consideradas funcionalmente alfabetizadas, pois já leem e compreendem textos de média extensão, localizam informações mesmo que seja necessário realizar pequenas inferências, leem números na casa dos milhões, resolvem problemas envolvendo uma sequência simples de operações e têm noção de proporcionalidade. Mostram, no entanto, limitações quando as operações requeridas envolvem maior número de elementos, etapas ou relações.

Classificadas no nível pleno estão as pessoas cujas habilidades não mais impõem restrições para compreender e interpretar textos em situações usuais: leem textos mais longos, analisando e relacionando suas partes, comparam e avaliam informações, distinguem fato de opinião, realizam inferências e sínteses.

Os dados do INAF 2011 apontam redução de 50% de pessoas, entre 15 e 64 anos, classificadas como analfabetas, passando de 12% em 2001 para 6%, em 2011. Os resultados mostram uma redução na quantidade de pessoas classificadas no nível rudimentar, com índice reduzido de 27% para 21%. Estes dados, de forma mais geral, evidenciam a redução do próprio analfabetismo funcional, que passou de 39%, em 2001 para 27% em 2011.

O INAF traz indicações importantes para se pensar as práticas de incentivo à leitura e à formação de leitores, a partir dos índices obtidos, que refletem o desenvolvimento ou não de habilidades que permitam a adequada leitura e compreensão de textos, levando-se em consideração a extensão dos textos, a complexidade, a necessidade de se estabelecerem relações e inferências. O grupo que atinge o nível básico, de acordo com a pesquisa, foi o que mais cresceu, passando de 34% para 47%. Em contrapartida, o grupo que atinge o nível pleno cresceu tão pouco nos últimos 10 anos, que a oscilação observada fica dentro da margem de erro.

Se os dados da pesquisa realizada pelo Instituto Paulo Montenegro atestam que há pouco crescimento e que o grupo dos alfabetizados plenos está com porcentagem praticamente estagnada por uma década, temos uma evidência de que a escola não está conseguindo atingir o objetivo de alfabetizar plenamente seus alunos. Embora a população da pesquisa não seja somente escolar, sabemos que a grande maioria passou pela escola, mesmo que por pouco tempo. A própria pesquisa indica a possibilidade de atingir níveis maiores de alfabetismo, quanto maior for a escolarização. Os dados do INAF reafirmam o resultado da

pesquisa já citada – Compreensão leitora de alunos do Ensino Fundamental -, uma vez que também não conseguiu identificar progresso significativo de uma etapa escolar para outra.

São dados relevantes para o propósito desta pesquisa os que demonstram a concentração de sujeitos com Ensino Médio no nível básico de alfabetismo, com 57%. Teoricamente, uma pessoa com Ensino Médio deveria ser plenamente alfabetizada. Paralelo a este dado, o índice de pessoas com Ensino Superior consideradas plenamente alfabetizadas corresponde a 62%. O INAF, ao apontar estes dados, permite uma reflexão acerca da problemática aqui abordada – a compreensão leitora especificamente - na medida em que temos informações a respeito de um problema que atinge todos os níveis de escolaridade e a partir dos quais é preciso pensar caminhos em busca da alfabetização plena, principalmente quando 26% dos indivíduos que completaram, no mínimo, um ano/série do segundo ciclo do ensino fundamental podem ser consideradas analfabetas funcionais. Segundo Colomer & Camps (2002, p. 100):

Embora a criação de contextos reais de leitura seja a base da educação leitora na escola, também é preciso prever a necessidade de intervenções específicas que ajudem os alunos a desenvolver melhor e mais rapidamente as capacidades e habilidades envolvidas no ato da leitura.

Dentre os problemas que perpassam a educação brasileira de um modo geral, a leitura é parte significativa, uma vez que é pela linguagem que ocorrem os processos de ensino-aprendizagem escolares. Em tentativa de mobilização social pela educação, em 28 de agosto de 2012, o Grupo RBS⁹, em parceria com a Fundação Maurício Sirotsky Sobrinho (FMSS)¹⁰, lançou campanha de mobilização social para estimular o debate e a busca de soluções que elevem a qualidade da Educação Básica no país. A campanha intitulada *A educação precisa de respostas* tem como objetivo provocar o tema educação, estimulando a ação individual e coletiva, em busca de respostas sobre o tema.

Embora a temática da leitura não fosse o foco da campanha lançada pelo Grupo RBS, ela esteve de forma tangencial presente em diversos artigos, reportagens e entrevistas, na medida em que são os dados acerca da compreensão leitora, obtidos através das diversas avaliações oficiais, que têm marcado o estigma da qualidade ou não da educação. É importante ressaltar que a leitura está presente no cotidiano escolar, como base de tudo o que ocorre na escola. Afirma Antunes (2007, p. 153):

⁹ O Grupo RBS é um dos maiores grupos empresariais multimídia do país. Nas mídias tradicionais, suas emissoras de televisão e de rádio e seus jornais, presentes em todas as plataformas, são líderes de mercado no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina.

¹⁰ A Fundação Maurício Sirotsky Sobrinho (FMSS), mantida pelo Grupo RBS, é uma entidade que facilita processos de mobilização e cooperação para ações que visem à garantia dos direitos sociais básicos da população.

Como já salientamos, qualquer disciplina do currículo tem como meio de acesso a seus conteúdos a língua, oral e escrita. Logo, em toda aula, ocorrem atividades de leitura, de interpretação, de resolução de questões que, antes de tudo, precisam ser entendidas.

No dia do lançamento oficial da campanha, o editorial especial do Jornal Zero Hora (28 de agosto de 2012)¹¹ fez uma extensa apresentação de condicionais, como: se há tanto desenvolvimento no país, por que o Brasil ocupa a 88ª posição no ranking mundial de educação? Seguindo a mesma lógica de construção dos argumentos, elenca as seis perguntas que nortearam a campanha como um todo. Além deste primeiro questionamento, o grupo RBS também buscou elucidar problemáticas como a distorção idade-série, a desvalorização da carreira docente, a falta de participação das famílias, bem como os baixos desempenhos em matemática e língua portuguesa.

Em 31 de agosto, o mesmo jornal encerrou uma série de matérias sobre Espiritualidade e Avaliação da vida, que culminou com uma lista de 10 lições que sintetizam tudo anteriormente abordado.¹² Embora a reportagem não estivesse enquadrada em matérias sobre a educação, cabe ressaltar que uma das dez lições apresentadas diz respeito à prática da leitura, orientando que se invista em leituras e programas culturais, sob o argumento de que o cérebro precisa ser estimulado em todas as idades. Petit (2008, p. 72) corrobora:

Ora, a leitura pode ser, em todas as idades, justamente um caminho privilegiado para se construir, se pensar, dar um sentido à própria experiência, à própria vida; para dar voz a seu sofrimento, dar forma a seus desejos e sonhos.

A fim de divulgar ações de incentivo à leitura, em diferentes regiões do estado, em diferentes realidades, no dia 16 de outubro, o jornal Zero Hora publica matéria sobre projeto de uma escola primária que leva leitura para casa dos alunos. O kit contém, entre outras coisas, livros, colchas e almofadas. A iniciativa é da escola Pré-primária Governador Heriberto Hülse, da cidade de Rodeio, no Vale do Itajaí/SC. Segundo a diretora da escola, o objetivo do projeto, que começou em 2011, é despertar nos alunos o interesse pelos livros. Já na Escola Municipal Rodeio 32, a literatura é experimentada por meio do Chá Literário. A diretora da escola, que atende 104 crianças do 1º ao 5º ano, Eunice Maria Ferrari Pacher,

¹¹ Disponível em <http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/geral/noticia/2012/08/editorial-as-seis-perguntas-sobre-educacao-que-precisam-de-respostas-3867372.html>

¹² Disponível em <http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/vida-e-estilo/bem-estar/noticia/2012/08/site-especial-aborda-temas-relacionados-a-espiritualidade-e-avaliacao-da-vida-3864152.html>

conta que o evento começou a partir da necessidade de mostrar ao aluno que a leitura é apenas ponto de partida para inúmeras possibilidades de interpretar o mundo.

Para formar leitores, é preciso proporcionar práticas de leitura que sejam atrativas, prazerosas e não coercivas. Além disso, o livro precisa estar disponível, à vista, acessível. Segundo Antunes (2007, p. 152):

De fato, se queremos promover a inclusão social de nossos alunos, nada mais urgente do que incluí-los no mundo da leitura, da escrita, da análise, da reflexão crítica e criadora; da posse da palavra, enfim!

Outro exemplo trazido pelo mesmo jornal, em 22 de outubro¹³, é da menina Daline Senna Aires, de 9 anos, apaixonada pela leitura e que lê um livro a cada dois dias. Para a professora Denise Silveira Costa, responsável pela biblioteca da escola de Daline e criadora do programa para incentivo do hábito da leitura, a menina representa um caso bem sucedido. Comparando o número de leituras que Daline realiza em um ano aos dados divulgados pelo Instituto Pró-Livro (quatro livros por ano para cada habitante), em média, a menina lê - em quatro dias - o que os brasileiros leem em um ano.

A visão dos especialistas consultados pelo jornal é de que a quantidade de leituras que Daline realiza a colocará em uma posição diferenciada em relação a outros colegas. Segundo a professora do Instituto Superior de Educação de Ivoti, Luciana Facchini, as pesquisas mostram que, quanto mais cedo a criança começa a ler e gostar de ler, mais ela aprenderá, desenvolverá concentração e, como consequência, vai adquirir maior ritmo de leitura, se tornando um leitor voraz. A especialista chama atenção ainda para o mesmo aspecto já apontado na reportagem anterior: as crianças precisam ser estimuladas, é preciso ambientes favoráveis tanto por parte da escola quanto por parte da família. Talvez esse se constitua um dos entraves para a formação de um país de leitores: como encantar para a leitura quem nunca foi encantado por ela? Petit (2008, p. 161-162) esclarece:

Para transmitir o amor pela leitura, e acima de tudo pela leitura de obras literárias, é necessário que se tenha experimentado esse amor. Poderia se esperar que esse gosto acontecesse naturalmente nos círculos onde o livro é um objeto familiar. No entanto, como já disse, isso está muito longe de ocorrer.

Não contando os livros pedidos pela escola, pesquisa aponta que o índice de leitura espontânea no Brasil é de pouco mais de um livro por ano, quando na Espanha, por exemplo,

¹³ Disponível em <http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/geral/noticia/2012/10/estudante-de-nove-anos-e-apaixonada-pela-leitura-3926011.html>

o índice chega aos 10,3. Em 16 de agosto de 2012, Zero Hora apresentou o índice de leitura espontânea¹⁴, argumentando que se os professores fossem também leitores e mediadores de leitura, se as famílias tivessem livros em casa e os pais costumassem lê-los na frente das crianças - e também para elas -, e se as bibliotecas fossem atrativas tanto na forma quanto no conteúdo, seria possível que o Brasil ganhasse, enfim, a alcunha de um país de leitores, sonho acalentado e expressão repetida à exaustão por entidades do livro e representantes governamentais.

Desenvolver a habilidade leitora da criança não é tarefa fácil, mas é um dos objetivos da educação básica. Mais difícil é transformar essa criança, que está aprendendo a juntar letrinhas em um leitor crítico e um leitor que terá prazer em ler um livro de literatura - e que continuará buscando novas leituras quando sair da escola e não for mais obrigado a ler. Se o índice de leitura do brasileiro é de quatro livros por ano, como apontou a última pesquisa, quando excluímos as obras indicadas pela escola, ou seja, quando consideramos apenas a leitura espontânea, chega-se ao índice de pouco mais de um livro por ano.

Na esteira da divulgação dos dados acima referidos, em 13 de maio de 2013, o Grupo RBS lança o prêmio RBS de Educação, cujo objetivo foi premiar projetos de incentivo à leitura. Professores e educadores que desenvolviam projetos de apoio à leitura, puderam se inscrever, relatando suas experiências, e concorrendo a prêmios em dinheiro.

Acreditamos estar clara a urgência por práticas que valorizem a leitura e incentivem nossos jovens a ler. A escola como espaço privilegiado para a formação de leitores parece não estar se dando conta desta responsabilidade. As práticas de incentivo à leitura, bem como as práticas – mesmo subentendidas – de desvalorização da leitura precisam ser vistas, pensadas, refletidas, a fim de tornarem-se mais eficientes, caso queiramos formar um país de leitores.

Fica justificado, assim, o interesse que motiva esta escrita. O problema há tempos está posto, sendo amplamente divulgado pelos meios de comunicação, tornando público os entraves que acompanham os espaços escolares nos mais diferentes níveis de ensino. Inevitavelmente, o nosso olhar recai sobre os professores e sua formação, porque, por mais que se fale amplamente, que a mídia divulgue exaustivamente, é o professor, no espaço tempo das suas aulas quem pode e deve transformar esta realidade.

São objetivos desta pesquisa, portanto: compreender os sentidos atribuídos à leitura por professores, alunos e instituição; observar de que forma a leitura aparece no contexto escolar; identificar práticas de leitura e formação de leitores; relacionar os resultados obtidos

¹⁴ Índice divulgado pelo Instituto Pró-Livro.

através dos instrumentos utilizados aos Ideb's das escolas pesquisadas; e identificar e analisar o perfil leitor dos sujeitos da pesquisa.

1.2 A ESCOLHA DOS MÉTODOS

Os procedimentos metodológicos utilizados compuseram-se por pesquisa bibliográfica, questionários e pela observação etnográfica. A pesquisa bibliográfica percorreu os textos oficiais acerca de competência leitora, habilidades necessárias para a compreensão de textos e índices de qualidade e desempenho, relacionados à leitura. Além disso, buscou-se a conceituação dos termos leitura, compreensão leitora, formação de leitores e práticas de leitura, a fim de tornar claro o campo semântico que perpassa todo o trabalho.

Para refletir sobre a adequação do método ao objetivo da pesquisa, foi realizado um exercício etnográfico, no dia 31 de outubro de 2012, em uma turma de 6º ano do Ensino Fundamental. A escola escolhida para o exercício foi a que obteve o menor IDEB 2011, EMEF Antônio de Godoy. Como a outra escola – com maior IDEB 2011 – foi o último local de trabalho da pesquisadora, optou-se pelo ambiente em que, supostamente, o estranhamento, o distanciamento necessário à prática etnográfica pudesse se concretizar.

Para a aplicação dos instrumentos pilotos, mediante autorização da Secretaria Municipal de Educação, do município de Alvorada/RS, obtida mediante entrega da carta de apresentação (Anexo A) entrou-se em contato com a supervisora da EMEF Antônio de Godoy. A observação foi realizada numa turma de sexto ano do Ensino Fundamental – 6º C, durante uma tarde de aula.

A recepção na escola foi calorosa e houve colaboração por parte de quase todos os profissionais. Neste momento, entendeu-se que seria produtiva a realização da pesquisa, uma vez que houve o interesse por parte dos envolvidos de que a mesma fosse realizada e que pudesse suscitar discussões para a melhoria das práticas da escola.

As reflexões decorrentes do exercício etnográfico realizado, em uma turma de 6º ano do Ensino Fundamental, permitiram pensar no método como sendo útil ao projeto de pesquisa. É importante ressaltar que a observação de uma tarde foi suficiente para a revelação de indícios acerca do tratamento dado à leitura no contexto escolar. Acreditamos, portanto, que o método etnográfico subsidiou a identificação da quantidade de leitura dos alunos, a classificação de acordo com os gêneros textuais, os objetivos das leituras, as práticas pedagógicas, bem como a forma como a leitura é utilizada. Enfim, qual o lugar da leitura nas

escolas? Como é sistematizado o ensino de leitura? Estas são as perguntas possíveis de ser respondidas pela etnografia.

1.2.1 Questionário – alunos

Para deixar o instrumento adequado à faixa-etária pesquisada e torná-lo mais objetivo, aplicou-se o questionário a seis alunos do sexto ano do Ensino Fundamental, da escola Antônio de Godoy - menor IDEB 2011 -, no município de Alvorada/RS. Ao todo, seis alunos, escolhidos aleatoriamente responderam ao questionário (APÊNDICE C). Depois de lerem, foram orientados a como respondê-lo. Além disso, foi solicitado que externassem as questões em que não estivesse claro o enunciado, a fim de se identificarem as questões com necessidade de reformulação.

O instrumento foi elaborado com 45 questões, com o objetivo de identificar o perfil leitor dos sujeitos. Para tanto, inicia com questões de identificação do sujeito: idade, gênero, cidade, tempo em que estuda na escola, reprovação ou não e série da reprovação.

A partir de então, as perguntas passam a referir-se às relações estabelecidas com a leitura, bem como a identificação do que leem e como leem estes sujeitos. Na sétima questão, então, o aluno é orientado a escolher, em uma lista com dezenove alternativas, três que indiquem suas preferências de lazer, colocando, entre parênteses, o número ordinal e a ordem de preferência. (1º, 2º e 3º). Na questão número oito, os alunos devem indicar a alternativa em que a definição de leitura lhes parece mais adequada. Na questão número nove, os alunos devem indicar a quantidade de livros já lidos, informação complementada na questão dez, em que eles devem escrever o nome do último livro lido. A fim de poder traçar um perfil socioeconômico, as questões onze, doze e treze procuram identificar alguns elementos que podem estar associados aos hábitos ou a ausência de hábitos de leitura. Para isso, o aluno indica: as pessoas que moram com ele e o grau de escolaridade de dois responsáveis. Seguindo a lógica dos hábitos familiares como formadores ou não de leitores, as questões quatorze, quinze e dezesseis questionam a existência ou não de materiais escritos nas casas dos sujeitos pesquisados. Para isso, eles indicam se há livros nas suas casas e se são comprados jornais e revistas, com solicitação, ainda, de que indiquem quais jornais e quais revistas, quando marcam a opção “sim” como resposta. A questão dezessete é importantíssima, quando pergunta quem é o maior incentivador ou incentivadora da criança

para que ela leia, pois nos dá evidências da importância ou não da escola para a formação de leitores.

As questões que vão do número dezoito ao número vinte e três são questões diretas, mas abertas, ou seja, não há opções para que os alunos marquem. Eles devem escrever suas respostas nas linhas destinadas a isso. Nestas questões, as crianças devem indicar o local onde pegam livros emprestados e se há bibliotecas no bairro. Na sequência, devem responder se a escola exige a leitura de algum livro e em que disciplinas escolares eles mais leem. Terminamos esse ciclo questionando acerca do que leem na escola e do que leem em casa.

A questão vinte e cinco é subdividida em uma lista com oito opções de textos para que os alunos indiquem a frequência com que leem os materiais indicados. Assim, devem marcar a frequência de leitura de textos escolares, textos na internet, livros didáticos, jornais, livros de literatura, livros em geral, histórias em quadrinhos e revistas.

A questão trinta e três espera que os alunos indiquem algumas causas para que não leiam mais do que leem. Na trinta e quatro, os alunos devem indicar se já ganharam algum livro de presente e identificar quem os presenteou. Na sequência, os alunos marcam a alternativa que apresenta a forma como eles têm acesso a livros. Depois, na questão trinta e seis, devem dizer se há ou não biblioteca pública no bairro, com opção de afirmar que não sabem se existe ou não. Além da existência ou não de biblioteca pública no bairro, os alunos devem dizer se sabem da biblioteca pública do município.

Em uma lista com doze possibilidades de utilização de uma biblioteca, na questão trinta e oito, os alunos devem marcar aquela em que há a descrição adequada sobre as suas próprias representações de biblioteca. Na trinta e nove eles devem marcar a frequência com que vão a bibliotecas e, na questão quarenta, identificar o tipo de biblioteca que frequentam.

Na questão quarenta e um é apresentada uma lista com seis dificuldades em leitura e o aluno é solicitado a marcar uma delas ou afirmar que não apresenta nenhuma dificuldade para ler. O questionário encaminha-se para a conclusão, com questões sobre gostar ou não de ler, seguida de questionamento acerca da frequência do acesso à internet. As questões vinte e nove e trinta dizem respeito aos *e-book's*; os alunos devem dizer se sabem o que é um *e-book* e se já leram um *e-book*.

A aplicação do questionário, realizada com seis alunos, para verificação da adequação do instrumento aos objetivos da pesquisa, permitiu a alteração do questionário, a fim de torná-lo mais claro, mais objetivo e mais eficiente. Abaixo, são apresentadas as modificações, conforme novo instrumento (Apêndice D), com suas respectivas justificativas.

Das questões que iniciam o instrumento, foi suprimida a questão de número três, em função de não haver necessidade de se questionar a respeito de onde moram os sujeitos da pesquisa. Além de não ser um dado relevante para o que se pretende mapear com as informações, dificilmente encontraríamos um aluno não morador da cidade. As demais perguntas que compõem a parte de identificação do sujeito respondente foram mantidas.

Na questão sete, na qual foi solicitado que o aluno marcasse as três atividades que mais gosta de fazer no tempo livre, por ordem de preferência, observamos que a lista muito extensa faz com que os alunos rapidamente identifiquem as atividades de que gostam, sem que seja realizada uma leitura atenta de cada uma das opções. Em função disso, a questão foi reformulada, reduzindo-se os itens de escolha. Na versão aplicada como teste piloto, a lista continha dezenove opções de atividades, a qual foi reduzida para apenas dez opções. Para realizar esta redução, agrupamos atividades que apareciam separadamente. Na primeira versão do instrumento, assistir televisão, escutar música, assistir filmes/dvd apareciam separadamente. Na nova versão, estas atividades foram reunidas em uma única opção. Acessar as redes sociais e navegar na internet também apareciam como atividades separadas e foram unidas numa mesma alternativa. A opção descansar foi retirada, sendo mantida apenas a alternativa dormir, que já carrega a ideia de descanso, no nosso entender. A opção passear que, primeiramente, apareceu separada das opções reunir com amigos e também separada da opção sair com os amigos foi alterada para sair com amigos ou família.

A questão número dois, na qual os alunos têm de indicar uma definição de leitura, foi ignorada por muitos alunos que tiveram que ser incentivados a pensar e optar por uma resposta. Como, dos seis alunos que responderam ao questionário, três marcaram a primeira opção, dois marcaram a terceira opção que está relacionada à escola e dois alunos afirmaram não saber, pensou-se em reformular a pergunta, de modo a deixá-la mais clara e acessível. Para tanto, foi excluída a opção “não sei”, a fim de que os sujeitos sejam obrigados a optar por alguma das alternativas. A pergunta foi objetivada e as alternativas reduzidas. De nove opções, na nova versão, os alunos têm apenas cinco opções a serem escolhidas. A alternativa que associava a leitura à vida profissional foi suprimida, em função dos sujeitos da pesquisa serem crianças e adolescentes.

Em relação à quantidade de livros lidos, a questão número três incentiva a resposta não verdadeira, uma vez que dificilmente alguém saberia precisar quantos livros já leu, independente da idade. Em função disso, a pergunta foi acrescida do marcador temporal “este ano”. Uma vez que não é fácil a referência exata a um livro, ainda mais pelas crianças e

adolescentes, a pergunta quatro a respeito do título do último livro lido foi suprimida, pois as respostas dificilmente seriam completas, às vezes, o aluno lembra-se do enredo, dos personagens, não do título, tampouco do autor. Como, para a presente pesquisa, não é relevante os títulos lidos pelos alunos recentemente, optou-se por excluir esta pergunta. Ao contrário, o nível de escolaridade dos pais é importante para a pesquisa, mas dos sujeitos respondentes ao questionário piloto, todos apresentaram dificuldade em precisar o nível de escolaridade dos responsáveis, sendo que um dos alunos afirmou não saber. A questão permaneceu como está, mas precisa ser esclarecida, antes de respondida pelos alunos, uma vez que muitos demonstraram desconhecer o significado de Ensino Fundamental, Ensino Médio e Ensino Superior.

As questões sete, oito e nove do instrumento piloto foram mantidas porque não houve problemas para respondê-las e as informações obtidas através delas são importantes. No instrumento reformulado, as perguntas sobre livros, jornais e revistas em casa correspondem às questões de número seis, sete e oito. Na questão de número dez, sobre os incentivadores da leitura, apareceu o mesmo problema da questão a respeito das atividades no tempo livre. A lista com oito possibilidades de resposta foi alterada para seis opções. As opções em que continham mãe, pai e responsável foram agrupadas em uma única alternativa, uma vez que não é relevante para a pesquisa se o pai ou a mãe incentivam mais a leitura. O que nos interessa é se são os familiares e responsáveis ou se são os professores os maiores incentivadores. A questão número onze, ao questionar o local onde os alunos pegam livros emprestados, subentende o fato de eles pegarem livros emprestados. Mais de um aluno solicitou ajuda para saber o que escreveria, já que não pegavam livros emprestados em lugar algum. Por isso, substituiu-se a pergunta “Onde você pega livros emprestados” por “Você pega livros emprestados?”. A pergunta doze a respeito da existência ou não de biblioteca no bairro foi suprimida, uma vez que esta informação pode ser facilmente obtida, sem a necessidade de incluí-la no questionário, porque o objetivo era saber se os alunos têm conhecimento da existência da biblioteca, não obter a informação. Muitos alunos responderam que há biblioteca no bairro, em função da escola ter biblioteca. A questão foi mal formulada ao não explicitar a exceção da biblioteca da escola.

A questão número treze foi reformulada, a fim de explicitar que o livro a que a questão refere-se não contempla o livro didático, porque como os alunos leem muito os livros didáticos, eles consideram que a escola exige a leitura.

As perguntas quinze e dezesseis foram suprimidas, porque são amplas demais para as crianças compreenderem. Ao serem questionados sobre o que leem na escola e o que leem em casa, alguns alunos responderam “coisas interessantes”, por exemplo. Entendeu-se, portanto, que as questões não eram funcionais para o propósito da pesquisa. Além do mais, há pouca clareza por parte das crianças a respeito dos gêneros textuais, dos suportes e, principalmente, da literatura.

Nas opções pertencentes à questão de número dezessete, nas quais os alunos deveriam marcar a frequência que efetuam a leitura de diferentes textos, foi acrescentada a alternativa “Não leio”, porque a forma como foram expostas supõem que todos os gêneros textuais ali explicitados sejam lidos, o que não se confirmou. Mais de um aluno deixou a questão em branco e, quando questionados, explicaram a ausência de uma alternativa em que pudessem explicitar o fato de não lerem aqueles textos. Além disso, a opção “livros didáticos” foi retirada, porque se entendeu que a leitura do livro didático está inserida na questão “textos escolares”. A questão não explicita o que se enquadraria na categoria “texto escolar”, logo, preferiu-se deixar esta categoria como sendo tudo que é lido na e para a escola, inclusive os livros didáticos. Em função disso, as duas questões que se referiam aos livros didáticos especificamente e as que se referiam à leitura de Literatura indicada pela escola também foram suprimidas. Um dos motivos é o já explicitado a respeito de já haver uma categoria mais ampla denominada “textos escolares”, o outro é porque foi possível identificar o não conhecimento do que seja um livro de Literatura. Sem a clareza da diferença entre o que é Literatura e o que não é Literatura fica difícil que as respostas sejam fiéis ao que acontece na realidade.

A lista de alternativas a serem marcadas na questão dezoito também foi reduzida para tornar mais acessível a leitura de todas as opções. As treze alternativas da primeira versão foram transformadas em sete alternativas, na nova versão. Além disso, a formulação foi alterada, porque na primeira versão a pergunta “Por que você não lê mais do que você lê?”, traz subentendida a ideia de que eles poderiam ler mais, o que não pode ser afirmado na pergunta, ainda mais se o que se pretende é identificar o perfil leitor do sujeito. Compreendendo que as perguntas não devem ser carregadas de pré-conceitos de quem elaborou o instrumento, a formulação da questão foi alterada para: “Quais os motivos para não ler?”. Pretende-se, assim, eliminar o pressuposto negativo, ampliando a pergunta ao referir-se ao todo. Com o mesmo objetivo acrescentou-se uma questão acima desta, para que o aluno identifique, segundo seu próprio julgamento, se ele lê pouco, mais ou menos ou muito.

Embora estas alternativas não indiquem quantidades de leitura, objetivamente, cruzadas com outras informações do instrumento podem ajudar na compreensão do perfil do leitor.

Na questão número vinte, em que os sujeitos são questionados acerca das formas de acesso aos livros, as alternativas foram também reduzidas e passadas para a primeira pessoa do singular. Das sete alternativas constantes na primeira versão do instrumento, foram mantidas apenas cinco. Foram suprimidas a alternativa que separava empréstimos em bibliotecas de empréstimos de outras pessoas para uma única alternativa referente a empréstimo, seja de quem ou de onde for. A alternativa que fazia referência à distribuição pelo governo foi suprimida em função de corresponderem aos mesmos livros que eles têm acesso pela biblioteca da escola.

A questão vinte um foi suprimida, em função de repetir a pergunta sobre a existência de biblioteca pública no bairro. A pergunta sobre a existência de uma biblioteca pública no município foi mantida, a fim de que se possa identificar o quanto a biblioteca da cidade é divulgada e conhecida pelos moradores, neste caso, representados pelos alunos. Foi acrescentada, no entanto, a informação de que eles devem desconsiderar as bibliotecas das escolas, pois, de acordo com o observado na aplicação piloto, muitos alunos entenderam que as bibliotecas das escolas são bibliotecas públicas do município. Embora o raciocínio não possa ser julgado incoerente, o objetivo da pergunta é saber se eles têm conhecimento da existência da biblioteca pública municipal.

A pergunta sobre a representação da biblioteca também foi reduzida e adequada. Primeiramente, o aluno teria que buscar, numa lista com doze alternativas, a sua representação de biblioteca, o que julgamos ser inadequado à faixa-etária. Em função disso, reduzimos as opções para três alternativas: estudar/pesquisar, emprestar livros ou passatempo, lazer. Cremos que assim temos mais chance de capturar a real compreensão dos sujeitos acerca do espaço biblioteca. As alternativas da primeira versão subdividiam-se em empréstimos de livros por gêneros distintos, o que mais uma vez se constituiria em obstáculo na compreensão da questão por partes dos alunos.

A questão vinte e cinco sobre o tipo de biblioteca que o aluno frequenta também foi excluída, não tendo se mostrado relevante para os dados que se pretende levantar, a partir deste questionário. Ao apresentar como alternativas bibliotecas escolares, públicas ou comunitárias criaram dificuldade na compreensão, mais uma vez. A biblioteca da escola não é também pública? Com razão, os alunos alertaram para a tênue diferença presente nas alternativas.

Da questão vinte e seis, da primeira versão, que pergunta sobre dificuldades para ler, foi retirada a primeira alternativa que se referia à lentidão no ato de ler, por entender que isso não se constitui uma dificuldade da mesma ordem das demais contidas nas outras alternativas. Assim, em vez de sete alternativas, a nova versão apresenta seis alternativas. Assim como em outras questões, as alternativas foram passadas para a primeira pessoa, a fim de facilitar a compreensão dos alunos.

Foi suprimida também a questão que pergunta se o aluno já leu um *e-book*, na medida em que não colabora para a pesquisa e incentiva a não veracidade das respostas. Manteve-se, portanto, apenas a pergunta referente ao conhecimento sobre *e-book*.

À questão vinte e sete foi acrescentada a opção mediana de resposta em relação ao gostar ou não de ler, em função de alguns alunos terem dito, no momento da aplicação do instrumento, que gostavam mais ou menos e não havia esta possibilidade de resposta.

De todas as alterações realizadas formou-se o novo instrumento (Apêndice D) para identificação do perfil leitor dos alunos, agora totalizando vinte e cinco questões. Acreditamos que o novo instrumento está mais claro, mais objetivo e mais adequado tanto às faixas-etárias pesquisadas, quanto aos próprios objetivos da pesquisa.

1.2.2 Questionário – professores

O questionário para identificação do perfil leitor dos docentes (Apêndice E) foi feito com base no instrumento elaborado para os alunos, com algumas modificações. Na identificação manteve-se a idade e o sexo. O tempo em que estuda na escola foi substituído pelo tempo em que o docente atua na escola. Ainda na parte da identificação, aos professores foi solicitada a carga-horária semanal, as instâncias administrativas em que exerce a profissão, além da municipal, o tempo de magistério e a formação.

Na questão dez acerca das atividades no tempo livre foram mantidas as mesmas alternativas apresentadas aos alunos. Na questão onze é mantida a questão acerca do significado de leitura para o professor. Na questão doze, é solicitado aos professores que indique o número de livros lidos no ano. As questões treze, quatorze e quinze buscam saber se os professores consomem livros, jornais e revistas em suas casas. Na questão dezesseis, os professores devem indicar os principais responsáveis pela sua formação como leitores e, na questão dezessete devem responder se pegam livros emprestados. Em relação ao papel da escola, como instituição, no que diz respeito ao incentivo à leitura não só dos alunos, mas

também de todos os envolvidos na comunidade escolar, os professores são orientados a indicar se a escola exige que os professores leiam ou não.

Na questão dezenove, os professores deverão marcar a frequência com que leem determinados textos. Para os docentes foram utilizadas as seguintes categorias: textos relacionados às atividades da docência, textos na internet, jornais, revistas e livros de literatura. Somente os livros de literatura foram colocados numa categoria particular, porque entendemos que pode haver leitura de livros relacionados às atividades da docência, bem como a leitura de livros na internet. Na sequência, quando responderem à questão vinte, assim como os alunos, os professores deverão avaliar sua quantidade de leitura, sob seu próprio julgamento. São apresentados aos professores, através da questão vinte e um, os possíveis motivos para não se ler. A questão sobre a forma de acesso aos livros é de suma importância para a identificação do perfil leitor dos docentes, uma vez que no senso comum, há um discurso de que os professores não recebem o suficiente para comprar livros. Na questão vinte e cinco e vinte e seis, os professores deverão posicionar-se a respeito da biblioteca, informando sua representação de biblioteca e a frequência com que vão a ela, respectivamente.

São mantidas as questões vinte e sete a trinta iguais às apresentadas aos alunos, com o objetivo de identificar possíveis dificuldades de leitura, o gosto pela leitura, frequência de acesso à internet e o conhecimento do que seja um *e-book*. O instrumento para identificação do perfil leitor dos docentes sujeitos desta pesquisa é concluído com uma pergunta aberta, para que os professores explanem suas percepções acerca da sua influência como leitor na formação de alunos leitores.

1.2.3 Etnografia

A pesquisa etnográfica busca, através da convivência diária, a ocupação dos espaços escolares e o estabelecimento de vínculos com os sujeitos envolvidos na pesquisa, compreender o que é a leitura para estes sujeitos, de que forma ela é abordada, trabalhada, referenciada; qual o espaço que ela ocupa no desenvolvimento das diferentes aprendizagens, nas diferentes disciplinas, espaços e tempos escolares. É importante também poder compreender o entendimento por parte dos dois grupos de sujeitos – professores e alunos – quais as diferenças e semelhanças nas percepções e, ainda, de que forma estas diferenças ou semelhanças transitam de um grupo para outro. Assim como explicita Geertz (2008, p. 7):

O ponto a focar agora é somente que a etnografia é uma descrição densa. O que o etnógrafo enfrenta, de fato — a não ser quando (como deve fazer, naturalmente) está seguindo as rotinas mais automatizadas de coletar dados — é uma multiplicidade de estruturas conceituais complexas, muitas delas sobrepostas ou amarradas umas às outras, que são simultaneamente estranhas, irregulares e inexplícitas, e que ele tem que, de alguma forma, primeiro apreender e depois apresentar. E isso é verdade em todos os níveis de atividade do seu trabalho de campo, mesmo o mais rotineiro: entrevistar informantes, observar rituais, deduzir os termos de parentesco, traçar as linhas de propriedade, fazer o censo doméstico... escrever seu diário. Fazer a etnografia é como tentar ler (no sentido de "construir uma leitura de") um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escrito não com os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado.

A escolha pelo método etnográfico pode ser explicitada através das palavras de Magnani (2009, p. 135), ao afirmar que:

Assim, com base nas observações desses autores e de muitos outros antropólogos que sempre refletiram sobre seu trabalho de campo, é possível postular, de uma maneira sintética, que a etnografia é uma forma especial de operar em que o pesquisador entra em contato com o universo dos pesquisados e compartilha seu horizonte, não para permanecer lá ou mesmo para atestar a lógica de sua visão de mundo, mas para, seguindo-os até onde seja possível, numa verdadeira relação de troca, comparar suas próprias teorias com as deles e assim tentar sair com um modelo novo de entendimento ou, ao menos, com uma pista nova, não prevista anteriormente.

Foi delimitado um tempo de 30 dias letivos para cada uma das escolas. Na EMEF Herbert José de Souza, foram observados 29 dias de aula e, na EMEF Antônio de Godoy, 30 dias, conforme previsto. Optou-se por não retornar à primeira escola para a realização do último dia de observação, em função dos alunos terem organizado uma festa de despedida no vigésimo nono dia. Entendendo que não prejudicaria a pesquisa, foram encerradas as observações com a atividade festiva.

As observações na EMEF Herbert José de Souza foram realizadas no turno da manhã e iniciadas em 29 de abril de 2013. As observações na EMEF Antônio de Godoy foram realizadas no turno da tarde e iniciaram em 18 de junho do mesmo ano. Embora fosse possível realizar as observações concomitantemente, em função das turmas observadas serem de turnos diferentes, optou-se por realizá-las em períodos distintos, com o objetivo de que a escrita fosse de mais qualidade.

Em um primeiro momento, pensou-se no uso de um cronômetro para contabilizar o tempo destinado às leituras. Durante os primeiros dias de observação, não foi possível contar

nem dois minutos cada vez que os alunos foram orientados a realizar uma leitura. Entendeu-se, neste momento, que não seria nem possível nem necessário o uso do cronômetro.

A escrita etnográfica completa encontra-se nos apêndices F e G, a qual foi deslocada do corpo do trabalho em função do tamanho e da densidade da leitura. São 85 páginas de descrição do cotidiano das duas turmas observadas, com comentários da pesquisadora entre colchetes. As aspas marcam a reprodução fiel das falas de professores e alunos.

Mediante instrumentos elaborados e devidamente autorizada a realizar a pesquisa, o presente trabalho passa a ganhar corpo, paulatinamente, tornando-se mais do que apresentação de resultados quantitativos, mais que rigor metodológico, mais do que descrição densa, tornando-se mais um capítulo da minha história como docente, um capítulo da minha história como pesquisadora. É o escrito de parte dessa história, é registro da experiência do diálogo com os textos, com a realidade escolar, com a minha história, com a experiência da pesquisa, com os sujeitos pesquisados, com o horizonte em que me encontro e o horizonte em que se constituiu a instituição escolar. É sistematização de uma reflexão, realizada ao longo dos dois anos do Mestrado em Educação.

2 O CENÁRIO

Seguindo a lógica dos capítulos e subcapítulos desta dissertação, compõe o panorama, o plano de fundo, enfim, o nosso cenário os seguintes questionamentos: e se a escola não opera apenas na racionalidade lógico-instrumental, como a avaliação da Educação Básica pode, de fato, retratar a qualidade da educação brasileira? E se a escola, diante da autonomia que lhe é conferida, preocupa-se com uma formação muito além daquilo que é cobrado na Prova Brasil¹⁵? E, ainda, e se a escola opera na lógica subjacente aos PCN, que sujeitos a escola pública brasileira está formando? Acreditamos que os resultados das avaliações externas podem ser significados, quando estudados como parte de um diagnóstico da realidade escolar.

Embora as avaliações como a Prova Brasil se baseiem na compreensão de textos, nossa preocupação reside na articulação que é realizada, quando os elementos preconizados pelo discurso e pelas avaliações nacionais são colocados em prática. Segundo o governo, as avaliações em larga escala permitem a definição de ações voltadas para a correção das distorções identificadas e o aperfeiçoamento das práticas e do desempenho apresentados pelas escolas e pelo sistema de ensino brasileiro, além da divulgação pública a respeito da qualidade do ensino. Assim, a Prova Brasil e o SAEB constituem-se em avaliações para diagnóstico.

Pensar nesta articulação pressupõe pensar na abordagem binária entre currículo prescrito e currículo vivido, comum em escritas acadêmicas preocupadas com as problemáticas que circundam as questões curriculares. Conforme estudo de Macedo (2006, p. 99):

O conceito de currículo que temos utilizado em nossas análises parece, portanto, bipartido. Talvez pudéssemos defender que tal distinção entre propostas e prática seja apenas um recorte de pesquisa ou mesmo uma estratégia didática para compreender a multiplicidade envolvida no currículo. Argumento, no entanto, que, embora essa distinção tenha surgido para ampliar o sentido dado ao currículo, trazendo para ele a cultura vivida na escola, a forma como a articulação entre currículo formal e currículo em ação vem sendo feita tem implicações políticas que precisam ser consideradas.

Estes questionamentos não deixaram de estar presentes, quando se preocupou em compreender o papel da leitura e as formas como ela aparece no contexto escolar, sobretudo

¹⁵ Prova aplicada censitariamente a alunos de 5º e 9º anos do Ensino Fundamental público, de área rural e urbana, em escolas que tenham, no mínimo, 20 alunos matriculados na série avaliada. A prova é utilizada para cálculo do Ideb.

quando se sustenta uma argumentação da necessidade da escola em assumir um compromisso sério e efetivo com a formação de leitores, entendendo, conforme muito bem nos esclarece Gadamer (1997, p. 301-302):

O sentido de um texto ultrapassa o seu autor não apenas ocasionalmente, mas sempre. Por isso, a compreensão não é apenas um comportamento reprodutivo, mas sempre também um comportamento produtivo. Compreende-se de modo diferente, quando se compreende efetivamente.

Partindo-se do pressuposto de que a escola, enquanto instituição normativa, ligada, ainda à sua origem, à racionalidade científica e a uma estrutura rígida, entendemos ser oportuna uma reflexão acerca do currículo e sua necessidade de abertura para novas racionalidades, a fim de se buscar a formação de sujeitos em consonância com a sociedade contemporânea. Conforme Hermann (1999, p.120), a educação é ressonância de um amplo contexto histórico, para a qual convergem muitos dos ideais da humanidade.

Há muito tem se falado em crise na educação. Entendemos, portanto, que a crise da modernidade desencadeia diretamente a crise da educação. A escola, como grande projeto da modernidade, inevitavelmente tem suas estruturas abaladas, quando o próprio projeto de sociedade para a qual ela foi idealizada entra em crise. Segundo Prestes (1996, p. 57):

A escola, como um instante do processo de modernização, pretende trazer uma competência cognitiva, simbólica e social e uma estrutura racional individual, que promova a reprodução da audaciosa razão moderna. A escola vem sendo entendida como um momento social da potencialidade da razão. Entretanto, pode ser compreendida no sentido de uma razão instrumental, pela possibilidade de promoção de um pensamento formalizado que gera crise na formação da identidade pessoal.

Tendo como dada a crise da escola, é preciso refletir acerca dos projetos necessários para a escola contemporânea, os quais têm violentado os sujeitos do processo educacional, especialmente os educandos da Escola Básica, nascidos numa era pós-metafísica, mas subjetivados por uma organização normativa, controladora, operante, sobretudo por uma racionalidade cognitivo-instrumental. Segundo Hermann (2012, p. 29), “Portanto, uma formação apoiada numa racionalidade controladora, unificadora e objetivante não nos permitiria dar conta das exigências contemporâneas.”

Segundo Bauman (2011, p. 23):

A “crise da educação” que tanto se discute em nossos dias não é absolutamente nova. A história da educação sempre esteve repleta de períodos cruciais nos quais se tornou evidente que pressupostos e estratégias experimentadas e em aparências confiáveis estavam perdendo contato com a

realidade e precisavam ser revistos ou reformados. Parece, no entanto, que a crise atual é diferente das anteriores.

À luz da racionalidade discursiva de Habermas, é possível uma compreensão acerca da relação entre currículo prescrito – como elemento constituinte do mundo do sistema – e currículo vivido, como prática do mundo da vida. Acredita-se que pela conversação, pelo diálogo é possível chegar a acordos, ainda que temporários, sobre supostas verdades há muito consolidadas nos ambientes escolares. Neste sentido, lançamos um olhar sobre a formação no mundo pós-metafísico, com seu caráter falibilista e negociador de sentidos nos diferentes contextos. Segundo Habermas (1990, p. 88-89)

Através das pretensões de validez, que transcendem todas as medidas simplesmente locais, a tensão entre pressupostos transcendentais e dados empíricos passa a habitar na facticidade do próprio mundo da vida. A teoria do agir comunicativo destranscendentaliza o reino inteligível a partir do momento em que descobre a força idealizadora da antecipação nos pressupostos pragmáticos inevitáveis dos atos de fala, portanto, no coração da própria prática de entendimento – idealizações que se manifestam também e de modo mais visível nas formas tão comuns da comunicação que se realiza através da argumentação.

A escola deve abrir-se aos sujeitos com ela envolvidos, sem coação, especialmente em relação aos alunos. Assim, como instituição plural, tem precisado resolver os conflitos decorrentes das violências geradas, em função da imposição de verdades, muitas vezes incoerentes aos olhos dos discentes que frequentam as escolas atualmente. Assim, num contexto mais restrito, podemos relacionar esta realidade àquela em que se insere o ensino da leitura. Segundo Foucambert (1997, p. 110-111):

Para uma criança pequena, aprender a ler está longe de ser de início uma questão técnica, mas sim o ingresso numa nova maneira de ser, a conquista de um modo de pensar mais abstrato, mais distanciado, mais teórico. Esse exercício supõe a afirmação e o reconhecimento de um *status* diferente, não o que resulta da aquisição desse conhecimento novo, mas o que torna possível a sua construção – um *status* daquele a quem se reconhece o poder de encontrar por si mesmo um domínio sobre o mundo e com ele estabelecer relações subversivas, de tal forma que, se as coisas fossem como aparentam, talvez não houvesse necessidade alguma da escrita. Daí a inutilidade dos manuais de leitura, em que as palavras no mais das vezes repetem a experiência, quando não dão uma transcrição empobrecida dela, um texto cujo autor não teve a mínima intenção de elucidar seu próprio pensamento. E que leitura é essa cujo aprendizado pode ser programado de fora, com a introdução, página por página, de um fonema novo que algumas frases predefinidas têm por missão fazer descobrir?

Entendemos que não há como falar em Ideb, sem falar na racionalidade em que operam os mecanismos de avaliação e controle dos processos educacionais. O que pode estar

em total desacordo com as racionalidades contempladas pelas escolas, embora os índices, sejam eles quais forem, tenham estado a serviço de uma lógica de ranking, que não consegue dar conta da complexidade daquilo que tem ocorrido no cotidiano da escola contemporânea. Soligo (2010, p. 132) alerta sobre o que fazer com os resultados das avaliações:

Há a necessidade de reflexão e problematização de seus processos, práticas e resultados; caso contrário, toda avaliação servirá à lógica classificatória e à criação de *rankings* dos melhores e piores, sem considerar as especificidades locais das múltiplas realidades educacionais do país.

O PISA¹⁶, por exemplo, é um programa de avaliação internacional padronizada, desenvolvido conjuntamente pelos países participantes da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), aplicada a alunos de 15 anos. Com o objetivo de, a cada três anos, comparar o nível de conhecimento de estudantes de diversos países, em matemática, ciências e leitura, o PISA constitui um dos mais respeitados rankings educacionais do mundo. Segundo Andreas Schleicher¹⁷, responsável pelo programa, os progressos do Brasil ainda estão longe do ideal. No ranking geral, em 2012, o Brasil ocupa a 58ª posição, dentre os 65 países avaliados.

Além dos países da OCDE, alguns outros são convidados a participar da avaliação, como é o caso do Brasil. Embora o Brasil tenha melhorado em termos de Educação, segundo relatório do PISA (2009), – crescimento acompanhado pelo Rio Grande do Sul que, em 2006, obteve média 412 em Leitura, passando para a média 433, em 2009 e caindo para 427, em 2012. As médias em Leitura ainda deixam a desejar se comparadas às médias dos países desenvolvidos. A média do exame é de mais ou menos 500 pontos. Em leitura, o país obteve decréscimo de dois pontos, passando de 412 pontos, em 2009, para 410 pontos em 2012. Tanto o Brasil quanto o Rio Grande do Sul apresentaram queda na média de leitura, segundo os últimos dados divulgados em relação à avaliação de 2012.

Uma informação importante divulgada também pelo PISA é a de que os estudantes que prestaram o exame em 2009 gostam menos de ler do que os alunos que prestaram o exame em 2000. Embora este dado isolado não possa ser estante em definições sobre quantidade ou qualidade da leitura e como isso se modifica ao longo dos anos, é um dado relevante para se refletir.

¹⁶ Programa Internacional de Avaliação de Estudantes

¹⁷ Entrevista concedida ao Jornal Zero Hora, do dia 31 de agosto de 2012, publicada em www.clicrbs.com.br/aeducacaoprecisadepostas.

Além do PISA, outro exemplo é o Ideb, que é calculado a partir de dois componentes: taxa de rendimento escolar (aprovação) e médias de desempenho nos exames padronizados aplicados pelo Inep¹⁸ (Prova Brasil e SAEB). Os índices de aprovação são obtidos a partir do Censo Escolar, realizado anualmente pelo Inep. As médias de desempenho utilizadas são as da Prova Brasil para Ideb de escolas e municípios, e do SAEB para os Ideb's dos estados e o nacional. Faz-se necessário entender o que pretendem avaliar estas provas. É, portanto, de suma importância para esta pesquisa, compreender de que forma as avaliações nacionais têm medido a proficiência em língua materna, ou seja, as matrizes de referência das provas. A partir deste conhecimento é que será possível estabelecer relações entre os resultados obtidos pela rede municipal de ensino de Alvorada e as práticas adotadas pelas escolas.

A proficiência média em leitura de uma escola participante da Prova Brasil, por exemplo, é expressa em 10 níveis. Como a escala usada para registrar a nota dos alunos de quinto ano é a mesma utilizada para alunos de nono ano, espera-se, naturalmente, que a proficiência dos alunos do quinto ano esteja situada em níveis mais baixos que a proficiência dos do nono ano.

O principal instrumento utilizado para avaliar o ensino fundamental em todo o país é o SAEB. Os levantamentos de dados são realizados a cada dois anos, abrangendo uma amostra probabilística representativa dos 26 estados e do Distrito Federal. Isso justifica a escolha pelos índices de 2011, uma vez que os alunos serão avaliados novamente apenas este ano e os dados serão divulgados em início de 2014, após a conclusão desta dissertação.

O SAEB é uma avaliação externa em larga escala aplicada a cada dois anos. Seu objetivo é realizar um diagnóstico do sistema educacional brasileiro e de alguns fatores que possam interferir no desempenho do aluno, fornecendo um indicativo sobre a qualidade do ensino que é ofertado. A primeira aplicação do SAEB aconteceu em 1990, com a participação de uma amostra de escolas que ofertavam as 1^a, 3^a, 5^a e 7^a séries do Ensino Fundamental das escolas públicas da rede urbana. Os alunos foram avaliados em língua portuguesa, matemática e ciências. As 5^a e 7^a séries também foram avaliadas em redação. Este formato se manteve na edição de 1993. A partir de 1995, foi adotada uma nova metodologia de construção do teste e análise de resultados, abrindo a possibilidade de comparabilidade entre os resultados das avaliações ao longo do tempo. Neste ano, foi decidido que o público avaliado seria o das etapas finais dos ciclos de escolarização: 4^a e 8^a séries do Ensino Fundamental (que correspondem ao 5^o e 9^o ano atualmente) e 3^o ano do Ensino Médio. Além da amostra da rede

¹⁸ Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

pública, em 1995 foi acrescentada uma amostra da rede privada. Neste ano não foram aplicados testes de ciências. Nas edições de 1997 e 1999, os alunos matriculados nas 4^a e 8^a séries foram avaliados em Língua Portuguesa, Matemática e Ciências, e os alunos de 3^o ano do Ensino Médio em Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, História e Geografia. Nas edições de 1990 e 2003, as provas foram aplicadas a um grupo de escolas sorteadas em caráter amostral, o que possibilitou a geração de resultados para Brasil, Região e Unidades da Federação. A partir da edição de 2001, o SAEB passou a avaliar apenas as áreas de Língua Portuguesa e Matemática. Tal formato se manteve nas edições de 2003, 2005, 2007 e 2009. Em 2005, o SAEB foi reestruturado, passando a ser composto por duas avaliações: Avaliação Nacional da Educação Básica (ANEB) e Avaliação Nacional do Rendimento Escolar (ANRESC), conhecida como Prova Brasil.

As avaliações são desenvolvidas pelo Inep. O Ideb é calculado com base nas médias de desempenho da Prova Brasil e do SAEB.

As provas são aplicadas aos alunos dos quintos e nonos anos do Ensino Fundamental e aos alunos do terceiro ano do Ensino Médio. O foco da prova de Língua Portuguesa é justamente a questão da leitura, o que mais uma vez justifica o uso do Ideb como ponto de relação com as práticas pedagógicas escolares. Embora os alunos também sejam avaliados em Matemática, cujo foco é a resolução de problemas, utilizamos para esta pesquisa apenas o desempenho em Língua Portuguesa. Cabe, no entanto, uma ressalva de que o foco da avaliação em Matemática também está estritamente relacionado às habilidades de leitura e compreensão, uma vez que pretende medir a capacidade do aluno em resolver problemas. Aos alunos do segundo ano do Ensino Fundamental é aplicada a Provinha Brasil, cujo objetivo é avaliar e melhorar a qualidade da alfabetização e do letramento inicial oferecido às crianças. A Provinha Brasil é de suma importância, principalmente porque permite verificar as medidas necessárias para que seja cumprida uma das metas do Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE): todas as crianças lendo e escrevendo até os oito anos de idade.

A proficiência média em leitura de uma escola participante da Prova Brasil é expressa em 10 níveis. (Anexo D) Como a escala usada para registrar a nota dos alunos de 4^a série / 5^o ano é a mesma utilizada para alunos de 8^a série / 9^o ano, espera-se, naturalmente, que a proficiência dos alunos da 4^a série/5^o ano esteja situada em níveis mais baixos que a proficiência dos da 8^a série/ 9^o ano. O quadro 1 mostra a falta de crescimento sistemático ao longo dos anos, nas duas etapas analisadas. Para a 4^o série, a maior média, desde 1995, foi em 2011, com uma diferença de 25,48 pontos em relação ao ano com a média mais baixa: 2001.

Em 2001 e 2003, para a 4º série, as médias ficaram no nível 2, sendo que nos demais anos as médias oscilaram dentro da margem correspondente ao nível 3. Para a 8º série, conforme esperado, as médias são mais altas, ficando no nível 7 apenas em 1995 e 1997. Mais uma vez temos a evidência de que os problemas em relação ao desenvolvimento do letramento estão concentrados nas séries finais do Ensino Fundamental, uma vez que, ao contrário do que ocorreu ao longo dos anos com a 4º série, nas avaliações de 8º série a média de proficiência em leitura vem decaindo, com diferença de 47 pontos entre o ano de maior média – 1995 – e o de menor média – 2011. No último ano avaliado, a média encontra-se no nível 5, demonstrando uma proximidade maior com o nível da 4º série que, em 2011, já estava próximo do nível 4. Assim, fica evidente o desempenho melhor nas séries iniciais e a pouca progressão ao longo dos anos de escolarização.

Quadro 1- Médias de proficiência em Língua Portuguesa

	1995	1997	1999	2001	2003	2005	2011
4º série	188,3	186,5	170,7	165,1	169,4	172,5	190,58
8º série	290,0	283,9	266,6	262,3	266,7	257,6	243,00

Fonte: Inep

De acordo com o quadro 2, a maioria dos alunos da 8º série encontra-se no nível 5 de proficiência, com 18,87%. É importante observar que no nível 5 encontra-se o segundo maior grupo de alunos, totalizando 36,73% dos alunos nos níveis 5 e 6. Embora possa se considerar positivo o fato de termos apenas 0,32% de alunos no nível 0, é preocupante que tenhamos apenas 13,05% dos alunos nos níveis 8 e 9.

**Quadro 2– Porcentagem de alunos por nível de proficiência
Língua Portuguesa – 8º série/9º ano do EF - Brasil**

Nível 0	Nível 1	Nível 2	Nível 3	Nível 4	Nível 5	Nível 6	Nível 7	Nível 8	Nível 9
0,32	2,40	6,23	11,20	16,16	18,87	17,86	13,90	8,41	4,64

Fonte: Inep

De acordo com o quadro 3, a maioria dos alunos da 4º série encontra-se no nível 3, com superioridade pouco significativa em relação aos 19,04% que estão no nível 2. A soma dos pertencentes aos segundos e terceiros níveis é de 38,5% dos alunos. Chama atenção o crescimento do número de alunos no nível 0, em relação aos da 8º série.

**Quadro 3 – Porcentagem de alunos por nível de proficiência
Língua Portuguesa – 4º série/5º ano EF – Brasil**

Nível 0	Nível 1	Nível 2	Nível 3	Nível 4	Nível 5	Nível 6	Nível 7	Nível 8	Nível 9
6,99	14,49	19,04	19,46	16,44	11,63	7,16	3,32	1,27	0,19

Fonte: Inep

A Matriz de Referência de Língua Portuguesa da Prova Brasil e do SAEB é composta por seis tópicos: procedimentos de leitura; implicações do suporte, do gênero e/ou do enunciador na compreensão do texto; relação entre textos, coerência e coesão no processamento do texto; relações entre recursos expressivos e efeitos de sentido e variação linguística.

Estruturalmente, a Matriz de Língua Portuguesa divide-se em duas dimensões: uma denominada *Objeto do Conhecimento*, em que são listados os seis tópicos; e outra denominada *Competência*, com descritores que indicam habilidades a serem avaliadas em cada tópico. Para a 4ª série / 5º ano do Ensino Fundamental, são contemplados 15 descritores; para a 8ª série / 9º ano do Ensino Fundamental e 3ª série do Ensino Médio são acrescentados mais 6, totalizando 21 descritores. Os descritores aparecem, dentro de cada tópico, em ordem crescente de aprofundamento e/ou ampliação de conteúdos ou das habilidades exigidas.

Os PCN têm como principal objetivo, respeitando diferenças regionais, traçar metas para que os alunos sejam capazes de enfrentar o mundo atual. Espera-se que nossos alunos sejam cidadãos participativos, reflexivos e autônomos, além de conhecedores de seus direitos e deveres.

Para os professores, os PCN pretendem se constituir em material de apoio para as práticas educativas dos agentes responsáveis pela formação das crianças e jovens do Brasil. Pretendem, ainda, ajudar as escolas no desenvolvimento de projetos educacionais que estejam pautados pelas diretrizes nacionais. Assim, de acordo com os PCN (1997, p. 27):

Não se pode deixar de levar em conta que, na atual realidade brasileira, a profunda estratificação social e a injusta distribuição de renda têm funcionado como um entrave para que uma parte considerável da população possa fazer valer os seus direitos e interesses fundamentais. Cabe ao governo o papel de assegurar que o processo democrático se desenvolva de modo a que esses entraves diminuam cada vez mais. É papel do Estado democrático investir na escola, para que ela prepare e instrumentalize crianças e jovens para o processo democrático, forçando o acesso à educação de qualidade para todos e às possibilidades de participação social.

De acordo com os PCN, ainda, uma escola preocupada com o desenvolvimento dos seus alunos ajusta a maneira de ensinar, seleciona os conteúdos, leva em consideração as

capacidades que os alunos já têm e as potencializa. Além disso, a escola deve preocupar-se com aqueles alunos com dificuldades de desenvolvimento das capacidades básicas. Assim, os professores têm papel primordial. Segundo Kato (1999, p. 138):

O professor criativo e experiente poderá utilizar-se do conhecimento que tem a criança e da situação de aprendizagem para, a partir delas, propor atividades significativas que levem a criança a utilizar e desenvolver toda sua capacidade cognitiva e metacognitiva.

O objetivo geral para o Ensino Fundamental, de acordo com os PCN (1997, p. 48), é “utilizar diferentes linguagens — verbal, matemática, gráfica, plástica, corporal — como meio para expressar e comunicar suas ideias, interpretar e usufruir das produções da cultura”. Corroborando Giardinelli (2010, p. 41): “A leitura é uma das atividades essenciais do ser humano: penso, falo, olho, escuto, leio e então tenho acesso ao saber e posso me comunicar, oralmente ou por escrito”.

As relações entre trabalho e escola, inseridas no contexto de formação para a cidadania, aparecem no documento que evidencia as diretrizes curriculares nacionais, afirmando que:

Essas relações entre conhecimento e trabalho exigem capacidade de iniciativa e inovação e, mais do que nunca, a máxima “aprender a aprender” parece se impor à máxima “aprender determinados conteúdos”. Isso significa novas demandas para a educação básica, em que se destacam os conteúdos que façam sentido para o momento de vida presente e que ao mesmo tempo favoreçam o aprendizado de que o processo de aprender é permanente. Para tanto, é necessária a utilização de metodologias capazes de priorizar a construção de estratégias de verificação e comprovação de hipóteses na construção do conhecimento, a construção de argumentação capaz de controlar os resultados desse processo, o desenvolvimento do espírito crítico capaz de favorecer a criatividade, a compreensão dos limites e alcances lógicos das explicações propostas. (PCN, 1997, p. 44)

Seguindo a relação entre o discurso oficial e a importância de um trabalho sério e eficiente na formação de leitores, Foucambert (1997, p. 12) afirma:

Se existe uma relação entre o mercado de trabalho e a leitura e, conseqüentemente, a escola, é preciso, nessa nova necessidade global, procurar dar para o maior número possível de pessoas uma formação intelectual que desenvolva a utilização de operações abstratas e, portanto, um domínio melhor da língua escrita, cujo exercício torna viável esse modo de pensamento.

São objetivos da disciplina de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental, de acordo com os PCN, que o aluno seja capaz de ler e escrever conforme seus propósitos e demandas sociais; que o aluno expresse-se apropriadamente em situações de interação oral

diferentes do seu universo; que o aluno seja capaz de refletir sobre os fenômenos da linguagem; que seja capaz de refletir sobre as variedades linguísticas, combatendo o preconceito, a estigmatização e a discriminação decorrentes dos usos da língua.

Segundo Antunes (2003, p. 118), “é importante que o aluno, sistematicamente, seja levado a perceber a multiplicidade de usos e de funções a que a língua se presta, na variedade de situações em que acontece”. Embora a reflexão sobre a variação linguística esteja nas orientações nacionais, não é isso que vem ocorrendo nas escolas brasileiras. Segundo Soares (2008, p. 22):

A escola valoriza a língua escrita e censura a língua oral espontânea que se afaste muito dela; ora, como foi dito anteriormente, a criança das classes privilegiadas, por suas condições de existência, adapta-se mais facilmente às expectativas da escola, tanto com relação às funções e usos da língua escrita, quanto em relação ao padrão culto da língua oral.

Em relação ao primeiro objetivo, – levar o aluno a ler e escrever de acordo com suas necessidades sociais – é importante ressaltar o papel da escola como espaço de interação, de comunicação, ou seja, espaço propício às práticas de linguagem, assim como esclarecem Schneuwly & Dolz (2004, p. 78):

A escola é tomada como autêntico lugar de comunicação, e as situações escolares, como ocasiões de produção/recepção de textos. Os alunos encontram-se, assim, em múltiplas situações em que a escrita se torna possível, em que ela é mesmo necessária. Mais ainda: o funcionamento da escola pode ser transformado de tal maneira que as ocasiões de produção de textos se multiplicam: na classe, entre alunos; entre classes de uma mesma escola; entre escolas.

Alinhados às ideias de Antunes (2003), ao afirmar o quanto é importante, para a organização das práticas pedagógicas, as concepções que se tem acerca de determinados elementos envolvidos no ensino da língua, como, por exemplo, a concepção de linguagem, os PCN (1997, p. 20), em referência específica à disciplina de Língua Portuguesa esclarecem:

Linguagem aqui se entende, no fundamental, como ação interindividual orientada por uma finalidade específica, um processo de interlocução que se realiza nas práticas sociais existentes nos diferentes grupos de uma sociedade, nos distintos momentos de sua história. Os homens e as mulheres interagem pela linguagem tanto numa conversa informal, entre amigos, ou na redação de uma carta pessoal, quanto na produção de uma crônica, uma novela, um poema, um relatório profissional.

Antunes (2003) também chama atenção para a necessidade de clareza a respeito do conceito de língua que está se levando em consideração ao planejar um currículo de língua materna. Assim, os PCN (1997, p. 20) entendem:

Nessa perspectiva, língua é um sistema de signos específico, histórico e social, que possibilita a homens e mulheres significar o mundo e sociedade. Apreendê-la é aprender não somente palavras e saber combiná-las em expressões complexas, mas apreender pragmaticamente seus significados culturais e, com eles, os modos pelos quais as pessoas entendem e interpretam a realidade e a si mesmas.

Podemos, portanto, identificar nos PCN concepções de língua e linguagem que pressupõe os usos sociais da língua, como bem definem Koch & Elias (2007, p. 12): “Fundamentamo-nos, pois, em uma concepção sociocognitivo-interacional de língua que privilegia os sujeitos e seus conhecimentos em processos de interação.”

A respeito do ensino da gramática, as orientações são claras e estão em consonância com o que tem se produzido em pesquisas sobre ensino de língua materna no Brasil. Assim, fica muito evidente o eixo norteador do ensino de Língua Portuguesa, de acordo com os PCN (1997, p. 28):

Assim, não se justifica tratar o ensino gramatical desarticulado das práticas de linguagem. É o caso, por exemplo, da gramática que, ensinada de forma descontextualizada, tornou-se emblemática de um conteúdo estritamente escolar, do tipo que só serve para ir bem na prova e passar de ano – uma prática pedagógica que vai da metalíngua para a língua por meio de exemplificação, exercícios de reconhecimento e memorização de terminologia. Em função disso, discute-se se há ou não necessidade de ensinar gramática. Mas essa é uma falsa questão: a questão verdadeira é o que, para que e como ensiná-la.

Ainda são observadas muitas confusões, distorções a respeito das discussões que se impõem em relação ao ensino da gramática. Em função do local intocável e privilegiado em que a gramática esteve durante muito tempo presente nos currículos escolares brasileiros, muitos professores, sobretudo os de Língua Portuguesa, têm julgado a mudança de eixo do ensino uma redução dos conhecimentos necessários. Ao contrário, acreditamos, assim como Antunes (2007, p. 51), que a mudança de eixo não significa menos, não é uma perda, mas muito mais, mais conhecimento, mais complexidade, mais reflexão, mais significado ao aprendizado da língua:

O problema central dos cursos de línguas – materna e estrangeiras – está longe de ser não ensinar gramática. É, antes, não ensinar apenas gramática; e, muito mais, é não ensinar apenas nomenclatura e classificação gramatical. Portanto, não se está propondo menos. Pelo contrário, se está pretendendo muito mais.

A variação linguística é contemplada nos PCN, constando inclusive nos objetivos do ensino da Língua Portuguesa no Ensino Fundamental, mas não faltam estudos demonstrando que ela ainda não é totalmente aceita nas práticas escolares, que ainda tendem a desvalorizar as variedades de menor prestígio social, além de, muitas vezes, estarem a serviço da propagação do preconceito linguístico e do reforço dos estigmas criados a partir dos diferentes usos da língua. Soares (2008, p. 68) esclarece a forma como a linguagem tem sido tratada nas escolas:

A linguagem da escola é a linguagem das classes favorecidas; as funções que predominam no uso que se faz da língua na escola são aquelas que também predominam no uso da língua por essas classes. A criança pertencente às camadas populares traz para a escola uma linguagem em que predominam outras funções: as diferenças afloram.

É importante ressaltar que os PCN são enfáticos na necessidade de a escola e também os professores, principalmente os de Língua Portuguesa, desfazerem-se de crenças que há muito acompanham o ensino de língua materna e que têm, inevitavelmente, barrado o desenvolvimento das competências linguísticas necessárias ao exercício da cidadania.

Para cumprir bem a função de ensinar a escrita e a língua padrão, a escola precisa livrar-se de vários mitos: o de que existe uma forma correta de falar, o de que a fala de uma região é melhor da que a de outras, o de que a fala correta” é a que se aproxima da língua escrita, o de que o brasileiro fala mal o português, o de que o português é uma língua difícil, o de que é preciso consertar” a fala do aluno para evitar que ele escreva errado. (PCN, 1997, p. 31)

Numa perspectiva sociolinguística, estreitamente relacionada aos usos sociais da língua, a problemática da variação linguística regional repercute nas diferenças entre os processos de alfabetização em cada região do país e em função das classes sociais. Segundo Soares (2008, p. 20):

A natureza do processo de alfabetização das crianças das classes favorecidas, que convivem com falantes de um dialeto oral mais próximo da língua escrita (a chamada “norma padrão culta”) e que têm oportunidade de contato com material escrito (por intermédio, por exemplo, de leituras que lhes são feitas por adultos), é muito diferente da natureza do processo de alfabetização de crianças das classes populares, que dominam um dialeto em geral distante da língua escrita e têm pouco ou nenhum acesso a material escrito.

Outro aspecto importante é a concepção de leitura utilizada nos PCN (1997, p. 70). Assim, atrelado às concepções de língua e linguagem anteriormente explicitadas, o documento entende por leitor competente:

Um leitor competente sabe selecionar, dentre os textos que circulam socialmente, aqueles que podem atender a suas necessidades, conseguindo estabelecer as estratégias adequadas para abordar tais textos. O leitor competente é capaz de ler as entrelinhas, identificando, a partir do que está escrito, elementos implícitos, estabelecendo relações entre o texto e seus conhecimentos prévios ou entre o texto e outros textos já lidos.

Em função disso, é que insistimos na importância da escola como formadora de leitores, conscientes de que “formar leitores é algo que requer condições favoráveis, não só em relação aos recursos materiais disponíveis, mas, principalmente, em relação ao uso que se faz deles nas práticas de leitura.” (PCN, 1997, p. 71). Segundo Antunes (2003, p. 37):

Sentimos na pele que não dá mais para “tolerar” uma escola que, por vezes, nem sequer alfabetiza (principalmente os mais pobres) ou que, alfabetizando, não forma leitores nem pessoas capazes de expressar-se por escrito, coerente e relevantemente, para, *assumindo a palavra*, serem *autores* de uma nova ordem das coisas.

Não nos restam dúvidas de que o discurso oficial, representados nessa reflexão pelos PCN, está alinhado às concepções de língua e linguagem que defendemos ao longo do texto. Paralelo a isso, podemos observar uma orientação para um ensino de Língua Portuguesa que privilegia, sem sombra de dúvida, os aspectos interacionistas da linguagem, sua função social. Assim, resumimos, através das palavras de Antunes (2003), o ponto de vista sobre o qual estamos olhando para as práticas de linguagem escolares:

Assumo, portanto, que o núcleo central da presente discussão é a *concepção interacionista, funcional e discursiva da língua*, da qual deriva o princípio geral de que a *língua só se atualiza a serviço da comunicação intersubjetiva, em situações de atuação social e através de práticas discursivas, materializadas em textos orais e escritos*. É, pois, esse núcleo que deve constituir o ponto de referência, quando se quer definir todas as ações pedagógicas, sejam os objetivos, os programas de estudo e pesquisa, seja a escolha das atividades e da forma particular de realizá-las e avaliá-las. (p. 42)

Em relação aos descritores, listados no quadro 4, é importante observar que nenhum deles faz referência a conteúdos da Gramática Normativa, tampouco a objetivos restritos à disciplina de Português, o que mais uma vez demonstra, não só a possibilidade, mas também a necessidade de todos os professores assumirem a responsabilidade com o desenvolvimento das habilidades leitoras.

Quadro 4 - Descritores

Descritor 1	Localizar informações explícitas em um texto
Descritor 2	Estabelecer relações entre partes de um texto, identificando repetições ou substituições que contribuem para a continuidade de um texto
Descritor 3	Inferir o sentido de uma palavra ou expressão
Descritor 4	Inferir uma informação implícita no texto
Descritor 5	Interpretar texto com auxílio de material gráfico diverso (propagandas, quadrinhos, fotos, entre outros)
Descritor 6	Identificar o tema de um texto
Descritor 7	Identificar o conflito gerador do enredo e os elementos que constroem a narrativa
Descritor 8	Estabelecer a relação causa/consequência entre partes e elementos do texto
Descritor 9	Identificar a finalidade de textos de diferentes gêneros
Descritor 10	Identificar as marcas linguísticas que evidenciam o locutor e o interlocutor de um texto
Descritor 11	Distinguir um fato da opinião relativa a esse fato
Descritor 12	Estabelecer relações lógico-discursivas presentes no texto, marcadas por conjunções, advérbios, etc.
Descritor 13	Identificar efeitos de ironia ou humor em textos variados
Descritor 14	Identificar o efeito de sentido decorrente do uso da pontuação e de outras notações
Descritor 15	Reconhecer diferentes formas de tratar uma informação na comparação de textos que tratam do mesmo tema, em função das condições em que ele foi produzido
Descritor 16	Identificar efeitos de ironia ou humor em textos variados.
Descritor 17	Reconhecer o efeito de sentido decorrente do uso da pontuação e de outras notações.
Descritor 18	Reconhecer o efeito de sentido decorrente da escolha de uma determinada palavra ou expressão.
Descritor 19	Reconhecer o efeito de sentido decorrente da exploração de recursos ortográficos e/ou morfosintáticos.
Descritor 20	Reconhecer diferentes formas de tratar uma informação na comparação de textos que tratam do mesmo tema, em função das condições em que ele foi produzido e daquelas em que será recebido.
Descritor 21	Reconhecer posições distintas entre duas ou mais opiniões relativas ao mesmo fato ou ao mesmo tema.

Fonte: Inep

Tópico I. Procedimentos de Leitura

Neste tópico, são abordadas competências básicas que serão demonstradas por meio de habilidades como, localizar informações explícitas e inferir as implícitas em um texto. Tendo em vista que nem sempre os textos apresentam uma linguagem literal, os alunos, portanto, devem ter a capacidade de reconhecer novos sentidos atribuídos às palavras. Além disso, para a compreensão do que é conotativo e simbólico, é preciso identificar não apenas a ideia, mas também ler as entrelinhas, o que exige do leitor um conhecimento de mundo. A tarefa do leitor competente é, portanto, apreender o sentido global do texto.

É relevante ressaltar que, além de localizar informações explícitas, inferir informações implícitas e identificar o tema de um texto, nesse tópico, deve-se também distinguir os fatos apresentados da opinião formada acerca desses fatos em textos narrativos e argumentativos.

Quadro 5 - Descritores

DESCRITORES	4° SÉRIE/5° ANO	8° SÉRIE/9° ANO
Localizar informações explícitas em um texto	D1	D1
Inferir o sentido de uma palavra ou expressão	D3	D3
Inferir uma informação implícita em um texto	D4	D4
Identificar o tema de um texto	D6	D6
Distinguir um fato da opinião relativa a esse fato	D11	D11

Fonte: Inep

Tópico II. Implicações do Suporte, do Gênero e/ou Enunciador na Compreensão do Texto

Este tópico requer dos alunos duas competências básicas como: a interpretação de textos que conjugam duas linguagens – a verbal e a não-verbal – e o reconhecimento da finalidade do texto por meio da identificação dos diferentes gêneros textuais.

Para o desenvolvimento dessas competências, tanto o texto escrito quanto as imagens que o acompanham são importantes, na medida em que propiciam ao leitor relacionar informações e se engajar em diferentes atividades de construção de significados.

Quadro 6 - Descritores

DESCRITORES	4° SÉRIE/5° ANO	8° SÉRIE/9° ANO
Interpretar texto com auxílio de material gráfico diverso (propagandas, quadrinhos, foto etc.).	D5	D5
Identificar a finalidade de textos de diferentes gêneros	D9	D12

Fonte: Inep

Tópico III. Relação entre Textos

Este tópico requer que o aluno assuma uma atitude crítica e reflexiva em relação às diferentes ideias relativas ao mesmo tema encontradas em um mesmo ou em diferentes textos, ou seja, ideias que se cruzam no interior dos textos lidos, ou aquelas encontradas em textos diferentes, mas que tratam do mesmo tema, assim, o aluno pode ter maior compreensão das intenções de quem escreve.

As atividades que envolvem a relação entre textos são essenciais para que o aluno construa a habilidade de analisar o modo de tratamento do tema dado pelo autor e as condições de produção, recepção e circulação dos textos.

Quadro 7 - Descritores

DESCRITORES	4º SÉRIE/5º ANO	8º SÉRIE/9º ANO
Reconhecer diferentes formas de tratar uma informação na comparação de textos que tratam do mesmo tema, em função das condições em que ele foi produzido e daquelas em que será recebido	D15	D20
Reconhecer posições distintas entre duas ou mais opiniões relativas ao mesmo fato ou ao mesmo tema	-	D21

Fonte: Inep

Tópico IV. Coerência e Coesão no Processamento do Texto

O Tópico IV trata dos elementos que constituem a textualidade, ou seja, aqueles elementos que constroem a articulação entre as diversas partes de um texto: a coerência e a coesão. Considerando que a coerência é a lógica entre as ideias expostas no texto, para que exista coerência é necessário que a ideia apresentada se relacione ao todo textual dentro de uma sequência e progressão de ideias.

As peças que interligam o texto, como pronomes, conjunções e preposições, promovendo o sentido entre as ideias são os elementos de coesão textual. Enfatizamos, nesta série, apenas os pronomes como elementos coesivos. Assim, definiríamos coesão como a organização entre os elementos que articulam as ideias de um texto.

As habilidades a serem desenvolvidas pelos descritores que compõem este tópico exigem que o leitor compreenda o texto não como um simples agrupamento de frases justapostas, mas como um conjunto harmonioso em que há laços, interligações, relações entre suas partes.

Em relação aos textos narrativos, o leitor necessita identificar os elementos que compõem o texto – narrador, ponto de vista, personagens, enredo, tempo, espaço – e quais são as relações entre eles na construção da narrativa.

Quadro 8 - Descritores

DESCRITORES	4º SÉRIE/5º ANO	8º SÉRIE/9º ANO
Estabelecer relações entre partes de um texto, identificando repetições ou substituições que contribuem para a continuidade de um texto	D2	D2
Identificar o conflito gerador do enredo e os elementos que constroem a narrativa	D7	D10
Estabelecer relação causa/consequência entre partes e elementos do texto	D8	D11
Estabelecer relações lógico-discursivas presentes no texto, marcadas por conjunções, advérbios etc	D12	D15
Identificar a tese de um texto	-	D7
Estabelecer relação entre a tese e os argumentos oferecidos para sustentá-la	-	D8
Diferenciar as partes principais das secundárias em um texto	-	D9

Fonte: Inep

Tópico V. Relações entre Recursos Expressivos e Efeitos de Sentido.

O uso de recursos expressivos possibilita uma leitura para além dos elementos superficiais do texto e auxilia o leitor na construção de novos significados. Nesse sentido, o conhecimento de diferentes gêneros textuais proporciona ao leitor o desenvolvimento de estratégias de antecipação de informações que levam o leitor à construção de significados.

Os sinais de pontuação, como reticências, exclamação, interrogação etc., e outros mecanismos de notação, como o itálico, o negrito, a caixa alta e o tamanho da fonte podem expressar sentidos variados.

Quadro 9 - Descritores

DESCRITORES	4º SÉRIE/5º ANO	8º SÉRIE/9º ANO
Identificar efeitos de ironia ou humor em textos variados	D13	D16
Identificar o efeito de sentido decorrente do uso da pontuação e de outras notações	D14	D17
Reconhecer o efeito de sentido decorrente da escolha de uma determinada palavra ou expressão	-	D18
Reconhecer o efeito de sentido decorrente da exploração de recursos ortográficos e/ou morfosintáticos	-	D19

Fonte: Inep

Tópico VI. Variação Linguística.

Este tópico refere-se às inúmeras manifestações e possibilidades da fala. A percepção da variação linguística é essencial para a conscientização linguística do aluno, permitindo que ele construa uma postura não preconceituosa em relação a usos linguísticos distintos dos seus.

É importante além da percepção, as razões dos diferentes usos, quando é utilizada a linguagem formal, a informal, a técnica ou as linguagens relacionadas aos falantes, como por exemplo, a linguagem dos adolescentes, das pessoas mais velhas. É necessário transmitirmos ao aluno a noção do valor social que é atribuído a essas variações, sem, no entanto, permitir que ele desvalorize sua realidade ou a de outrem. Essa discussão é fundamental nesse contexto.

Quadro 10 - Descritores

DESCRITORES	4º SÉRIE/5º ANO	8º SÉRIE/9º ANO
Identificar as marcas linguísticas que evidenciam o locutor e o interlocutor de um texto	D10	D13

Fonte: Inep

A partir do exposto, em relação às competências necessárias aos alunos, fica evidente a base que sustenta as avaliações levadas em consideração no cálculo do Ideb: os PCN. É evidente, também, a relação entre os preceitos nacionais no ensino de língua materna, bem como nos objetivos para todo o Ensino Fundamental, e o que é exigido dos alunos nas provas. Se as práticas escolares não estão em consonância com as orientações oficiais, podemos deduzir o porquê do baixo desempenho dos alunos nas avaliações.

Mais uma vez, aparece-nos a hipótese de que o baixo desempenho nas avaliações, entre outros fatores, está estritamente relacionado ao tratamento que é dado à leitura no cotidiano escolar. Por isso a necessidade de se identificar o lugar que a leitura tem ocupado nos ambientes escolares, bem como a maneira como é apresentada e trabalhada pelos professores.

Como uma prova daria conta de verificar e medir uma experiência estética decorrente da leitura de uma obra literária, por exemplo? Se a Prova Brasil é capaz de medir o nível de compreensão leitora de alunos dos anos iniciais e finais do Ensino Fundamental, parece-nos que ela não dá conta de medir e precisar a qualidade da educação em relação à formação dos sujeitos. Segundo os PCN (1997, p. 21), “As transformações educacionais realmente significativas — que acontecem raramente — têm suas fontes, em primeiro lugar, na mudança

das finalidades da educação, isto é, acontecem quando a escola precisa responder a novas exigências da sociedade.”.

Se é no discurso, enquanto espaço de debate aberto em que se resgatam as pretensões de verdade e justiça, é preciso que a escola encontre meios de dialogar, de trazer para o discurso questões que precisam ser validadas ou não no contexto escolar, de acordo com a contemplação de todos os envolvidos no processo educacional. É no mundo da vida que se produz a personalidade e a cultura, que são formadas pelos processos de subjetivação a que todos os sujeitos passam ao longo da sua formação. Neste sentido, é que se busca um diálogo entre o mundo do sistema – do qual os currículos escolares fazem parte - e os elementos do mundo da vida de professores, alunos e demais participantes da cultura escolar, compartilhados intersubjetivamente por todos. De acordo com Prestes (1996, p. 103):

A Teoria da Ação Comunicativa de Habermas oferece uma possibilidade de interpretar as tensões entre mundo da vida e sistema, que ocorrem no âmbito da educação, ligando a esse aspecto uma teoria do desenvolvimento da competência cognitiva.

Há algumas concepções, há muito cristalizadas nos currículos escolares, ainda baseadas numa sociedade moderna e na formação de sujeitos para outro tempo que precisam ser suspensas para que possam entrar no discurso e que se formem novas diretrizes. Há dissonância evidente entre o que apregoam os currículos prescritos e as necessidades dos sujeitos contemporâneos. É recorrente ouvirmos os professores dizerem: “Eu sempre ensinei tal conteúdo”. O currículo prescrito tem sido encarado como verdade dada, inquestionável. É preciso desestabilizar as certezas e para tanto, será preciso negociar os conteúdos do mundo da vida. Segundo Macedo (1993, p. 41):

A dogmatização do conhecimento, estabelecida tanto pelo empiricismo quanto pelo positivismo que assumem a existência de uma verdade factual, encontrou uma boa formulação a partir da redução de todas as dimensões da ação humana à ação instrumental, ligada ao interesse técnico. O conhecimento técnico segue regras estabelecidas pelo mundo físico e, em consequência, a verificação de sua veracidade se processa através de sua adequação à explicação do mundo físico. Com isto, os consensos aí estabelecidos não admitem argumentações muito elaboradas e possuem um alto grau de estabilidade, dificultando sua problematização.

Acredita-se que a escola pode ser um lugar livre de violência, um local de entendimento, que dê conta da pluralidade do mundo atual. Sem desmerecer a racionalidade cognitivo-instrumental, nem reduzi-la à inutilidade, argumentamos a favor da ampliação dos

currículos escolares, a fim de que sejam contempladas outras racionalidades, outras formas de se chegar à verdade.

Ao defendermos o protagonismo da leitura nos ambientes escolares, pensamos por um desejo (utópico?) de formarmos sujeitos aptos para atuarem em uma sociedade, independente de suas condições financeiras. Como nosso foco está nos formados pelas escolas públicas, pensamos que o protagonismo da leitura é uma forma de reduzir as diferenças entre a escola dos ricos e a escola dos pobres, conforme nos esclarece Libâneo (2012, p. 23):

Constata-se, assim, que com apoio em premissas pedagógicas humanistas por trás das quais estão critérios econômicos, formulou-se uma escola de respeito às diferenças sociais e culturais, às diferenças psicológicas de ritmo de aprendizagem, de flexibilização das práticas de avaliação escolar – tudo em nome da *educação inclusiva*. Não é que tais aspectos não devessem ser considerados; o problema está na distorção dos objetivos da escola, ou seja, a função de socialização passa a ter apenas o sentido de convivência, de compartilhamento cultural, de prática de valores sociais, em detrimento do acesso à cultura e à ciência acumuladas pela humanidade.

No que concerne à leitura, ao acesso a todos, independente da situação econômica, corroboramos com Antunes (2003, p. 119):

Assim, a leitura deixaria de ser uma tarefa escolar, um simples treino de decodificação, uma oportunidade de avaliação, para ser, junto com outras atividades, uma forma de integração do aluno com a vida de seu meio social. Sabemos quanto a integração da pessoa em seu grupo social passa pela participação linguística, passa pelo exercício da “voz”, que não deve ser calada, nem reprimida, mas, sim, promovida, estimulada e encorajada.

Para o fim da dicotomia entre a escola dos ricos e a escola dos pobres, é preciso que se pense numa formação para além das questões socioeconômicas, uma formação que ultrapasse a questão do conhecimento como algo dado no mundo objetivo. Neste sentido, pensa-se numa formação para todos, conforme Hermann (2012, p. 31):

Uma compreensão da formação como experiência, na perspectiva hermenêutica, é uma abertura para vivências que não se estruturam apenas pela dimensão cognitiva; ao contrário, envolve a sensibilidade e as emoções, as forças vitais, a liberação da imaginação e da corporeidade.

Quero abrir mão da relação de poder que se instala nas discussões acerca de currículo, quando o reduz ao poder de cima para baixo – como imposição governamental, por exemplo, - ou quando o poder emana de baixo, ou seja, quando o currículo reduz-se ao mundo do aluno, o que, sem dúvida, impede o descentramento necessário para o desenvolvimento da competência comunicativa habermasiana. De acordo com Macedo (2006), a compreensão de

currículo na bipartição - formal e em ação – permite esta hierarquização de poder, algo em que não acreditamos, além de impedir uma reflexão para além do entendimento de currículo como prescrição. Ao contrário, tenta-se uma compreensão de currículo que desconstrua a bipartição.

A fim de suprimir a dicotomia anteriormente descrita, é que pensamos a escola como o mundo do sistema, impregnado pelo mundo da vida. Se não se vivifica a comunicação no sistema, o sistema operará pela lógica do poder, ideia com a qual, já esclarecemos, não nos aliamos. Sabemos, que, de acordo com Habermas (1990, p. 89):

A maior parte daquilo que é dito na prática comunicativa cotidiana não atinge o nível de problematização, fugindo à crítica e à pressão desenvolvida pela surpresa das experiências críticas, porque vive de um adiantamento de validade, proporcionado por certezas consentidas preliminarmente, ou seja, certezas do mundo da vida.

A partir disso é que se propõe justamente a suspensão de algumas certezas, que se materializam nas relações estabelecidas nos ambientes escolares, na pluralidade do mundo da vida, a fim de que a escola possa ajudar os alunos na problematização do próprio mundo da vida. Neste sentido, entendemos que os conteúdos do mundo da vida precisam ser negociados com os conteúdos do mundo do sistema. De que forma o mundo do sistema tem dado conta dos alunos talentosos? Tem permitido a abertura para outras racionalidades que não operem apenas no cognitivo-instrumental? Segundo Mühl (2003, p. 271):

A predominância da racionalidade sistêmica traz consequência, no entendimento de Habermas, uma progressiva colonização do mundo da vida escolar, bloqueando a ação comunicativa e implantando um processo ascendente de controle manipulativo, com a decorrente redução da liberdade e da participação no processo pedagógico de professores e alunos.

É esta mesma problemática que acreditamos perpassar o ensino de Língua Portuguesa, ainda arraigado ao sentido de que ensinar Português significa ensinar gramática. O ensino da gramática pressupõe um saber dado, que não leva em consideração a construção com os falantes da língua, as possibilidades de interação. Segundo Antunes (2007, p. 42):

Ingenuamente, a gramática foi posta num pedestal e se atribui a ela um papel quase de onipotência frente àquilo que precisamos saber para enfrentar os desafios de uma interação eficaz. E daí vieram as distorções: a fixação no estudo da gramática, como se ela bastasse, como se nada mais fosse necessário para ser eficaz nas atividades de linguagem verbal.

O cenário atual da sociedade apresenta profundos desafios, que necessitam de responsabilidade mundial e que não encontra mais resposta nos modos tradicionais de

fundamentação. A nosso ver, estes desafios devem ser enfrentados pelos sujeitos que estão sendo formados nas escolas, logo, devem os currículos escolares dar conta desta formação.

A escola precisa repensar os pontos necessários para a convivência saudável nos ambientes escolares, os pontos em que seja possível uma unidade mínima, na pluralidade. Não é em qualquer situação discursiva que se produzem normas justas. Um discurso livre, portanto, só pode ser produzido, sem influir por coação, com bons argumentos.

Mantendo o foco na questão que permeia esta pesquisa – a formação de leitores – cabe ressaltar que a competência linguística necessária para que os sujeitos participem de um ato de fala, no qual serão problematizadas questões relevantes, é a conceituada por Habermas (1990). Não podemos esquecer, portanto, que para que haja comunicação, no sentido aqui abordado, há de se ter uma intersubjetividade entre os interlocutores, a fim de que os conteúdos possam ser transmitidos e compreendidos. Neste contexto, a formação dos professores é crucial. De acordo com Antunes (2007, p. 154):

Por fim, o professor de línguas – com mais razão ainda, entre nós, o professor de português – deve ser para todos os efeitos, um leitor assíduo, funcionalmente “múltiplo” e “amante” de textos literários (mobilizando emoções estéticas) e não-literários (mobilizando os saberes de diferentes domínios); deve ser, para todos os efeitos, alguém que sabe escrever e que o faz frequentemente, de forma relevante, articulando, juntando, conectando, para expressar unidades de sentido e de intenções, cuidando, inclusivamente, de, nas horas propícias, usar a norma prestigiada.

É importante termos em mente as limitações dos currículos para não cairmos na crença de que um bom texto curricular possa, por si só, dar conta de práticas de formação pela experiência. Segundo Sacristán (2007, p. 122):

Referindo-nos aos textos do currículo, devemos partir da ideia de que não constituem em si mesmos a terra prometida, mas podem ser um mapa melhor ou pior para a sua busca. O problema é ter consciência do seu poder operativo limitado, lembrando que boa partitura não é música, nem o mapa é terreno. É útil quando o texto que codifica a música é tomado por bons músicos e há bons instrumentos.

Entendemos que o currículo por si só não dá conta das complexidades do cotidiano escolar, é preciso colocar o texto curricular em ação e, para isso, são necessários bons profissionais e bons instrumentos de realização. No entanto, defendemos que o currículo deve abrir-se para as diversas experiências e contemplar outras racionalidades que não a cognitivo-instrumental, mesmo que, com os métodos de avaliação da Educação Básica utilizados atualmente não seja possível avaliar, medir, verificar as aprendizagens decorrentes das experiências vividas.

Se esta pesquisa objetiva compreender as práticas de incentivo à formação de leitores nos contextos escolares, pretende, também, avaliar em que medida os índices oficiais são fidedignos a essas práticas e, em que medida podem ser referência ao se falar em educação.

Em função do exposto e das reflexões realizadas no início dessa travessia, construiu-se a hipótese de que, ao operar sob e somente sob a racionalidade cognitivo-instrumental, as avaliações de grande escala, que pretendem medir a qualidade da educação brasileira, pouco demonstram em termos de qualidade. Por um lado, porque sustentamos que a formação é algo muito maior e mais complexo do que podem verificar as avaliações, como a Prova Brasil. Por outro, porque o que ocorre na prática cotidiana das escolas é, também, muito mais complexo do que abarcam as avaliações. Esta hipótese gera uma problemática que precisa ser analisada futuramente: como identificar qualidade ou não dos processos educacionais? Como garantir práticas que efetivamente formem os sujeitos necessários para a sociedade contemporânea?

3 O ESPAÇO

O exercício da docência nos últimos cinco anos antecedentes ao ingresso no mestrado, foi determinante para a escolha do local de pesquisa. A facilidade de entrada nas escolas, o relacionamento construído com outros professores e gestores, mas, principalmente, a preocupação com o desenvolvimento de uma educação de qualidade em um município de tantas carências foram fatores motivadores para esta escolha. Entendeu-se, assim, que a pesquisa poderia colaborar com a rede municipal de ensino de Alvorada/RS na busca por boas práticas de formação de leitores.

3.1 O MUNICÍPIO

Figura 1 – Região Metropolitana de Porto Alegre



O marco inicial da origem do povoamento da cidade de Alvorada ocorreu com a sesmaria entregue a João Batista Feijó, em maio de 1776. Entre as famílias que iniciaram o povoamento das áreas estavam os Feijó, Barcellos, Souza, Garcia, Malta, Dihl, Godoy, entre outros.

A origem do nome de Alvorada está relacionada a uma prática diária dos habitantes da cidade que todos os dias acordavam cedo para trabalhar, tendo que sair do município ao nascer do sol. Assim, ficaram conhecidos como os trabalhadores que vêm da Alvorada.

Distrito criado com a denominação de Passo do Feijó, pela Lei Municipal n.º 216, de 22/09/1952, subordinado ao município de Viamão, passando a chamar-se Alvorada em 17 de setembro de 1965, quando emancipado politicamente.

Apresenta uma população de aproximadamente 211.233 habitantes, um território de 70.811 Km² - um dos menores municípios do estado - e está localizado há 16 km da capital do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Segundo o Censo 2010, 101.035 mil habitantes não são naturais do município.

O início da educação deu-se através da contratação de professores, que as famílias de maior poder aquisitivo efetuavam. Eram contratados professores de Gravataí e Porto Alegre. A professora vinha dar aula para os filhos dos proprietários das fazendas. Ela fixava residência na fazenda que a contratava. Alguns desses proprietários proporcionavam o ensino não só aos seus filhos, mas também às crianças das redondezas. Com a preferência ao ensino público oficial, em 1886, na Vila de Viamão havia seis aulas públicas. Uma delas localizada no Passo da Figueira. Mais tarde, aproximadamente entre 1908 e 1910, têm-se conhecimento da escola de Augusta Agripina dos Santos, natural de Porto Alegre e professora estadual. Esta escola era aberta à comunidade, servindo a alunos de várias localidades, tais como Passo da Figueira, Passo do Feijó e adjacências. Em 1911, esta escola atendia a trinta e seis alunos, e localizava-se próxima a uma figueira na atual Avenida Frederico Dihl.

Os loteamentos iniciaram por volta de 1940, tendo como uma de suas principais causas, o crescimento populacional das cidades vizinhas. Um dos primeiros loteamentos criado na região foi o da vila Passo do Feijó, aberto por um russo que dividiu as terras em pequenos terrenos. Em 22 de setembro de 1952, a prefeitura municipal de Viamão instituiu oficialmente o distrito de Passo do Feijó. Surgiam também, no distrito, os loteamentos da Vila São Pedro e assim, sucessivamente, foram formando-se outros.

Alvorada faz divisa com os municípios de Porto Alegre, Viamão, Gravataí e Cachoeirinha. A cidade é atravessada pela rodovia RS-118. O crescimento do município deu-se à beira da Avenida Presidente Getúlio Vargas, principal via que atravessa o centro da cidade. A economia é baseada principalmente no comércio e no setor de serviços. A maioria da população trabalha no município de Porto Alegre, fazendo com que a cidade seja

conhecida também como cidade-dormitório, embora o município também tenha o seu distrito industrial, situado às margens da rodovia RS-118.

O município é separado de Porto Alegre pelo Arroio Feijó. Esse arroio sempre foi de extrema importância para Alvorada, pois era graças a ele que os moradores mais antigos da cidade tinham água para o consumo.

3.2 REDE DE ENSINO DO MUNICÍPIO

A rede municipal é composta de 27 escolas (ANEXO C), a rede estadual de 17 escolas e há, ainda, seis escolas particulares. A rede pública do município contabiliza um total de 20.000 alunos. Possui uma instituição de Ensino Superior – São Marcos Faculdade Luterana. Os dados abaixo explicitados são do Censo Escolar 2011 e contemplam a realidade do Município da Educação Infantil ao Ensino Superior. No quadro 11, podemos observar a superioridade da quantidade de escolas particulares, que correspondem a 42% do total de escolas do município, embora, neste item, estejam contempladas todas as escolas de Educação Infantil. O município não oferece Educação Infantil nas suas escolas, mas através de convênios estabelecidos entre a Prefeitura Municipal e as escolas de Educação Infantil privadas. Não há escolas federais. Em abril de 2011, prefeitura e MEC (Ministério da Educação e Cultura) encontraram-se para debater acerca do projeto.¹⁹ Segundo resultado do encontro, é possível que, em dois anos, o município receba um Instituto Federal.

No que diz respeito à rede pública de ensino, a municipal é superior à estadual. 22% das escolas correspondem à rede estadual, ao passo que mais de 35% correspondem à rede municipal. A rede estadual é responsável por 100% da oferta do Ensino Médio, uma vez que as escolas municipais só oferecem o Ensino Fundamental. Nem todas as escolas municipais oferecem o Ensino Fundamental de nove anos. Apenas onze escolas têm o Ensino Fundamental completo.

Quadro 11 - Número de estabelecimentos de ensino - Educação Infantil ao Ensino Superior em cada instância administrativa, no município de Alvorada/RS

Município	Estadual	Federal	Municipal	Particular	Total
Alvorada	17	0	27	32	76

Fonte: MEC/Inep - Censo Escolar da Educação Básica 2011

¹⁹ Disponível em <http://www.poa.ifrs.edu.br/?p=11203>. Acesso em 15/11/2012.

De acordo com o quadro 12, podemos observar que, em 2011, o município contava com um total de 1.532 professores, dos quais quase 47% estão na rede municipal, enquanto em torno de 40% estão na rede estadual. Embora o número de estabelecimentos seja maior para a rede privada, segundo o Censo escolar da Educação Básica de 2011, a rede contempla o menor número de professores, correspondendo a apenas 13%. É importante ressaltar que os professores contabilizados são marcados mais de uma vez, quando exercem suas funções em mais de uma instância administrativa ou escola.

**Quadro 12 - Número de professores em exercício no ano de 2011, no município de Alvorada/RS
Por instância administrativa²⁰**

Estadual	Federal	Municipal	Particular	Total
627	0	748	218	1.593

Fonte: MEC/Inep - Censo Escolar da Educação Básica 2011

No que diz respeito à quantidade de alunos matriculados, no ano de 2011, na rede de ensino do município, a rede privada, embora em maior número, é a que detém o menor número de matrículas. Isso se justifica pela existência de escolas de Educação Infantil pequenas, que atendem menos de 100 crianças. As escolas estaduais, por oferecerem desde o Ensino Fundamental – Anos Iniciais até o Ensino Médio são as que detêm maior número de alunos matriculados, correspondendo a quase 51% das matrículas do município. O município abrange quase 41% das matrículas, ao passo que a rede privada corresponde a aproximadamente 8%.

**Quadro 13 - Número de alunos matriculados em 2011, no município de Alvorada
Por instância administrativa**

Estadual	Federal	Municipal	Particular	Total
24.429	0	19.582	4.138	48.149

Fonte: MEC/Inep - Censo Escolar da Educação Básica 2011

O quadro 14 mostra-nos o Ideb das 27 escolas municipais de Alvorada/RS, ao longo de sete anos. Como as escolas objeto de estudo desta pesquisa pertencem à rede municipal de ensino e foram selecionadas de acordo com o seu respectivo Ideb, faz-se importante observar a trajetória destas escolas até chegarem à primeira e à última colocação no Ideb 2011.

²⁰ Professor em Exercício - Profissional que exerce a função de docência, responsável pelo processo de aprendizagem e que atua diretamente com o aluno em sala de aula. O mesmo professor pode estar em mais de uma Dependência Administrativa, Município e Escola.

Das 27 escolas, apenas três escolas apresentam crescimento, desde o primeiro ano – 2005. As três apresentam crescimento apenas na avaliação dos anos iniciais. Nenhuma das escolas apresenta crescimento constante, ao longo dos anos, nos anos finais do Ensino Fundamental. Se isoladamente, o Ideb não pode representar absolutamente uma realidade, o fato de nenhuma escola conseguir manter um crescimento constante nesta etapa escolar não deixa de ser um forte indicativo daquilo que se pretende estudar com esta pesquisa: o desenvolvimento do letramento para além dos anos iniciais do Ensino Fundamental, ou seja, do período da alfabetização.

A EMEF Almira Feijó, que só oferece o Ensino Fundamental Anos Iniciais, seguiu o progresso com 4,1 pontos, em 2005, passando para 4,3, 4,5 e chegando, em 2011, a 4,8 pontos. Um crescimento de dois pontos a cada dois anos. Embora não corresponda a um aumento significativo, indica que a escola está melhorando seu desempenho ao longo do tempo.

A EMEF Dom Pedro II e a EMEF Herbert José de Souza oferecem o Ensino Fundamental completo e constituem o grupo de apenas três escolas que se mantém aumentando o Ideb ao longo dos anos. A EMEF Dom Pedro II tem 3,3 pontos, em 2005, passando para 3,6 pontos, seguidos de 4,0 e, em 2011, obteve nota 4,4. Entre 2005 e 2007, a escola aumentou três pontos, mas de 2007 para 2009, assim como de 2009 para 2011, o salto foi de quatro pontos. Neste sentido, a progressão desta escola já está mais acelerada do que a da EMEF Almira Feijó. Caso fosse possível fazer uma previsão, com base na progressão realizada até aqui, poderíamos esperar que a EMEF Dom Pedro II atingisse os 5,0, em 2013.

A EMEF Herbert José de Souza – uma das escolas objeto de pesquisa deste estudo -, embora ofereça o Ensino Fundamental completo, também só manteve progressão do índice nos anos iniciais. Começando com 4,2, passando para 4,3 dois anos depois; em 2009, chegando aos 4,8. Em 2011 atingiu a marca dos 5,0, motivo pelo qual foi selecionada para a realização desta pesquisa. A EMEF Duque de Caxias também obteve nota 5,0, no Ideb para os anos iniciais, em 2011, mas não foi selecionada em função de não oferecer o Ensino Fundamental completo, o que não permitiria o acompanhamento dos alunos de quinto ano avaliados pelo Ideb 2011, ao longo dos anos finais do Ensino Fundamental.

É importante ressaltar que não há, dentre as vinte e sete escolas municipais de Alvorada/RS, alguma que apresente índices decrescentes sistematicamente, ou seja, mesmo as que apresentaram alguma queda em relação ao índice anterior, recuperaram ou superaram o índice na avaliação seguinte à queda.

Quadro 14 – Ideb de todas as escolas municipais de Alvorada/RS

	ESCOLA	IDEB							
		2005		2007		2009		2011	
		4º	8º	4º	8º	4º	8º	4º	8º
1	Alcides Maia	3.8	-	3.8	-	4.1	-	4.4	-
2	Alfredo José Justo	3.9	2.7	4.2	3.1	4.0	3.7	4.3	3.0
3	Alice de Carvalho	3.3	-	3.3	3.6	3.7	2.6	4.0	3.3
4	Almira Feijó	4.1	-	4.3	-	4.5	-	4.8	-
5	Antônio de Godoy	3.0	2.4	3.8	3.1	3.8	3.2	3.3	2.5
6	Aparício Borges	4.0	-	4.4	-	4.3	-	4.1	-
7	Cecília Meirelles	3.6	-	3.6	3.3	3.0	2.9	4.1	2.7
8	Cléo dos Santos	-	-	3.5	-	3.6	-	4.5	-
9	Dom Pedro II	3.3	2.8	3.6	3.3	4.0	2.7	4.4	3.1
10	Duque de Caxias	4.8	-	4.2	-	4.8	-	5.0	-
11	Elisardo Duarte Neto	-	-	-	-	4.5	-	3.9	-
12	Emília de Oliveira	3.3	-	3.1	-	3.5	2.7	3.5	-
13	Frederico Dihl	4.0	2.8	3.9	3.3	4.0	3.7	4.2	3.4
14	Gentil Machado de Godoy	3.3	3.2	3.1	2.8	3.4	2.7	4.2	3.4
15	Guilhermina do Amaral	3.5	-	3.8	-	4.4	-	4.3	-
16	Herbert José de Souza	4.2	4.1	4.3	3.1	4.8	3.2	5.0	3.6
17	Hilário Feijó	3.3	-	3.9	-	4.6	-	4.2	-
18	Idalina de Freitas Lima	3.8	3.1	3.7	2.7	4.2	3.0	4.6	4.0
19	João Carlos de Vilagran Cabrita	3.1	-	3.7	-	4.6	-	4.5	-
20	Leonel de Moura Brizola 2012	-	-	-	-	-	-	-	-
21	Monteiro Lobato	4.2	-	4.1	-	4.0	-	4.5	-
22	Normélio P. Barcellos	3.0	-	3.2	-	3.7	-	3.7	-
23	Nova Petrópolis	3.5	-	3.0	-	3.8	-	4.5	-
24	Padre Léo Seidel	4.0	-	3.6	-	4.4	-	4.5	-
25	Paulo Freire	4.7	-	3.7	3.0	4.2	3.9	4.6	*
26	Podalírio Inácio de Barcellos	4.4	3.1	4.5	3.5	4.7	3.1	4.2	3.4
27	Rui Barbosa	3.9	-	3.4	-	3.9	-	4.1	-

Fonte: Inep

No quadro 15, temos a síntese do Ideb 2011, exclusivamente das escolas que oferecem o Ensino Fundamental completo. Acrescenta-se, ainda, a este quadro, o Ideb do município, do estado, bem como a média nacional, a fim de compará-los ao desempenho obtido pelas escolas, especialmente, as que constituem local de pesquisa.

Das onze escolas que oferecem o Ensino Fundamental completo, apenas a EMEF Herbert José de Souza superou a média municipal para os anos iniciais, em todos os anos analisados. Para nós, este dado constitui em fator de suma importância, na medida em que, associado a outros dados a respeito desta escola, faz-nos pensar que seja fundamental a seleção dela para a aplicação da pesquisa. Há muitas evidências de que ela se constitua em um diferencial dentro do município e esperamos que os resultados obtidos com a realização deste estudo permitam esclarecer as variáveis que vem contribuindo para que a escola mantenha seus índices em progressão e acima da média municipal.

Por outro lado, mais uma vez, verifica-se uma das grandes preocupações que este estudo suscita: nenhuma das onze escolas conseguiu superar a média municipal ao longo dos anos, na avaliação do 9º ano. Seguem os índices mostrando que há uma disparidade entre o desempenho dos alunos avaliados no 5º ano e os alunos avaliados no 9º ano. É de nosso interesse a compreensão acerca da não manutenção dos índices, na mesma escola, quando se tratando dos anos finais do Ensino Fundamental.

Quando comparamos o Ideb municipal aos nacionais e aos estaduais, observamos que a problemática em relação aos anos finais do Ensino Fundamental se repete. As médias estaduais para os anos iniciais do Ensino Fundamental foram superiores às médias nacionais, em todos os anos analisados. As médias do município de Alvorada/RS são inferiores tanto às médias estaduais, quanto às nacionais, o que justifica a preocupação com a educação deste município. A diferença entre as médias nacionais e municipais para as séries iniciais, ao longo dos anos, é crescente. O ano de 2005 foi o único em que a média municipal ficou um ponto acima da média nacional. Nos demais, a diferença só foi crescendo, com quatro pontos, em 2007, para sete pontos, em 2011. Isso mostra que o município não tem acompanhado o crescimento do índice nacional.

Quando observamos as médias para 9º ano, é ainda pior, porque os índices nacionais, estaduais e municipais são mais baixos. Mais uma vez corroboramos a ideia de que é preciso pensar na continuidade dos alunos ao longo do Ensino Fundamental. Nos anos finais, as médias estaduais superam as nacionais, mas as municipais seguem abaixo das duas. É importante ressaltar que a média nacional para os anos iniciais passou de 3,8 pontos, em 2005,

para 5,0, em 2011, obtendo um crescimento de 1,2 pontos, ao passo que, para os anos finais, o país passou de 3,5 pontos, em 2005, para 4,1 pontos, em 2011, obtendo um crescimento de apenas 0,6 pontos. Esta é a evidência de que os progressos estão mais concentrados nos anos iniciais do que nos anos finais, o que, inevitavelmente, culmina nos índices referentes ao Ensino Médio e Ensino Superior.

Ao observarmos o Ideb das onze escolas que oferecem o Ensino Fundamental completo, em Alvorada/RS, e os compararmos às médias nacionais, mais uma vez, apenas a EMEF Herbert José de Souza supera as médias nacionais, em todos os anos, na avaliação do 5º ano. E, mais uma vez também, nenhuma escola supera as médias nacionais, na avaliação do 9º ano.

Quadro 15 – Ideb das escolas com séries finais do Ensino Fundamental

	ESCOLA	IDEB							
		2005		2007		2009		2011	
		4º	8º	4º	8º	4º	8º	4º	8º
	MÉDIA DO MUNICÍPIO	3.9	3.1	3.8	3.3	4.1	3.1	4.3	3.4
	MÉDIA DO ESTADO	4.3	3.8	4.6	3.9	4.9	4.1	5.1	4.1
	MÉDIA NACIONAL	3.8	3.5	4.2	3.8	4.6	4.0	5.0	4.1
	SÉRIE	4º	8º	4º	8º	4º	8º	4º	8º
1	Alfredo José Justo	3.9	2.7	4.2	3.1	4.0	3.7	4.3	3.0
2	Antônio de Godoy	3.0	2.4	3.8	3.1	3.8	3.2	3.3	2.5
3	Cecília Meirelles	3.6	-	3.6	3.3	3.0	2.9	4.1	2.7
4	Dom Pedro II	3.3	2.8	3.6	3.3	4.0	2.7	4.4	3.1
5	Frederico Dihl	4.0	2.8	3.9	3.3	4.0	3.7	4.2	3.4
6	Gentil Machado de Godoy	3.3	3.2	3.1	2.8	3.4	2.7	4.2	3.4
7	Herbert José de Souza	4.2	4.1	4.3	3.1	4.8	3.2	5.0	3.6
8	Idalina de Freitas Lima	3.8	3.1	3.7	2.7	4.2	3.0	4.6	4.0
9	Paulo Freire	4.7	-	3.7	3.0	4.2	3.9	4.6	*
10	Podalírio Inácio de Barcellos	4.4	3.1	4.5	3.5	4.7	3.1	4.2	3.4
11	Alice de Carvalho	3.3	-	3.3	3.6	3.7	2.6	4.0	3.3

Fonte: Inep *Número de participantes insuficientes para divulgação dos dados.

Das escolas que oferecem o Ensino Fundamental completo, são objeto de análise desta pesquisa a Escola Municipal de Ensino Fundamental Antônio de Godoy e a Escola Municipal de Ensino Fundamental Herbert José de Souza. A primeira porque apresentou o menor Ideb tanto para a 4° série/5° ano, quanto para 8° série/9° ano do Ensino Fundamental. Conseqüentemente, a segunda foi a que apresentou o maior Ideb para a 4° série/5° ano.

O fato de serem as mesmas escolas as que apresentaram os piores índices deve ser analisado, na medida em que, à primeira vista, parece ser esse um indicativo de que há fatores interferindo na escola como um todo, como conjunto, como instituição que pode ou não promover ações de incentivo à leitura, de formação de leitores e aumento na compreensão leitora.

Comparando as colocações das escolas, ao longo dos anos, é possível observar que a EMEF Antônio de Godoy já havia apresentado o Ideb mais baixo para as duas etapas analisadas, em 2005. Nas avaliações de 2007 e 2009, embora não com índices significativamente melhores, a escola foi superada ainda por outras escolas.

A EMEF Herbert José de Souza apresenta o maior Ideb da rede municipal de ensino desde 2009 e, em 2005 obteve o maior Ideb na última etapa do Ensino Fundamental. As diferenças não são significativas, mas para este trabalho optamos por este critério, a fim de delimitar os campos de pesquisa.

O ponto de partida de toda esta escrita são as médias do Ideb 2011 das escolas selecionadas para realização da pesquisa. Assim, no quadro 16, destacamos apenas as duas escolas objetos de pesquisa, com seu respectivo Ideb e as médias nacionais e estaduais.

Quadro 16- Ideb das escolas analisadas

		IDEB							
		2005		2007		2009		2011	
		4°	8°	4°	8°	4°	8°	4°	8°
	MÉDIA DO MUNICÍPIO	3.9	3.1	3.8	3.3	4.1	3.1	4.3	3.4
	MÉDIA DO ESTADO	4.3	3.8	4.6	3.9	4.9	4.1	5.1	4.1
	MÉDIA NACIONAL	3.8	3.5	4.2	3.8	4.6	4.0	5.0	4.1
1	EMEF Antônio de Godoy	3.0	2.4	3.8	3.1	3.8	3.2	3.3	2.5
2	EMEF Herbert José de Souza	4.2	4.1	4.3	3.1	4.8	3.2	5.0	3.6

Fonte: Inep

As duas escolas selecionadas para este estudo são as que apresentaram o maior e o menor Ideb 2011. A EMEF Antônio de Godoy obteve nota 3,3 para 5º ano e nota 2,5 para 9º ano. Embora sejam os menores índices do município, a diferença entre a pontuação de cada uma das etapas escolares é de 0,8 pontos. Já a EMEF Herbert José de Souza obteve média 5,0 para 5º ano e média 3,6 para 9º ano, o que contabilizam 1,4 pontos de diferença. Neste sentido, é possível afirmar que a discrepância no desempenho dos alunos é menor na escola que apresenta o menor índice, o que pode indicar problemas relacionados a questões mais globais. Ao contrário, a EMEF Herbert José de Souza apresenta uma diferença mais significativa entre seus alunos de 5º ano e 9º ano, o que nos leva a crer que possa haver, dentro da própria escola, discrepâncias no que concerne a cada uma das etapas analisadas.

Em relação ao desempenho das duas escolas, ao longo do período analisado, conforme consta no quadro 14, é possível observar que a EMEF Antônio de Godoy cresceu apenas 0,3, em sete anos, ao passo que a EMEF Herbert José de Souza cresceu 0,8 pontos, ao longo do mesmo período, na avaliação do 5º ano. Em relação à avaliação do 9º ano, a EMEF Antônio de Godoy cresceu apenas 0,1 pontos, ao longo de sete anos. Em sentido contrário, a EMEF Herbert José de Souza caiu em 0,5 pontos, em sete anos. É interessante observar que a escola com maior Ideb 2011 para o 5º ano não consiga sequer manter seu índice de 9º ano.

Ao longo destes sete anos, houve variações. Por exemplo, a EMEF Antônio de Godoy obteve, em duas avaliações seguidas – 2007 e 2009 –, um crescimento de 0,8 pontos na avaliação do 5º ano, decaindo apenas na avaliação de 2011, em 0,5 pontos. Em relação ao 9º ano, a EMEF Antônio de Godoy percorre o mesmo caminho, o que corrobora a hipótese da existência de variáveis que tenham sido determinantes para que nas duas etapas escolares, a escola tenha decaído, depois de duas avaliações consecutivas de crescimento. Também para o 9º ano, a escola apresentou crescimento de 2005 para 2007, depois para 2009, perdendo 0,7 pontos na avaliação de 2011.

A EMEF Herbert José de Souza manteve-se em crescimento nas avaliações do 5º ano, como já observado anteriormente. Por outro lado, apresentou um decréscimo de 0,5 pontos, na avaliação do 9º ano, ao longo de sete anos, sem períodos de crescimento. Isso nos mostra que, em relação aos anos finais do Ensino Fundamental, a EMEF Herbert José de Souza vem decrescendo ao longo dos anos, o que reforça o evidenciado pela pesquisa de que há maior atenção com os anos iniciais do que com os anos finais desta escola, especialmente no que se refere à leitura, comprovado mediante funcionamento da biblioteca, por exemplo, que

disponibiliza horários fixos semanais para Hora do Conto apenas para os alunos das séries iniciais.

Comparando os índices obtidos pelas duas escolas selecionadas para esta pesquisa aos índices estaduais e nacionais, podemos observar que a EMEF Antônio de Godoy, na avaliação do 5º ano, só não esteve abaixo da média municipal, em 2007, ano em que obteve a mesma média que o município. Nos demais anos avaliados, a escola manteve-se abaixo da média municipal. No ano de 2011, especificamente, a diferença da escola para a média do município foi de 1,0 ponto a menos, ao passo que a EMEF Herbert José de Souza obteve média superior à média municipal, em 0,7 pontos. Ao contrário da EMEF Antônio de Godoy, a EMEF Herbert José de Souza obteve médias superiores às médias municipais em todos os anos de avaliação. Em 2005, a média da escola foi superior à média municipal em 0,3 pontos; em 2007, em 0,5 pontos; em 2009, foi superior à média municipal em 0,7 pontos, mantidos na avaliação de 2011.

Esta característica se mantém, quando tratamos da avaliação do 9º ano. A EMEF Antônio de Godoy só superou a média municipal, em 2009, mas em apenas 0,1 pontos. Nos demais anos avaliados, a escola esteve abaixo da média municipal, com maior diferença para menos, na avaliação de 2011, com 0,9 pontos. Já a EMEF Herbert José de Souza obteve média inferior à média municipal, na avaliação do 9º ano, apenas em 2007, com diferença de 0,2 pontos. Nos demais anos, esteve acima da média do município, sendo que, em 2005, esteve 1,0 ponto acima da média municipal.

Em relação às médias estaduais, para a avaliação do 5º ano, ambas as escolas estiveram abaixo da média, ao longo dos sete anos, com diferença maior em relação à EMEF Antônio de Godoy. Em 2011, por exemplo, a EMEF Herbert José de Souza ficou apenas 0,1 ponto abaixo da média do estado, ao passo que a EMEF Antônio de Godoy obteve média inferior em 1,8 pontos. Em relação aos anos finais do Ensino Fundamental, a lógica se mantém. Como aconteceu em relação à avaliação do 5º ano, a EMEF Herbert José de Souza ficou abaixo da média estadual em quase todos os anos de avaliação, exceção apenas para o ano de 2005, em que esteve 0,3 pontos acima da média estadual. A EMEF Antônio de Godoy, em 2011, ficou 1,6 pontos abaixo da média estadual, na avaliação dos anos finais. No contexto do estado do Rio Grande do Sul, portanto, podemos afirmar que ambas as escolas se encontram abaixo da média estadual, de maneira geral.

Nos anos iniciais do Ensino Fundamental, o país vem apresentando um crescimento nas médias, ao longo destes sete anos, passando de 3,8 pontos, em 2005, para 5,0 pontos, em

2011. Embora com índices mais baixos, a avaliação do 9º ano tem acompanhado o crescimento dos anos iniciais, passando de 3,5 pontos, em 2005, para 4,1, em 2011. Tanto para a avaliação do 5º ano como para a avaliação do 9º ano, as médias nacionais são crescentes, não havendo estagnação, tampouco retrocesso em algum dos anos de avaliação. A EMEF Herbert José de Souza, em 2011, por exemplo, obteve a mesma média do país, na avaliação do 5º ano, embora tenha ficado 0,5 pontos abaixo, na avaliação do 9º ano. Este fato vem, mais uma vez, nos mostrar a discrepância entre os desempenhos dos alunos do quinto ano e os do nono ano. No quinto ano, a escola parece acompanhar as médias do país, enquanto, no nono ano mantém uma diferença para menos, desde 2007.

Na avaliação do 5º ano, a EMEF Antônio de Godoy mantém uma diferença para menos em 1,7 pontos em relação à média nacional, em 2011. Esta diferença só vem crescendo ao longo dos anos, observáveis a partir da diferença de 0,4 pontos para menos, em 2007; de 0,8 pontos, em 2009, culminando nos 1,7 pontos atuais. A EMEF Herbert José de Souza obteve médias superiores às nacionais, em todos os anos, para a 5º ano do Ensino Fundamental, com maior diferença, em 2005, quando esteve 0,4 pontos acima. Atualmente, mantém a mesma média do país para esta etapa escolar. O mesmo já não pode ser dito, em relação aos anos finais, em que a EMEF Herbert José de Souza só esteve acima da média nacional, em 2005, com 0,6 pontos a mais. Nos demais anos, a escola manteve a diferença para menos entre 0,5 pontos e 0,8 pontos. Diferença que vem diminuindo ao longo dos anos, o que é significativo para pensarmos no crescimento dos índices da escola. Para esta etapa escolar, a EMEF Antônio de Godoy mantém diferenças mais significativas em relação às médias nacionais. Embora esta diferença tenha diminuído nas avaliações de 2007 e 2009, em que se manteve em 0,7 pontos e 0,8 pontos, respectivamente, a diferença maior aparece em 2011, com 1,6 pontos para menos.

A fim de acompanhar as duas escolas pesquisadas, realizou-se um levantamento, através das atas de final de ano, disponibilizadas para estudo pela Secretaria Municipal de Educação – SMED, de Alvorada/RS.

O objetivo deste levantamento é poder comparar alguns dados de cada uma das escolas, a fim de identificar ou não variáveis que interfiram, positiva ou negativamente, nos desempenhos obtidos pelos alunos de cada uma delas. No quadro 15, podemos observar o número de turmas de primeira série e primeiro ano, no ano de 2007. O objetivo destes quadros é acompanhar estas turmas até a chegada no 7º ano, em 2013, quando avaliados por esta pesquisa. Além do número de turmas, podemos observar a quantidade de alunos em cada

turma, fator que acreditamos ser grande influenciador nos processos de aprendizagem. Outros dados importantes a serem analisados a partir deste levantamento dizem respeito aos índices de frequência/infrequência e aprovação/reprovação. Estes dados, além de influenciar nas aprendizagens, influenciam no resultado do Ideb, o que deve ser levado em conta para entendermos a diferença entre o maior Ideb do município – EMEF Herbert José de Souza – e o menor Ideb do Município – EMEF Antônio de Godoy.

3.2.1 EMEF Herbert José de Souza

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Herbert José de Souza, nome que homenageia o sociólogo mais conhecido como Betinho, organizador da Ação da Cidadania contra a Fome no Brasil, foi inaugurada em 24 de março de 2000. É composta de 16 salas de aula, refeitório, biblioteca, laboratório de informática, laboratório de aprendizagem, três quadras de esportes, uma quadra coberta e com arquibancadas e uma pracinha. Atualmente, está em processo de construção de um anfiteatro.

A escola funciona atualmente com 32 turmas, atendendo do 1º ano ao 9º ano do ensino fundamental, num total de 1200 educandos. Em 2005 trocou para o regime seriado, em substituição à proposta de Formação por Ciclos. A partir de 2006, iniciou-se a implantação do Ensino Fundamental em nove anos.

Entre os projetos que ocorrem na escola estão a coparticipação no projeto Embrião, Hora do Conto, Sábado Esportivo, Mais Educação, Robótica, todos com o objetivo de incentivar a cultura, a integração social, a busca de liberdades individuais e coletivas.

De acordo com a filosofia da escola, é preciso desenvolver a educação escolar na perspectiva da formação integral do educando, através da construção do conhecimento, de forma individual e coletiva, visando ao desenvolvimento de sujeitos autônomos, críticos, participativos, produtivos e éticos com responsabilidade social e sustentabilidade ambiental para a formação de uma sociedade mais justa, solidária e fraterna.

Em 2007, a escola Herbert José de Souza tinha sete turmas de ingressantes no Ensino Fundamental, sendo cinco turmas de 1º série e duas de 1º ano. Como foi o ano de implementação do Ensino Fundamental de nove anos, a escola ainda funcionava, em sistema de exclusão, com o sistema seriado.

Neste ano, totalizavam, então, 232 alunos ingressantes na escola, divididos em sete turmas, conforme quadro abaixo. Excluindo os infrequentes prolongados e os transferidos,

podemos afirmar que havia 204 alunos frequentes, ao longo de 2007. Destes, 35 alunos foram reprovados e 169 aprovados. Estes dados demonstram um índice geral de 17% de reprovação.

Das turmas de primeiro ano, especificamente, totalizavam 59 alunos, dos quais 52 foram aprovados, um foi reprovado e seis foram transferidos. Cabe ressaltar que o Ensino Fundamental de nove anos não prevê possibilidade de retenção no primeiro ano, o que, ao compararmos com os índices de reprovação dos alunos que ainda estavam na modalidade anterior justifica a transferência das reprovações para os anos seguintes.

Das cinco turmas da modalidade seriada, totalizamos 173 alunos, dos quais 117 foram aprovados, 33 reprovados e 12 foram transferidos, além dos 10 infrequentes. Excluindo-se os transferidos e infrequentes, ficamos com 151 alunos frequentes na modalidade seriada, dos quais 33 foram reprovados, ou seja, quase 22% dos alunos.

Em relação ao número de alunos, temos uma média de 33 alunos por turma, o que consideramos um número elevado, tendo em vista a idade das crianças, o nível de dependência e especialmente a responsabilidade com o início do processo de alfabetização.

Assim, cabe chamar atenção para o fato de que a turma com o menor número de alunos contava com 29 alunos, o que continua sendo um número elevado, tendo em vista que esta turma só tinha menos alunos do que as demais, em função de ter um aluno de inclusão, o que, segundo a lei, reduz o número de alunos da turma.

Quadro 17 - Herbert José de Souza - 2007 - 1º série/ano

	Modalidade	N.alunos	Apr	Repr	Transf	Infrequentes prolongados
T1	Série	37	27	6	3	1
T2	Série	34	18	10	2	4
T3	Série	32	25	6	1	0
T4	Série	34	22	6	2	4
T5	Ano	29	25	1	3	0
T6	Ano	30	27	0	3	0
T7	Série	36	25	5	4	1

Fonte: Secretaria Municipal de Educação de Alvorada/RS

Com o intuito de acompanhar a progressão destes alunos do primeiro ano ao sétimo ano do Ensino Fundamental, segue-se observando os anos seguintes. Em 2008, por exemplo, podemos observar que o número de turmas se mantém, em relação ao ano anterior. A média de alunos por turma também.

Quadro 18 - Herbert José de Souza - 2008 – 2º série/ano

	Modalidade	N.alunos	Apr	Repr	Transf	Infrequentes prolongados
T1	Série	41	35	4	2	0
T2	Série	37	32	3	1	1
T3	Série	37	27	7	3	0
T4	Série	35	21	11	2	1
T5	Ano	32	25	6	1	0
T6	Ano	26	17	6	2	1
T7	Ano	31	22	7	0	2

Fonte: Secretaria Municipal de Educação de Alvorada/RS

Já, em 2009, quando alunos do 3º ano, temos, ainda, a manutenção do mesmo número de turmas, com média de alunos em crescimento, passando dos 33 alunos para 35 alunos por turma. A partir de 2009, temos a exclusão total do sistema seriado, passando a escola a funcionar apenas com o sistema de nove anos.

Quadro 19 - Herbert José de Souza - 2009 – 3º ano

	Modalidade	N.alunos	Apr	Repr	Transf	Infrequentes prolongados
T1	Ano	31	23	5	3	0
T2	Ano	37	24	6	7	0
T3	Ano	32	29	2	1	0

Fonte: Secretaria Municipal de Educação de Alvorada/RS

Quando no 4º ano, passamos para um aumento significativo na média de alunos por turma, de 35 para 38 alunos. A média de alunos por turma vai, gradativamente, aumentando, à medida que se avançam os anos, ao mesmo tempo em que são mantidas as mesmas quantidades de turmas. Assim, temos um fator determinante para que as escolas não consigam o mesmo desempenho nas avaliações das séries iniciais e finais. Além do fim da unidocência, há um aumento do número de alunos por turma, o que, sem dúvida, torna mais difícil um trabalho efetivo, sobretudo, de leitura e produção textual.

Quadro 20 - Herbert José de Souza - 2010 – 4º ano

	Modalidade	N.alunos	Apr	Repr	Transf	Infrequentes prolongados
T1	Ano	37	27	6	2	0
T2	Ano	38	26	7	2	3
T3	Ano	41	26	6	7	2

Fonte: Secretaria Municipal de Educação de Alvorada/RS

Quadro 21 - Herbert José de Souza - 2011 – 5º ano

	Modalidade	N.alunos	Apr	Repr	Transf	Infrequentes prolongados
T1	Ano	37	28	6	2	1
T2	Ano	38	30	3	2	3
T3	Ano	39	32	2	4	1

Fonte: Secretaria Municipal de Educação de Alvorada/RS

Quadro 22 - Herbert José de Souza - 2012 - 6º ano

	Modalidade	N.alunos	Apr	Repr	Transf	Infrequentes prolongados
T1	Ano	38	26	10	2	0
T2	Ano	39	22	9	6	2
T3	Ano	35	20	13	2	0
T4	Ano	39	17	13	8	1

Fonte: Secretaria Municipal de Educação de Alvorada/RS

3.2.2 EMEF Antônio de Godoy

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Antônio de Godoy²¹ localiza-se na Rua Albion, 1256, na Vila Passo do Feijó, no Município de Alvorada/RS. Esta escola foi fundada em 21 de novembro de 1962, portanto, três anos antes da emancipação do próprio município. A escola desempenha um papel de extrema importância dentro da comunidade escolar em que está inserida, sendo o ponto de referência das pessoas que ali vivem. É considerada uma escola grande, funcionando nos três turnos escolares. Ao todo, são dez salas de aula, uma biblioteca com acervo de, aproximadamente, cinco mil exemplares. A escola conta ainda com um laboratório de informática, laboratório de aprendizagem, banheiros masculinos e femininos, banheiro para deficientes, cozinha, refeitório, secretaria, sala da equipe diretiva, duas salas para o Programa Mais Educação e a sala de professores.

Dentre os projetos que funcionam na escola, está o programa Escola Aberta, que é resultado da parceria entre a Prefeitura de Alvorada, a UNESCO e o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE). O objetivo do projeto é o desenvolvimento da educação, da cultura, do esporte e do trabalho para a juventude, a fim de promover uma cultura para a paz e o trabalho, na rede pública de ensino. O projeto prevê a abertura da escola nos finais de semanas para a realização das atividades. A escola é uma das três da rede

²¹ Antônio José de Godoy nasceu no Passo da Figueira, 3º distrito de Viamão - atualmente Vila Tijuca - e morreu aos 46 anos. Era agricultor e pecuarista.

municipal de ensino a oferecer o Programa Escola Aberta. Dentre as atividades promovidas pelo projeto estão oficinas de recreação, esporte, jogos, capoeira e reforço escolar.

A escola ainda conta com o Projeto Mais Educação, que visa ampliar a jornada escolar e a organização curricular do aluno, sob a perspectiva da Educação Integral. O programa também tem por meta ampliar espaço, tempo e oportunidades educativas para oferecer novas atividades educacionais e melhorar a qualidade de educação.

Para os alunos pertencentes ao programa são desenvolvidas atividades tais como: horta, letramento, matemática, pintura, xadrez, teatro, dança e atividades físicas. O programa funciona no turno inverso ao qual o aluno estuda. Dentre os objetivos do programa, estão o aumento do tempo de permanência do aluno na escola e o atendimento das crianças e adolescentes com uma proposta pedagógica diferenciada, que contribua para a formação integral do aluno. São priorizados para a participação no Projeto aqueles alunos que apresentam defasagens na aprendizagem, repetentes e os alunos com dificuldades motoras.

A biblioteca da escola – Assis Chateaubriand – usa como slogan a ideia de Paulo Freire, entendendo que a leitura precisa ser um ato de amor. Atualmente, está em processo de escolha por um novo nome. A biblioteca funciona nos três turnos, com atividades diferenciadas, entre elas, momento da leitura, hora do conto, pesquisas e empréstimo de livros. Em 2007, portanto, a escola Antônio de Godoy funcionava com seis turmas ingressantes de Ensino Fundamental, sendo cinco correspondentes a 1º séries e uma iniciando o Ensino Fundamental de nove anos. A média de alunos por turma, neste ano, para esta etapa escolar foi de 35 alunos. Os dados abaixo demonstrados correspondem à progressão dos alunos que serão sujeitos desta pesquisa, em 2013, quando no sétimo ano do Ensino Fundamental. No quadro 17, podemos observar que, em 2007, a EMEF Herbert José de Souza funcionava com sete turmas de ingressantes no Ensino Fundamental, uma a mais do que a EMEF Antônio de Godoy, no mesmo ano. Ao contrário da EMEF Antônio de Godoy que, em 2007, já tinha uma turma de 1º ano, as sete turmas da EMEF Herbert José de Souza eram de 1º série. Embora não muito significativa, a diferença na média de alunos por turma, em cada uma das escolas é de, mais ou menos, dois alunos para menos na EMEF Herbert José de Souza. Enquanto a média de alunos por turma na EMEF Antônio de Godoy era de 35 alunos, na EMEF Herbert José de Souza, a média era de, mais ou menos, 33 alunos.

Quadro 23 - Antônio de Godoy - 2007 – 1º ano

	Modalidade	N.alunos	Apr	Repr	Transf	Infrequentes prolongados
T1	Ano	29	25	0	3	1

Fonte: Secretaria Municipal de Educação de Alvorada/RS

Quadro 24 - Antônio de Godoy - 2008 – 2º ano

	Modalidade	N.alunos	Apr	Repr	Transf	Infrequentes prolongados
T1	Ano	31	18	11	2	0
T2	Ano	30	15	10	2	3

Fonte: Secretaria Municipal de Educação de Alvorada/RS

Quadro 25 - Antônio de Godoy - 2009 – 3º ano

	Modalidade	N.alunos	Apr	Repr	Transf	Infrequentes prolongados
T1	Ano	37	20	11	6	0
T2	Ano	32	23	7	2	0

Fonte: Secretaria Municipal de Educação de Alvorada/RS

Quadro 26 - Antônio de Godoy - 2010 – 4º ano

	Modalidade	N.alunos	Apr	Repr	Transf	Infrequentes prolongados
T1	Ano	28	23	0	5	0
T2	Ano	26	21	2	2	1

Fonte: Secretaria Municipal de Educação de Alvorada/RS

A fim de compreender a estrutura das duas escolas em diversos aspectos, realizou-se o levantamento do número de turmas, de alunos matriculados, de infrequentes, aprovados e reprovados, ao longo dos anos, desde que ingressantes no primeiro ano do Ensino Fundamental até o presente ano, em que se realiza esta pesquisa. A EMEF Antônio de Godoy não havia entregue as atas de final dos anos de 2011 e 2012 até o momento da finalização da pesquisa.

4 OS PERSONAGENS

Além do espaço em que se realizou a pesquisa, é importante identificar e caracterizar os sujeitos da mesma. São personagens principais dessa travessia os professores dos dois sétimos anos pesquisados e os alunos das respectivas turmas. Da EMEF Herbert José de Souza participaram oito professores e da EMEF Antônio de Godoy participaram sete professores. Trinta e sete alunos da EMEF Herbert José de Souza compunham o 7ºA pesquisado e vinte e sete alunos da EMEF Antônio de Godoy foram o 7ºA pesquisado.

4.1 OS PROFESSORES

Quadro 27 – Professores participantes da pesquisa

Herbert José de Souza	8
Antônio de Godoy	7

Elaborado pela autora

Em relação aos professores, na EMEF Herbert José de Souza, dos oito professores participantes, seis são do sexo feminino e dois são do sexo masculino. Na EMEF Antônio de Godoy, dos sete participantes, quatro do sexo feminino e três do sexo masculino. Levando em consideração as duas professoras que não aceitaram participar da pesquisa, teríamos sete professores do sexo feminino e três do sexo masculino.

Quadro 28 – Sexo dos sujeitos da pesquisa

	EMEF Herbert José de Souza		EMEF Antônio de Godoy	
	FEMININO	MASCULINO	FEMININO	MASCULINO
Professores	6	2	4	3

No quadro abaixo, a média de idade dos professores das duas escolas, demonstrando uma diferença de 5,6 anos entre eles, sendo o grupo mais velho o da EMEF Antônio de Godoy. O professor mais novo e o mais velho do total de professores participantes da pesquisa são da EMEF Antônio de Godoy. O mais novo tem 27 anos e o mais velho tem 57. O mais novo da EMEF Herbert José de Souza tem 30 anos e o mais velho tem 52 anos.

Quadro 29 – Idade média dos professores

EMEF Herbert José de Souza	EMEF Antônio de Godoy
33,6 anos	39,2 anos

Elaborado pela autora

O grupo de professores da EMEF Antônio de Godoy também é o que trabalha há mais tempo na escola. A média dos professores da EMEF Herbert José de Souza é de dois anos, enquanto a média da EMEF Antônio de Godoy é de 5,8 anos.

Quadro 30 - Média de anos na escola

ESCOLA A	ESCOLA B
2	5,8

Elaborado pela autora

A EMEF Antônio de Godoy apresenta o grupo de professores mais velhos, com mais tempo de escola e também com maior carga-horária de trabalho, com uma diferença de 19 horas semanais a mais do que os professores da EMEF Herbert José de Souza.

Quadro 31- Média da carga-horária semana

ESCOLA A	ESCOLA B
23,8	42,8

Elaborado pela autora

O número de escolas em que trabalham não é muito diferente, ficando entre uma ou duas escolas, nos dois grupos pesquisados.

Quadro 32 - Média de escolas em que trabalha

ESCOLA A	ESCOLA B
1,5	1,7

Elaborado pela autora

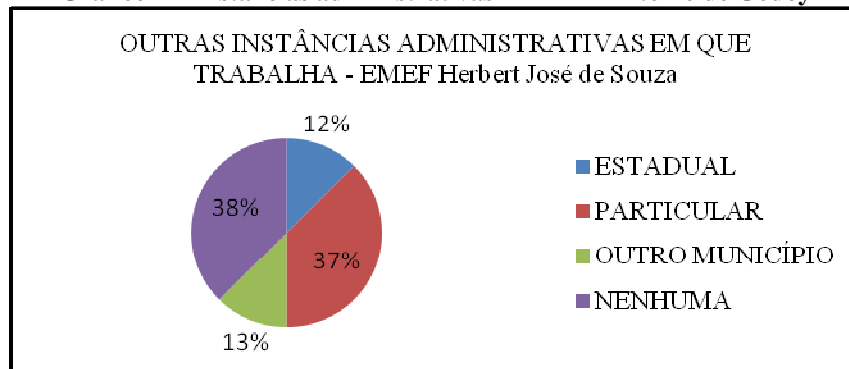
Embora a idade média dos professores não tenha variado muito, a média do tempo de exercício da profissão é 6,3 anos a mais na EMEF Antônio de Godoy. Assim, podemos afirmar que o grupo de professores da EMEF Antônio de Godoy é mais experiente, mais velho, é mais antigo na escola, trabalha em mais escolas e cumpre uma carga-horária semanal superior em relação ao grupo de professores da EMEF Herbert José de Souza.

Quadro 33 - Média de anos de exercício da docência

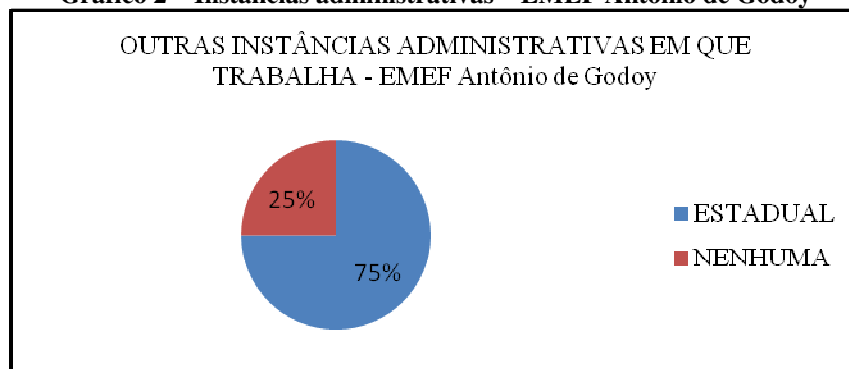
ESCOLA A	ESCOLA B
8	14,3

Elaborado pela autora

Além dos dados acima apresentados, cabe ressaltar que os professores da EMEF Antônio de Godoy trabalham somente na prefeitura de Alvorada e/ou na rede estadual de ensino, ao passo que, dentre os professores da EMEF Herbert José de Souza, há professores lecionando em outros municípios e também na rede particular.

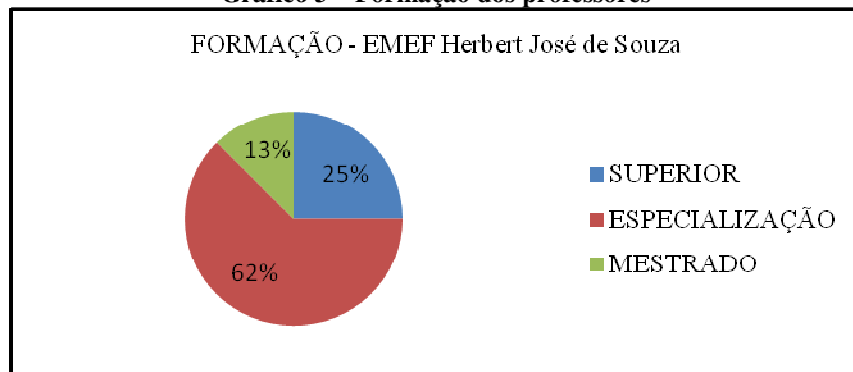
Gráfico 1 – Instâncias administrativas – EMEF Antônio de Godoy

Elaborado pela autora

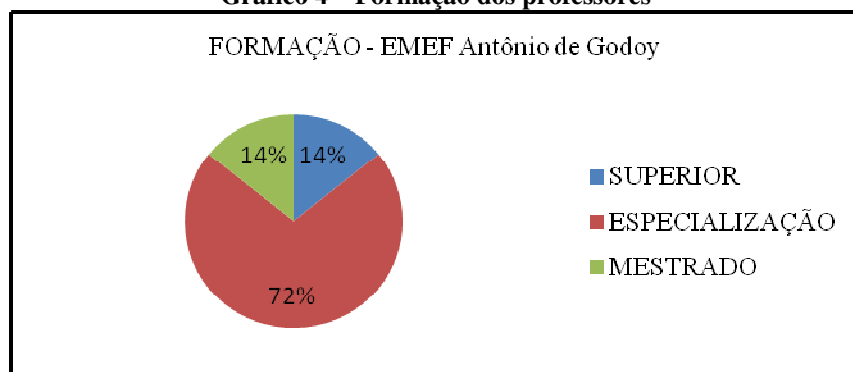
Gráfico 2 – Instâncias administrativas – EMEF Antônio de Godoy

Elaborado pela autora

No levantamento acerca da formação dos professores das duas escolas, é possível observar que a grande maioria dos professores possui Especialização, sendo que cada um dos grupos é composto por um professor com Mestrado. Nenhum professor possui doutorado e a minoria tem apenas a graduação.

Gráfico 3 – Formação dos professores

Elaborado pela autora

Gráfico 4 – Formação dos professores

Elaborado pela autora

Entre os professores apareceram poucas diferenças. Ambos grupos são predominantemente femininos, a média de faixa-etária e a média de escolas em que trabalham são semelhantes. Os professores da EMEF Antônio de Godoy trabalham há mais tempo na escola, exercem a docência há mais tempo e trabalham mais horas na semana. Não apareceram diferenças significativas na formação dos professores, sendo que os dois grupos possuem um professor com mestrado e a maioria tem especialização. As realidades com que convivem os professores são mais diversificadas na EMEF Herbert José de Souza, em que há professores lecionando nas redes particulares de ensino e em outros municípios, o que não ocorre com os professores da EMEF Antônio de Godoy, que exercem a docência apenas na rede estadual de ensino, além da rede municipal de Alvorada.

O grupo de professores da escola Herbert José de Souza leciona há menos tempo na escola do que os professores da escola Antônio de Godoy. Se por um lado, mais tempo na instituição significa maior conhecimento sobre o contexto escolar em que se está inserido, portanto, maior vínculo, por outro lado pode representar uma certa estabilidade nas práticas pedagógicas. Os professores com menos tempo de instituição, como é o caso dos da escola

Herbert José de Souza, podem apresentar mais empenho na constituição dos vínculos com a comunidade escolar. Partindo da premissa de que esta diferença representa a realidade da escola como um todo, pode-se supor que os professores recém chegados na instituição poderiam colaborar de forma mais significativa com os desempenhos dos alunos nas avaliações, uma vez que a escola Herbert José de Souza é a que obteve o maior Ideb no último ano de avaliação.

Além das médias de horas semanais apresentarem uma diferença que consideramos ser significativa, a escola Herbert José de Souza não apresentou nem um declarante de 60 horas semanais de trabalho, ao passo que na escola Antônio de Godoy, dois professores do 7º A trabalham 60 horas semanais. É de conhecimento geral o grande número de professores da rede pública de ensino que optam por trabalhar 60 horas semanais para aumentar o orçamento. É também de conhecimento geral que ao professor que exerce esta carga-horária de trabalho em sala de aula restam pouco tempo e energia para a elaboração de aulas, avaliações, correção de avaliações, elaboração de projeto e outras atividades docentes que influenciam diretamente na qualidade do trabalho desenvolvido em sala de aula.

4.2 OS ALUNOS

Em 2013, os alunos a serem observados estão no 7º ano do Ensino Fundamental. Embora não tenha havido a preocupação em verificar se os alunos do primeiro ano analisado (2007) são os mesmos do 7º ano do presente ano, os dados demonstram a progressão deste grupo ao longo da escolarização. No turno da manhã, a escola Herbert José de Souza tem dois 7ºs anos. Como os 7ºs anos da escola Antônio de Godoy funcionam apenas no turno da tarde, a turma escolhida para observação foi o 7º A, do turno da manhã. Com todos os dados é possível, também, traçar um paralelo entre os índices de repetência, infrequência, evasão e defasagem idade-série/ano; dados também relevantes. Ao todo foram pesquisados 64 alunos.

Quadro 34 – Alunos participantes da pesquisa

Herbert José de Souza	37
Antônio de Godoy	27

Elaborado pela autora

A turma observada na escola Herbert de Souza foi o 7ºA, referente ao 7º ano do Ensino Fundamental, tendo em vista que foram os alunos avaliados pela Provinha Brasil

2011, cujo resultado compõe o Ideb 2011, dado utilizado nesta pesquisa como referência. A turma era formada, no início do ano letivo, por 39 alunos. No momento da realização da pesquisa, a turma era frequentada por 37 alunos, em função de uma transferência e uma infrequência, conforme quadro 35 abaixo.

Quadro 35- Número de alunos – 7° A – Herbert José de Souza

Matriculados	Transferidos	Infrequentes	Frequentes
39	1	1	37

Elaborado pela autora

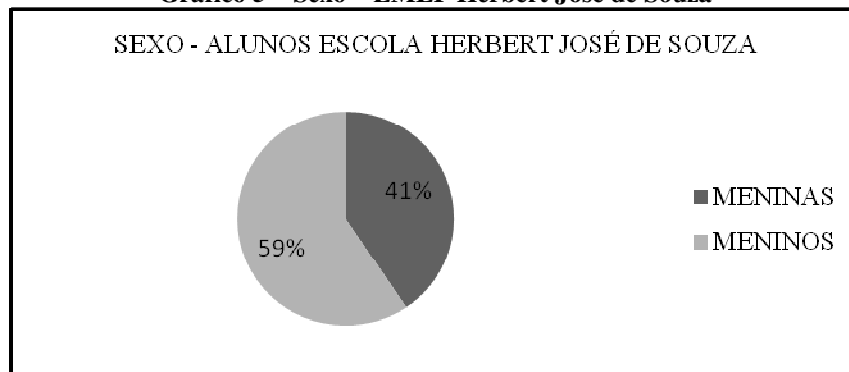
Os 37 alunos frequentes no momento da realização da pesquisa responderam ao questionário para identificação do perfil leitor (Apêndice D). O questionário foi realizado em um dia de falta de professor. Dois períodos foram necessários para que os alunos respondessem a todas as questões. Eles responderam ao mesmo tempo, sob orientação da pesquisadora que foi explicando o objetivo de cada questão e como deveriam respondê-la.

Seguindo os mesmos critérios descritos acima, a turma observada na escola Antônio de Godoy foi o 7° A. No momento da realização da pesquisa, a turma era frequentada por 24 alunos, em função das transferências e infrequências, conforme quadro abaixo. É preocupante o número de alunos infrequentes na escola Antônio de Godoy, principalmente se comparamos o número à escola Herbert José de Souza. O 7° ano da escola Herbert José de Souza tem 13 alunos a mais do que a outra escola. Observa-se aqui mais um dado contraditório, uma vez que, em teoria, quanto menos alunos em sala de aula, maior a aprendizagem. A escola Herbert José de Souza apresenta o maior Ideb 2011 do município de Alvorada e trabalha com turmas significativamente maiores, desde as séries/anos iniciais.

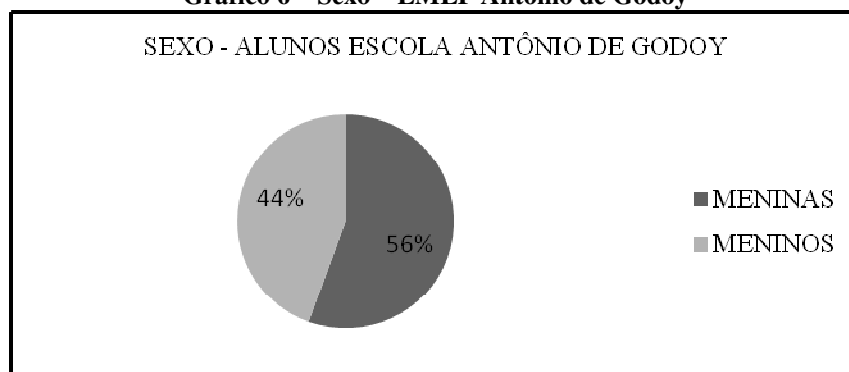
Quadro 36- Número de alunos – 7° A – Antônio de Godoy

Matriculados	Transferidos	Infrequentes	Frequentes
33	3	6	24

Em relação ao gênero a EMEF Herbert José de Souza apresenta uma proporção de 59% de meninos e 41% de meninas, ao passo que a EMEF Antônio de Godoy apresenta 56% de meninas e 44% de meninos, conforme demonstrado nos gráficos 5 e 6.

Gráfico 5 – Sexo – EMEF Herbert José de Souza

Elaborado pela autora

Gráfico 6 – Sexo – EMEF Antônio de Godoy

Elaborado pela autora

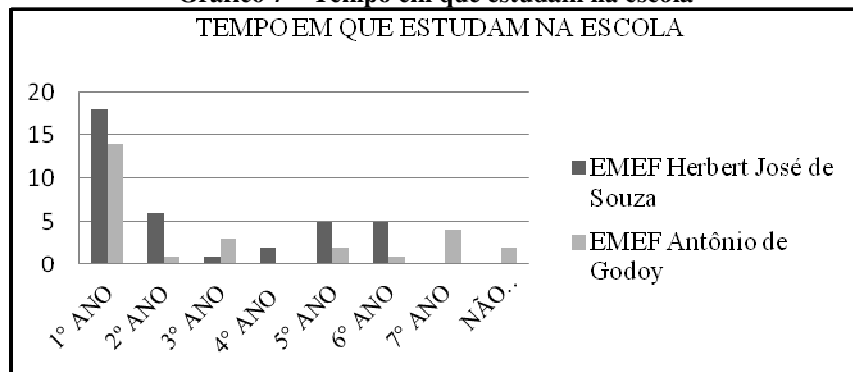
Quadro 37 – Sexo dos sujeitos da pesquisa

	EMEF Herbert José de Souza		EMEF Antônio de Godoy	
	FEMININO	MASCULINO	FEMININO	MASCULINO
Alunos	15	22	15	12

Elaborado pela autora

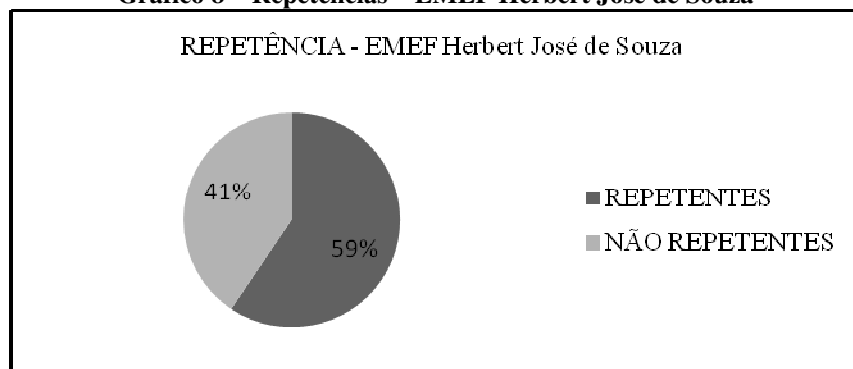
Tanto em relação aos professores, quanto em relação aos alunos, a EMEF Antônio de Godoy apresenta mais equilíbrio na composição dos grupos em relação ao gênero. Na EMEF Herbert José de Souza, o corpo docente do 7º A é predominantemente feminino, enquanto o corpo discente é predominantemente masculino.

Em relação ao tempo que os alunos estudam na escola, foi possível observar que a maioria frequenta a mesma escola desde o início da escolarização.

Gráfico 7 – Tempo em que estudam na escola

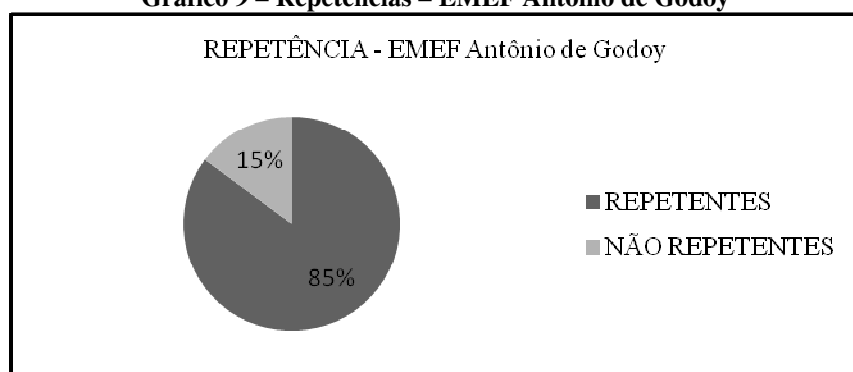
Elaborado pela autora

Dentre os alunos pesquisados, chama atenção o número de repetentes. Na EMEF Herbert José de Souza, 59% dos alunos já reprovaram alguma vez.

Gráfico 8 – Repetências – EMEF Herbert José de Souza

Elaborado pela autora

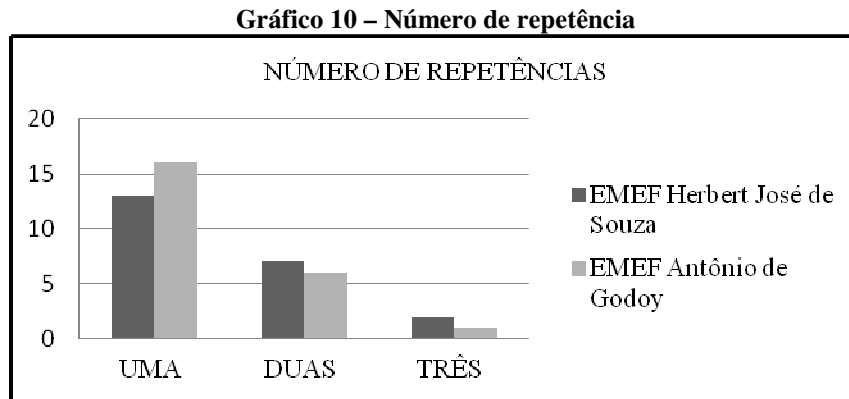
Na EMEF Antônio de Godoy, o índice de repetentes é ainda maior, totalizando 85% dos alunos.

Gráfico 9 – Repetências – EMEF Antônio de Godoy

Elaborado pela autora

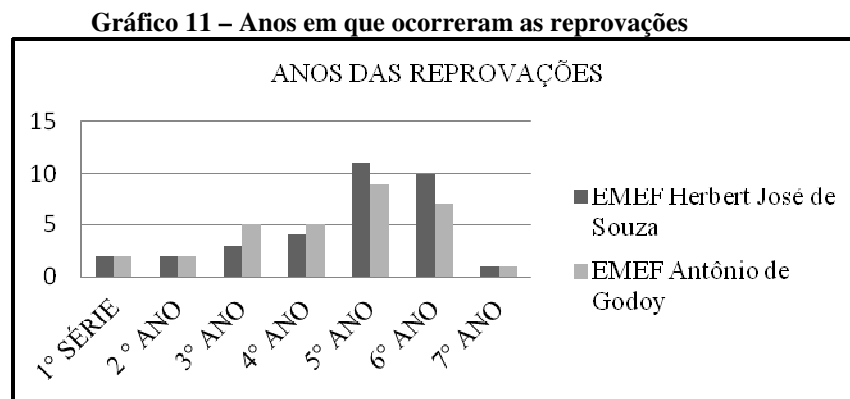
Do total de alunos repetentes das duas escolas, a grande maioria reprovou apenas uma vez e não houve declaração de alunos que tenham reprovado mais de três vezes. Como as

aprovações são componentes do cálculo do Ideb, o quadro abaixo corrobora o dado, uma vez que a EMEF Antônio de Godoy – menor Ideb – apresenta um índice de repentes significativamente superior à EMEF Herbert José de Souza.



Elaborado pela autora

Em relação às etapas escolares em que ocorreram as reprovações, os dados são compatíveis aos índices nacionais, que apontam a 5^o série/6^o ano como a etapa com os maiores índices de reprovação. No gráfico abaixo é possível observar que, em ambas as escolas, a maioria das reprovações ocorreram nos 5^o e 6^o anos.



Elaborado pela autora

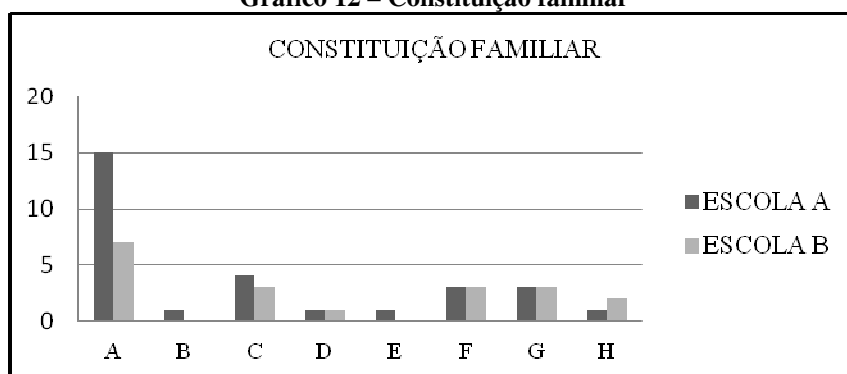
Além do alto índice de repentes na EMEF Antônio de Godoy, a constituição familiar dos alunos também pode ser levada em consideração não só para compreender as próprias repetências, como para a compreensão dos sentidos atribuídos à leitura, decorrentes do capital acumulado, em que a leitura para os menos escolarizados é menos valorizada. Assim, podemos observar, de acordo com o gráfico abaixo, que a maioria dos alunos da EMEF

Herbert José de Souza vive com pais e irmãos, enquanto os alunos da EMEF Antônio de Godoy vivem em composições familiares diversas.

Legenda

A	PAIS E IRMÃOS
B	PAIS, IRMÃOS, AVÓS
C	PAIS
D	MÃE
E	PAIS E AVÓS
F	MÃE E IRMÃOS
G	MÃE, PADASTRO E IRMÃOS
H	PAI, MADRASTA E IRMÃOS

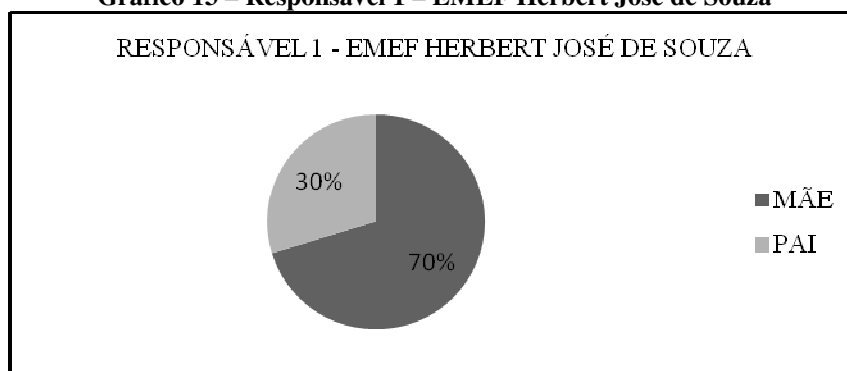
Gráfico 12 – Constituição familiar



Elaborado pela autora

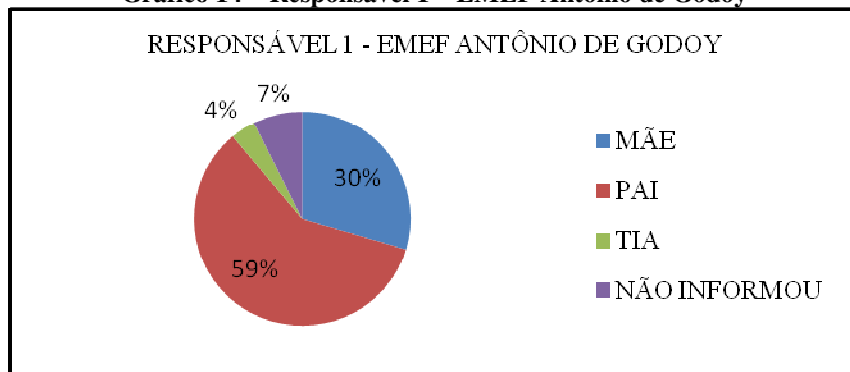
A diversidade na composição familiar observada pelo gráfico acima é reforçada pelo gráfico que aponta os responsáveis pelos alunos de cada uma das escolas. Enquanto na EMEF Herbert José de Souza somente pai e mãe apareceram na posição de responsável 1, na EMEF Antônio de Godoy, apareceram pai, mãe e tia e dois alunos não informaram, o que também é um dado relevante.

Gráfico 13 – Responsável 1 – EMEF Herbert José de Souza



Elaborado pela autora

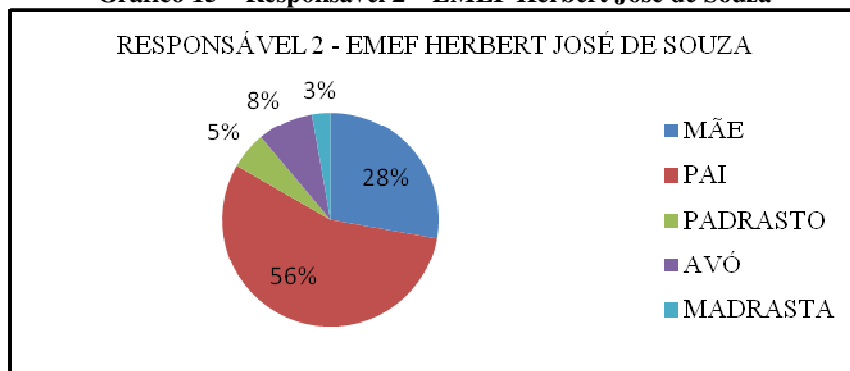
Gráfico 14 – Responsável 1 – EMEF Antônio de Godoy



Elaborado pela autora

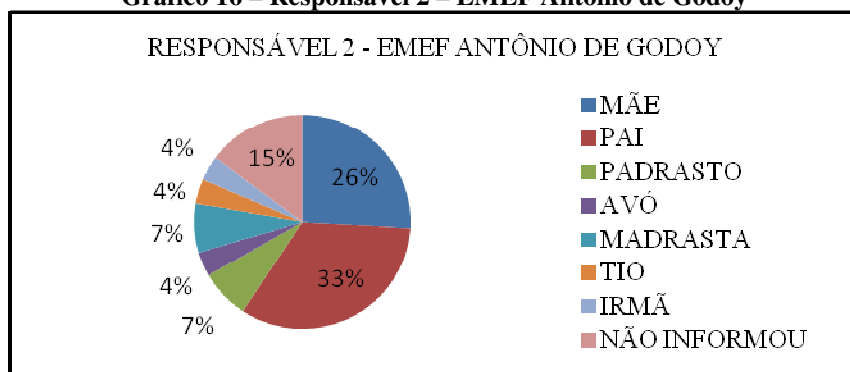
Na indicação do responsável 2, o número de responsáveis aumentou ainda mais em ambas as escolas, com maior variedade, mais uma vez, na EMEF Antônio de Godoy. Enquanto na EMEF Herbert José de Souza cinco familiares foram apontados como responsáveis, na EMEF Antônio de Godoy, houve sete familiares apontados como responsáveis e, mais uma vez, houve quem não indicou um segundo responsável.

Gráfico 15 – Responsável 2 – EMEF Herbert José de Souza



Elaborado pela autora

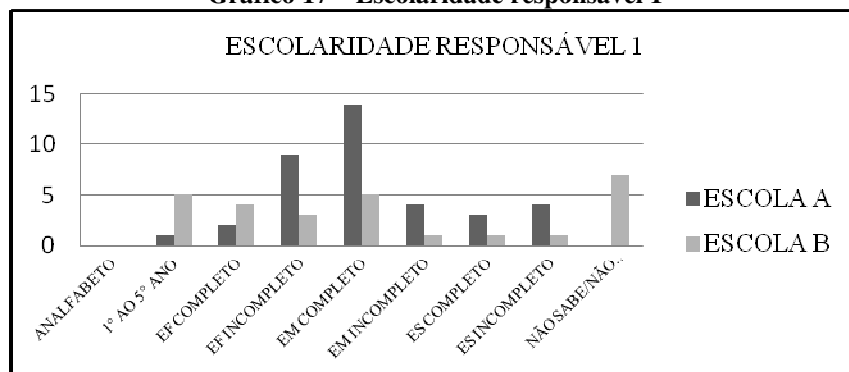
Gráfico 16 – Responsável 2 – EMEF Antônio de Godoy



Elaborado pela autora

Reforçando os dados acima apresentados, a escolaridade dos responsáveis indicados também ajuda a compreender o menor Ideb da EMEF Antônio de Godoy e, conseqüentemente, o possível desempenho inferior nas avaliações do Inep. A maioria dos responsáveis apontados primeiro, em ambas as escolas, possui Ensino Médio completo. Chama atenção a porcentagem de alunos da EMEF Antônio de Godoy que não soube responder a escolaridade do responsável, o que não deixa de demonstrar a (não) valorização da escolarização no ambiente familiar.

Gráfico 17 – Escolaridade responsável 1



Elaborado pela autora

Os elementos de identificação dos questionários respondidos por alunos e professores demonstram pouca diferença em relação aos professores e algumas diferenças significativas entre os alunos das duas escolas pesquisadas. Os dados obtidos estão de acordo com o perfil sócio econômico das regiões em que estão localizadas as escolas, tanto em relação aos professores quanto em relação aos alunos.

A turma da EMEF Herbert José de Souza é composta por maioria masculina, enquanto a turma da EMEF Antônio de Godoy é de maioria feminina, embora não significativamente. A quantidade de alunos por turma, em geral, é condicionante da qualidade, mas, de acordo com a nossa pesquisa, uma turma com dez alunos a menos não foi determinante para que o comportamento fosse melhor, tampouco o domínio da turma e o desenvolvimento das atividades. Embora com trinta e sete alunos em sala, número considerado grande, a rotina da EMEF Herbert José de Souza, de acordo com a pesquisa etnográfica, é muito mais tranquila e organizada do que a da EMEF Antônio de Godoy, cujo 7ºA tem apenas 27 alunos. Em ambas as escolas, a maioria dos alunos estuda na escola desde o início da escolarização, com menor entrada de alunos nos anos seguintes na EMEF Antônio de Godoy, o que poderia ser um fator contribuinte para a melhora do desempenho dos alunos. Este é um dado importante, quando

relacionado ao Ideb discrepante entre 4º série/5º ano e 8º série/9º ano, observado na EMEF Herbert José de Souza. Da mesma forma, a manutenção de baixos índices nas duas etapas avaliadas na EMEF Antônio de Godoy podem estar relacionados ao maior tempo que os alunos ficam na escola – do início da escolarização até o fim do Ensino Fundamental. Outro dado importante a ser relacionado aos Ideb's é o número de repetências, significativamente maior na EMEF Antônio de Godoy. Como elemento constituinte do Ideb, a escola precisa repensar avaliações e metodologias adotadas para a redução dos índices de repetência, sobretudo nos 5º e 6º anos. Embora não tenham aparecido diferenças significativas no nível de instrução dos responsáveis, nas duas escolas, a constituição familiar dos alunos da EMEF Antônio de Godoy apresenta maior diversidade de composição do que as famílias dos alunos da EMEF Herbert José de Souza, com o agravante de que o desconhecimento acerca da escolaridade dos responsáveis foi significativamente maior na primeira escola, em que, no momento do preenchimento do questionário, manifestaram muitas dúvidas, muitos inclusive afirmando que marcariam sem ter certeza de estar certo.

4.3 AS BIBLIOTECÁRIAS

Diante desse compromisso, para identificação do funcionamento das bibliotecas, as professoras responsáveis por elas, nas duas escolas, responderam ao questionário (Apêndice B), através do qual também foi evidente a importância da biblioteca nos dois espaços pesquisados, a começar pela escolha da professora responsável. A importância das bibliotecas escolares é evidenciada em todos os programas nacionais de incentivo à leitura, como, por exemplo, o Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE), Plano Nacional do Livro Didático (PNLD), Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL), entre outros. Os esforços em políticas públicas de incentivo à formação de leitores não são suficientes se atreladas a elas as escolas não assumirem o mesmo compromisso, uma vez que ela se constitui no meio para que estes livros cheguem às crianças, de forma a despertar o desejo de ler, inclusive às crianças que ainda não aprenderam a ler.

Em relação à formação das professoras responsáveis pelas bibliotecas, em 2013, a responsável pela biblioteca da EMEF Herbet José de Souza é uma pedagoga, cursando Especialização em Ensino de Artes e que assumiu a função de bibliotecária por seu desejo em trabalhar com a hora do conto e por amar os livros. Como ainda não é realidade nas escolas públicas a contratação de profissionais formados em Biblioteconomia e são os próprios

professores da escola que, por diferentes motivos, assumem tal função, o fato da escola permitir que uma professora que apresenta desejo de desenvolver um trabalho, que tem ideias para um eficiente funcionamento da biblioteca demonstra uma valorização deste espaço para a formação dos alunos. Ao contrário, a professora responsável pela biblioteca da EMEF Antônio de Godoy é graduada em Geografia e não respondeu a terceira pergunta sobre o motivo por que está na biblioteca. Embora não tenha respondido, a observação durante os dias em que a pesquisadora esteve inserida no universo da escola foi suficiente para compreender as motivações: perto da aposentadoria, com restrições médicas, delimitação de função e dificuldades em relacionar-se com os atuais alunos, expressas na própria fala da professora em conversas informais, levaram a escola a colocá-la na biblioteca, o que não deixa de demonstrar, dentro das possibilidades que a escola dispõe, a importância do espaço para o projeto pedagógico. Em conversas informais, também, mais de uma vez os professores reclamaram do não funcionamento da biblioteca, expressando descontentamento com a ausência do espaço e dos livros nos planejamentos dos professores.

As demais questões foram respondidas, conforme demonstrado no quadro 38:

Quadro 38 – Questionário bibliotecárias

QUESTÃO	BIBLIOTECÁRIA HERBERT JOSE DE SOUZA	BIBLIOTECÁRIA ANTÔNIO DE GODOY
Com que frequência os alunos vão à biblioteca?	Os alunos vão à biblioteca semanalmente. Há um dia específico para o aluno retirar livros, conforme o ano em que se encontra. Além disso, podem agendar horários para pesquisa.	Os alunos do 5º ano, são os que mais frequentam a biblioteca, com as professoras dos projetos.
Há horários fixos de visitação?	Aos anos iniciais � oferecida Hora do Conto quinzenal	Sim.

QUESTÃO	BIBLIOTECÁRIA HERBERT JOSE DE SOUZA	BIBLIOTECÁRIA ANTÔNIO DE GODOY
Quais são as atividades desenvolvidas?	Nos anos iniciais temos a Hora do Conto, onde as professoras da biblioteca realizam contações de histórias quinzenalmente. As histórias são selecionadas de acordo com a faixa-etária dos alunos. No turno da manhã, procuro selecionar duas histórias por quinzena: uma para os alunos do 1º ao 3º ano (6 a 8 anos) e a outra para o 4º ano (acima de 9 anos). Não temos 5º ano de manhã atualmente. Para cada história, fazemos uma atividade dirigida sobre o tema que a mesma apresenta. As histórias abordam temas diversos e as técnicas para contação, bem como as atividades realizadas variam bastante. A Parada Literária é destinada a todos os anos (iniciais e finais). Uma vez por semana a escola para todas as atividades durante 45 minutos para leitura. Além disso, temos Mostra de Trabalhos, Oficinas Literárias e Feira do Livro, com atividades dos alunos e também para os alunos. Também há concurso Aluno Leitor, com premiação aos melhores trabalhos em diferentes categorias.	Leitura em geral; estudo e leitura do ECA (direitos e deveres)
Os alunos levam livros para casa?	Sim.	Sim, não com muita frequência.
Com que frequência levam livros para casa?	Semanalmente.	Não, as retiradas são poucas.
A retirada de livros é opcional ou obrigatória?	Opcional, porém alguns professores desenvolvem trabalhos que exigem leituras dos alunos, incentivando-os a associarem-se na biblioteca e retirarem livros emprestados. Mas a maior parte dos associados retiram livros por iniciativa própria, por gosto pela leitura.	Opcional.
Qual a média de retiradas mensais?	Cada aluno retira em média quatro livros ao mês. Temos aproximadamente 300 alunos associados, o que representa cerca de 1200 livros emprestados, nos dois turnos, por mês.	Não respondeu.
A biblioteca é aberta à comunidade?	Há o desejo, mas no momento não é possível. Estamos estudando as alternativas.	Sim.

QUESTÃO	BIBLIOTECÁRIA HERBERT JOSE DE SOUZA	BIBLIOTECÁRIA ANTÔNIO DE GODOY
Qual é o acervo da biblioteca? Como ele é renovado?	O acervo não é muito atualizado, há bastante livros, mas muitos estão fora do ideal que corresponde a no máximo 10 anos de uso. Como não há condições de descartarmos os livros antigos, pois ficaríamos muito defasados de títulos disponíveis, mantemos estas obras em meio aos livros mais recentes. Destes, parte foram enviados pelo MEC, parte são doados pela comunidade escolar, e por último, adquiridos pela escola. Não há muito recurso para aquisição de livros, mas sempre que possível procuramos adquirir alguns exemplares. Também costumamos arrecadar dinheiro no ato da associação do leitor. Cada sócio da biblioteca contribui com R\$ 1,00 ou um livro/gibi no momento da confecção de sua carteira de sócio. Com essa arrecadação, compra-se livros também. Temos registro de cerca de 3120 livros, mas não foi possível ainda verificar as “baixas” destas obras.	É renovado com doações de empresas privadas e com remessas de livros enviadas pelo MEC.
Há algum projeto da biblioteca destinado às séries finais do Ensino Fundamental?	Parada Literária, oficinas literárias e Concurso Aluno Leitor. Pretendemos realizar alguma atividade similar à Hora do Conto, mas ainda não conseguimos viabilizar.	Os projetos atuais, não são específicos da biblioteca. São elaborados e direcionados pelos professores.
Há algum entrave para o desenvolvimento do trabalho na biblioteca? Quais?	Há apenas uma professora responsável pelo turno. O ideal seria ter duas, para darmos conta do atendimento ao público, planejamento, confecção de material e prática de contação de histórias. Quando uma atividade está se realizando as outras ficam suspensas. Pouco espaço físico e infraestrutura para melhor atendimento. Falta de informatização da biblioteca e de equipamentos para pesquisa digital. Falta de recursos financeiros para aquisição de acervo.	Não existe nenhum entrave.

Elaborado pela autora

De acordo com as respostas dadas pelas professoras, é possível observar uma diferença significativa na importância da biblioteca nos dois espaços. Embora não corresponda diretamente aos Ideb's das duas escolas, não pode ser deixada de lado, uma

vez que a leitura é um dos elementos avaliados para composição do Ideb. Mais do que um espaço privilegiado de formação de leitores, a seriedade com que a biblioteca é conduzida no espaço escolar comunica aos alunos o valor que a escola atribui à leitura.

Em relação à frequência dos alunos à biblioteca, na EMEF Herbert de Souza há uma regularidade, a ida à biblioteca faz parte da rotina dos alunos, ao passo que na EMEF Antônio de Godoy a professora não respondeu a frequência com que os alunos vão à biblioteca, fazendo referência à etapa escolar que é mais frequente e às professoras dos projetos, sem elucidar a que projetos estava referindo-se. A resposta da professora evidencia a falta de projetos da própria biblioteca para atendimento de todos os alunos. Apesar da primeira resposta, a mesma professora afirma que há horários fixos de visitação, dando a entender que não compreendeu a pergunta, uma vez que se não h a frequência rotineira dos alunos à biblioteca, não   possível que haja horários fixos de visitação. Parece que a professora referia-se ao fato de que a biblioteca tem horários e que os alunos são podem frequent -la nestes horários. Já na EMEF Herbert José de Souza os alunos frequentam a biblioteca semanalmente, para retirada de livros. Além disso, a professora disponibiliza horários para que os professores façam agendamento e levem as turmas   biblioteca. Os alunos dos anos iniciais do ensino fundamental participam quinzenalmente da Hora do Conto, atividade que não ocorre na EMEF Antônio de Godoy.

Na questão sobre as atividades desenvolvidas, apenas o tamanho das respostas já evidencia o que ocorre ou não no espaço. Na EMEF Herbert José de Souza, há atividades de leitura para as séries iniciais e finais, bem como projetos envolvendo a escola inteira. Na EMEF Antônio de Godoy, a professora foi lac nica ao responder, sugerindo que as atividades realizadas são de leituras em geral e do ECA, e que quem quer ler, vai à biblioteca, sem exemplificar de que forma isso ocorre, quem conduz e em que projeto está inserida esta leitura.

Quando perguntados sobre quem mais os incentiva a ler, os alunos declaram, em maioria, que são os responsáveis os mais incentivadores, contrariando os dados da pesquisa do IPL, que indicaram, em 2011, a substituição da mãe pelo professor, como maior responsável pelo incentivo à leitura.

A biblioteca da EMEF Herbert José de Souza não é aberta à comunidade, mas, segunda a professora responsável, a escola tem interesse de que ela seja e estuda possibilidades. Na EMEF Antônio de Godoy, a professora afirma que a biblioteca é aberta à comunidade, mas não relata de que forma este acesso é realizado, tendo em vista de que nem

os alunos têm acesso sistemático a ela. Entende-se, portanto, que a biblioteca existe, está aberta a todos, mas espera que o interesse parta das próprias pessoas, sem que haja esforços para que seja frequentada ou seja atrativa à comunidade escolar.

Em relação ao acervo, mais uma vez, a EMEF Herbert José de Souza demonstra maior preocupação com a manutenção e renovação do que a EMEF Antônio de Godoy. Segundo a professora da primeira escola, há bastantes livros desatualizados, mas a escola busca alternativas para não depender exclusivamente das doações federais. A questão da associação aparece como grande influenciadora do envolvimento com a biblioteca e a visibilidade da mesma diante dos alunos e da comunidade escolar.

O atendimento às séries finais do Ensino Fundamental – foco desta pesquisa – demonstra diferença significativa, uma vez que a biblioteca da EMEF Antônio de Godoy não apresenta projetos elaborados pela biblioteca, confirmando novamente a existência da biblioteca apenas como espaço disponível a quem se interessar. A professora da EMEF Herbert José de Souza além de relatar os projetos já existentes, identifica a necessidade de um momento semelhante à Hora do Conto, destinada às séries iniciais.

Para concluir o levantamento destinado às bibliotecas das duas escolas pesquisadas, foi solicitado que as professoras relatassem os entraves para o desenvolvimento do trabalho. Com todas as atividades realizadas na EMEF Herbert José de Souza, a professora ainda listou uma série de melhorias que seriam necessárias para que o trabalho da biblioteca fosse ainda mais significativo. A professora da EMEF Antônio de Godoy relatou não haver entraves, o que sugere o entendimento de que não há nada de diferente a ser feito.

Os alunos de ambas as escolas podem levar livros para casa, mas em função da EMEF Herbert José de Souza disponibilizar horários sistemáticos de ida à biblioteca, os alunos criam o hábito de levar livros para a casa toda a semana. Já na EMEF Antônio de Godoy, a retirada de livros é realizada de forma totalmente espontânea, não estando atrelada aos projetos da escola e/ou exigência dos professores. Na questão seguinte, ambas as professoras afirmam que as retiradas são opcionais, mas a bibliotecária da EMEF Herbert José de Souza afirma que, como os professores desenvolvem projetos e incentivam os alunos a associarem-se e a retirarem livros, as retiradas são frequentes. A inexistência de incentivo e de projetos motivadores, na EMEF Antônio de Godoy, faz com que as retiradas sejam menos frequentes.

Mais uma evidência de que a retirada de livros na EMEF Antônio de Godoy seja quase inexistente está no fato da professora não ter respondido a questão referente às retiradas mensais, as quais foram quantificadas pela professora da EMEF Herbert José de Souza,

demonstrando conhecimento não apenas acerca das retiradas, mas do número de alunos associados, fato não referido pela outra professora em nem uma das questões.

A não participação da biblioteca no currículo escolar, nas práticas cotidianas e no projeto pedagógico da escola pode levar os alunos a atribuírem à biblioteca sentidos negativos, de onde pode decorrer a compreensão, por associação, da própria leitura como negativa. Como as práticas de leitura para as quais olhamos são as que ultrapassam a questão da alfabetização, o problema que está posto já não diz mais respeito a como fazer com que as crianças adquiram o código escrito, identifiquem as letras, leiam as palavras, as frases, o que seja. O grande desafio que as instituições escolares, em todos os níveis, têm que enfrentar diz respeito ao letramento. O que compreendem, se compreendem e como compreendem? É Foucambert (1994, p. 34) que elucida: “As intervenções necessárias para cada criança são diferentes daquelas até agora exigidas pelos simples objetivos da alfabetização.” É oportuna, portanto, a preocupação da professora responsável pela biblioteca da EMEF Herbert José de Souza com a existência de um momento semelhante à Hora do Conto para os alunos das séries finais. Com esta prática, a biblioteca preencheria uma lacuna em relação às atividades de leitura, mais difíceis de serem preenchidas pelos professores das diferentes disciplinas: a leitura que não precisa ser medida, quantificada, nem precisa ter um objetivo pré-definido pelo professor. A biblioteca poderia se constituir em espaço para a leitura por prazer, por lazer, simplesmente. Segundo Colomer & Camps (2002, p. 73):

Não há modelos a seguir nem atividades que lhe ensinem como pode utilizar a informação que o texto oferece, como pode recorrer a seus conhecimentos, como podem relacionar-se uns e outros, etc. O professor, além disso, não pode saber que processos o aluno segue na construção do significado. A suposição de que o grau de compreensão alcançado pode ser deduzido de um número maior ou menor de respostas corretas não corresponde à realidade, já que a lembrança apenas reflete a compreensão de um texto se não for meramente quantitativa, mas, ao contrário, reflete uma representação bem organizada do significado do texto.

Embora nenhuma das professoras tenha feito referência explícita à importância da leitura, mais especificamente, à importância da biblioteca na formação de leitores, a professora da EMEF Herbert José de Souza, mesmo que intuitivamente, parece ter conhecimento sobre a importância do seu trabalho para a escola e para os alunos.

4.4 A LEITURA

Sabemos que o espaço destinado à leitura está, ainda, muito atrelado à racionalidade instrumental, que há necessidade de objetivos concretos e verificações, o que torna o trabalho com a leitura, sobretudo, a experiência estética da leitura, quase impossível de ser realizado. Embora a importância do trabalho da biblioteca escolar seja inquestionável, é importante lembrarmos, como muito bem esclarece Actis (2007, p. 107), de que “el desarrollo de las competencias de lectura entendidas en términos de proceso solo puede ser resultado de una tarea programada, conjunta y consensuada entre los diversos niveles educativos.”, portanto não pode resumir-se àquilo que a biblioteca se propõe a desenvolver, mas deve se constituir em um trabalho sério, organizado e coletivo que protagonize a leitura no cotidiano escolar, com o objetivo de desenvolver nos alunos todas as dimensões em que a leitura pode colaborar na formação de nossos jovens. Explicitamos a seguir, pelas palavras de Antunes (2003, p. 70), a que dimensões nos referimos:

A atividade da leitura favorece, num primeiro plano, a ampliação dos repertórios de informação do leitor. Na verdade, por ela, o leitor pode incorporar novas idéias, novos conceitos, novos dados, novas e diferentes informações acerca das coisas, das pessoas, dos acontecimentos, do mundo em geral.

Se, como afirma Foucambert (1994, p. 28): “A leitura permanece no centro das preocupações tanto da escola e dos pais quanto da formação de adultos e da política cultural”, é importante tornar claro o que entendemos por práticas de leitura, ao longo deste trabalho. Em sentido amplo, as práticas de leitura são entendidas como todas as atividades em que o ato de ler seja a ação principal, ou seja, praticar a leitura significa, em última instância, ler.

A pesquisa realizada demonstra o privilégio da dimensão da leitura como ampliação do repertório dos alunos. Leem para aprender os conteúdos das mais diversas disciplinas do currículo, sem que, para isso, sejam ensinados. Não houve, durante o tempo de acompanhamento das aulas, qualquer forma de orientação aos alunos no modo como deveriam realizar as leituras solicitadas pelos professores. Os objetivos das leituras variaram pouco, com predominância significativa da leitura para responder a questionários. Partindo da hipótese de que quanto maior for o conhecimento acerca do processo de compreensão leitora, maiores serão as possibilidades dos professores criarem as condições necessárias para o desenvolvimento desse processo cognitivo, um dos objetivos da etnografia foi justamente observar a fundamentação dos professores em relação à leitura. Com base nas etnografias,

foram selecionadas, primeiramente, seis categorias, a saber: cópia do quadro, uso do livro didático, atividades para casa, avaliações, atividades de leitura e textos utilizados. O levantamento realizado encontra-se sistematizado no Apêndice H.

No quadro 43, abaixo, é possível verificar as ocorrências das atividades de leitura.

Quadro 39– Atividades de leitura

ESCOLA	TOTAL DE ATIVIDADES
Herbert José de Souza	13
Antônio de Godoy	14

Elaborado pela autora

A quantidade de atividades de leitura realizadas demonstram que não houve diferença entre uma escola ou outra, o que contradiz a hipótese de que na EMEF Herbert José de Souza os alunos leem mais, o que poderia colaborar para um Ideb maior. Tendo em vista que a etnografia durou um dia a mais na EMEF Antônio de Godoy, poderíamos afirmar que ambas as escolas realizaram a mesma quantidade de leituras, ao longo dos períodos de observação.

Quadro 40 - Atividades de leitura – EMEF Herbert José de Souza

ATIVIDADE	OBJETIVO	DISCIPLINA	SUPORTE	METODOLOGIA
1	Responder ao questionário	História	Livro didático	Leitura pelo professor
2	Responder ao questionário	História	Livro didático	Leitura pelo professor
3	Responder ao questionário	Português	Livro didático	Leitura silenciosa
4	Responder ao questionário	História	Livro didático	Leitura pelo professor
5	Responder ao questionário	Cultura Religiosa	Fotocópia	Leitura silenciosa
6	Responder ao questionário	Ciências	Fotocópia	Leitura pelo professor
7	Responder ao questionário	História	Livro didático	Leitura pelo professor
8	Responder ao questionário	Ciências	Fotocópia	Cada aluno lê um pedaço
9	Informar-se	Ciências	Fotocópia	Cada aluno lê um pedaço
10	Responder ao questionário	Geografia	Livro didático	Leitura silenciosa
11	Responder ao questionário	Português	Livro didático	Cada aluno lê um pedaço
12	Responder ao questionário	Ciências	Livro didático	Leitura silenciosa
13	Responder ao questionário	Português	Livro didático	Cada aluno lê um pedaço

Elaborado pela autora

Quadro 41 – Atividades de leitura – EMEF Antônio de Godoy

ATIVIDADE	OBJETIVO	DISCIPLINA	SUPORTE	METODOLOGIA
1	Produção textual	Cultura Religiosa	Fotocópia	Leitura pelo professor
2	Produção textual	Português	Fotocópia	Leitura pelo professor
3	Responder ao questionário	Ciências	Livro didático	Cada aluno lê um pedaço
4	Responder ao questionário	Português	Fotocópia	Cada aluno lê um pedaço
5	Responder ao questionário	Cultura Religiosa	Fotocópia	Cada aluno lê um pedaço*
6	Informar-se	Arte Educação	Fotocópia	Cada aluno lê um pedaço
7	Responder ao questionário	História	Livro didático	Cada aluno lê um pedaço
8	Participar de uma brincadeira	Português	Fotocópia	Leitura silenciosa
9	Responder ao questionário	História	Livro didático	Cada aluno lê um pedaço
10	Informar-se	Português	Fotocópia	Leitura pelo professor
11	Responder ao questionário	Português	Fotocópia	Cada aluno lê um pedaço
12	Ler	Português	Livros de poemas	Leitura silenciosa
13	Informar-se	Ciências	Livro didático	Cada aluno lê um pedaço
14	Ler	Português	Livros de poemas	Leitura silenciosa e oral

* “Quem estiver conversando vai ser chamado para ler.” Etnografia.

Elaborado pela autora

Especificamente em relação à EMEF Herbert José de Souza, do total das 13 atividades de leitura realizadas durante o período da etnografia, todas tiveram como objetivo responder a questões, ora do livro didático, ora passadas no quadro pelo professor. Dos suportes utilizados, das 13 atividades, em 9 os textos estavam no livro didático e quatro foram textos fotocopiados pelos professores, o que confirma a ideia de que não há diversidade nem de gêneros nem de suportes. A metodologia utilizada variou apenas entre leitura oral pelos professores ou pelos alunos e leitura silenciosa.

Na EMEF Antônio de Godoy, os objetivos variaram mais, com duas propostas de produção textual a partir de leituras realizadas, participação em atividade lúdica e o ler pelo simples fato de ler, sem objetivos posteriores. Os suportes também variaram mais, aparecendo

livros de poemas e fotocópias de textos, tirando o livro didático como suporte mais utilizado, ao contrário do que ocorreu na EMEF Herbert José de Souza. Em relação à metodologia, ambas as escolas variaram apenas entre leitura oral pelos professores e alunos e leitura silenciosa. À leitura oral realizada pelos alunos, acrescenta-se um comentário, uma vez que o professor orientou a leitura como castigo, ao dizer que quem estivesse conversando seria chamado para ler.

Quadro 42– Disciplinas em que foram realizadas as atividades – EMEF Herbert José de Souza

1	Ciências	4
2	História	4
3	Português	3
4	Cultura Religiosa	1
5	Geografia	1

Elaborado pela autora

Quadro 43 – Disciplinas em que foram realizadas as atividades – EMEF Antônio de Godoy

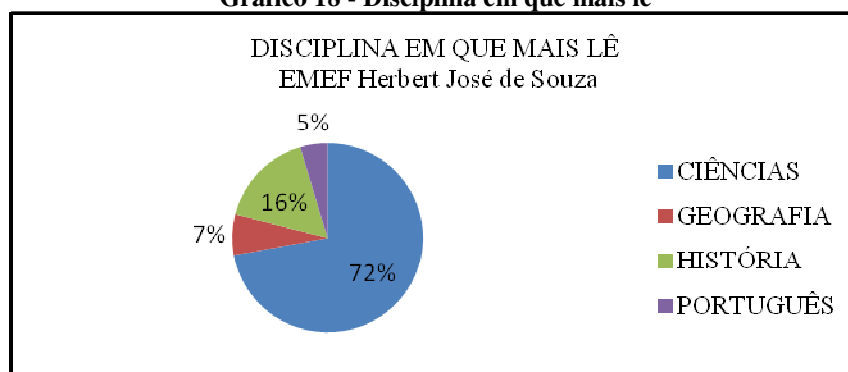
1	Português	7
2	História	2
3	Cultura Religiosa	2
4	Ciências	1

Elaborado pela autora

Das nove disciplinas curriculares, apenas em cinco os alunos realizaram atividades de leitura, na EMEF Herbert José de Souza. As disciplinas em que os alunos não realizaram atividades de leitura, durante o tempo de realização da etnografia foram: Inglês, Matemática, Educação Física e Arte Educação.

Das nove disciplinas curriculares, na EMEF Antônio de Godoy, apenas sete foram participantes da pesquisa, entre as quais em apenas quatro foram realizadas atividades de leitura, conforme quadro 47. As disciplinas de Inglês e Educação Física – não participantes da pesquisa – também não apareceram no quadro de atividades da EMEF Herbert José de Souza, o que nos leva a pensar que, provavelmente, elas não apareceriam também na EMEF Antônio de Godoy, principalmente, por esta ter sido esta a justificativa dada pelas responsáveis pelas disciplinas, ao não aceitarem participar da pesquisa.

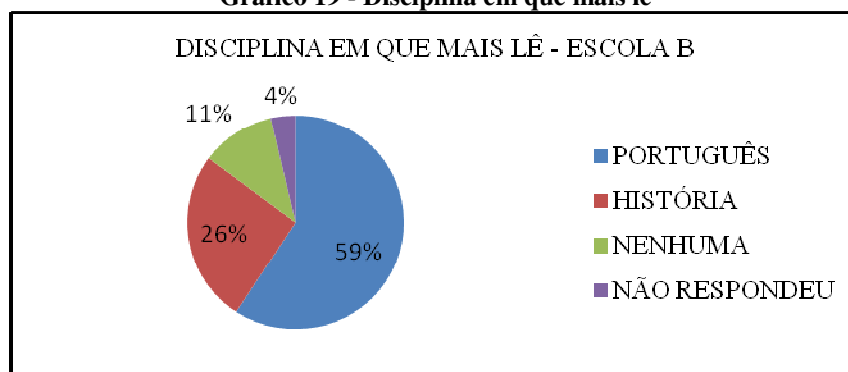
De acordo com o questionário de identificação do perfil leitor (APÊNDICE D), aplicado aos alunos, a disciplina de Ciências foi a apontada pelos alunos como a disciplina em que eles mais leem, conforme gráfico 48:

Gráfico 18 - Disciplina em que mais lê

Elaborado pela autora

De acordo com o levantamento realizado a partir da etnografia, as respostas dadas pelos alunos confirmam o que foi observado. A disciplina de Ciências como a que eles mais leem, seguida da disciplina de História, Geografia e Português, seguindo exatamente a mesma ordem das elencadas nos quadros 46 e 47. É importante ressaltar que as disciplinas em que não foram contabilizadas atividades de leitura também não foram citadas pelos alunos, à exceção de Cultura Religiosa, em que houve uma atividade de leitura. Relacionando o resultado da etnografia ao questionário dos alunos, chegamos a conclusão de que, embora tenha sido observada apenas uma atividade de leitura em Geografia, elas ocorrem com mais frequência, enquanto a única atividade de Cultura Religiosa contabilizada parece ser, de fato, esporádica.

A evidência de que os alunos identificam as disciplinas em que leem mais indica que são estas as disciplinas e, conseqüentemente, estes professores os responsáveis pelos sentidos atribuídos à leitura, durante esta etapa escolar dos alunos. Por isso a importância da compreensão dos objetivos explicitados para estas leituras, das orientações que são dadas, dos textos lidos e das metodologias utilizadas. Em síntese, o lugar que a leitura ocupa no contexto escolar em que estão inseridos estes alunos. Nesse sentido, já há indícios de que os alunos não compreendem a leitura para além da sua dimensão informativa.

Gráfico 19 - Disciplina em que mais lê

Elaborado pela autora

Em relação aos dados da EMEF Antônio de Godoy também houve confirmação do observado através da etnografia e o exposto pelos alunos no questionário de identificação do perfil leitor. A disciplina de Português, apontada pelos alunos como a disciplina em que mais leem, também foi a em que mais foram contabilizadas atividades de leitura, seguida da disciplina de História, também indicada pelos alunos. As duas atividades de Cultura Religiosa e a única de Ciências parecem não fazer parte da rotina, uma vez que 11% dos alunos afirmaram não haver uma disciplina em que mais leem.

Cabe ressaltar que a afirmação não contempla as leituras de ordens de exercício, nem o pressuposto de que ao copiar do quadro, os alunos leem, tampouco as leituras de bilhetes, quadros de aviso, etc. Na disciplina de Arte Educação, por exemplo, durante todo o tempo de realização da etnografia, havia uma estagiária do curso de dança, que desenvolveu um trabalho de expressão corporal. Sabemos que também faz parte da leitura, mas para a sistematização realizada até agora, foram levadas em consideração as atividades em que os alunos foram solicitados a ler explicitamente textos escritos. Para tanto, é importante ressaltar o entendimento acerca da leitura adotado neste trabalho. Partimos da ideia de Foucault (1997, p. 105) de que só podemos pensar na transformação do ensino a partir da clareza na compreensão do entendemos por leitura:

O olhar sobre o escrito não é separável da compreensão que o orienta. Assim, a que comportamento nos referimos quando falamos hoje em leitura? É somente a partir dessa explicação que será possível apreciar a transposição que todo ensino necessita, a transposição do conhecimento e, mais ainda, das condições de sua elaboração.

A que ato de ler nos referimos, ao longo do texto, pode ser muito bem compreendido pelo que nos diz Giardinelli (2010, p. 40):

Ler, pois, como um ato de inteligência. Como trabalho intelectual.

Entendendo, interpretando. Isso é o que queremos. E isso é o que nos preocupa porque vivemos em um mundo no qual os signos já não são somente escritos; hoje estão em movimento e tudo os sacode.

Complementando o ato de ler acima explanado, Soares (2008, p. 31) também esclarece de que ação estamos tratando:

Assim, ler, sob a perspectiva de sua dimensão individual, é um conjunto de habilidades e conhecimentos linguísticos e psicológicos, estendendo-se desde a habilidade de decodificar palavras escritas até a capacidade de compreender textos escritos. Não são categorias polares, mas complementares: ler é um processo de relacionamento entre símbolos escritos e unidades sonoras, e é também um processo de construção da interpretação de textos escritos.

Foucambert (1997, p. 79) ajuda a distinguir e ao mesmo tempo deslindar a leitura no sentido que a adotamos:

Ler não é traduzir, mas sim compreender. Aprender a ler é, portanto, desenvolver os recursos para essa relação direta da escrita com o significado. Ter controle sobre a leitura é assegurar-se de que o texto seja percebido em suas intenções e em suas possibilidades e em relação com outros numa rede, é assegurar-se de que ele seja interpretado e não simplesmente pronunciado.

De acordo com os dados obtidos pela etnografia, conforme demonstrado nos quadros acima, a preocupação com a compreensão e o estabelecimento de relações foram inexistentes nas atividades propostas: as atividades estiveram mais centradas na pronúncia do que no domínio da leitura e na compreensão, conforme solicitação para leitura oral. A necessidade de habilidades diferentes, dependendo do objetivo que se tem com a leitura, parece não ser de conhecimento dos professores. No quadro abaixo, as metodologias utilizadas para a realização das atividades de leitura.

Quadro 44 – Metodologia das atividades de leitura – EMEF Herbert José de Souza

1	Leitura pelo professor	5
2	Leitura silenciosa	4
3	Cada aluno lê um trecho	4

Elaborado pela autora

Quadro 45 – Metodologia das atividades de leitura – EMEF Antônio de Godoy

1	Leitura pelo professor	3
2	Leitura silenciosa	2
3	Cada aluno lê um trecho	9

Elaborado pela autora

Os descritores do SAEB apresentados no capítulo 2 apareceram em atividades específicas, em diferentes disciplinas, com superioridade do tópico I, correspondente às competências básicas: identificação das informações explícitas e implícitas dos textos. Não surpreende, na medida em que a grande maioria das atividades de leitura tiveram como

objetivo responder a questionários, ou seja, através deles, os professores esperam que os alunos aprendam o conteúdo ao mesmo tempo em que eles podem avaliar esta aprendizagem ou não. Os alunos são exigidos a encontrar as respostas nos textos, mas não são orientados a formas de realizar as leituras. Se compreender, como ressalta Kleiman (1989), é um processo cognitivo que ocorre a partir da interação entre texto e leitor, e se as dificuldades em leitura são superadas mediante o trabalho que desenvolve a capacidade de compreensão, fica claro o papel do professor: proporcionar aos alunos a possibilidade de estarem em contato com os mais variados gêneros e tipos textuais a fim de que os mesmos desenvolvam, a partir da interação entre os diversos níveis de conhecimento envolvidos na leitura, a percepção de que quanto mais previrem o conteúdo, mais irão compreender; da mesma forma, é preciso que desenvolvam a capacidade de auto avaliação durante a leitura e de utilização de diversas fontes de conhecimento para resolverem falhas no processo. De acordo com Colomer & Camps (2002, p. 68):

A escola tratou a leitura como se fosse uma capacidade para ser utilizada sempre da mesma forma e não inclui na aprendizagem da leitura a consideração de que as habilidades necessárias para proceder eficazmente em questões como buscar uma informação em uma enciclopédia, ler uma solicitação ou mergulhar em um romance devem ser exercitadas a partir de indícios textuais muito diferentes (ordem alfabética, divisão em exposição e demanda, etc.) e de condutas absolutamente distintas (saltar ou seguir, avançar rápida ou lentamente, etc.) (p. 68)

A orientação do governo, através dos PCN (1997, p. 41), também explicita a concepção de leitura que os documentos oficiais utilizam e que estão de acordo com os autores até agora citados, na medida em que também entende o ato de ler como não apenas decodificação:

Não se trata simplesmente de extrair informação da escrita, decodificando-a letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica, necessariamente, compreensão na qual os sentidos começam a ser constituídos antes da leitura propriamente dita. Qualquer leitor experiente que conseguir analisar sua própria leitura constatará que a decodificação é apenas um dos procedimentos que utiliza quando lê: a leitura fluente envolve uma série de outras estratégias como seleção, antecipação, inferência e verificação, sem as quais não é possível rapidez e proficiência. É o uso desses procedimentos que permite controlar o que vai sendo lido, tomar decisões diante de dificuldades de compreensão, arriscar-se diante do desconhecido, buscar no texto a comprovação das suposições feitas, etc.

Da mesma forma, é importante explicitar o que entendemos como compreensão leitora, quando a ela nos referimos ao longo do texto. Segundo Foucambert (1997, p. 103):

O que se compreende não são as palavras depois de identificadas uma a uma, cuja soma se faria para compreender a frase e depois a soma das frases para

ter acesso ao discurso, mas é diretamente um pensamento posto em movimento em campos semânticos pelo jogo de várias sintaxes, ou pelo menos a do texto e a da frase; e são as restrições desse movimento que tornam essas palavras necessárias. Nada é aleatório num texto, como se cada palavra por vir pudesse ser tirada ao acaso de um gigantesco saco do léxico. O pensamento do leitor está dentro de um movimento semelhante, não idêntico, que se apóia sobre essa necessidade de palavras adiante das quais ele avança. É graças a essas restrições que a leitura funciona. Ela não separa a compreensão da identificação, a expectativa da sua verificação, e esta operação única é muito mais rápida, por ser de outra natureza, que a soma de duas operações sucessivas.

Embora nos alinhemos também ao conceito da Psicolinguística que considera a leitura como um processo cognitivo responsável pela compreensão, ou seja, que é a interação entre aquilo que o leitor já tem armazenado na memória e as informações que o texto traz, de modo que o universo cognitivo do leitor é fundamental para alcançar a compreensão, contemplamos de forma mais incisiva o aspecto interacionista, pois “o leitor, como um dos sujeitos da interação, atua participativamente, buscando recuperar, buscando interpretar e compreender o conteúdo e as intenções pretendidos pelo autor.” (ANTUNES, 2003, p. 67) A partir da compreensão do que se entende por leitura e da sua função, é possível observar, dentre as atividades de leitura elencadas a partir da etnografia, os objetivos para as leituras realizadas pelos alunos. No quadro 50, foram contabilizados os objetivos das atividades desenvolvidas na EMEF Herbert José de Souza.

Quadro 46 – Objetivos de leitura – EMEF Herbert José de Souza

1	Responder ao questionário	12
2	Informar-se	1

Elaborado pela autora

Quadro 47 – Objetivos de leitura – EMEF Antônio de Godoy

1	Responder ao questionário	6
2	Informar-se	3
3	Ler	2
4	Produção textual	2
5	Participar da brincadeira	1

Elaborado pela autora

Dentre as atividades de leitura realizadas na EMEF Herbert José de Souza, apenas uma não teve como objetivo responder a questões, confirmando a hipótese de que se lê para aprender o conteúdo apenas.

Na EMEF Antônio de Godoy, conforme quadro 51, das 14 atividades de leitura, duas tiveram como objetivo realizar uma produção textual, em duas, o objetivo foi apenas ler, em uma o objetivo foi apenas o de informar-se, em uma o objetivo foi o de participar de uma

brincadeira e em seis o objetivo era responder a questões, também ora do livro didático, ora passadas pelos professores. A brincadeira proposta pela professora de Português consistia, também, em responder a questões, no entanto, ao receberem o texto, os alunos receberam como informação que o objetivo por que deveriam ler o texto era poder participar da brincadeira e foi por isso que a leitura silenciosa foi realizada com concentração.

Mais uma vez, há evidência da leitura como informação, da leitura como recurso para aumento do repertório de informações dos alunos. Embora tenham sido proporcionados dois momentos de leitura por prazer, na EMEF Antônio de Godoy, em que a professora levou livros de poemas para a sala de aula, o tempo destinado às mesmas foi irrisório, os objetivos não foram explicitados aos alunos e atividade ficou parecendo mais preenchimento de tempo ocioso do que desenvolvimento intencional de algo planejado.

A professora pede que eles escolham um livrinho para ler nos últimos minutos da aula. Levantam-se, reúnem-se em torno da mesa em que foram largados os livros, escolhem e sentam-se. Às 14h34min ainda estão conversando alto, então a professora dirige-se a todos e diz que é necessário o silêncio para realizar a leitura. A turma silencia, mas muitos não leem. (ETNOGRAFIA, p. 288)

Esta dimensão da leitura só apareceu na EMEF Antônio de Godoy, nos já referidos momentos proporcionados pela professora de Português, em que foram levados os livros de poemas para a sala de aula. Em contrapartida, a biblioteca da EMEF Herbert José de Souza apresentou melhor estruturação e maior presença no cotidiano dos alunos, inclusive em função do Projeto Parada Literária, em que há semanalmente o momento disponibilizado para a leitura apenas como experiência estética. Diante desse contexto, as duas aulas em que a professora de Português disponibilizou os livros parece um esforço isolado para proporcionar um contato com a literatura, não priorizado pelo projeto pedagógico da escola. Na segunda aula em que disponibilizou os livros, justificou:

Às 15h01min a professora libera para que peguem os livros de poesia que trouxe para a aula: “Como na última aula foi só dez minutinhos, trouxe livros de poesia.”. Sugere que leiam no final da aula. Eu entendi que ela quis dizer ler em voz alta no final da aula, compartilhar, mas ela não disse. Senta e inicia a chamada. Os alunos conversam. Batem na porta. É um aluno da turma fingindo. Aos pouquinhos vão se concentrando e dedicando-se à leitura. Alguns alunos desenham no quadro e a professora tem dificuldade de fazê-los sentar. Um aluno atira um giz em outro. Quatro alunos seguem em pé ao lado da caixa de livros, supostamente ainda escolhendo. A professora senta e grita: “Assim não dá! Vocês tem que aprender a respeitar o espaço do colega. Um aluno, imitando a professora: “Assim não dá, assim não dá!”. Diminui o barulho, mas tem gente que segue sem ler. A professora está lendo e dois seguem fazendo guerra de giz e luta com os livros como espada.

Às 15h10min, tão logo silencia a professora chama para que alguém leia em voz alta. (ETNOGRAFIA, p. 291)

Antunes (2003, p. 75) apresenta, ainda, um terceiro plano em que a leitura, vista em seu aspecto mais estrito, permite o conhecimento do que é próprio da escrita. Assim:

Num terceiro e último plano, e de forma mais específica, a atividade da leitura permite, ainda, que se compreenda o que é típico da escrita, principalmente o que é típico da escrita formal dos textos da comunicação pública.

Neste aspecto, não houve atividades direcionadas a esta dimensão da leitura, não sistematizada, ao menos. É evidente que todo ato de leitura nos coloca diante do registro escrito, mas a não sistematização, sobretudo em relação aos gêneros textuais, impede um ensino acerca das características de cada um dos gêneros. Por exemplo, as duas atividades de leitura cujo objetivo era uma produção textual foram realizadas sem que houvesse explicações acerca das características dos gêneros lidos. A atividade de Português consistia em escrever um texto dissertativo-argumentativo com base em uma tirinha. A atividade de Cultura Religiosa consistia em continuar uma tirinha, mas foi realizada com base na intuição dos alunos, do conhecimento prévio que possuem acerca do gênero.

Em duas situações, os alunos foram solicitados a produzir uma charge, sem que fossem mostrados exemplos ou que fossem dadas orientações acerca do gênero. Pelo contrário, nas duas atividades, foi evidenciada a falta de conhecimento por parte dos dois professores que fizeram a proposta acerca do gênero.

Tendo em vista que o tema gêneros discursivos e ensino ganhou fôlego no Brasil, a partir do final da década de 1990, ainda falta sistematização e material pedagógico de apoio para o desenvolvimento de um trabalho a partir dos gêneros textuais. De acordo com pesquisa realizada por Soares (2011, p. 11), em que foram entrevistadas professoras de Língua Portuguesa, com o intuito de compreender as práticas desenvolvidas pelas mesmas em relação à mudança na concepção de ensino de Língua Materna, a autora conclui que:

Embora procuremos impingir uma leitura dos dados de nossa pesquisa, a partir de uma perspectiva compreensiva e não inquisitiva, não podemos negar que os conhecimentos dos professores sobre gêneros são, ainda, precários. Essa precariedade, por sua vez, está atrelada, do nosso ponto de vista, ao acesso limitado dos professores a fontes mais consistentes, que ultrapassem, por exemplo, os livros didáticos e manuais para a formação de professores.

A falta de conhecimento acerca dos gêneros denunciada por Soares (2011) é ainda maior, quando pensamos nos professores das demais disciplinas curriculares. Se falta conhecimento para aqueles cujo objeto de trabalho é justamente a língua, para os que trabalham com outros objetos de estudo essa falta implica práticas pouco consistente e que pouco contribuem para o aprendizado dos alunos. Conforme observado em uma atividade de Cultura Religiosa, na EMEF Antônio de Godoy:

O professor não fala, apenas escreve no quadro o que eles devem fazer. Duas charges. Uma sobre absolutismo e outra sobre mercantilismo. Dois alunos buscam os livros didáticos. Depois o professor fala. Os alunos perguntam o que é. Um aluno diz história em quadrinho e o professor diz: muito bom! “No jornal não tem aquela parte das histórias em quadrinhos?”, pergunta se entenderam. Pede para um aluno buscar folha e material para colorir. O professor distribui as folhas. “Professor, posso inventar uma história?” O professor responde: “É para inventar uma história.” (ETNOGRAFIA, p. 229)

Em outra situação, o mesmo gênero aparece, desta vez na aula de História, sem que os alunos consigam compreender em que consiste, afinal, uma charge:

Inicia a explicação sobre o que vão fazer hoje: uma charge sobre o meio ambiente. Os alunos: “De novo? Já fizemos isso ontem.”. O professor sugere, no quadro, assuntos dentro do meio ambiente. Há dois alunos em pé, no lado oposto da sala, batendo papo com outros colegas. Há quatro sugestões. Ouço um aluno: “Eu nem sei o que é charge, e toda hora estão pedindo.”. O professor explica cada um dos termos, mas sempre há muita gente falando junto. Uma aluna: “Quantos quadrados eu boto?”. “A teu critério.”, responde o professor. Junto à charge a dupla deve escrever um pequeno texto. (ETNOGRAFIA, p. 231)

Adotamos a acepção de gênero como toda a forma que tomam os textos produzidos socialmente, ou seja, trabalhar com textos, significa trabalhar com gêneros. De acordo com Schneuwly & Dolz (2004, p. 51):

As práticas de linguagem são consideradas aquisições acumuladas pelos grupos sociais no curso da história. Numa perspectiva interacionista, são, a uma só vez, o reflexo e o principal instrumento de interação social. É devido a essas mediações comunicativas, que se cristalizam na forma de gêneros, que as significações sociais são progressivamente reconstruídas. Disso decorre um princípio que funda o conjunto de nosso enfoque: o trabalho escolar, no domínio da produção de linguagem, faz-se sobre os gêneros, quer se queira ou não. Eles constituem o instrumento de mediação de toda estratégia de ensino e o material de trabalho, necessário e inesgotável, para o ensino da textualidade.

Apareceram nas leituras dos alunos, durante o período de realização da etnografia: contos, histórias em quadrinho, gráficos, epístola, biografia, notícia. No entanto, não houve referência alguma sobre estratégias de leitura ou orientações acerca dos diferentes gêneros.

Os professores não fizeram referência, também, ao que era literatura e o que não era. Em relação a ter livros em casa, apenas um aluno da EMEF Herbert José de Souza afirmou não tê-los. Na EMEF Herbert José de Souza, três alunos indicaram não ter livros em casa. Como não foram especificados os tipos de livros, entende-se que os livros didáticos dos alunos e demais familiares estudantes foram considerados ao responder esta questão. O ideal é que pudessem ser identificados os livros de literatura, mas como os alunos – na aplicação do questionário piloto – demonstraram não ter conhecimento acerca do que é literatura, não foi possível fazer esta averiguação.

A leitura cumpre, nos contextos pesquisados, a função de ensinar, transmitir os conteúdos previstos pelas diferentes disciplinas. Apresenta-se dissociada da sua função social, dos seus propósitos comunicativos.

Traçadas as características gerais dos personagens da nossa trama - sujeitos pesquisados - passamos à compreensão do enredo em que foram inseridos, sendo colocados ao lado da protagonista de toda a história: a leitura.

5 O ENREDO

O enredo, a partir de agora apresentado, está entrelaçado pelos personagens – alunos, professores e autores – e suas características, falas, posicionamentos, práticas. Cruzam-se o tempo todo na medida em que entendemos que não podem estar dissociados. Em alguns aspectos os dois contextos pesquisados se aproximam; em outros, distanciam-se. Em todos os aspectos demonstram um panorama daquilo que se repete em outras escolas, em outros municípios, em outros estados, na realidade do atual momento da educação brasileira.

Toda a trama é construída com base nas respostas aos questionários respondidos pelos sujeitos, pela pesquisa bibliográfica, pelas observações realizadas através da etnografia e, como não pode deixar de ser, pela interpretação da própria pesquisadora.

O horário do 7º ano A, em 2013, é o que segue abaixo. De acordo com o horário da turma a ser observada, contabilizamos a carga-horária semanal de cada disciplina: quatro períodos de matemática, quatro de português, três de educação física, três de história, três de geografia, três de ciências, dois de inglês, dois de arte educação e um de cultura religiosa.

O quadro de professores do 7º ano A é composto de 8 professores, pois a professora que leciona Cultura Religiosa é a mesma que leciona Arte Educação. Portanto, os alunos têm nove disciplinas, ministradas por oito docentes. Todos os professores da turma assinaram o termo de compromisso e responderam ao questionário para identificação do perfil leitor.

Quadro 48 – Horário 2013 – 7º A – Herbert José de Souza

Horário	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta
08h às 08h45min	Geografia	Geografia	Matemática	Português	Cultura Religiosa
08h45min às 09h30	Geografia	História	Matemática	Português	Arte Educação
09h30 às 10h15	História	História	Ciências	Ciências	Arte Educação
10h15min às 10h30min	Recreio	Recreio	Recreio	Recreio	Recreio
10h30min às 11h15min	Matemática	Português	Ciências	Educação Física	Inglês
11h15min às 12h	Matemática	Português	Educação Física	Educação Física	Inglês

Fonte: EMEF Herbert José de Souza

No turno da tarde, a escola Antônio de Godoy tem dois sétimos anos. A turma escolhida para observação foi o 7º A, de acordo também com sugestão dos próprios professores.

O horário do 7º ano A, em 2013, é o que segue abaixo. De acordo com o horário da turma a ser observada, contabilizamos a carga-horária semanal de cada disciplina: quatro

períodos de matemática, quatro de português, três de educação física, três de história, três de geografia, três de ciências, dois de inglês, dois de arte educação e um de cultura religiosa.

O quadro de professores do 7º ano A é composto de 9 professores. Portanto, os alunos têm nove disciplinas, ministradas por nove docentes. Dos nove docentes da turma, dois não assinaram a participação na pesquisa, não responderam ao questionário de identificação do perfil leitor e não autorizaram a presença da pesquisadora em sala de aula. Sob alegação de que não haveria nada de relevante para a pesquisa, as professoras de Inglês e Educação Física não autorizaram a observação de suas aulas.

Quadro 49 – Horário 2013 – 7º A – Antônio de Godoy

Horário	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta
13h10min às 13h55min	Português	Educação Física	Matemática	Ciências	Português
13h55min às 14h40min	Português	Ciências	Matemática	Ciências	Arte Educação
14h40min às 15h25min	Inglês	Inglês	Arte Educação	Português	Geografia
15h25min às 15h40min	Recreio	Recreio	Recreio	Recreio	Recreio
15h40min às 16h25min	História	Geografia	Educação Física	Matemática	História
16h25min às 17h10min	História	Cultura Religiosa	Educação Física	Matemática	Geografia

Fonte: EMEF Antônio de Godoy

A síntese da carga-horária da etnografia realizada nas duas escolas está descrita no quadro 41. No total, foram acompanhadas 29 manhãs na EMF Herbert José de Souza e 30 tardes na EMEF Antônio de Godoy. A primeira escola ficou com um turno a menos de observação, em função de terem realizado a festa surpresa de despedida para a pesquisadora. Preferiu-se, em função disso, não retornar na segunda-feira para realização do último dia da etnografia, a qual havia sido pensada em ser realizada em trinta dias em cada uma das escolas.

As escolas municipais de Alvorada realizam reunião pedagógica quinzenal com os professores das séries finais, e reunião semanal com as professoras das séries iniciais. Em função disso, a carga-horária das disciplinas varia. A EMEF Herbert José de Souza, em dias de reunião pedagógica, reduz os períodos de 45 minutos para 25 minutos cada um. A EMEF Antônio de Godoy alterna os três primeiros períodos em uma semana e, na outra, os três últimos períodos do horário. Assim, os alunos da EMEF Herbert José de Souza têm contato com todos os professores da quinta-feira (dia da reunião pedagógica), embora produzam muito pouco, em função do tempo reduzido. Já os alunos da EMEF Antônio de Godoy ficam com carga-horária semanal reduzida na semana, nas disciplinas da quinta-feira.

Contabilizando-se a paralisação de professores, as atividades extras e os períodos reduzidos, os alunos tiveram, durante o tempo de acompanhamento das turmas pesquisadas,

90 horas e 30 minutos de aula, em 29 dias, na EMF Herbert José de Souza; 76 horas e 55 minutos, em 30 dias, na EMEF Antônio de Godoy.

Em uma conta simples, 29 dias de aulas, com quatro horas diárias, totalizariam 116 horas de aula, contabilizando, portanto, uma diferença de pouco mais de 25 horas para menos. Conclui-se, assim, que na EMEF Herbert José de Souza, em carga-horária os alunos tiveram o correspondente a mais ou menos seis dias de aula a menos. Na EMEF Antônio de Godoy, a diferença foi ainda maior: das 120 horas correspondentes a 30 dias de aula, eles tiveram em torno de 77 horas, o que representa uma diferença de mais ou menos 43 horas, ou seja, mais de 10 dias de aula. Neste cálculo estão contabilizados os horários em que estavam em sala de aula, nas diferentes disciplinas, com os professores. É evidente que a escola, de um modo geral, trabalha com outras atividades, contabilizadas na carga-horária do aluno e no calendário escolar como dia letivo, assim como ocorrido na Feira do Livro, da EMEF Antônio de Godoy, que ocorreu em um dia de semana. São necessárias estas atividades e fazem parte do cotidiano escolar, sem dúvida, mas, ao longo do ano, estas atividades, somadas às reuniões pedagógicas quinzenais e há outros imprevistos colaboram para uma redução significativa no tempo realmente aproveitado por cada professor no desenvolvimento da sua disciplina especificamente.

Quadro 50 – Carga-horária etnografia

Disciplinas	HERBERT JOSE DE SOUZA			ANTÔNIO DE GODOY		
	Dias	Horas	Períodos	Dias	Horas	Períodos
Geografia	12	12h10min	19	11	8h25min	11
História	11	10h10min	15	11	13h50min	18
Matemática	11	16h55min	22	10	15h	20
Língua Portuguesa	10	13h	20	17	18h	24
Ciências	11	11h	16	9	11h25min	15
Cultura Religiosa	5	3h	5	3	2h25min	3
Arte Educação	4	8h15min	8	10	7h50min	10
Língua Inglesa	5	7h30min	10	0	0	0
Educação Física	9	7h30min	13	0	0	0
		90h 30min	128		76h 55min	101

Fonte: Elaborado pela autora

Neste sentido, encontramos já o primeiro grande entrave na perspectiva da maioria dos professores: se o tempo destinado para o desenvolvimento dos conteúdos da sua própria

disciplina é pequeno, como, ainda, preocupar-se com a leitura e a formação de leitores? Podemos pensar, com Anne-Marie Chartier (1996, p. 49), quando questiona: “no tempo limitado da aula, quando outras aprendizagens urgentes exigem esforços, como organizar atividades capazes de ajudar as crianças a ‘se apoderarem dos livros’? ”. Eis o grande desafio da escola, dos professores e de todos aqueles que, envolvidos no processo educacional, seja ele formal ou informal, acreditam que teremos um mundo melhor, quando formos uma nação de leitores.

Tendo em vista que o foco de pesquisa está nos anos finais do Ensino Fundamental, porque estamos entendendo que tudo anteriormente explicitado converge para a necessidade de se prestar mais atenção para a progressão do letramento ao longo do Ensino Fundamental, não apenas no período comumente chamado de alfabetização, o conhecimento acerca das práticas de leitura é necessário para que possamos refletir sobre os sentidos dados a elas. Segundo Smith (1999, p. 127): “O que acontece na sala de aula é fundamental para muitas crianças porque pode determinar se elas se tornarão leitores ou não.”.

Essa dificuldade dos professores em associar outras aprendizagens, como a leitura, por exemplo, aos seus próprios conteúdos, acaba responsabilizando a escola, mais especificamente, a coordenação pedagógica, pela realização de projetos que se preocupem com a questão da leitura, criando uma separação que não colabora para que a leitura torne-se protagonista. Por isso, as supervisoras das duas escolas responderam ao questionário (Apêndice A) de identificação dos projetos que abarcam a escola como um todo.

Na questão número 1, em que havia duas opções de resposta, ambas as escolas marcaram a resposta *sim*, declarando existir eventos relacionados à leitura e à formação de leitores. Quando solicitado que explicitassem quais os eventos, a escola Antônio de Godoy listou *Hora do Conto, Feira do Livro, Relatório de visitas a campo*. A escola Herbert José de Souza indicou apenas a *Parada Literária*, embora também realize Feira do Livro todos os anos, como consta no calendário escolar.

Para a descrição de como os eventos são organizados, a escola Antônio de Godoy declarou que os eventos são organizados de maneira colaborativa com professores, equipe pedagógica, alunos e comunidade escolar. Já a escola Herbert de Souza, como citou apenas a Parada Literária como projeto relacionado à leitura, explicou que cada turma pega uma caixa, contendo livros literários previamente selecionados para a faixa etária.

Em relação aos objetivos das atividades, a escola Antônio de Godoy afirma que os eventos visam proporcionar aos alunos atividades e situações diferenciadas de leitura e

releitura de mundo e de sociedade, ou seja, visa à oportunidade diferenciada de ensino-aprendizagem, enquanto a Herbert José de Souza tem como objetivo que os alunos gostem de ler e que a leitura faça parte do cotidiano da escola.

O projeto *Parada Literária*, da escola Herbert José de Souza, acontece há mais ou menos quatro anos e os da escola Antônio de Godoy acontecem, pelo menos, desde 2011, segundo a supervisora.

Em relação aos resultados decorrentes dos projetos citados, a supervisora da escola Antônio de Godoy acredita que as atividades diferenciadas colaboram para os resultados em sala de aula. Utiliza-se do desempenho da escola na Prova Brasil 2011 como comprovação de que as atividades relacionadas à leitura trazem resultados positivos. A responsável pela escola Herbert José de Souza identifica a empolgação dos alunos como resultado positivo, mas admite que seriam necessárias mais práticas de incentivo à leitura.

Ao ler os questionários, duas impressões foram as mais evidentes: a falta de interesse/compromisso ao responder as questões, fazendo-as de maneira mais sucinta possível; e a falta de projetos consistentes em que a formação de leitores seja o objetivo maior. Comum à maioria das escolas públicas, há muitos argumentos para a não realização de determinadas práticas: falta de tempo, baixo salário, pouca possibilidade de cobrança dos professores, falta de engajamento do corpo docente às propostas, etc.

Já sabemos que, aos professores dos anos finais do Ensino Fundamental, cabe o ensino dos conteúdos específicos das suas áreas do saber. Sabemos, também, que não há uma disciplina chamada leitura, mas que ler é a base de todas as atividades da escola. Nossa problemática é saber quem e de que forma os alunos são ensinados a ler não apenas no sentido da alfabetização, mas de forma mais ampla: ensinados a ler para que, de fato, apropriem-se de um bem cultural, assim como bem elucida Soares (2008, p. 59):

É uma introdução no mundo da escrita que não tem levado os indivíduos, particularmente os das classes trabalhadoras, além do *limiar* desse mundo, funcionando mesmo como fator de discriminação: alfabetiza-se para que o indivíduo seja mais produtivo ao sistema não para que se aproprie de um bem cultural fundamental à conquista da cidadania; basta lembrar que, embora se ensine a ler e a escrever, dificulta-se, até impossibilita-se, o acesso à leitura: onde estão as bibliotecas escolares e públicas? Onde estão as livrarias? Onde está o livro a preço acessível?

Quando não atribuída à coordenação pedagógica a responsabilidade pelos projetos de leitura, esta é transferida para a biblioteca da escola, mas que tem funcionado de maneira precária, quando funciona. No caso da EMEF Herbert José de Souza, a biblioteca estava em

funcionamento, já na EMEF Antônio de Godoy a biblioteca estava sendo trocada de sala e a troca não foi concluída durante todo o tempo da observação.

Falar em leitura e compreensão leitora, ainda mais as relacionando à escola, mais especificamente, à responsabilidade da escola em ensinar a ler, é falar de uma escola que assuma o compromisso de formar leitores, porque, segundo Actis (2007, p. 7):

La experiencia de la lectura proporciona una instancia de placer y de juego, que desarrolla y amplía los límites de la creatividad y la imaginación en quienes leen. Pero, además, constituye un lugar posible para comprender la realidad, para participar en ella, para modificarla.

O discurso oficial entende que:

Um leitor competente só pode constituir-se mediante uma prática constante de leitura de textos de fato, a partir de um trabalho que deve se organizar em torno da diversidade de textos que circulam socialmente. Esse trabalho pode envolver todos os alunos, inclusive aqueles que ainda não sabem ler convencionalmente. (PCN, 1997, p. 41)

Neste sentido, fica evidente a função da escola em formar leitores competentes. Para isso, os alunos precisam ter contato com os livros, com os materiais impressos, com toda gama de gêneros textuais que circulam na sociedade. Anne-Marie Chartier (1996, p. 48) nos orienta em relação à missão da escola:

Ensinar a amar os livros e a conviver com eles é uma missão que a escola se empenha em executar há mais de um século. As bibliotecas de escola, compostas por obras cuidadosamente escolhidas, são testemunhas disso.

De acordo com Anne-Marie Chartier (1996, p. 25):

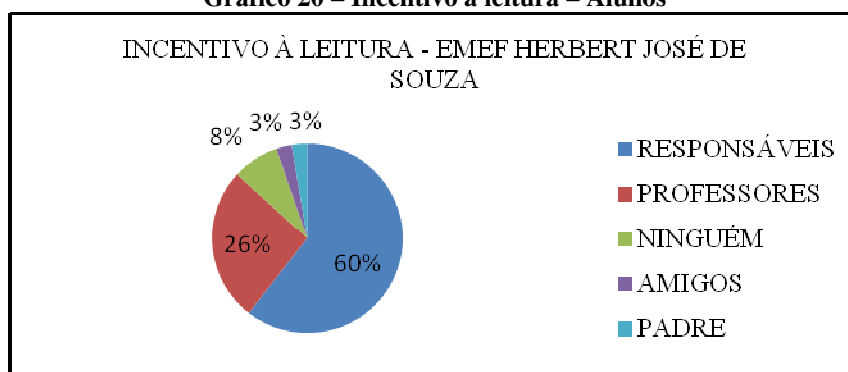
Aprender a ler é entrar no mundo da escrita. Antes de chegar ao domínio da leitura, a criança faz um verdadeiro percurso, desde a etapa em que saber ver que há qualquer coisa escrita num objeto àquela em que, sem ainda saber realmente ler, é capaz de compreender um bom número de mensagens só pelo fato de que tem familiaridade com o contexto no qual elas aparecem.

A responsabilidade da escola em formar leitores é ainda maior, quando falamos da parcela da população que terá contato com os livros, apenas quando iniciarem sua escolarização. Para isso, Marcuschi (2008, p. 99) nos apresenta a metáfora para o texto:

Enquanto artefato estritamente linguístico, o texto não passa de uma possibilidade cujas condições de realidade são o contributo de sua inserção na sociedade e no mundo. Isto equivale a substituir a metáfora do conduto, isto é, a ideia de que o texto conduz os conteúdos, pela metáfora da lâmpada, isto é, a noção de que o texto contém as condições do processamento de conteúdos em contextos socialmente relevantes. Mais do que um transportador, o texto seria, nesse caso, um guia ou um holofote.

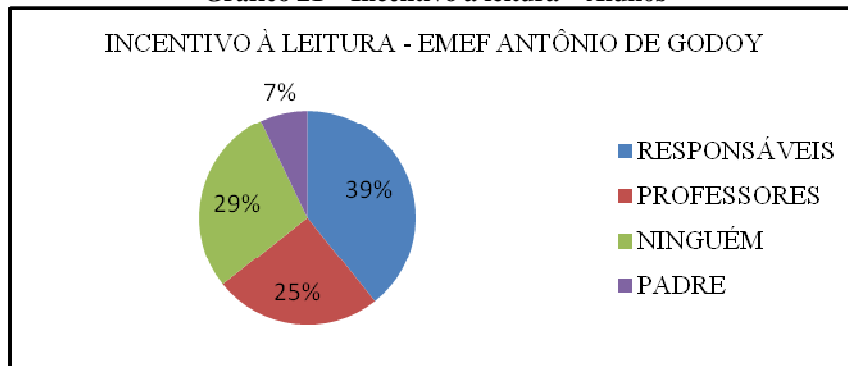
Na EMEF Herbert José de Souza, 60% dos alunos indicaram os responsáveis como maiores incentivadores, e 26% indicaram os professores. Na EMEF Antônio de Godoy, embora em menor proporção, a maioria também indicou os responsáveis como maiores incentivadores, com 39%, seguido dos professores – 29%, uma diferença não muito significativa.

Gráfico 20 – Incentivo à leitura – Alunos



Elaborado pela autora

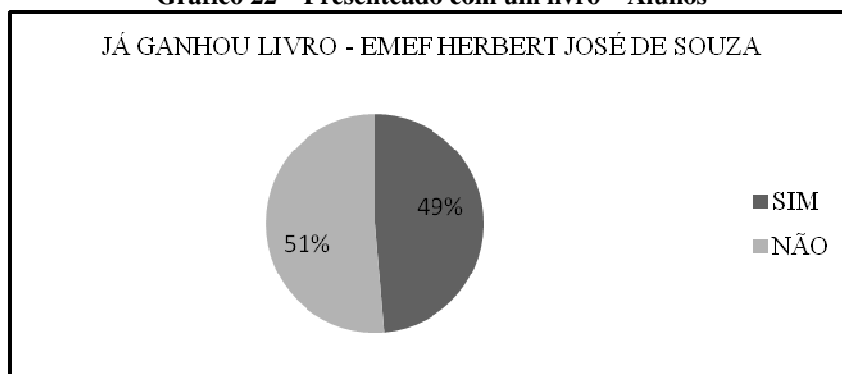
Gráfico 21 – Incentivo à leitura – Alunos



Elaborado pela autora

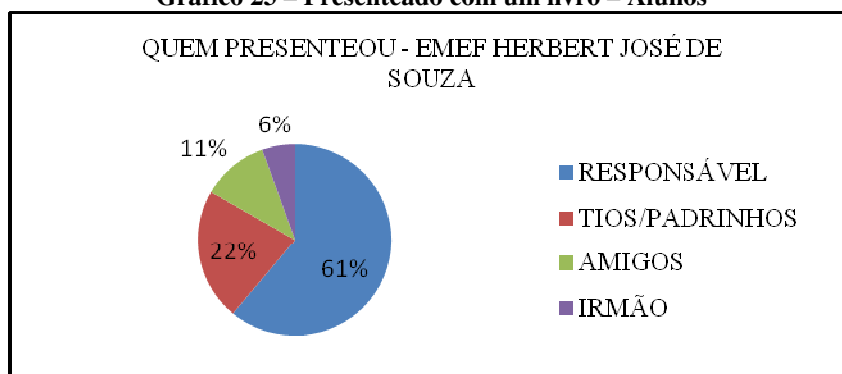
Os dados demonstrados nos gráficos acima indicam índices semelhantes em relação aos professores como incentivadores de leitura – 26% e 25%, respectivamente. Chama atenção o índice de alunos, na EMEF Antônio de Godoy, que indicaram não serem incentivados por ninguém: 29%.

Entendendo que ao ganhar um livro de presente, a criança e/ou adolescente é incentivado a ler, os mesmos foram questionados a respeito disso. 51% dos alunos da EMEF Herbert José de Souza declararam nunca terem sido presenteados com um livro.

Gráfico 22 – Presenteado com um livro – Alunos

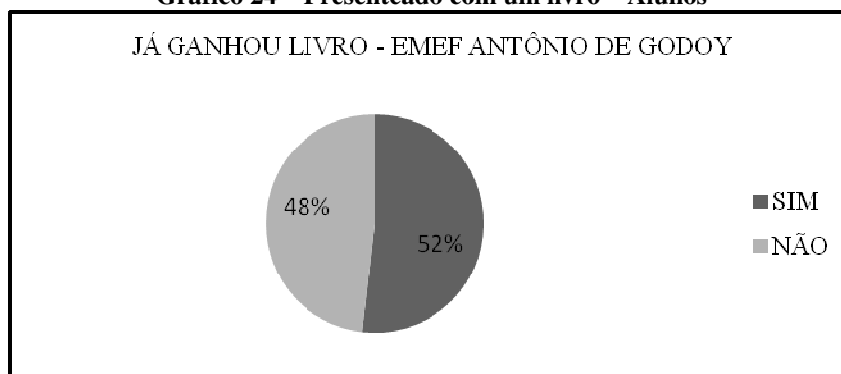
Elaborado pela autora

Dos 51% dos que declararam já terem sido presenteados, 61% foram presenteados pelos responsáveis, 22% por tios ou padrinhos e 6% por irmãos, o que totalizam 89% de alunos que foram presenteados por pessoas da família, corroborando o papel da mesma como principal incentivadora da leitura.

Gráfico 23 – Presenteado com um livro – Alunos

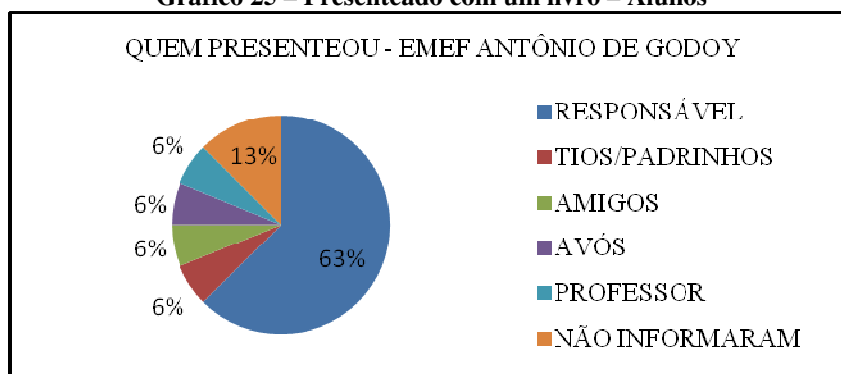
Elaborado pela autora

Entre os alunos da EMEF Antônio de Godoy, 52% declararam que já foram presenteados com livros, um índice maior do que da outra escola, em que o poder aquisitivo das famílias, em geral, é maior.

Gráfico 24 – Presenteado com um livro – Alunos

Elaborado pela autora

Nesta escola, o índice de familiares indicados como os que presentearam os alunos com livros também foi o maior, reforçando, mais uma vez, a influência da família no desenvolvimento dos hábitos de leitura. 63% dos alunos indicaram os responsáveis, 6% indicaram tios/padrinhos, 6% indicaram os avós, totalizando 75% de familiares.

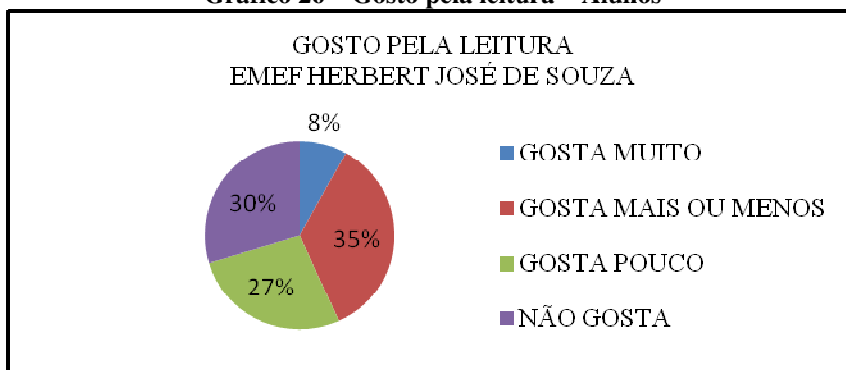
Gráfico 25 – Presenteado com um livro – Alunos

Elaborado pela autora

Na EMEF Herbert José de Souza nenhum aluno marcou a opção professor para quem havia os presenteado com um livro; na EMEF Antônio de Godoy, 6% dos alunos indicaram um professor.

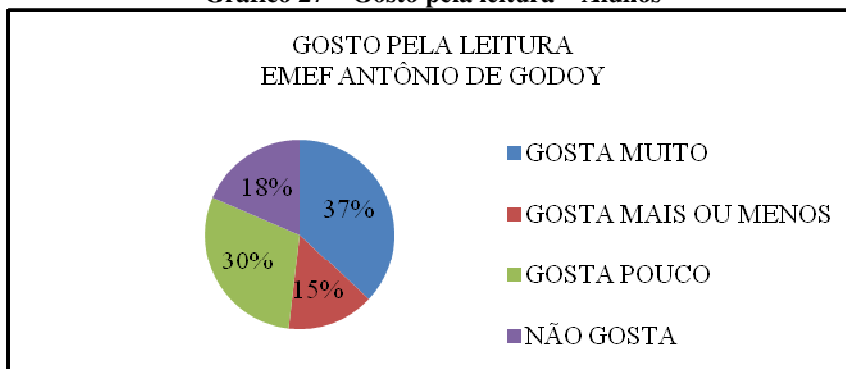
Entendemos que se a leitura fosse protagonista, estivesse presente no cotidiano da escola e fosse valorizada e ensinada pelos professores, a porcentagem de alunos que indicariam os professores como maiores incentivadores seria maior.

Nesse sentido, é importante observar o que os alunos declararam acerca do gostar ou não de ler. Na EMEF Herbert José de Souza apenas 8% dos alunos declararam gostar muito de ler e a maioria – 35% - declarou gostar mais ou menos, índice muito próximo ao dos que declararam não gostar – 30%.

Gráfico 26 – Gosto pela leitura – Alunos

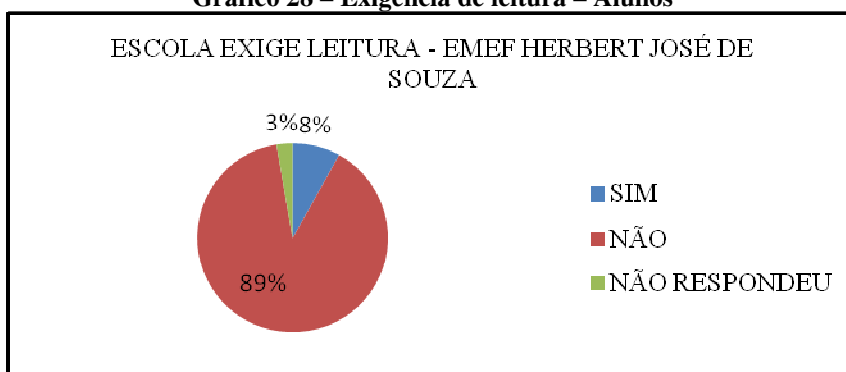
Elaborado pela autora

Contrariando as informações acerca do funcionamento das bibliotecas, dentre os alunos da EMEF Antônio de Godoy, a maioria – 37% - declarou gostar muito de ler, ao passo que apenas 18% declararam não gostar. É lamentável que, havendo o gosto pela leitura, existam poucos incentivos para o desenvolvimento do mesmo.

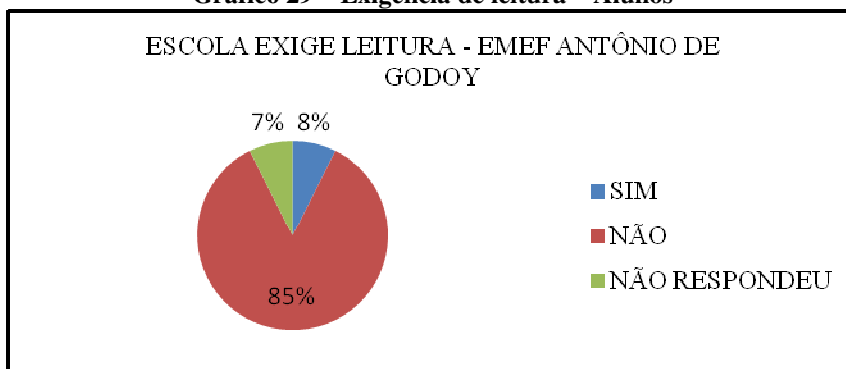
Gráfico 27 – Gosto pela leitura – Alunos

Elaborado pela autora

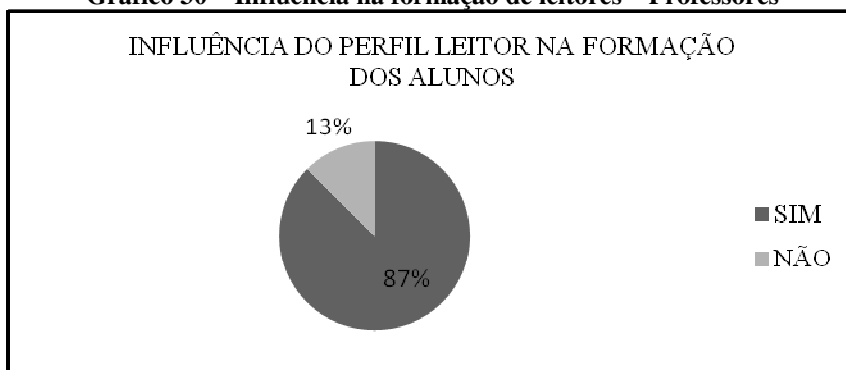
Outro dado que indica a pouca importância dada à leitura no contexto escolar pode ser observada nos gráficos abaixo, em que são demonstradas as respostas de alunos e professores a respeito da exigência da leitura. Dentre os alunos da EMEF Herbert José de Souza, 89% declararam que a escola não exige leitura.

Gráfico 28 – Exigência de leitura – Alunos

Entre os alunos da EMEF Antônio de Godoy, 85% afirmaram que a escola não exige nenhuma leitura, além do livro didático. A explicação nesta pergunta, excluindo a leitura dos livros didáticos foi fundamental para o que se pretendia verificar. Incluindo a leitura dos livros didáticos, os dados certamente apontariam a exigência da escola pela leitura.

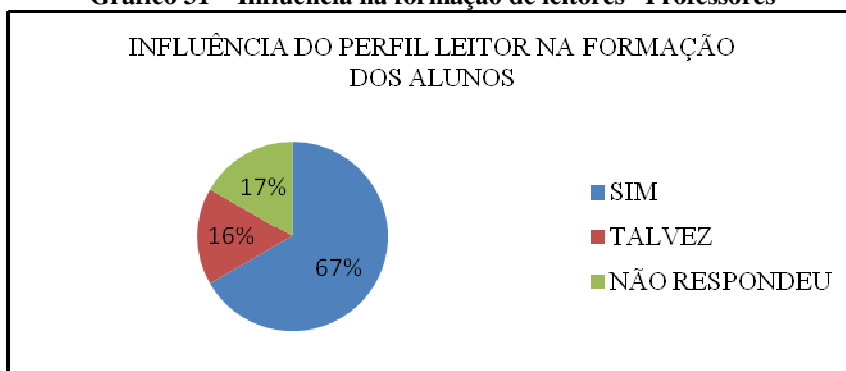
Gráfico 29 – Exigência de leitura – Alunos

Segundo os alunos, não é exigido que eles façam leituras, no entanto a grande maioria dos professores declarou ser influenciador na formação leitora de seus alunos. Na EMEF Herbert José de Souza, 87% dos professores declararam que seu próprio perfil leitor influencia na formação dos alunos.

Gráfico 30 – Influência na formação de leitores – Professores

Elaborado pela autora

Na EMEF Antônio de Godoy, 67% dos professores afirmaram que seu perfil leitor influencia os alunos e 16% afirmaram que talvez influencie, resposta que não apareceu entre os professores da outra escola.

Gráfico 31 – Influência na formação de leitores – Professores

Elaborado pela autora

Quadro 32 – Justificativa para a influência ou não do perfil leitor

PROFESSOR (A)	ESCOLA A	ESCOLA B
1	A influência é positiva porque podemos debater vários assuntos em que eu estou ciente. Enriquece a nossa aula e eu me torno mais apto para explicar o que nos rodeia.	Pois os alunos são instigados a fazer leituras complementares extraídos de diversas fontes – (internet, revista, jornais, trechos de livros). São temas envolvendo a disciplina, temas do cotidiano auxiliam na busca do conhecimento em outras fontes. Assim, os alunos não ficam atrelados somente ao que é visível, ex.: televisão. Temas do cotidiano, que neles, com uma leitura, são importantes para a compreensão e também na formação de leitura.

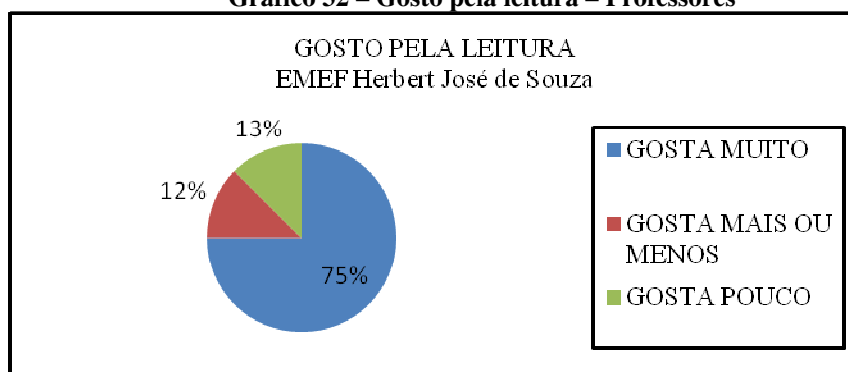
PROFESSOR (A)	ESCOLA A	ESCOLA B
2	Pois a leitura é fundamental. Alguns alunos não conseguem compreender o que leem. Durante a aula eu incentivo a leitura dos textos (pequenos) e mostro que o maior erro dos alunos, muitas vezes, não é em matemática, mas sim a interpretação.	Do mesmo modo que fui influenciada e incentivada a ler por professores, penso que posso causar o mesmo em meus alunos. Mesmo em aula, em momentos específicos, faço leituras pessoais, pois acredito que o exemplo (o modelo) ajuda muito no estímulo à leitura.
3	Porque quando leio fico bem informado posso passar para meus alunos.	Como professora de matemática sinto uma enorme dificuldade dos alunos para ler, interpretar e montar um problema matemático, é o meu maior problema em sala de aula. Apesar de não gostar muito de usar livros didáticos, tenho me obrigado a usa-los para a parte dos problemas, os alunos tem resistência de ler e resolver os problemas, porque eles já vão direto pro cálculo e nem sabe sobre o que o texto fala, eles só pegam os números e tentar fazer as “continhas”. É difícil, mas necessário faze-los ler, interpretar, falar oralmente sobre o problema para depois resolve-lo. Participo com eles das Olimpíadas matemáticas, que é mais interpretação e calculos simples que envolvem o raciocínio lógico. Em casa leio para as minhas filhas sempre antes de dormir e elas se tornaram ótimas leitoras. O perfil da pessoa que lê influencia sim no seu grupo de alunos e no seu familiar.
4	Acredito que a melhor forma de incentivar a leitura é através do exemplo e incentivo. Leio diversos tipos de literatura, retirados de sites (adoro pesquisar na internet artigos para trazer para as turmas) jornais, revistas, etc. Esse material, além de me informar, multiplico com os meus alunos e incentivo eles a fazerem o mesmo, além de cobrá-los na leitura de livros e reportagens. Espero que meu esforço com os alunos tenha um bom resultado, pois tenho feito o Projeto Leitura com eles, e muitos estão empolgados relatando em cada aula como está a leitura do livro que escolheu para o Projeto. Contudo, me parece que estou tendo um resultado positivo com minha influência através do projeto.	Porque costumo ler textos em conjunto, fazendo-os realizar a leitura em voz alta.

PROFESSOR (A)	ESCOLA A	ESCOLA B
5	O exemplo fala sempre mais alto, como eles me vem lendo pouco não serão incentivados também.	Acho que deveria incentivá-los mais, adoro ler, adoro estudar, porém não temos um projeto voltado de incentivo a leitura, os entraves ou desculpas são muitas, só tem professor na biblioteca quando o quadro de professores está completo o eu demora a acontecer. Os professores que faltam muito ou tem limitação de função vão para a Biblioteca e acabam se acomodando, há anos o quadro é este o que é uma lástima.
6	Pois não estou bem atualizada. Nos livros juvenis, para incentivá-los a ler.	Não respondeu.
7	Acredito que exerça uma influência positiva. Ao ler e pesquisar sobre os assuntos propostos em aula, automaticamente essas informações são repassadas aos alunos em forma prática. Também solicito e estimulo a pesquisa e leitura de assuntos pertinentes a matéria.	Se eu incentivá-los a ler acredito que eles irão ler também.
8	Quando perguntam “como invento textos no quadro” e “como sei algumas coisas de cor”, argumento sobre a importância da leitura.	-

Elaborado pela autora

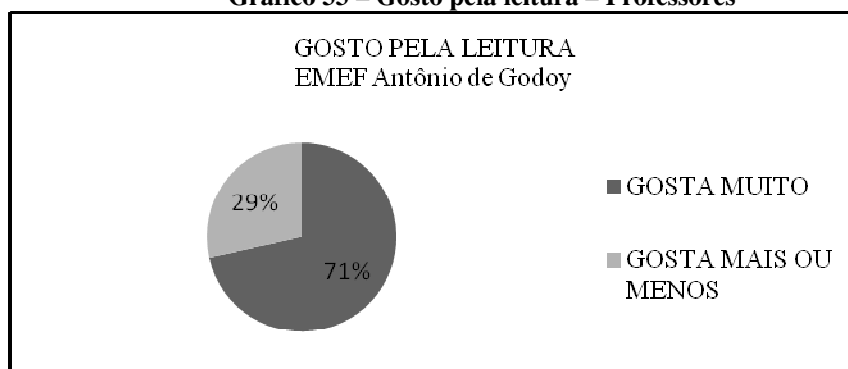
Algumas respostas dadas pelos professores não responderam o cerne da questão; muitos tangenciaram. Os que acreditam influenciar justificaram baseando-se em conversas informais com os alunos, no concreto de vê-los lendo, outros atribuíram a influência ao fato das aulas ficarem melhores. O disposto no quadro acima demonstra preocupação por boa parte dos professores com a leitura, embora não demonstre muito conhecimento acerca do que podem fazer.

Como esperado, entre os professores, o índice dos que declararam gostar muito aumentou consideravelmente. 75% dos professores da EMEF Herbert José de Souza declararam gostar muito e 12% declararam gostar mais ou menos. Chama atenção o fato de serem muito próximos os índices dos que declararam gostar mais ou menos e dos que declararam gostar pouco – 12% e 13%, respectivamente.

Gráfico 32 – Gosto pela leitura – Professores

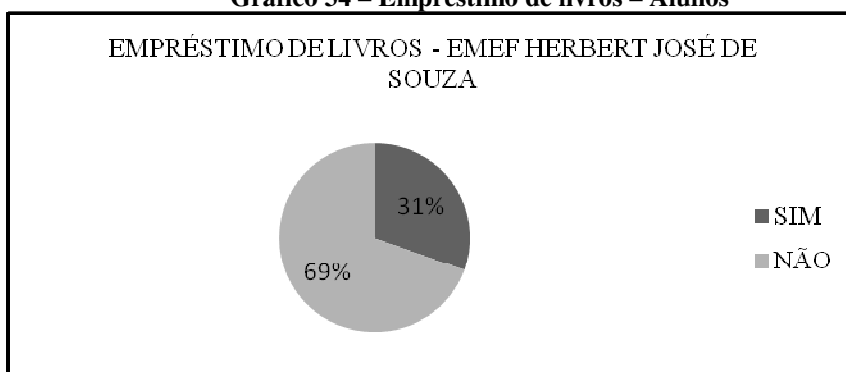
Elaborado pela autora

Entre os professores da EMEF Antônio de Godoy apenas os itens gosta muito e gosta mais ou menos foram marcados, sendo que 71% dos professores declararam gostar muito.

Gráfico 33 – Gosto pela leitura – Professores

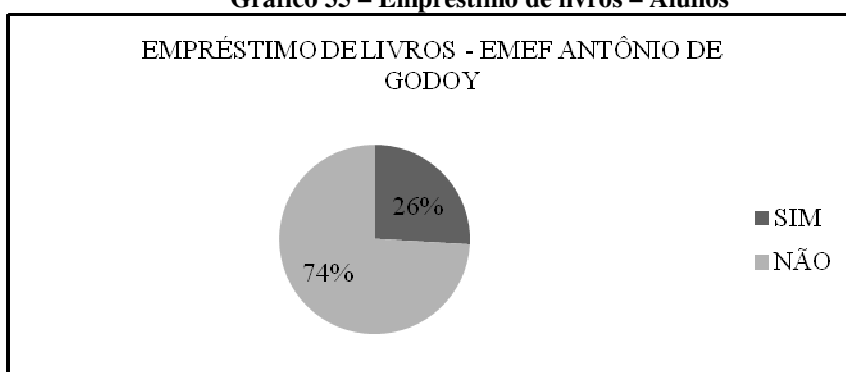
Elaborado pela autora

Quando perguntados se pegam livros emprestados, a maioria dos alunos de ambas as escolas declarou não pegar livros emprestados, o que não confirma a diferença entre as retiradas de livros indicadas pelas bibliotecárias das escolas. Na EMEF Herbert José de Souza em que, segundo a bibliotecária, há incentivo por parte dos professores para que os alunos associem-se à biblioteca e façam retiradas semanais, 69% dos alunos declararam que não pegam livros emprestados. É possível que eles não tenham compreendido que esta pergunta contemplasse empréstimos na biblioteca.

Gráfico 34 – Empréstimo de livros – Alunos

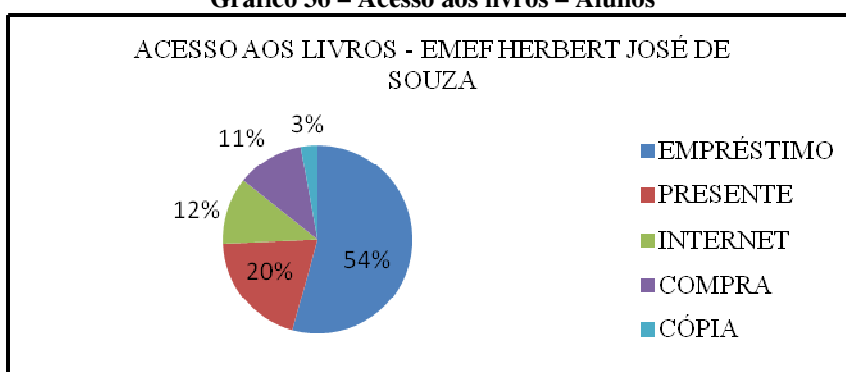
Elaborado pela autora

Entre os alunos da EMEF Antônio de Godoy, cuja bibliotecária indicou que há pouco trabalho da biblioteca em relação a atividades de leitura e retirada de livros, o índice de alunos que declararam não pegar livros emprestados foi ainda maior – 74%.

Gráfico 35 – Empréstimo de livros – Alunos

Elaborado pela autora

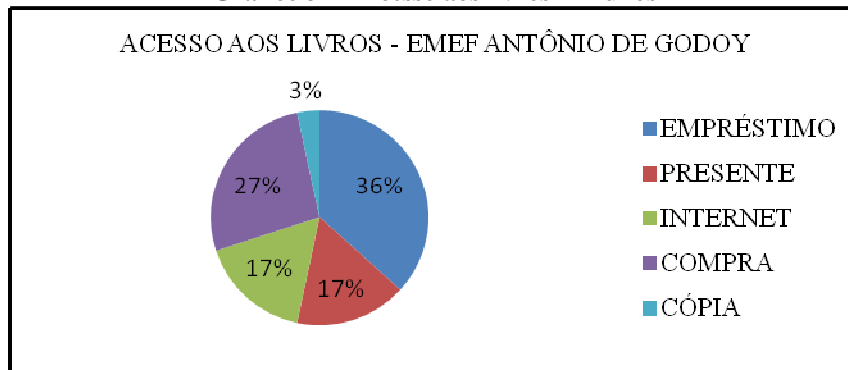
Contradiz os dados acerca dos empréstimos, os referentes ao acesso a livros. 54% dos alunos da EMEF Herbert José de Souza declararam que o acesso aos livros se dá por empréstimo, seguido de presente, com 20%.

Gráfico 36 – Acesso aos livros – Alunos

Elaborado pela autora

O mesmo ocorreu na EMEF Antônio de Godoy, em que 36% dos alunos declararam que o acesso aos livros se dá por empréstimo, seguido de compra, com 27%.

Gráfico 37 – Acesso aos livros – Alunos

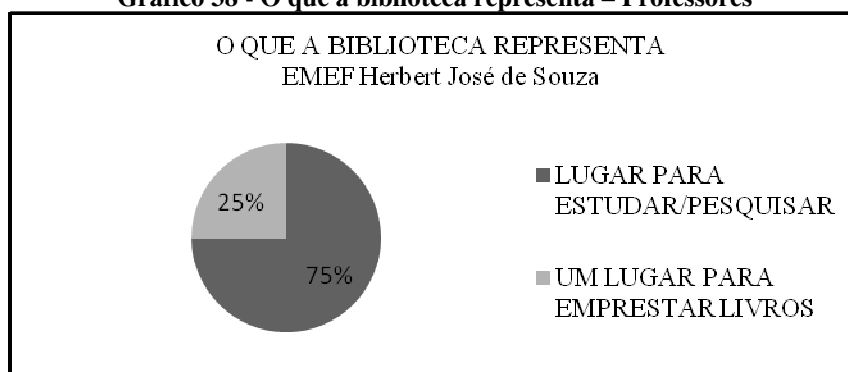


Elaborado pela autora

Na busca pela compreensão de que forma a escola colabora ou não para a formação de leitores, o funcionamento da biblioteca é central, porque para o desenvolvimento de práticas de leitura são necessários mediadores da leitura que podem ser os familiares, no contexto do lar, ou os professores e bibliotecários no contexto escolar. Segundo Giardinelli (2010, p. 69):

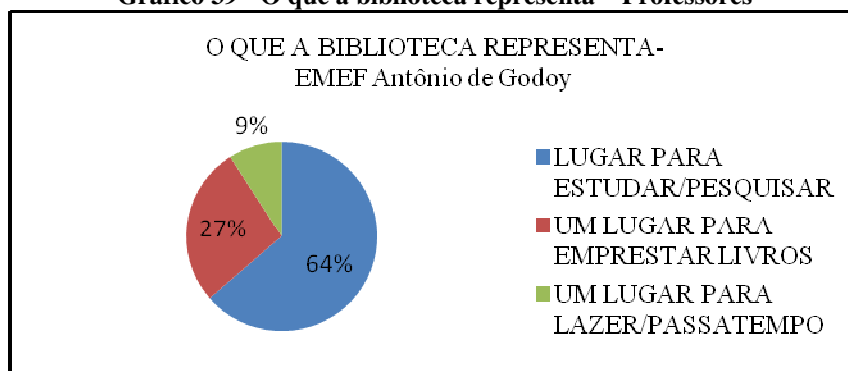
... a prática da leitura é uma prática de reflexão, meditação, ponderação, balanço, equilíbrio, comedimento, bom senso e desenvolvimento da sensatez. Claro que também foram e são leitores competentes algumas pessoas desprezíveis, porém aqui não se está afirmando que “ler nos faz melhor”, mas sim que toda regra tem exceções. Ler é um exercício mental excepcional, um precioso treinamento da inteligência e dos sentidos. Correlativamente, as pessoas que não leem estão condenadas à ignorância, à improvisação e ao desatino.

Professores e alunos que responderam ao questionário de identificação do perfil leitor marcaram, dentre as opções disponibilizadas, o que a biblioteca representa para eles. Na EMEF Herbert José de Souza, somente duas opções foram escolhidas: lugar para estudar/pesquisar e lugar para emprestar livros, sendo que a maioria marcou a primeira destas opções.

Gráfico 38 - O que a biblioteca representa – Professores

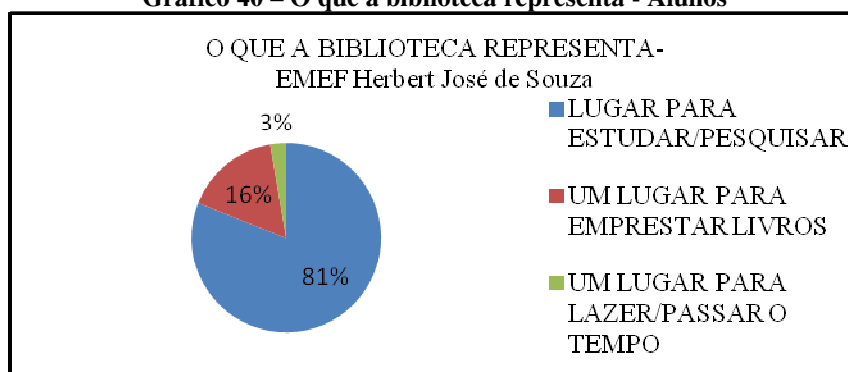
Elaborado pela autora

Na EMEF Antônio de Godoy, três opções foram marcadas, sendo que a maioria também vê a biblioteca como um lugar para estudar/pesquisar. Um professor desta escola marcou a opção em que a biblioteca representa um lugar para lazer.

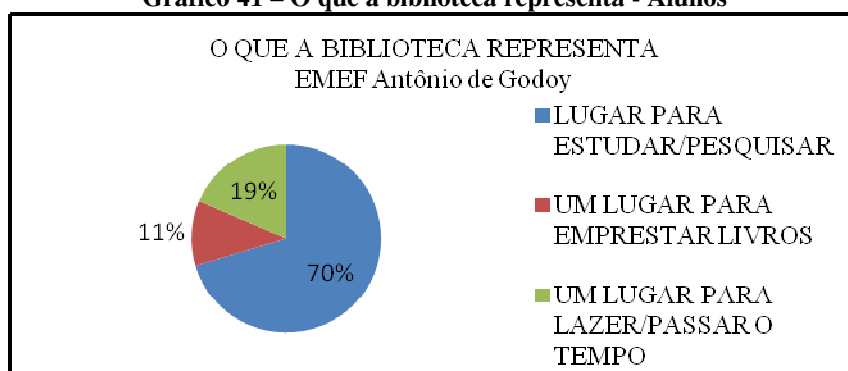
Gráfico 39 - O que a biblioteca representa – Professores

Elaborado pela autora

Em relação aos alunos, a biblioteca é vista da mesma forma como os professores. Na EMEF Herbert José de Souza, a maioria dos alunos marcou que a biblioteca é um lugar para estudar/pesquisar. Um aluno marcou que a biblioteca representa um lugar de lazer/passatempo.

Gráfico 40 – O que a biblioteca representa - Alunos

Elaborado pela autora

Gráfico 41 – O que a biblioteca representa - Alunos

Elaborado pela autora

Na EMEF Antônio de Godoy, a maioria dos alunos também marcou que a biblioteca é um lugar para estudar/pesquisar. Chama atenção o fato de que, nesta escola, cinco alunos marcaram a opção em que a biblioteca representa um lugar de lazer/passatempo. Tendo em vista que é nesta escola que a biblioteca tem um funcionamento menos ativo no cotidiano dos alunos, seria necessária uma investigação sobre a experiência desses alunos com bibliotecas ou com a biblioteca escolar em outros anos.

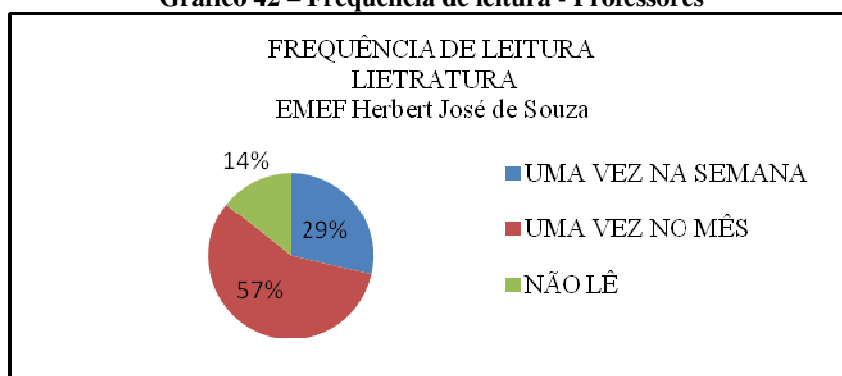
De um modo geral, as respostas acerca da representação da biblioteca demonstram a pouca ou quase inexistente associação da biblioteca a atividades de lazer. Esta informação segue corroborando a hipótese de que a dimensão da leitura por prazer não é contemplada na escola e que é de suma importância que ela apareça no cotidiano escolar. Se em um primeiro plano, conforme denominação utilizada por Antunes (2003), ler leva o leitor à ampliação do seu repertório informativo, num segundo plano, ainda, desenvolve o prazer estético. Este é um dos aspectos que julgamos não ser possível medir pelos modelos de avaliação em larga escala, na medida em que as questões fechadas de compreensão de textos não contemplam a

dimensão de formação que uma experiência estética pode provocar num leitor. De acordo com Antunes (2003, p. 71):

Num segundo plano, a leitura possibilita a experiência gratuita do prazer estético, do ler pelo simples gosto de ler. Para admirar. Para deleitar-se com as idéias, com as imagens criadas, com o jeito bonito de dizer literariamente as coisas. Sem cobrança, sem a preocupação de qualquer prestação de contas posterior.

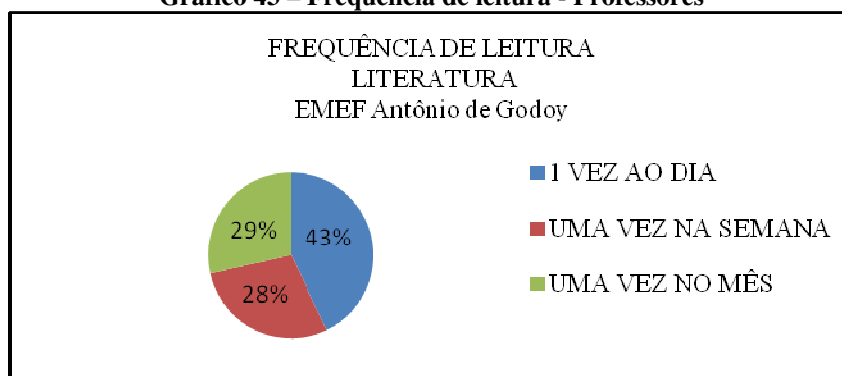
Questionados acerca da frequência com que leem literatura, os professores da EMEF Herbert José de Souza, em sua maioria – 57% - declararam ler uma vez por mês, enquanto a maioria dos professores da EMEF Antônio de Godoy declarou ler uma vez por dia.

Gráfico 42 – Frequência de leitura - Professores



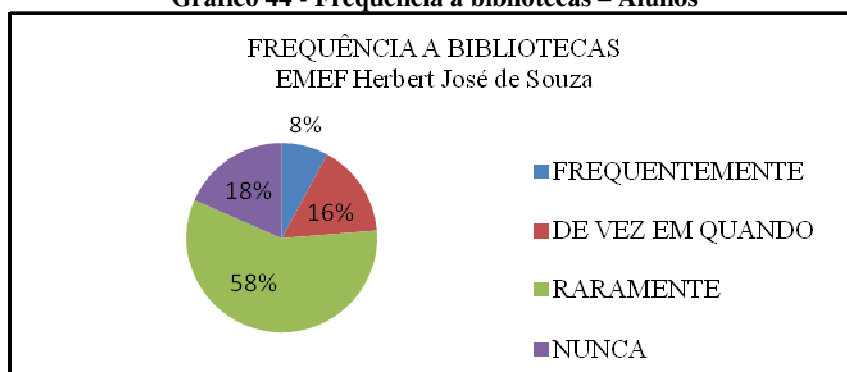
Elaborado pela autora

Gráfico 43 – Frequência de leitura - Professores



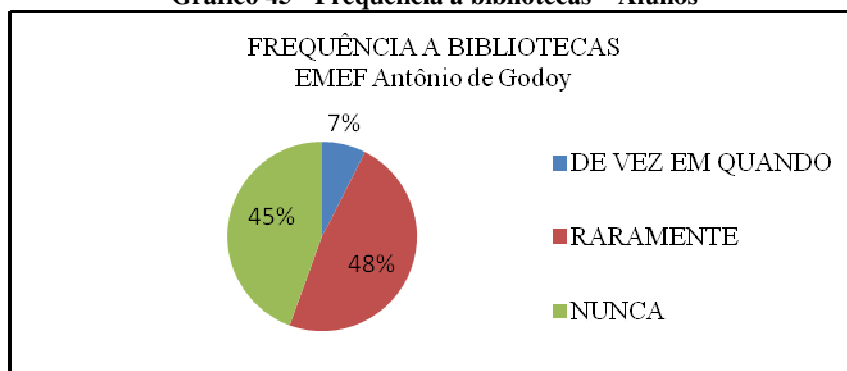
Elaborado pela autora

Quando questionados a respeito da frequência a bibliotecas, a maioria dos alunos da EMEF Herbert José de Souza respondeu que raramente vai à biblioteca. Somando os que marcaram raramente aos que marcaram a opção nunca, totalizamos 74% dos alunos como pouco frequentadores de bibliotecas.

Gráfico 44 - Frequência a bibliotecas – Alunos

Elaborado pela autora

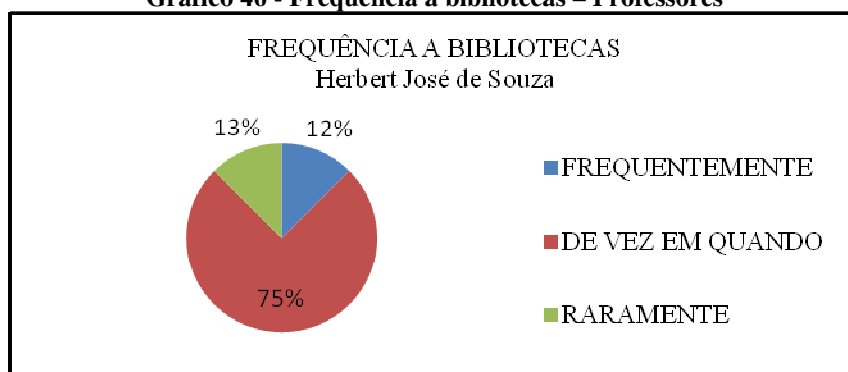
Em relação aos alunos da EMEF Antônio de Godoy, a maioria também marcou raramente, mas o número de alunos que marcou nunca foi quase o mesmo, totalizando 93% de alunos que pouco frequentam bibliotecas.

Gráfico 45 - Frequência a bibliotecas – Alunos

Elaborado pela autora

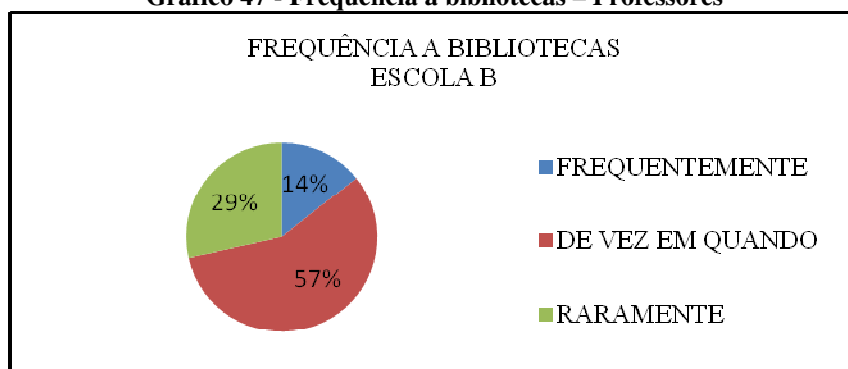
Em relação à frequência a bibliotecas, os índices devem ser ainda maiores, tendo em vista que por conhecimento geral acerca da importância da leitura a tendência é que os alunos marquem opções que passem uma imagem melhor do que a opção nunca. A linha que separa de vez em quando de raramente e raramente de nunca é tênue, portanto podemos pensar que os alunos das duas escolas, em geral, não frequentam bibliotecas.

Em relação aos professores, 75% declararam ir a bibliotecas de vez em quando e a mesma porcentagem declarou ir frequentemente e raramente.

Gráfico 46 - Frequência a bibliotecas – Professores

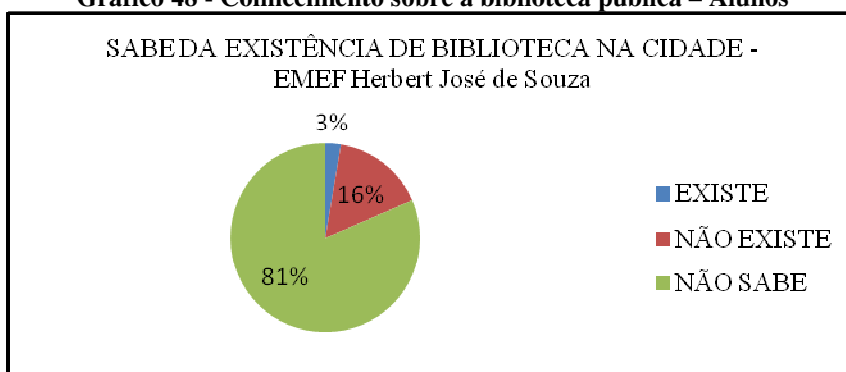
Elaborado pela autora

Já na EMEF Antônio de Godoy, o índice de professores que declararam frequentarem bibliotecas raramente foi de 29%, no entanto, a maioria declarou que frequenta bibliotecas de vez em quando.

Gráfico 47 - Frequência a bibliotecas – Professores

Elaborado pela autora

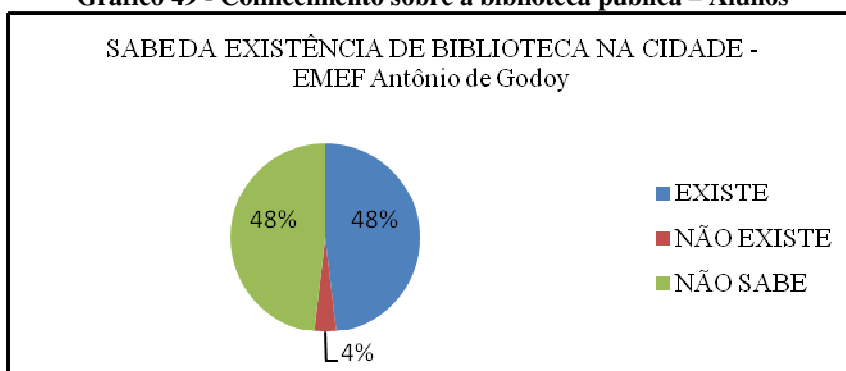
Corrobora o dado acima o fato dos alunos não saberem se existe ou não biblioteca pública no município. Na EMEF Herbert José de Souza, 81% dos alunos afirmaram não saber se o município tem ou não biblioteca. Embora o município tenha, no centro da cidade, a Biblioteca Pública Luís Fernando Veríssimo, seis alunos afirmaram que ela não existe. Nesta escola, apenas um aluno declarou saber da existência da biblioteca.

Gráfico 48 - Conhecimento sobre a biblioteca pública – Alunos

Elaborado pela autora

Na EMEF Antônio de Godoy, quase 50% dos alunos afirmaram saber da existência da biblioteca do município e apenas um aluno afirmou não existir. Os outros quase 50% afirmam não saber se existe ou não.

Esta discrepância entre as duas escolas pode se dar pela localização das escolas em relação à biblioteca municipal. A EMEF Antônio de Godoy é mais próxima do centro da cidade, onde está localizada a biblioteca. O bairro onde está localizada a EMEF Herbert José de Souza tem ligação direta com Porto Alegre, sem que seja preciso passar por dentro do município de Alvorada, o que faz com que muitos moradores não frequentem o centro da cidade, trabalhando e realizando suas tarefas na capital.

Gráfico 49 - Conhecimento sobre a biblioteca pública – Alunos

Elaborado pela autora

Entendemos que os professores responsáveis pela biblioteca também devem ser responsáveis pela formação que é possível através da leitura. As práticas de leitura podem ser estimuladoras ou desestimuladoras e, observando a ocorrência delas no espaço da biblioteca, é possível concluir que a EMEF Antônio de Godoy tem desestimulado a leitura no ambiente

escolar, ao trabalhar com uma biblioteca que pouco ou quase nada se envolve com o projeto da escola. Segundo Smith (1999, p. 136):

As crianças entendem que elas podem ser solicitadas a fazer algo somente para ficarem quietas ou porque alguma autoridade arbitrária assim o deseja. A tragédia acontece quando as crianças são levadas a acreditar que a atividade desagradável é a leitura.

Assim, conforme observado em uma ocorrência na EMEF Antônio de Godoy, em que a biblioteca foi utilizada como espaço de castigo para alunas que foram retiradas da sala pela vice-diretora, uma vez que o professor não conseguiu que elas saíssem:

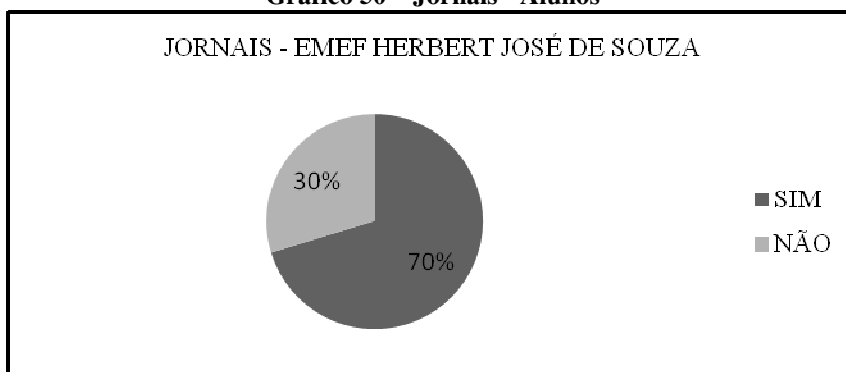
O professor pede para uma aluna guardar o celular, a aluna responde, o professor a manda sair. Ela não sai. A colega do lado se manifesta, o professor manda as duas saírem. Elas riem. [Sinto raiva.] O professor chama a vice-diretora que as leva para a biblioteca. Saem da sala rindo. A vice-diretora chama atenção. [Tenho a impressão de que se sentiram premiadas. Poderão ficar conversando sozinhas.] A turma não se acalma com a saída das duas. Continuam se agredindo. (ETNOGRAFIA, p. 219)

Em outra situação, a leitura é o castigo:

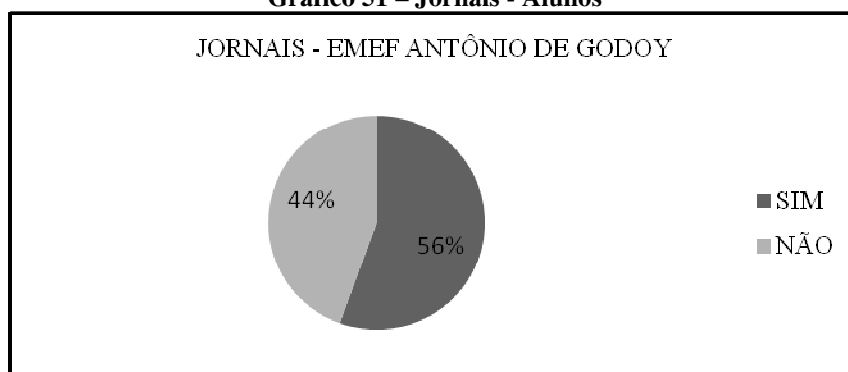
Às 16h40min o professor pergunta quem quer ler. Depois, avisa que quem estiver conversando será chamado para ler. Não há silêncio. Há alunos circulando. Não ouvi o primeiro parágrafo lido. O professor faz questionamentos. A leitura é tumultuada. (ETNOGRAFIA, p. 264)

A mesma questão foi respondida pelos professores e, como esperado, 100%, nas duas escolas, responderam ter livros em casa. Quando perguntados a respeito da compra de jornais, 70% dos alunos da EMEF Herbert José de Souza declararam que em suas casas compram-se jornais. Na EMEF Antônio de Godoy esta porcentagem caiu para 56%.

Gráfico 50 – Jornais - Alunos

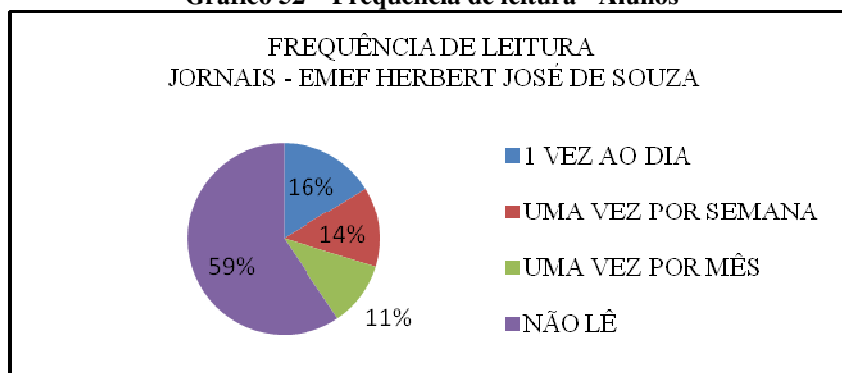


Elaborado pela autora

Gráfico 51 – Jornais - Alunos

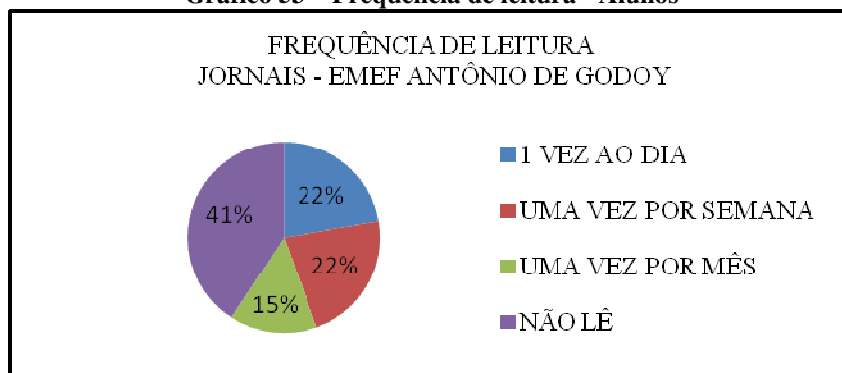
Elaborado pela autora

Embora 70% dos alunos da EMEF Herbert José de Souza tenham declarado que em suas casas compram-se jornais, 59% dos alunos declararam não lê-los, conforme gráfico abaixo.

Gráfico 52 – Frequência de leitura - Alunos

Elaborado pela autora

Embora um pouco menor, o índice de alunos que declararam não ler jornais, na EMEF Antônio de Godoy foi de 41%.

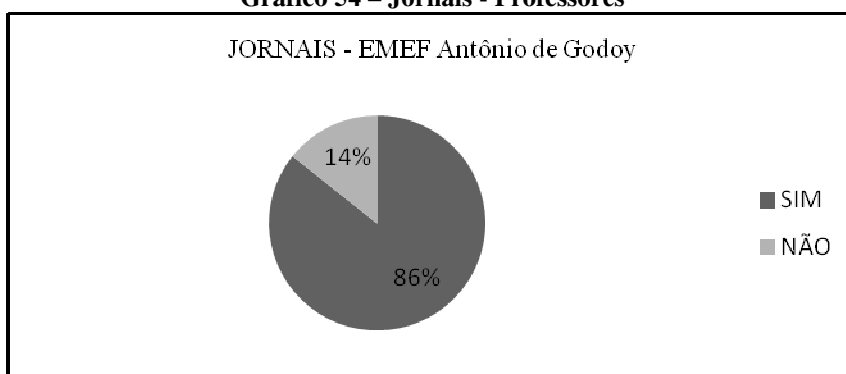
Gráfico 53 – Frequência de leitura - Alunos

Elaborado pela autora

O índice de alunos que declararam ler jornal diariamente foi baixo – 16% na EMEF Herbert José de Souza e 22% na EMEF Antônio de Godoy. Esta é a porcentagem dos alunos para quem a leitura pode ser um hábito.

Em relação aos professores, 100% deles, na EMEF Herbert José de Souza, declararam ser compradores de jornais, ao passo que na EMEF Antônio de Godoy 14% afirmaram que não compram.

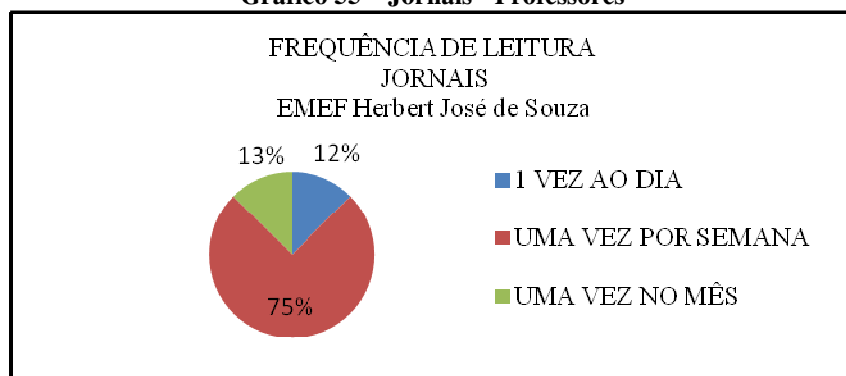
Gráfico 54 – Jornais - Professores



Elaborado pela autora

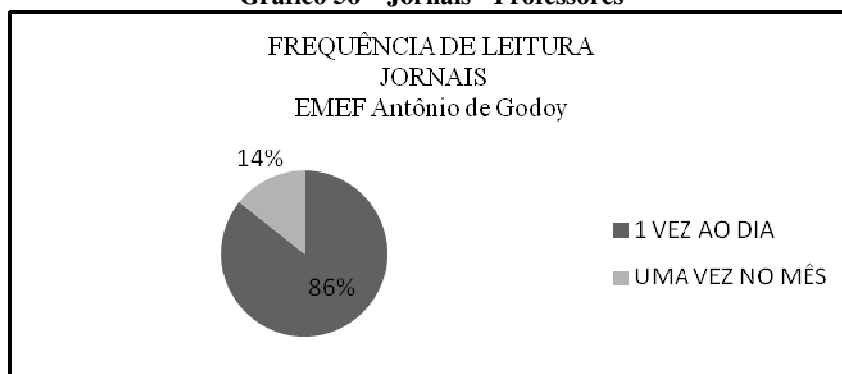
Paradoxalmente, 100% dos professores da EMEF Herbert José de Souza declararam comprar jornais e apenas 12% afirmaram lê-lo todos os dias. A grande maioria – 75% - declarou ler uma vez por semana, o que é um dado curioso, porque não há muita lógica em ser leitor semanal de jornal.

Gráfico 55 – Jornais - Professores



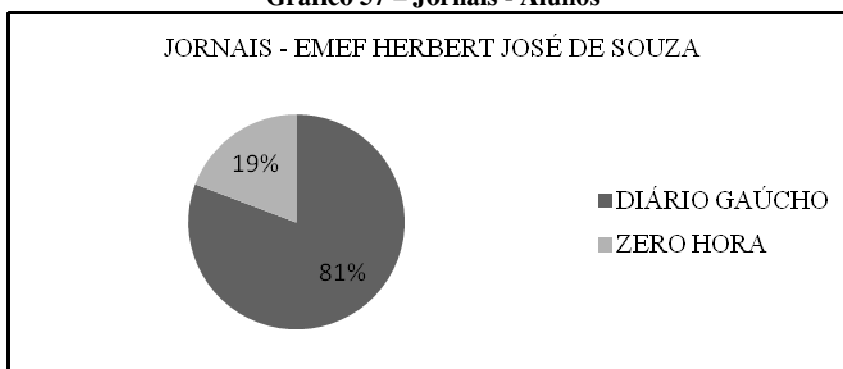
Elaborado pela autora

Os dados resultantes do questionário respondido pelos professores da EMEF Antônio de Godoy parecem mais fidedignos, quando demonstram que 86% declararam comprar jornais e os mesmos 86% declararam ler todos os dias.

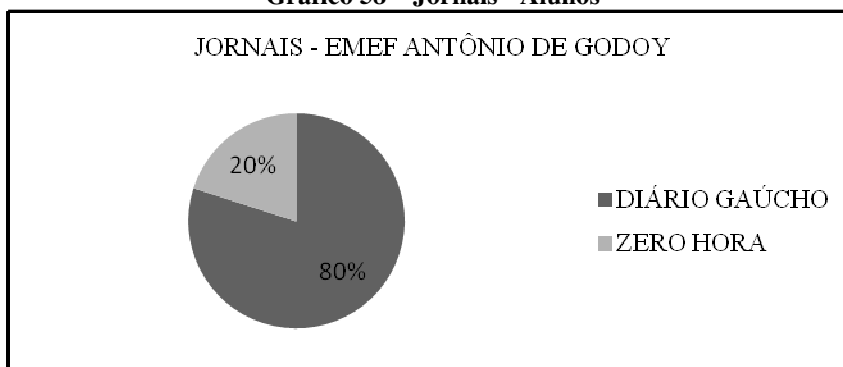
Gráfico 56 – Jornais - Professores

Elaborado pela autora

A respeito dos jornais comprados por alunos e professores, dentre os que responderam que os compram, tanto na EMEF Herbert José de Souza quanto na EMEF Antônio de Godoy apenas Diário Gaúcho e Zero Hora foram citados, com maioria de 81% de consumidores do Diário Gaúcho na primeira escola e 80% na segunda.

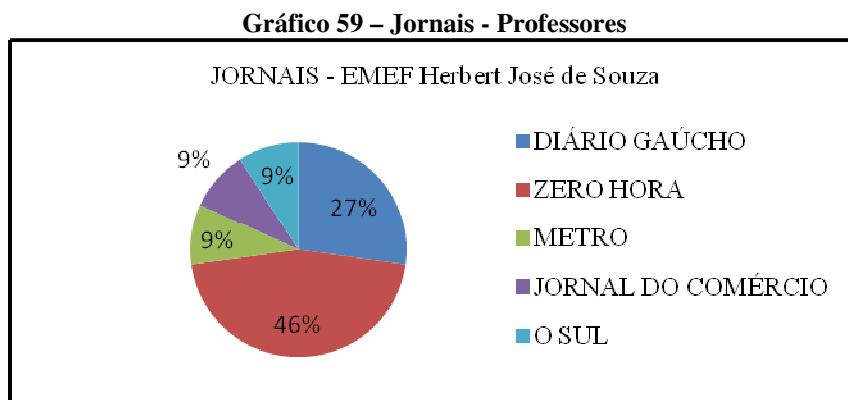
Gráfico 57 – Jornais - Alunos

Elaborado pela autora

Gráfico 58 – Jornais - Alunos

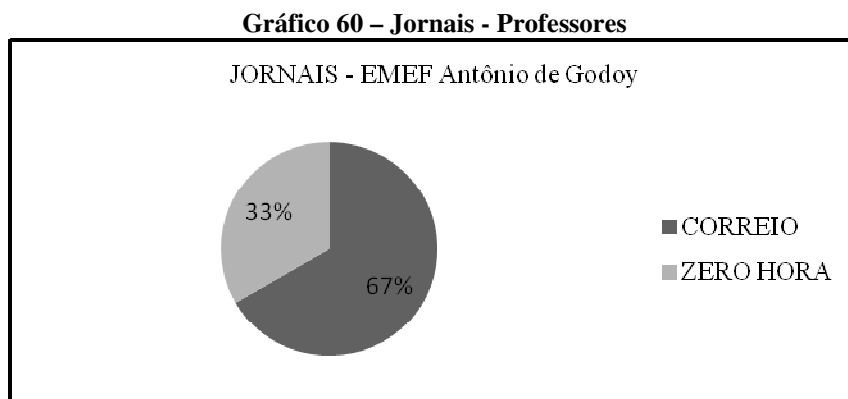
Elaborado pela autora

Os professores da EMEF Herbert José de Souza declararam uma variedade maior de jornais consumidos, conforme gráfico abaixo. Foram citados: Zero Hora – 46%, seguido de Diário Gaúcho - 27% e Metro, Jornal do Comércio e O Sul empatados com 9%.



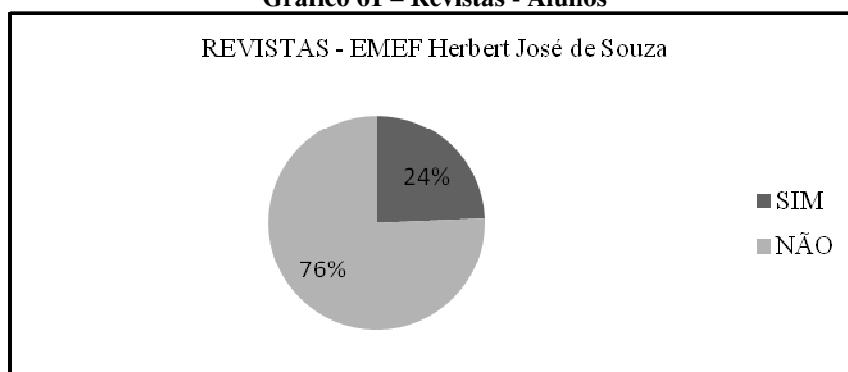
Elaborado pela autora

Os professores da EMEF Antônio de Godoy citaram apenas Correio do Povo e Zero Hora, sendo que 67% indicou o Correio do Povo. Chama atenção o fato do jornal Correio do Povo não ter sido citado nem pelos alunos, nem pelos professores da EMEF Herbert José de Souza.



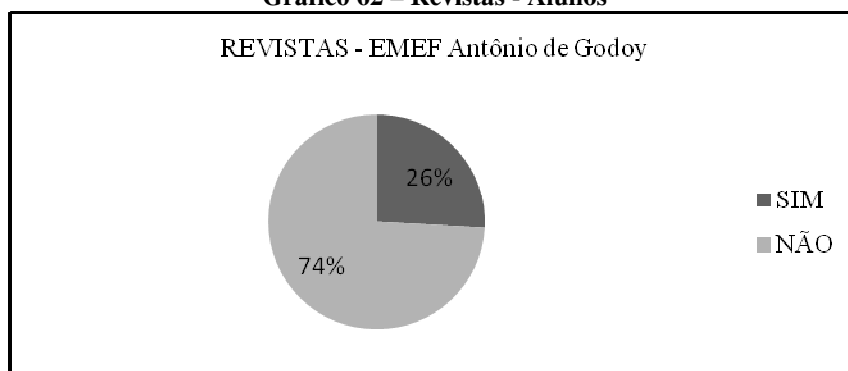
Elaborado pela autora

Quando perguntados sobre o consumo de revistas, dos alunos da EMEF Herbert José de Souza, apenas 24% declararam comprar revistas.

Gráfico 61 – Revistas - Alunos

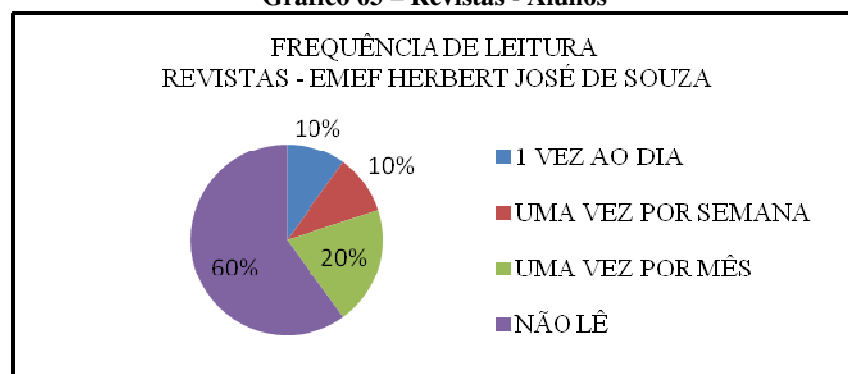
Elaborado pela autora

Da EMEF Antônio de Godoy, o índice de alunos que declararam comprar revistas é semelhante ao da outra escola, com 26% de consumidores.

Gráfico 62 – Revistas - Alunos

Elaborado pela autora

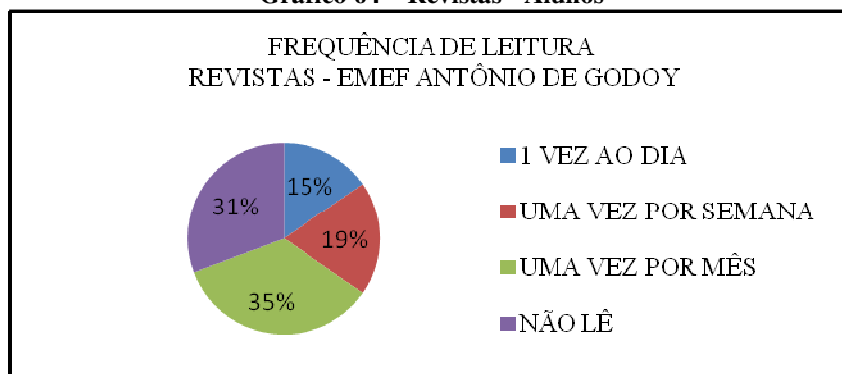
Ao responderem sobre a frequência com que leem revistas, 60% dos alunos da EMEF Herbert José de Souza declararam que não leem, o que corrobora o índice de 24% que declararam que em suas casas compram-se revistas, embora o índice dos que declararam ler pelo menos uma vez ao mês seja superior ao índice dos que declararam não comprar.

Gráfico 63 – Revistas - Alunos

Elaborado pela autora

Na EMEF Antônio de Godoy, apenas 26% declararam comprar revistas, ao passo que 35% declararam ler uma vez por mês, 19% uma vez por semana e 15% uma vez ao dia, totalizando 69% de leitores de revista, um índice bem superior ao índice de compradores.

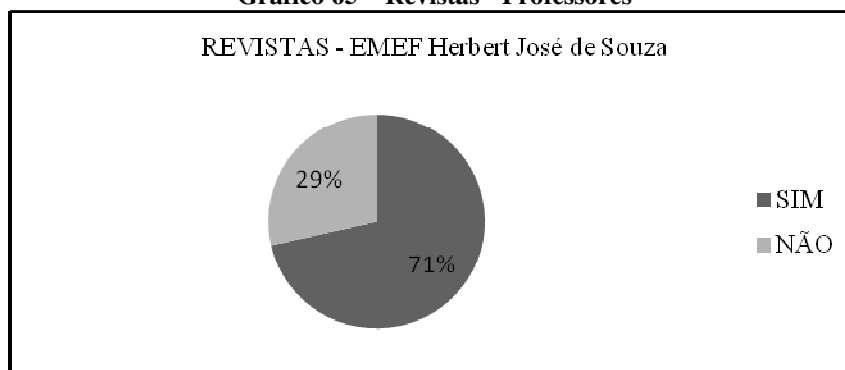
Gráfico 64 – Revistas - Alunos



Elaborado pela autora

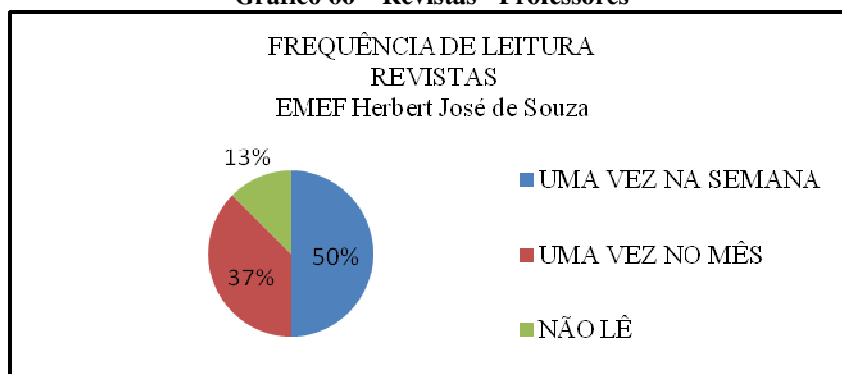
Entre os professores o índice aumenta consideravelmente: dos professores da EMEF Herbert José de Souza, 71% declararam que compram revistas.

Gráfico 65 – Revistas - Professores



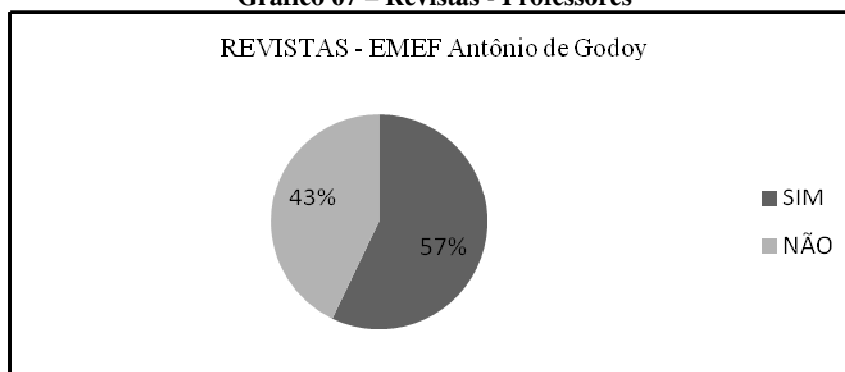
Elaborado pela autora

Em relação à frequência, 50% dos professores declararam ler uma vez por semana e 37% declararam que leem uma vez no mês. Somando-se os que leem semanalmente aos que leem mensalmente, chegamos a um índice 87%, não conferindo a informação acerca do consumo. Subentende-se que o fato de nas suas casas serem compradas revistas, para alguns, não significa que as leem.

Gráfico 66 – Revistas - Professores

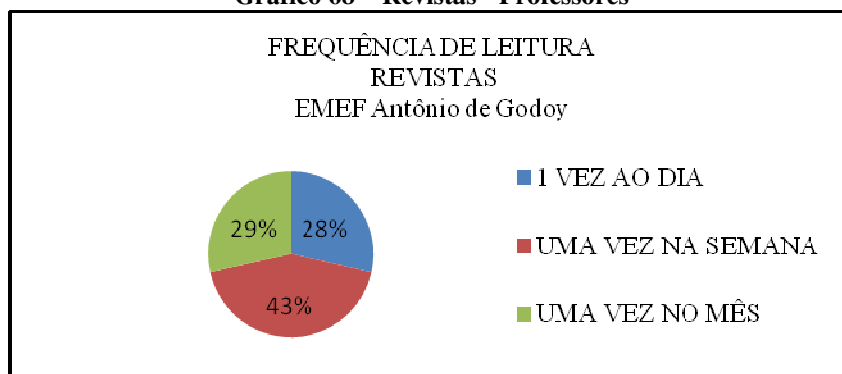
Elaborado pela autora

Dentre os professores da EMEF Antônio de Godoy, o índice reduz um pouco, com 57% de professores consumidores de revistas.

Gráfico 67 – Revistas - Professores

Elaborado pela autora

Entre os professores da EMEF Antônio de Godoy não houve declarantes de não leitores de revistas, embora 43% tenham declarado não comprá-las.

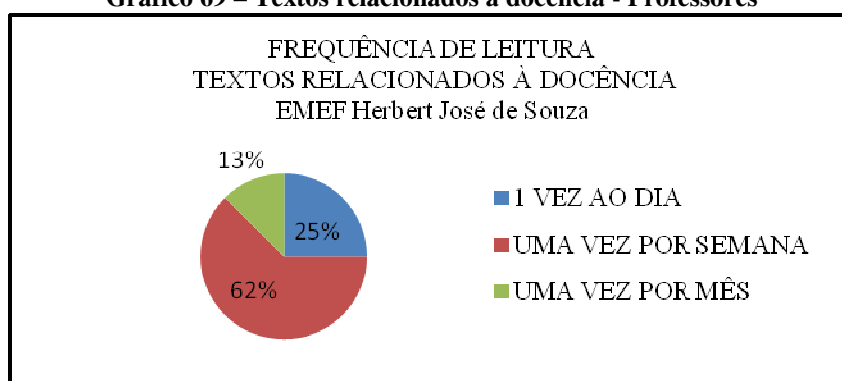
Gráfico 68 – Revistas - Professores

Elaborado pela autora

Podemos concluir, diante dos dados acerca das revistas, que os professores da EMEF Herbert José de Souza consomem mais, mas leem menos, ao passo que os professores da EMEF Antônio de Godoy parecem consumir menos, mas ler mais.

Quando perguntados a respeito da leitura de textos relacionados à docência, os índices aumentaram. Dentre os professores da EMEF Herbert José de Souza, 62% declararam lê-los uma vez por semana, 25% uma vez ao dia e 13% uma vez ao mês, dados a partir dos quais podemos concluir que a maior parte daquilo que os professores leem é relacionada ao exercício profissional.

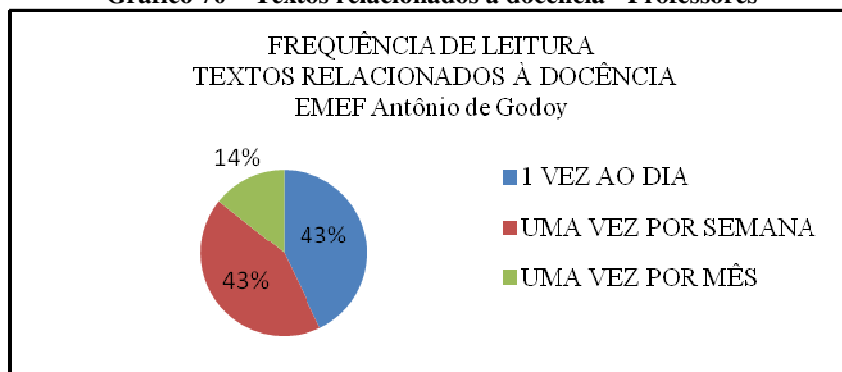
Gráfico 69 – Textos relacionados à docência - Professores



Elaborado pela autora

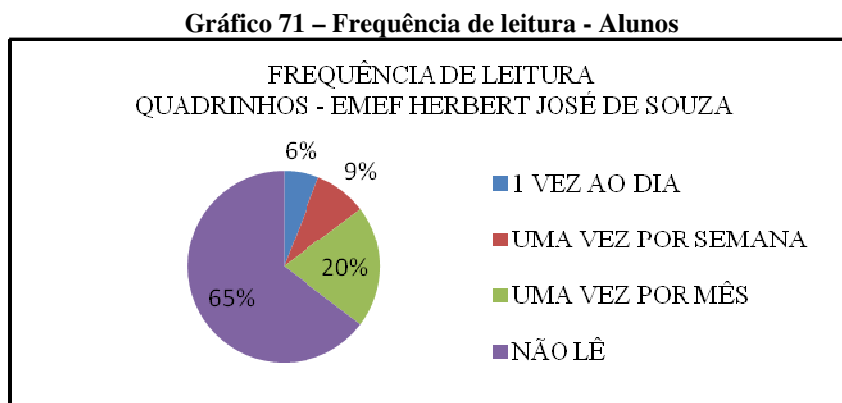
Na EMEF Antônio de Godoy, 43% dos professores indicam que leem textos relacionados à docência uma vez ao dia, e a mesma porcentagem declarou que lê uma vez por semana. Os 14% restantes leem uma vez por mês, indicando a mesma frequência de leitura do que os professores da outra escola.

Gráfico 70 – Textos relacionados à docência - Professores



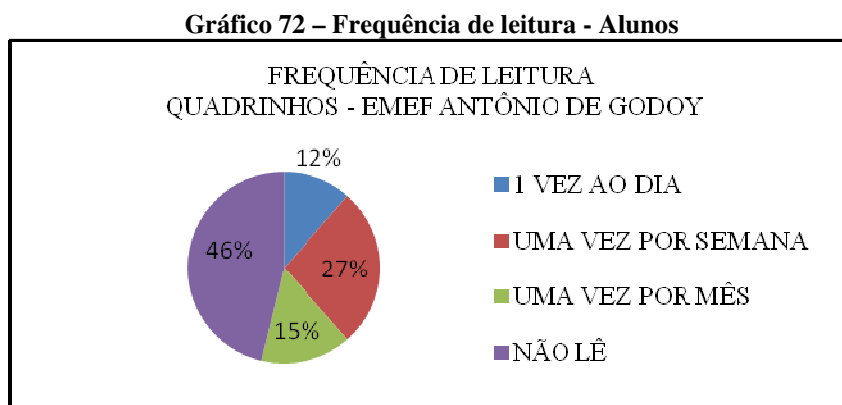
Elaborado pela autora

Os alunos foram questionados, ainda, acerca da frequência com que leem histórias em quadrinhos, tendo em vista que os gibis, geralmente, são lidos pelas crianças e adolescentes. Contrariando o senso comum e algumas pesquisas, 65% dos alunos da EMEF Herbert José de Souza declararam não ler histórias em quadrinhos.



Elaborado pela autora

Embora em porcentagem menor, na EMEF Antônio de Godoy, 46% dos alunos declararam não ler histórias em quadrinhos.



Elaborado pela autora

Não podemos deixar de reforçar o aspecto social e cultural da leitura, uma vez que entendemos esta compreensão como fundamental para todo o trabalho que se pretenda desenvolver com nossos alunos. Colomer e Camps (2002, p. 90) esclarecem:

A condição básica e fundamental para um bom ensino de leitura na escola é a de restituir-lhe seu sentido de prática social e cultural, de tal maneira que os alunos entendam sua aprendizagem como um meio para ampliar suas possibilidades de comunicação, de prazer e de aprendizagem e se envolvam no interesse por compreender a mensagem escrita.

Marcuschi (2009, p. 99) corrobora ao afirmar que “produzir e entender textos não é uma simples atividade de codificação e decodificação, mas um complexo processo de produção de sentido mediante atividades inferenciais”. E este é o sentido que entendemos a leitura para a formação de leitores; a leitura que vai muito além da decodificação. Contemplamos, ainda, a ideia de que “uma das funções da leitura é nos preparar para uma transformação, e a transformação final tem caráter universal. (Bloom, 2001, p. 17)

Embora saibamos que as estratégias de leitura não constituam a totalidade dos processos envolvidos na compreensão leitora, elas desempenham um papel muito importante nesses processos, pois auxiliam o leitor a selecionar, avaliar, persistir, abandonar ou alterar as hipóteses que ele vai criando sobre o conteúdo do que está lendo. Neste sentido, entendemos a compreensão, conforme Foucambert (1997, p. 120):

A compreensão é, nesse caso, um processo, não um resultado; é o processo de questionamento recíproco de um capital gráfico diante dos olhos e de um capital semântico atrás dos olhos. O resultado é a significação atribuída ao texto, a mudança que o texto provocou nas representações do leitor.

É a partir dessa constatação e de tantas outras, através de observações, de estudos, de pesquisas realizadas, que podemos entender a diferença pouco significativa entre os escores obtidos pelos alunos da 6ª e da 8ª série, conforme estudo anterior da pesquisadora. Partindo do pressuposto de que, se as estratégias de leitura fossem bem trabalhadas nas escolas, um aluno de 8ª série deveria, a priori, ter muito mais facilidade para compreender um determinado texto do que um aluno de 6ª série, os alunos da 8ª série deveriam ter tido um desempenho muito melhor do que os alunos da 6ª série.

Outra evidência de que esta progressão não está ocorrendo de forma satisfatória, inclusive em nível nacional, é o decréscimo das médias em leitura, à medida que aumenta o ano avaliado. Por exemplo, o Ideb para 5º ano é maior do que o do 9º ano no município de Alvorada, diferença que aparece no Ideb nacional, quando comparadas as médias por escola. Pode não ser uma informação determinante, mas certamente é indicação de que há algo que precisa ser estudado com mais atenção nesse processo de chegada ao final do Ensino Fundamental, por exemplo. Kleiman (1989, p. 30) esclarece o que tem acontecido na escola, quando afirma:

Cabe notar aqui que o contexto escolar não favorece a delimitação de objetivos específicos em relação a essa atividade. Nele a atividade de leitura é difusa e confusa, muitas vezes, se constituindo apenas em um pretexto para cópias, resumos, análise sintática, e outras tarefas do ensino de língua.

Como já explicitado anteriormente, a compreensão de um texto é um processo que se caracteriza pelo conhecimento prévio. Como observa Poersch (1991), a faixa etária é uma variável importante no desenvolvimento de habilidades para a compreensão. Dentre os resultados obtidos pelo autor em seu estudo sobre a relação entre proposições como fator de leiturabilidade de textos, está a verificação de que o nível de compreensão cresce sistematicamente à medida que o indivíduo avança em faixas de idade. Isso é o que nos faz crer que um aluno de 5º ano não pode ter habilidades semelhantes a de um aluno de 9º ano, no que diz respeito à compreensão leitora. Tendo em vista que estamos falando de alunos concluintes dos anos iniciais e concluintes dos anos finais, as habilidades dos últimos deveria ser significativamente superior, e assim sucessivamente.

Segundo Smith (1999), a leitura não é um processo que se ensina com fórmulas rígidas. O papel do professor é apenas tornar possível essa aprendizagem, criar oportunidades que desenvolvam o processo cognitivo de leitura e a compreensão do texto escrito. De acordo com Antunes (2003, p. 17):

Se o que predomina nas aulas de português continua sendo o estudo inócuo das nomenclaturas e classificações gramaticais, ir à escola e estudar português pode não ter muita importância, principalmente para quem precisa, de imediato, adquirir competências em leitura e em escrita de textos. Ou mesmo para quem precisa ter uma certa fluência e desenvoltura no exercício mais formal da comunicação oral.

Nessa perspectiva, o significado não está no texto propriamente dito, mas é construído pelo leitor durante a leitura por meio dessa interação. Segundo Leffa (1996, p. 22):

Leitura implica uma correspondência entre o conhecimento prévio do leitor e os dados fornecidos pelo texto. Leitor e texto são como duas engrenagens, correndo uma dentro da outra; onde faltar encaixe nas engrenagens leitor e texto se separam e ficam rodando soltos. Quando isso acontece, o leitor fluente, via de regra, recua no texto, retomando-o num ponto anterior e fazendo uma nova tentativa. Se for bem sucedido, há um novo engate e a leitura prossegue.”

O texto serve como ponto de partida para a compreensão e se tornará uma unidade de sentido na interação com o leitor. De acordo com Colomer & Camps (2002, p. 68):

A familiarização com as características do escrito implica ter experiências com textos variados, de tal forma que se vão apreendendo suas características diferenciais, e que a habilidade de leitura possa ser exercitada em todas as suas formas segundo a intenção e o texto.

Entre as inúmeras informações disponíveis no texto, o leitor seleciona aquelas que julga mais relevantes para atingir seu objetivo. Essas informações ativam, na memória do leitor,

seus conhecimentos sobre o assunto, permitindo a construção do sentido a partir da integração entre o novo e o velho. Assim, de acordo com Colomer & Camps (2002, p. 33):

Qualquer ato de compreensão é entendido como uma alternância das redes em que estão organizados os conhecimentos, isto é, como um processo de formar, elaborar e modificar as estruturas de conhecimento que o sujeito tinha antes de entender essa nova informação.

A leitura não é, portanto, um processo que extrai o sentido final do texto, mas a gama de interpretações possíveis é delimitada pelo texto. Entender os processos cognitivos envolvidos na leitura é importante não só para o professor alfabetizador, mas para todos os professores, uma vez que a leitura é a base de todos os processos desenvolvidos na escola. Segundo Colomer & Camps (2002, p. 31-32):

Em suma, ler mais do que um simples ato mecânico de decifração de signos gráficos, é antes de tudo um ato de raciocínio, já que se trata de saber orientar uma série de raciocínios no sentido da construção de uma interpretação da mensagem escrita a partir da informação proporcionada pelo texto e pelos conhecimentos do leitor e, ao mesmo tempo, iniciar outra série de raciocínios para controlar o progresso dessa interpretação de tal forma que se possam detectar as possíveis incompreensões produzidas durante a leitura.

Cabe sublinhar, diante deste contexto, a ausência de práticas de oralidade no tempo em que foi realizada a pesquisa, bem como o reduzido número de gêneros e suportes com que os alunos tiveram contato no mesmo período. Isto demonstra a pouca eficiência das práticas adotadas para formar leitores.

Embora o estudo acerca dos gêneros textuais não seja novo, há, nos últimos anos, um crescente interesse pelo tema. Segundo Marcuschi (2008, p. 147):

O estudo dos gêneros textuais não é novo e, no Ocidente, já tem pelo menos vinte e cinco séculos, se considerarmos que sua observação sistemática iniciou-se em Platão. O que hoje se tem é uma nova visão do mesmo tema. Seria gritante ingenuidade histórica imaginar que foi nos últimos decênios do século XX que se descobriu e iniciou o estudo dos gêneros textuais.

O aprisionamento ao livro didático também aparece quando elencamos os suportes utilizados nas atividades de leitura realizadas. Assim, conforme quadros 52 e 53, é possível observar o protagonismo do livro didático no cotidiano dos alunos.

Quadro 52 – Suporte dos textos – EMEF**Herbert José de Souza**

1	Livro didático	9
2	Fotocópia	4

Elaborado pela autora

Quadro 53 – Suporte dos textos – EMEF**Antônio de Godoy**

1	Livro didático	4
2	Fotocópia	8
3	Livro de poemas	2

Elaborado pela autora

Embora os PCN (1997, p. 21) explicitem a necessidade de se trabalhar com os gêneros textuais, especificamente na disciplina de Português, temos defendido a ideia de que este é um trabalho a ser realizado por todas as disciplinas do currículo, porque partimos do pressuposto, como já afirmado anteriormente, de que todo professor é também um professor de leitura.

Todo texto se organiza dentro de determinado gênero em função das intenções comunicativas, como parte das condições de produção dos discursos, as quais geram usos sociais que os determinam. Os gêneros são, portanto, determinados historicamente, constituindo formas relativamente estáveis de enunciados, disponíveis na cultura.

A amplitude que o conceito de gêneros textuais abarca está relacionada à variedade de textos produzidos socialmente e por isso mesmo, vem ao encontro do caráter interacionista da linguagem, defendido ao longo do texto. Schneuwly & Dolz (2004, p. 97) esclarecem:

Quando nos comunicamos, adaptamo-nos à situação de comunicação. Não escrevemos da mesma maneira quando redigimos uma carta de solicitação ou um conto; não falamos da mesma maneira quando fazemos uma exposição diante de uma classe ou quando conversamos à mesa com amigos. Os textos escritos ou orais que produzimos diferenciam-se uns dos outros e isso porque são produzidos em condições diferentes. Apesar dessa diversidade, podemos constatar regularidades. Em situações semelhantes, escrevemos textos com características semelhantes, que podemos chamar de gêneros de textos, conhecidos de e reconhecidos por todos, e que, por isso mesmo, facilitam a comunicação: a conversa em família, a negociação no mercado ou o discurso amoroso.

Concluimos, portanto, ainda com Schneuwly & Dolz (2004, p. 137):

Assim, em toda a comunidade linguística, os textos produzidos se distribuem em gêneros reconhecidos como tais: gêneros que têm, em geral, nomes que permitem designá-los, falar deles, avaliá-los, e que regulam em grande parte o comportamento de linguagem.

Temos explicitado, ao longo do texto, as tarefas que competem à escola, enquanto formadora de leitores e responsável, também, pelo desenvolvimento das habilidades linguísticas de nossos alunos. Neste sentido, os gêneros tanto de acordo com as orientações

curriculares nacionais, quanto em relação ao referencial teórico adotado para este estudo, deveriam se constituir o foco do ensino, na medida em que a partir deles que os alunos terão acesso aos mais diferentes textos que circulam na sociedade, em situações concretas de práticas de linguagem. É importante ressaltar que esta aceção que adotamos acerca dos gêneros textuais está em consonância também com o que afirmamos sobre a possibilidade de existirem as relações sobre o mundo do sistema e o mundo da vida. Segundo Schneuwly & Dolz (2004, p. 172):

Na ótica do ensino, os gêneros constituem um ponto de referência concreto para os alunos. Em relação à extrema variedade das práticas de linguagem, os gêneros podem ser considerados entidades intermediárias, permitindo estabilizar os elementos formais e rituais das práticas. Assim, o trabalho sobre os gêneros dota os alunos de meios de análise das condições sociais efetivas de produção e de recepção dos textos.

Koch & Elias (2007, p. 122) corroboram as ideias acima, ao defenderem que é somente através do conhecimento, do acesso aos mais diferentes gêneros textuais que nossos alunos conhecerão as diferentes necessidades e conseguirão a mobilidade necessária para adquirir a competência linguística exigida na sociedade atual.

O estudo dos gêneros constitui-se, sem dúvida, numa contribuição das mais importantes para o ensino da leitura e redação. Para reforçar esse posicionamento, afirmamos que, somente quando dominarem os gêneros mais correntes na vida cotidiana, nossos alunos serão capazes de perceber o jogo que frequentemente se faz por meio de manobras discursivas que pressupõem esse domínio.

Ainda, Antunes (2003, p. 120) defende, de forma ainda mais objetiva, o que deve ser feito para que os alunos desenvolvam as habilidades em leitura sobre as quais estamos tratando:

O que passa a ter prioridade é criar oportunidades (oportunidades diárias) para o aluno construir, analisar, discutir, levantar hipóteses, a partir da leitura de diferentes gêneros de textos – única instância em que o aluno pode chegar a compreender, de fato, que a língua que ele fala funciona.

Fica claro, portanto, que entendemos por gêneros textuais toda a variedade de textos que circulam na sociedade, sejam eles orais e escritos. É, portanto, uma concepção em aberto, sujeita às alterações decorrentes do surgimento de diferentes formas de comunicação ao longo do tempo. Cabe à escola, mais especificamente, aos professores preocupados em colaborar para o desenvolvimento das habilidades em leitura, fazer circular o maior número possível de gêneros, que os alunos tenham acesso a eles e, mais do que isso, que se desenvolva um

trabalho sistemático de compreensão acerca de todos os aspectos que categorizam um gênero textual. É nesse sentido que o papel do professor aparece como determinante para que o nível de compreensão leitora dos alunos possa progredir ao longo dos anos escolares. É o professor, especialmente, o de Língua Portuguesa, o responsável por não apenas disponibilizar os mais variados textos que circulam na sociedade para que eles possam ser capazes de compreender textos cada vez mais complexos, mas desenvolver os conteúdos pertinentes a cada um dos textos.

Ao entendermos a compreensão no seu aspecto interacionista, subentendemos a relação entre texto e leitor e as relações estabelecidas entre ambos, ou seja, o sentido do texto não está dado para ser retirado. Conforme elucida Foucambert (1997, p. 120):

O modelo interacionista coloca, portanto, como hipótese que a compreensão não é o produto da atividade da leitura, mas a atividade em si, pela qual se operam a construção dos conteúdos semânticos e a abordagem das unidades gráficas.

É importante observar que dos textos fotocopiados, alguns foram retirados de outros livros didáticos que não os utilizados pelos alunos, o que aumentaria o número de atividades cujo suporte foi o livro didático. Chama atenção a falta de rigor com que os textos são apresentados, por exemplo, sem referências bibliográficas e autoria. Na EMEF Herbert José de Souza só foram utilizados o livro didático e fotocópias. Na EMEF Antônio de Godoy, houve, ainda, a utilização dos livros de poemas na aula de Português. Uma das práticas de leitura mais frequente nas escolas diz respeito à leitura dos livros didáticos ou livros texto, utilizados como base para o ensino dos conteúdos curriculares. Esta foi a prática observada nas duas escolas. A problemática desta prática de leitura é pressupor que estar alfabetizado seja suficiente para que se compreendam todos os textos que circulam na sociedade. A diversidade dos suportes, o que corresponderia à variedade dos gêneros no contexto escolar não foi observada em nenhuma das duas escolas.

Contemplamos em nossa argumentação a necessidade de a escola desenvolver, a partir de um trabalho eficiente, o prazer estético da leitura, entendendo que há uma instância de formação, profunda e muitas vezes imensurável. De acordo com Petit (2003, p. 41):

Às vezes, a leitura nos dá o apoio de uma definição. De uma forma, uma ordenação. Sentimos que existe, em alguns textos escritos por escritores, um pouco mais de verdade que em outras formas de expressão linguística. Porque o escritor quebra os estereótipos, renova a linguagem, caça os clichês – o bom escritor, ao menos. E é um dos raros que fala das contradições e ambivalências das quais somos feitos. Inclusive, é sobre essas contradições,

essa parte obscura do coração humano, que ele, com mais frequência, trabalha.

É preciso observar, entender e refletir sobre o contexto atual com que a escola compete o tempo todo, na disputa pelo interesse dos alunos, o que torna a formação de leitores ainda mais árdua. O celular, por exemplo, proibido em ambas as escolas, foram mais protagonistas do que as leituras. “A mesma aluna coloca a perna em cima da mesa, mostra o dedo médio para o professor, chama-o de filho da #@!% e fica mexendo no celular” (ETNOGRAFIA, p. 213); “Os gritos e as risadas exageradas voltam a acontecer. Os celulares saem das mochilas.” (ETNOGRAFIA, p. 216); “A professora substituta entra na sala, eles tentam gritar. Um telefone foi retirado: a professora recolhe” (ETNOGRAFIA, p. 237); “O professor pede o tempo todo para que desliguem os celulares e tirem os fones” (ETNOGRAFIA, p. 239); “Uma menina na minha frente fala no celular. Recebe a informação de que há um menino na frente da escola” (ETNOGRAFIA, p. 255).

A sociedade mudou e a escola cada vez mais parece obsoleta em relação ao mundo fora do seu contexto. Neste sentido, o trabalho com leitura também deve compreender a diversidade de perfis leitores que chegam à escola. Giardinelli (2010, p. 64) esclarece a problemática da leitura na contemporaneidade:

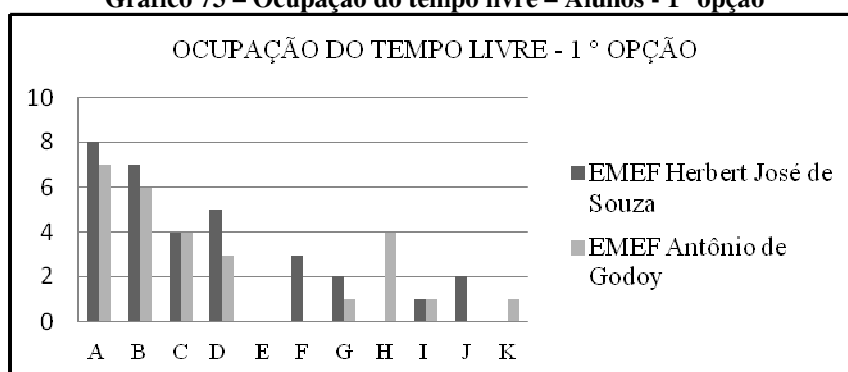
Assim, o sistema educativo escolar e, também, o familiar levaram as crianças das últimas gerações a fugir da leitura e, ao mesmo tempo, a entrar no tolo mundo do consumismo. Perdeu-se o prazer da leitura, o ler para nada, o ler por ler, o ler para se transportar a outros mundos, gerar e estimular a própria fantasia, desenvolver o sentido comum e o senso crítico. Ou seja, ler para ser uma pessoa melhor, que é, em resumo, para que serve a cultura.

Quando perguntados sobre a ocupação do tempo livre, os alunos foram orientados a marcar suas preferências em três níveis. Como primeira opção, nas duas escolas a opção mais assinalada foi navegar na internet e ficar nas redes sociais, seguida de assistir televisão e dormir. Dentre as opções disponibilizadas, a opção de ocupação do tempo livre com a leitura não foi marcada como primeira opção em nenhuma das escolas, por nenhum aluno. Para leitura dos gráficos sobre ocupação do tempo livre utilizar a legenda abaixo:

A	NAVEGAR NA INTERNET/ACESSAR REDES SOCIAIS
B	ASSISTIR TV, FILMES, DVD/OUVIR RÁDIO, MÚSICA
C	DORMIR
D	SAIR COM AMIGOS/FAMÍLIA

E	LER (JORNAIS, REVISTAS, LIVROS, TEXTOS NA INTERNET/ESCREVER)
F	PRATICAR ESPORTES
G	JOGAR VÍDEO-GAME/JOGOS ELETRÔNICOS/JOGOS ONLINE
H	VIAJAR (CAMPO, PRAIA, CIDADE)
I	DESENHAR/PINTAR
J	IR AO CINEMA, TEATRO, MUSEU, EXPOSIÇÕES
K	NÃO INFORMOU

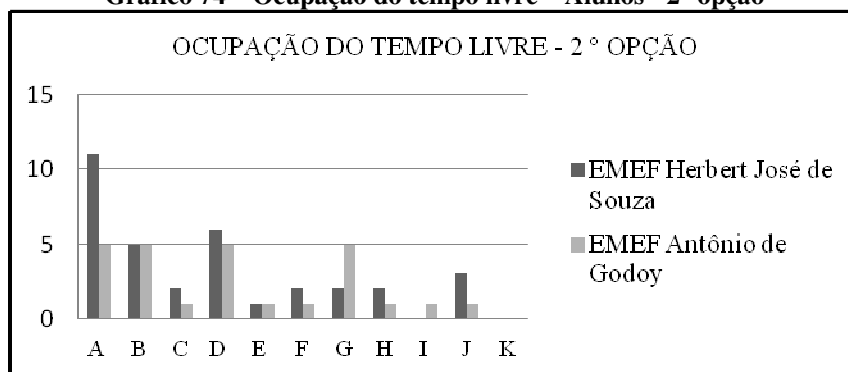
Gráfico 73 – Ocupação do tempo livre – Alunos - 1º opção



Elaborado pela autora

Na segunda opção, houve maior escolha por navegar na internet e ficar nas redes sociais na EMEF Herbert José de Souza, assim como na primeira opção, seguida da opção sair com a família ou amigos. Já na EMEF Antônio de Godoy, os itens navegar na internet, assistir televisão, sair com os amigos e jogar vídeo-game tiveram o mesmo número de marcações, distribuindo de forma variada a preferência pela ocupação do tempo livre. Na segunda opção a leitura foi assinalada apenas uma vez em cada escola, confirmando, mais uma vez, o grande desafio da escola com a formação de leitores.

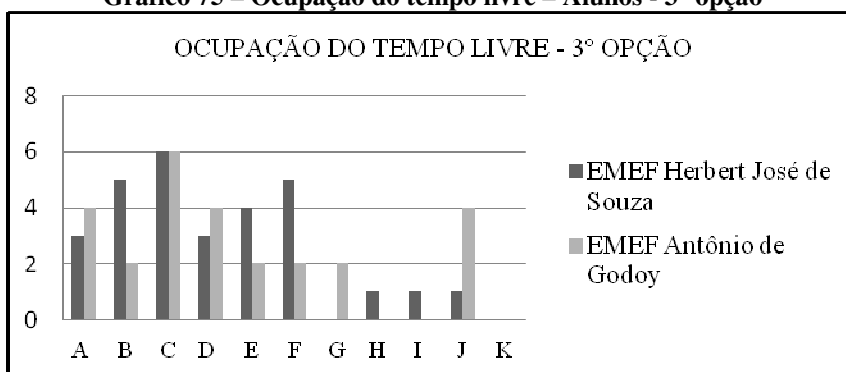
Gráfico 74 – Ocupação do tempo livre – Alunos - 2º opção



Elaborado pela autora

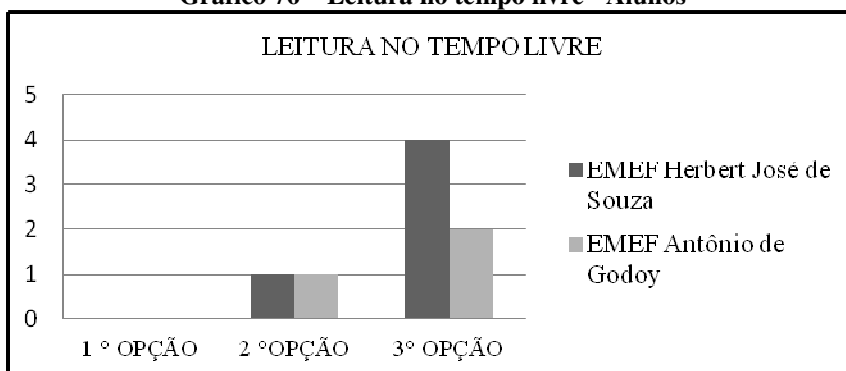
Como terceira opção, a maioria dos alunos marcou o item dormir, seguido, na EMEF Herbert José de Souza, por assistir televisão e praticar esportes com o mesmo número de marcações; na EMEF Antônio de Godoy, a opção dormir foi a mais escolhida, seguida de navegar na internet e ir ao cinema, teatro, exposições, etc. Novamente, há mais diversidade nas opções dos alunos da EMEF Antônio de Godoy e maior hegemonia das escolas dos alunos da EMEF Herbert José de Souza. Como terceira opção, a leitura foi escolhida por um número maior de alunos.

Gráfico 75 – Ocupação do tempo livre – Alunos - 3º opção



Elaborado pela autora

Gráfico 76 – Leitura no tempo livre - Alunos



Elaborado pela autora

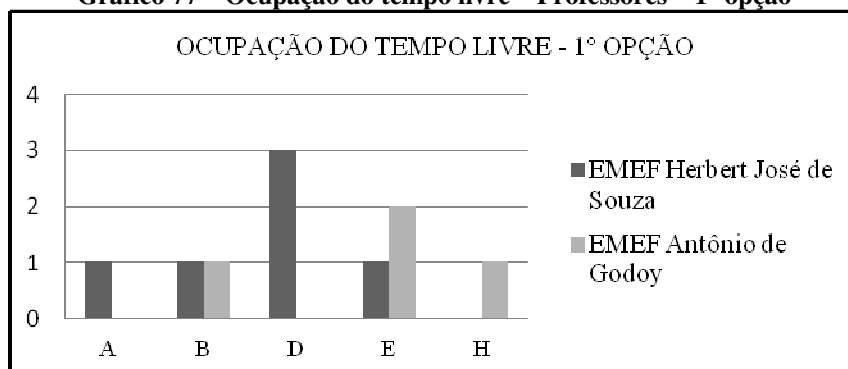
Em relação apenas ao item leitura, o gráfico 27 apresenta as ocorrências da opção nas três posições possíveis. Não houve ocorrência como primeira opção, poucas como segunda opção, aparecendo de forma mais significativa na terceira opção, embora de forma mais consistente na EMEF Herbert José de Souza.

Os professores, diante da mesma questão, apresentaram divergências nas respostas apontadas na comparação entre as duas escolas. Como primeira opção, o item sair com a família e amigos foi a mais escolhida entre os professores da EMEF Herbert José de Souza, ao

passo que não foi marcada por nenhum professor da EMEF Antônio de Godoy. A leitura aparece como primeira opção para a maioria dos professores da segunda escola, seguida de viajar e assistir televisão, com o mesma quantidade de marcações.

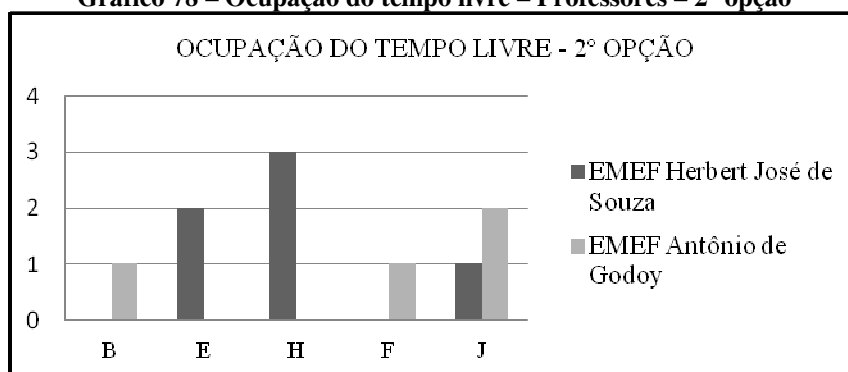
A	NAVEGAR NA INTERNET/ACESSAR REDES SOCIAIS
B	ASSISTIR TV, FILMES, DVD/OUVIR RÁDIO, MÚSICA
C	DORMIR
D	SAIR COM AMIGOS/FAMÍLIA
E	LER (JORNALIS, REVISTAS, LIVROS, TEXTOS NA INTERNET/ESCREVER
F	PRATICAR ESPORTES
G	JOGAR VÍDEO-GAME/JOGOS ELETRÔNICOS/JOGOS ONLINE
H	VIAJAR (CAMPO, PRAIA, CIDADE)
I	DESENHAR/PINTAR
J	IR AO CINEMA, TEATRO, MUSEU, EXPOSIÇÕES
K	NÃO INFORMOU

Gráfico 77 – Ocupação do tempo livre – Professores – 1º opção



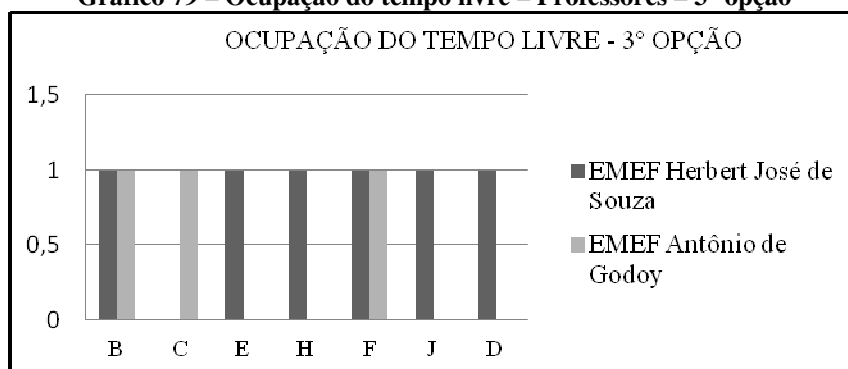
Elaborado pela autora

Como segunda, a maioria dos professores da EMEF Herbert José de Souza marcaram o item viajar, seguido de ler e ir ao cinema, teatro, exposições. Na EMEF Antônio de Godoy, como segunda opção, o item mais marcado foi ir ao cinema, teatro, exposições, seguido de assistir televisão e praticar esportes, com o mesmo número de marcações. Como segunda opção, a leitura não foi marcada nenhuma vez pelos professores da EMEF Antônio de Godoy. É importante observar que dentre as opções da questão, apenas três foram marcadas pelos professores das duas escolas, sendo que a única em comum foi a ida ao cinema, teatro e a exposições.

Gráfico 78 – Ocupação do tempo livre – Professores – 2º opção

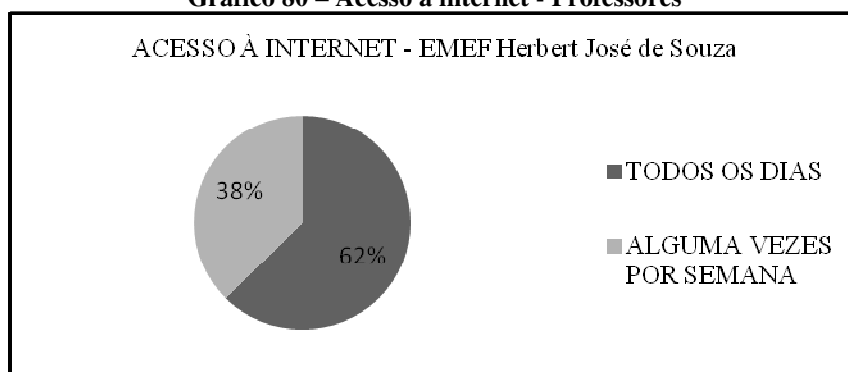
Elaborado pela autora

Como terceira opção, mais itens foram marcados, não havendo marcação igual em nenhum deles, nas duas escolas.

Gráfico 79 – Ocupação do tempo livre – Professores – 3º opção

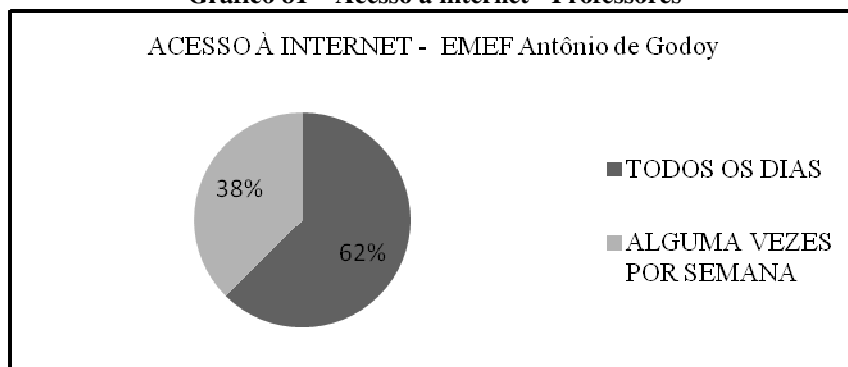
Elaborado pela autora

Embora, entre os professores, a opção navegar na internet/redes sociais não tenha aparecido tantas vezes como apareceu entre os alunos, quando perguntados sobre a frequência com que acessam a internet, 62% responderam que acessam todos os dias e 38% que acessam algumas vezes por semana, ou seja, 100% dos professores acessam com frequência a internet. Este dado é curioso, tendo em vista que os mesmos professores não apontaram o acesso à internet e a participação nas redes sociais como ocupações do tempo livre, em nenhuma das três opções.

Gráfico 80 – Acesso à internet - Professores

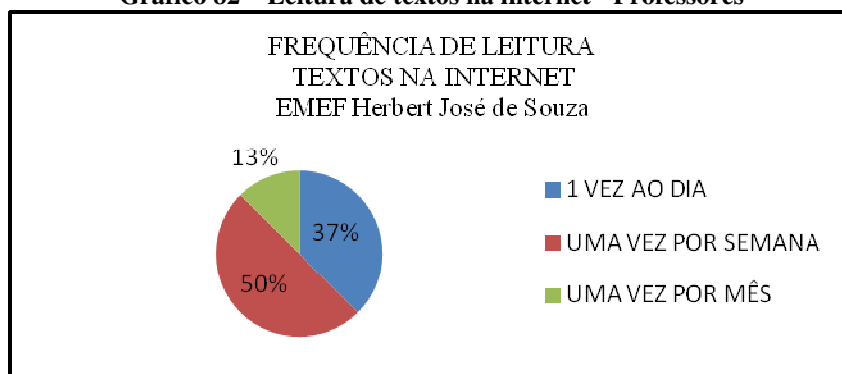
Elaborado pela autora

Na EMEF Antônio de Godoy ocorreu exatamente a mesma incongruência entre as informações dadas no questionário para identificação do perfil leitor. A maioria dos professores sinalizou a leitura como primeira preferência entre as atividades no tempo livre, mas 100% declaram que acessam a internet com frequência.

Gráfico 81 – Acesso à internet - Professores

Elaborado pela autora

Outra incongruência diz respeito à leitura de textos na internet. 100% dos professores em ambas as escolas acessam a internet frequentemente, mas apenas 37% dos professores da EMEF Herbert José de Souza declararam ler textos na internet diariamente. 62% acessam a internet todos os dias e apenas 37% lê textos na internet diariamente.

Gráfico 82 – Leitura de textos na internet - Professores

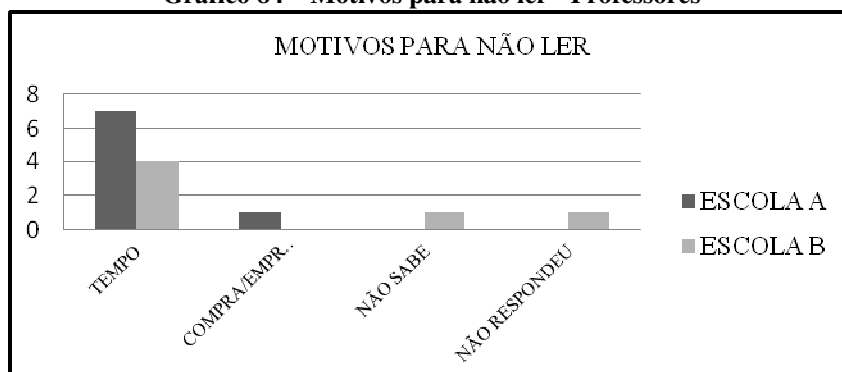
Elaborado pela autora

Na EMEF Antônio de Godoy, mais uma vez, os dados parecem mais fidedignos, uma vez que 62% declararam acessar a internet todos os dias e 57% declararam ler textos na internet diariamente, mantendo maior coerência entre as respostas dadas.

Gráfico 83 – Leitura de textos na internet - Professores

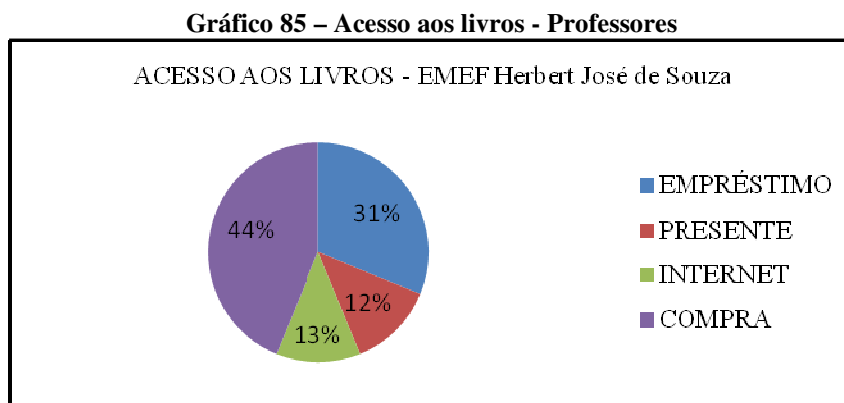
Elaborado pela autora

O principal motivo para não ler apontado pelos professores foi a falta de tempo, conforme gráfico abaixo.

Gráfico 84 – Motivos para não ler - Professores

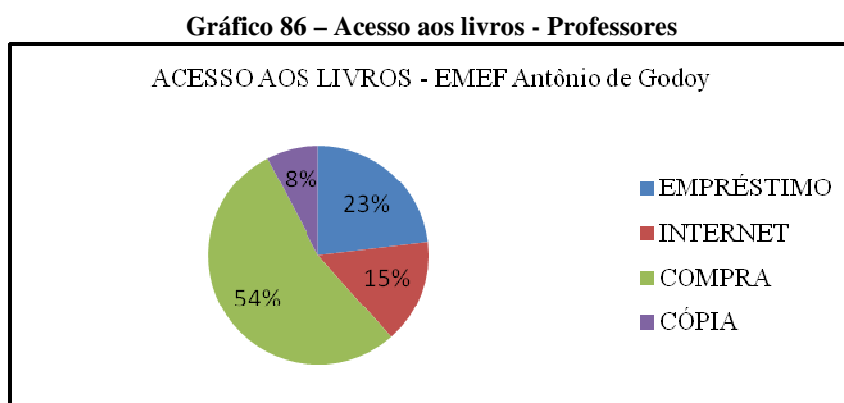
Elaborado pela autora

A forma de acesso aos livros mais frequente entre os professores foi a compra, nas duas escolas. 44% dos professores da EMEF Herbert José de Souza declararam que compram livros e 31% que pegam emprestado.



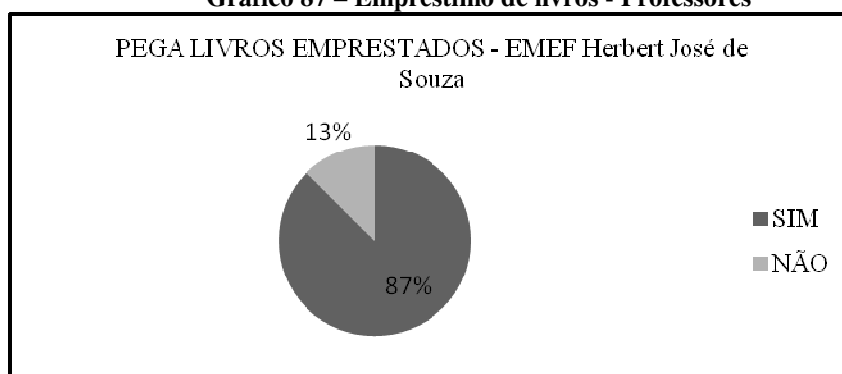
Elaborado pela autora

Na EMEF Antônio de Godoy, o índice de compradores foi ainda maior – 54%, seguido 23% que declararam pegar emprestado.



Elaborado pela autora

Embora tenham indicado a compra como o principal meio de acesso aos livros, quando questionados se pegam ou não livros emprestados, 87% dos professores da EMEF Herbert José de Souza declaram pegar.

Gráfico 87 – Empréstimo de livros - Professores

Elaborado pela autora

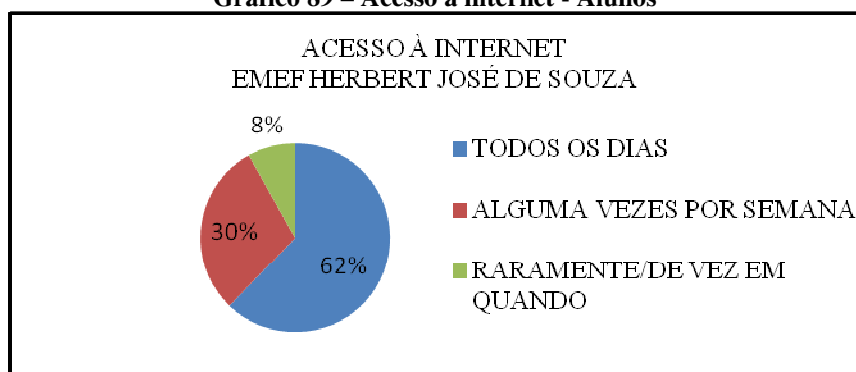
Não com diferença muito significativa em relação à outra escola, 83% dos professores da EMEF Antônio de Godoy também afirmaram que pegam livros emprestados.

Gráfico 88 – Empréstimo de livros - Professores

Elaborado pela autora

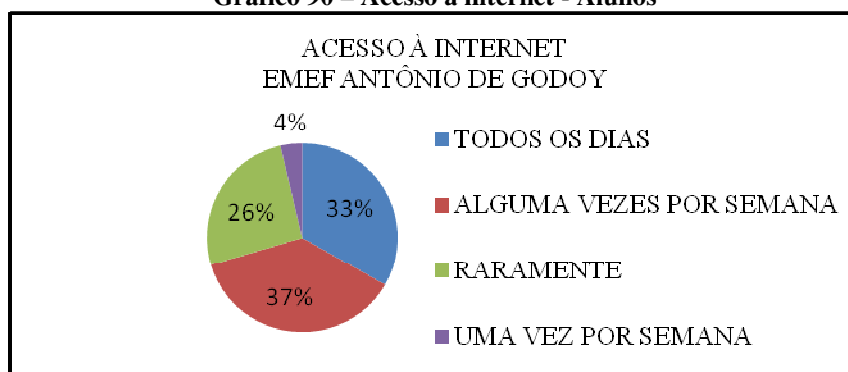
Como a questão não explicitava onde estes livros são pegos, não há como saber se são retirados em bibliotecas ou na própria biblioteca da escola, ou, ainda, se os empréstimos a que se referiram sejam de pessoa para pessoa.

Além de declararem como primeira opção a ocupação do tempo livre na internet e redes sociais, a frequência com que acessam a internet, ao contrário do que ocorreu com os professores confirma o que os alunos declaram na pergunta anterior. 62% dos alunos da EMEF Herbert José de Souza declararam acessar à internet diariamente e 30% declararam acessar algumas vezes por semana. Somando as duas respostas, temos um total 92% dos alunos como usuários frequentes da internet.

Gráfico 89 – Acesso à internet - Alunos

Elaborado pela autora

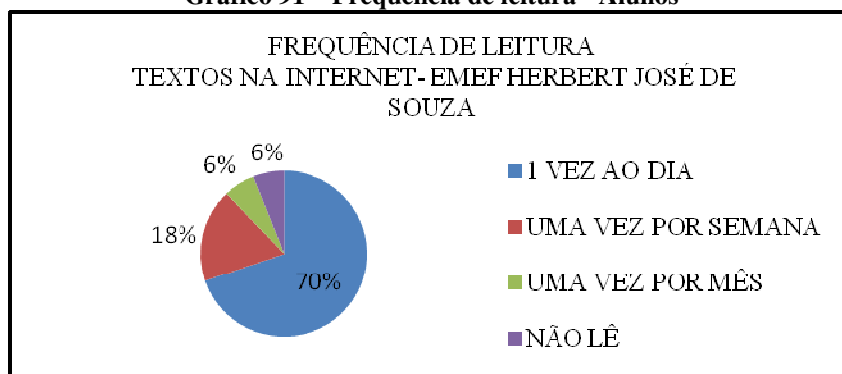
Entre os alunos da EMEF Antônio de Godoy, 37% declararam que acessam algumas vezes por semana, diferentemente dos alunos da outra escola, cuja maioria declarou acessar todos os dias. Este dado provavelmente demonstre as diferenças econômicas entre os dois grupos. 33% declararam acessar diariamente, totalizando 70% dos alunos cujo acesso à internet ocorre frequentemente.

Gráfico 90 – Acesso à internet - Alunos

Elaborado pela autora

Quando questionados acerca da frequência com que leem textos na internet, os dados são mais uma vez confirmados: 70% dos alunos da EMEF Herbert José de Souza declararam ler textos na internet diariamente.

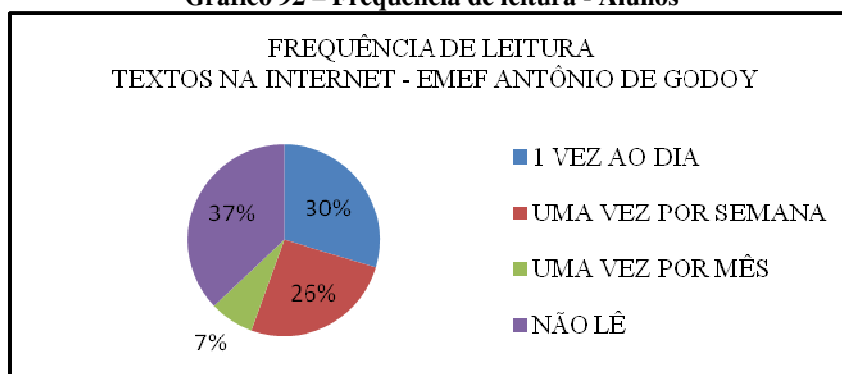
Gráfico 91 – Frequência de leitura - Alunos



Elaborado pela autora

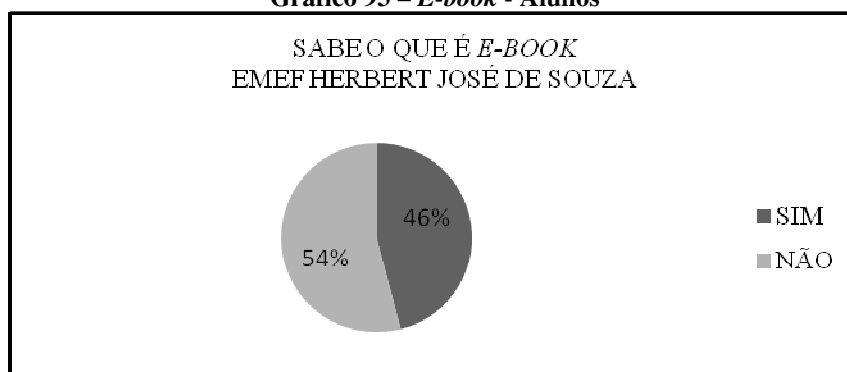
Na EMEF Antônio de Godoy a maioria declarou não ler textos na internet, o que demonstra uma compreensão peculiar do que seja texto, uma vez que os outros dados acerca da ocupação do tempo livre, a frequência de acesso à internet, bem como o conhecimento sobre *e-book's* demonstram que eles leem textos na internet.

Gráfico 92 – Frequência de leitura - Alunos

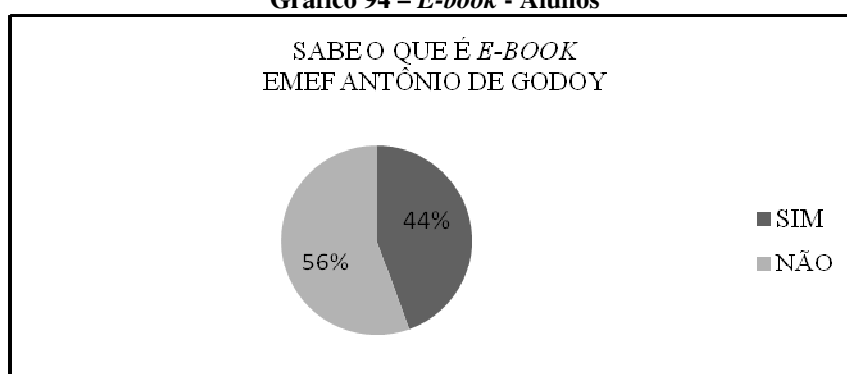


Elaborado pela autora

Neste contexto de virtualidade e acesso à internet surpreende as respostas dadas ao conhecimento ou não acerca do que é um *e-book*. 54% dos alunos da EMEF Herbert José de Souza declararam não saber o que é um *e-book*, índice que se repetiu entre os alunos da EMEF Antônio de Godoy, entre os quais 56% declararam também não saber. Este dado é indício de que, embora passem bastante tempo conectados, as redes sociais e a internet não são utilizadas para leitura de livros.

Gráfico 93 – *E-book* - Alunos

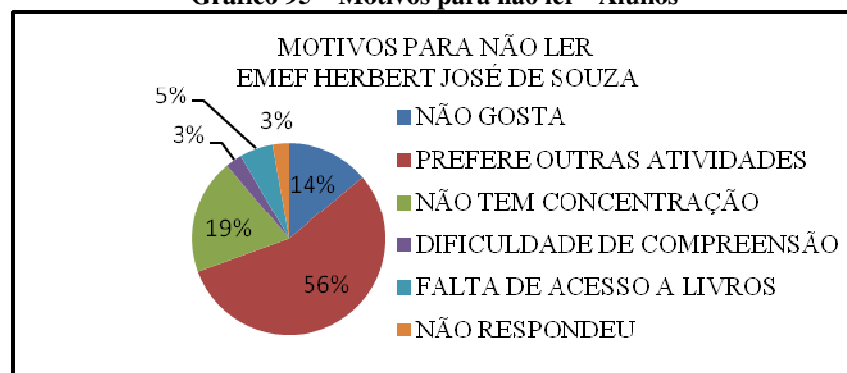
Elaborado pela autora

Gráfico 94 – *E-book* - Alunos

Elaborado pela autora

Na esteira da ocupação do tempo livre nas redes sociais e a falta de conhecimento sobre os *e-book's*, aparecem os índices de alunos que alegam não ler por interessarem-se mais por outras atividades que, embora não especificadas na questão, indicam, mais uma vez, a ocupação com a redes sociais.

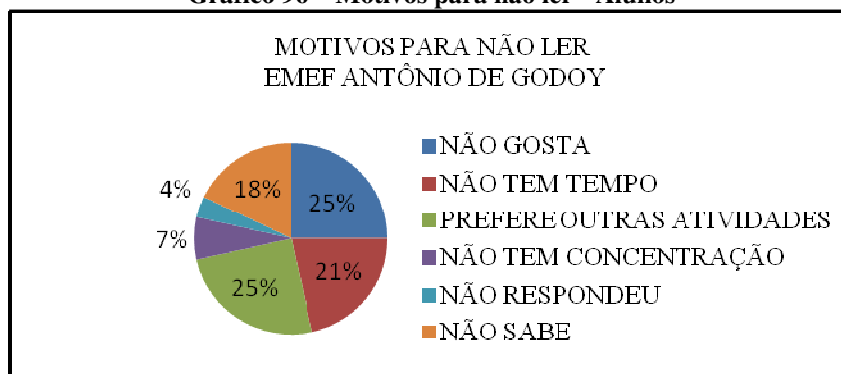
Gráfico 95 – Motivos para não ler - Alunos



Elaborado pela autora

Entre os alunos da EMEF Herbert José de Souza o índice de alunos que declarou preferir outras atividades foi de 56%. O índice dos que declararam não ler por não gostar foi de 14%.

Gráfico 96 – Motivos para não ler - Alunos

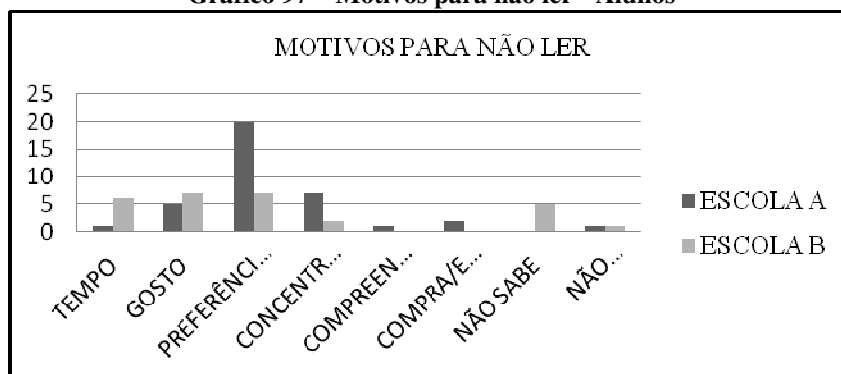


Elaborado pela autora

Na EMEF Antônio de Godoy, o não gostar e o preferir outras atividades dividiram metade os alunos. Dos outros 50%, 21% declararam não ter tempo e 18% declararam não saber por que não leem.

Comparando as duas escolas, conforme gráfico abaixo, fica evidente a distribuição das respostas na EMEF Antônio de Godoy e a concentração das respostas na preferência por outras atividades, na EMEF Herbert José de Souza.

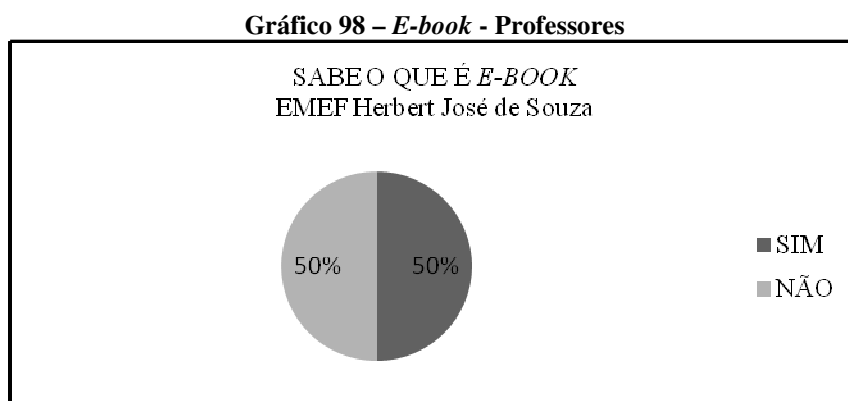
Gráfico 97 – Motivos para não ler - Alunos



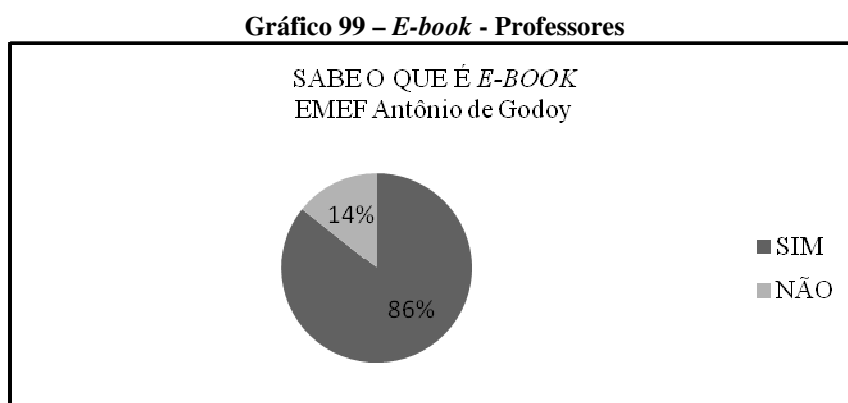
Elaborado pela autora

Este indício aparece também entre os professores, quando observamos que 50% dos professores declararam ter conhecimento acerca do que é um *e-book*, na EMEF Herbert José de Souza. Tendo em vista que o grupo de professores desta escola é mais novo do que o da EMEF Antônio de Godoy, é surpreendente que o índice de professores que declararam saber o

que é um *e-book*, nesta escola, tenha sido de 86%. Os resultados acerca desta pergunta, sobretudo em relação aos professores, também surpreende pelo fato de que a questão não se referia ao consumo de *e-books*, tampouco sobre experiências de leituras de *e-books*, apenas sobre o conhecimento. Além de uma questão que delinea o perfil leitor, é uma questão que demonstra conhecimento de mundo ou a falta dele.

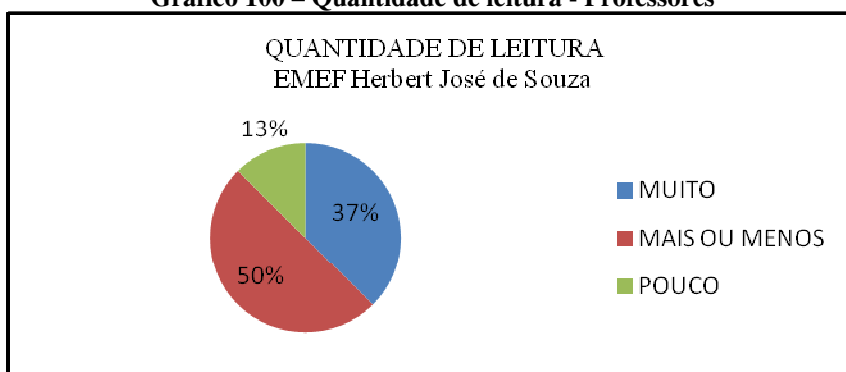


Elaborado pela autora



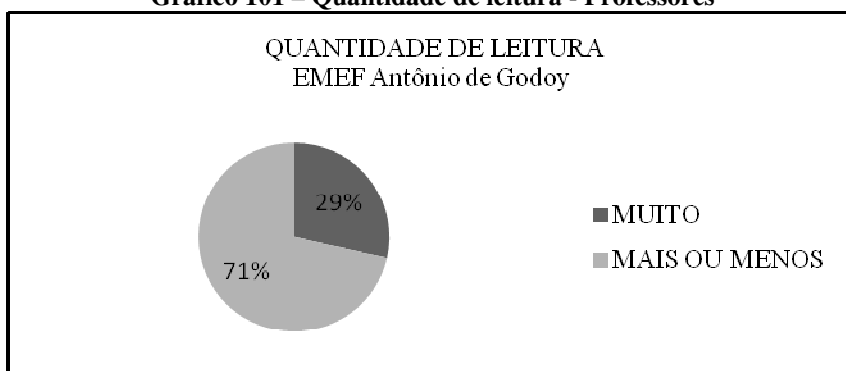
Elaborado pela autora

Outro dado importante diz respeito ao quanto os professores dizem que leem. Do total, 50% dos professores da EMEF Herbert de Souza declararam ler mais ou menos, 37% declararam ler muito e apenas 13% declararam ler pouco.

Gráfico 100 – Quantidade de leitura - Professores

Elaborado pela autora

Na EMEF Antônio de Godoy o dado é ainda mais alarmante, uma vez que nenhum professor declarou ler pouco. Do total, 71% declararam ler mais ou menos e 29% declararam ler muito.

Gráfico 101 – Quantidade de leitura - Professores

Elaborado pela autora

As informações acerca da quantidade de leitura, na visão dos professores, contradiz as informações acerca da ocupação do tempo livre e também a média de livros lidos no ano, até o momento da realização da pesquisa, que foi de 2,25 livros/ano na EMEF Herbert José de Souza e 2,4 livros/ano na EMEF Antônio de Godoy, ambas inferiores à média nacional, que é de 4 livros por ano, mas superior à média nacional referente à leitura espontânea, que é de pouco mais de um livro por ano. Dos professores da EMEF Herbert José de Souza, apenas um declarou não ter lido nem um livro até o momento da pesquisa e o que mais leu, declarou ter lido 7 livros. Na EMEF Antônio de Godoy, nenhum professor declarou não ter lido livro algum até o momento da pesquisa e o professores que declarou maior quantidade de livros, afirma que havia lido 8 livros até o momento da pesquisa.

Quadro 54 - Média de livros lidos no ano - Professores

EMEF Herbert José de Souza	EMEF Antônio de Godoy
2,25	2,4

Elaborado pela autora

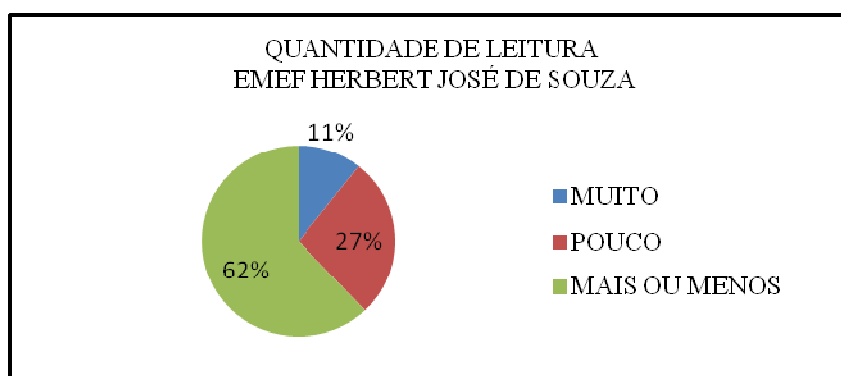
Se, para os professores, a média é baixa para os alunos, então, a média não chega a um livro por ano. A média de livros foi inferior na EMEF Herbert José de Souza, porque um aluno da EMEF Antônio de Godoy ter declarado que havia lido 10 livros até o momento da realização da pesquisa, ao passo que na EMEF Herbert José de Souza, o aluno que declarou a maior quantidade, declarou ter lido 5 livros.

Quadro 55 - Média de livros lidos no ano - Alunos

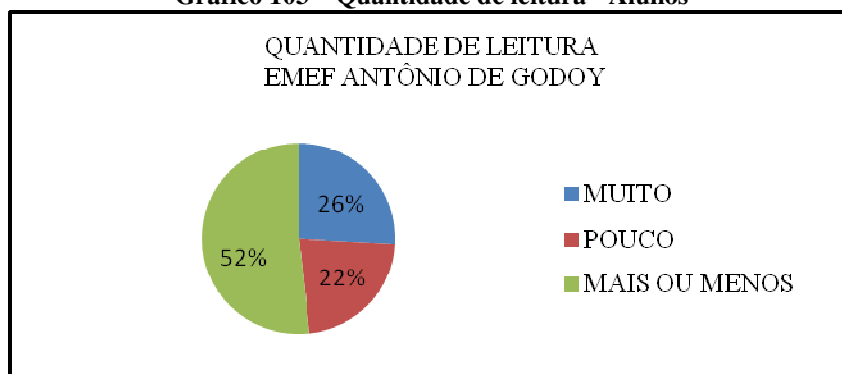
EMEF Herbert José de Souza	EMEF Antônio de Godoy
0,4	0,7

Elaborado pela autora

Segundo a visão dos próprios alunos, eles leem mais ou menos. 62% dos alunos da EMEF Herbert José de Souza declararam ler mais ou menos e 52% dos alunos da EMEF Antônio de Godoy declararam a mesma coisa. Apenas 11% dos alunos da primeira escola consideram que leem muito, enquanto 26% da segunda escola tem este julgamento. Mais alunos da escola com maior Ideb – EMEF Herbert José de Souza – declararam ler pouco.

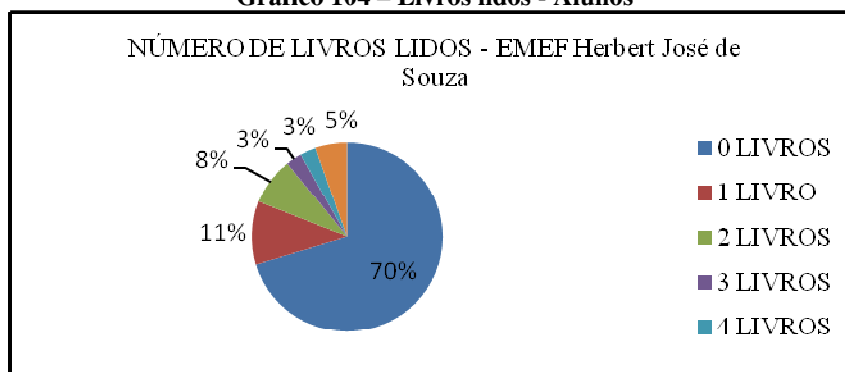
Gráfico 102 – Quantidade de leitura - Alunos

Elaborado pela autora

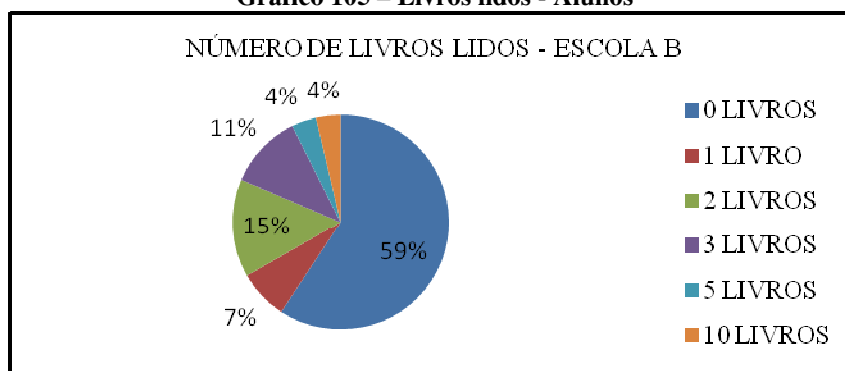
Gráfico 103 – Quantidade de leitura - Alunos

Elaborado pela autora

Do total, 70% dos alunos da EMEF Herbert José de Souza declararam não ter lido nem um livro até o momento da pesquisa e a mesma informação foi dada por 59% dos alunos da EMEF Antônio de Godoy.

Gráfico 104 – Livros lidos - Alunos

Elaborado pela autora

Gráfico 105 – Livros lidos - Alunos

Elaborado pela autora

É evidente que os conceitos de muita leitura, pouca leitura e, principalmente, ler mais ou menos são relativos, porque o que é muito para um professor pode ser pouco para outro, no entanto, pesquisas mostram que em países desenvolvidos o número de livros lidos ao ano por habitante, considerando a leitura espontânea, pode chegar a 10 livros. No caso dos professores

das duas escolas pesquisadas, excetuando aqueles que podem estar estudando, a leitura pode ser considerada espontânea, uma vez que, quando questionados a respeito da escola exigir ou não que eles realizem alguma leitura, 100% dos professores da EMEF Antônio de Godoy afirmaram que não são exigidos. Apenas um professor da EMEF Herbert José de Souza declarou que a escola exige leitura dos professores, mas não explicitou a que leituras estava se referindo.

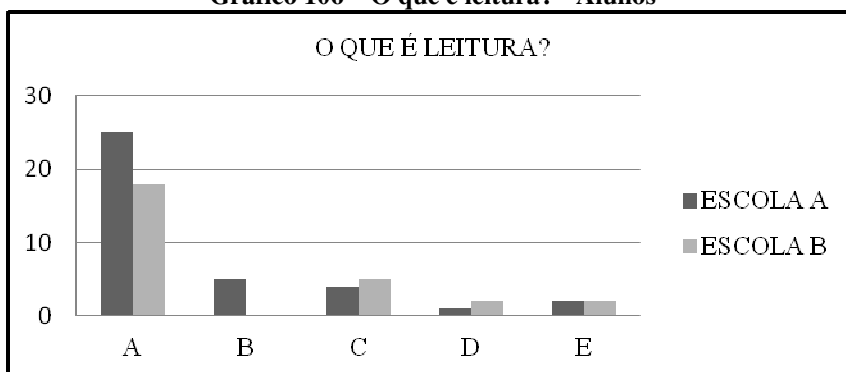
Além da necessidade de um trabalho coletivo e sistemático de desenvolvimento de leitores competentes, a escola também tem, atualmente, a função de cativar para a leitura, para a descoberta do prazer de ler não só com objetivos claramente especificados, mas também de ler por prazer, ler como lazer, como distração, como processo de autoconhecimento e ampliação do mundo, da capacidade de compreensão do mundo. Segundo Petit (2003, p. 43):

Se o fato de ler possibilita abrir-se para o outro, não é somente pelas formas de sociabilidade e pelas conversas que se tecem em torno dos livros. É também pelo fato de que ao experimentar, em um texto, tanto sua verdade mais íntima como a humanidade compartilhada, a relação com o próximo se transforma. Ler introduz no mundo de forma diferente. O mais íntimo pode alcançar neste ato o mais universal.

Os gráficos acima demonstram a pouca valorização da leitura como atividade de lazer, como ocupação do tempo livre, sobretudo dos alunos. Assim, a própria concepção de leitura de alunos e professores comprovam o lugar da leitura em suas vidas, tendo em vista que a grande maioria apontou a leitura como fonte de conhecimento para a vida, atrelando a ideia já apresentada da supremacia da leitura como ampliação de repertório informativo. Para a leitura dos gráficos sobre o que é leitura, utiliza-se a legenda abaixo:

A	CONHECIMENTO PARA A VIDA
B	CONHECIMENTO PARA A ESCOLA
C	ATIVIDADE INTERESSANTE/PRAZEROSA
D	UMA OBRIGAÇÃO
E	ALGO CANSATIVO

Gráfico 106 – O que é leitura? - Alunos

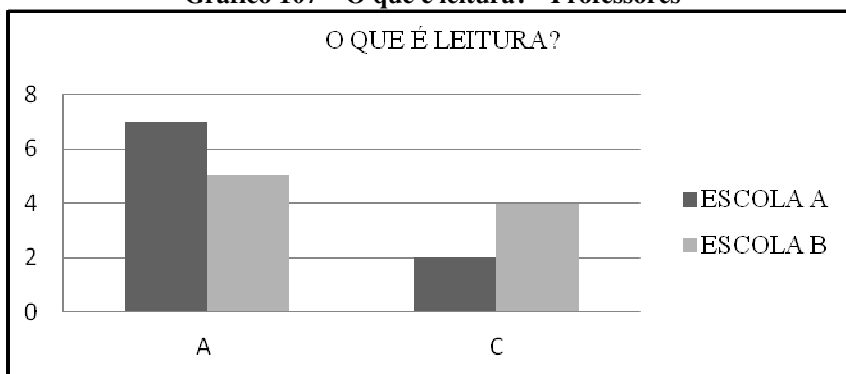


Elaborado pela autora

A grande maioria dos alunos, em ambas as escolas, marcou a opção de leitura como conhecimento para a vida, seguida de atividade prazerosa – EMEF Herbert José de Souza – e de conhecimento para a escola – EMEF Antônio de Godoy. Se por um lado houve poucas marcações no item atividade prazerosa, que identificaria a leitura como um passatempo, também demonstrado nos gráficos sobre ocupação do tempo livre, as opções em que a leitura era identificada como algo cansativo ou uma obrigação foram ainda menos assinaladas.

Em relação aos professores, apenas duas das opções foram assinaladas: fonte de conhecimento para a vida e atividade interessante e prazerosa. Tanto na EMEF Herbert José de Souza quanto na EMEF Antônio de Godoy, assim como ocorreu com os alunos, a maioria das atribuições para a questão *O que é leitura?* foi de que ela é fonte de conhecimento para a vida, corroborando, mais uma vez, a predominância do entendimento de leitura como ampliação de repertório informativo, embora na EMEF Antônio de Godoy tenha uma diferença de apenas um professor entre as duas opções assinaladas.

Gráfico 107 – O que é leitura? - Professores



Elaborado pela autora

Assim, é preciso dar conta daqueles cujos livros os acompanharam desde sempre, como aqueles que conheceram os livros na escola; aqueles cujas experiências com a leitura foram prazerosas e a escola teima em transformá-las em experiência menos satisfatórias, como aqueles que trazem para a sala de aula suas experiências frustrantes, negativas com a leitura. Segundo Anne-Marie Chartier (1996, p. 49):

Ao lado das crianças acostumadas com os livros que lhes foram lidos e relidos, sempre existem crianças educadas no meio de adultos que praticamente não leem. Também encontramos muitas crianças que têm, desde sua primeira infância, uma experiência negativa ou ambígua com o livro.

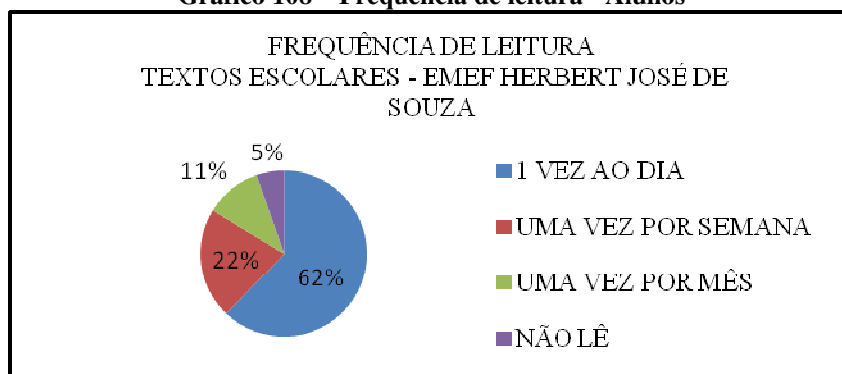
É evidente que não tentamos ser ingênuos, pois, embora não haja garantias, sabe-se que as experiências estéticas, as que sensibilizam, as que tocam podem ajudar na compreensão de muitos aspectos por vezes não compreendidos pela razão. Petit (2008, p. 100) explicita:

Não é que ler torne a pessoa virtuosa, não sejamos ingênuos: sabemos o quanto a história é rica em tiranos ou perversos letrados. Mas ler pode fazer com que a pessoa se torne um pouco mais rebelde e dar-lhe a idéia de que é possível sair do caminho que tinham traçado para ela, escolher sua própria estrada, sua própria maneira de dizer, ter direito a tomar decisões e participar de um futuro compartilhado, em vez de sempre se submeter aos outros.

Se por um lado não há garantias, temos a certeza de que, por outro, não nos restam dúvidas de que é também papel da escola incentivar e possibilitar experiências estéticas, que podem ocorrer não só pela literatura, mas também por ela. Conforme Petit (2008, p. 179):

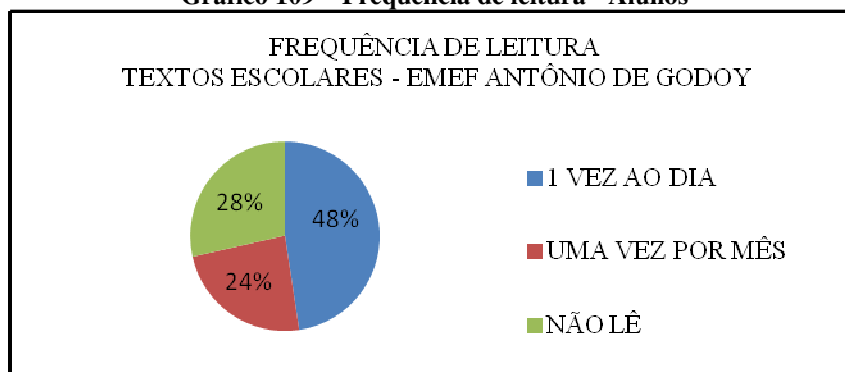
O imaginário não é algo com que se nasce. É algo que se elabora, se desenvolve, se enriquece, se trabalha, ao longo dos encontros. Quando se viveu sempre em um mesmo universo de horizontes estreitos, é difícil imaginar que exista outra coisa. Ou quando se sabe que existe outra coisa, imaginar que se tenha o direito de almejar isso. Além do mais, quando se viveu nesse estreito registro de referência para pensar a relação com o que nos rodeia, a novidade pode ser vista como perigosa, como uma invasão, uma intrusão. É preciso toda uma arte para conduzi-la, e é por isso que não se trata simplesmente de colocar-se no lugar do outro, de invadi-lo com listas de “grandes obras”, convencido do que é bom para ele.

Assim, os gráficos abaixo demonstram a frequência com que os alunos indicaram que leem textos escolares. Na EMEF Herbert José de Souza, a maioria – 62% - declarou ler todos os dias.

Gráfico 108 – Frequência de leitura - Alunos

Elaborado pela autora

Na EMEF Antônio de Godoy, 48% dos alunos declararam ler textos escolares uma vez por dia e 28% declararam não ler, um índice significativamente superior ao da outra escola, em que apenas 5% afirmaram não ler.

Gráfico 109 – Frequência de leitura - Alunos

Elaborado pela autora

As respostas dadas pelos alunos da EMEF Antônio de Godoy foram mais distribuídas e não houve indicação da leitura de textos escolares uma vez por semana. É possível que os alunos que marcaram uma vez por mês tenham entendido que a leitura a que a questão de refere não contemple o que eles leem na escola.

Como temos defendido ao longo do texto, a problemática da dificuldade em compreensão leitora de alunos de diferentes níveis de ensino não é única e exclusiva do professor de língua materna, uma vez que todas as atividades escolares pressupõem a compreensão. Conforme Kleiman (1989, p. 07):

Podemos ensinar a compreensão? Podemos ensinar um processo cognitivo? Evidentemente que não. O papel do professor nesse contexto é criar oportunidades que permitam o desenvolvimento desse processo cognitivo, sendo que essas oportunidades poderão ser melhor criadas na medida em que o processo seja melhor conhecido: um conhecimento dos aspectos

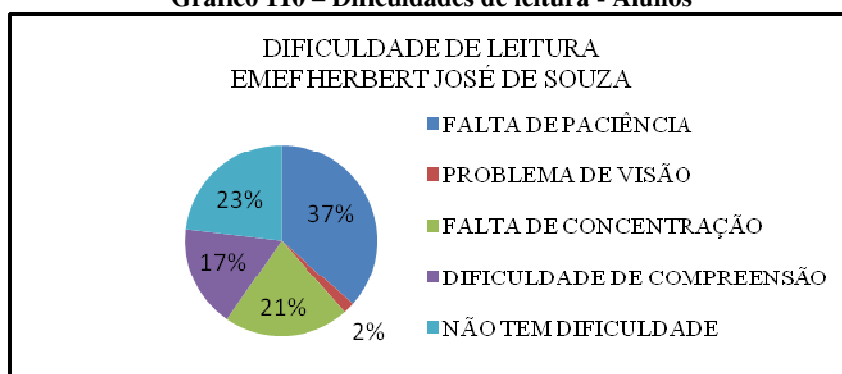
envolvidos na compreensão e das devidas estratégias que compõem os processos. Tal conhecimento se revela crucial para uma ação pedagógica bem informada e fundamentada.

É importante uma mudança em todo o processo de ensino-aprendizagem, incluindo os processos avaliativos que não mais exijam a mera reprodução de conceitos supostamente aprendidos, mas a reflexão e a elaboração de respostas que exijam mais do que simplesmente decorar os textos-base para o ensino de algum conteúdo específico. Segundo Colomer & Camps (2002, p. 61):

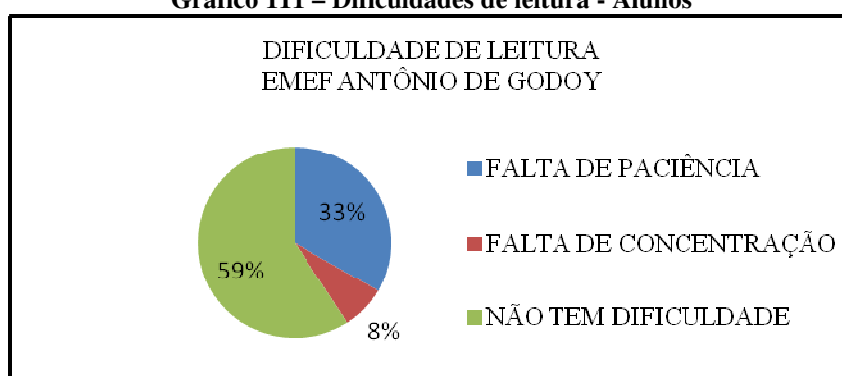
O interesse teórico pela leitura como processo de compreensão coincide, por outro lado, com as mudanças produzidas em sua avaliação educativa. Progressivamente, o ensino deixou de apoiar-se na simples memorização de conteúdos e, portanto, a capacidade de compreender o que se lê foi adquirindo uma importância crescente e estreitamente relacionada com os requisitos de instrução, mais intensos quanto mais se ascende no ciclo educativo.

Em relação às avaliações observadas, durante o período de realização da etnografia, os alunos da EMEF Herbert José de Souza foram avaliados pelos temas, pelos cadernos completos, por teste oral, trabalhos, provas e auto-avaliação. Na EMEF Antônio de Godoy, foram avaliados pelo caderno, por trabalhos e provas. Foram identificadas as dificuldades em relação à compreensão das avaliações e o pouco comprometimento com as mesmas: “Muitos alunos perguntam o que é para fazer. Alguns dizem que não sabem fazer. Outros dizem que colocarão apenas o nome” (ETNOGRAFIA, p. 285); “Um aluno pergunta a resposta das questões da prova. O professor passa entre as classes. ‘Sor, eu não estudei, eu queria colar!’”. ‘Sor, eu posso entregar a prova em branco?’” (ETNOGRAFIA, p. 294); “O professor irrita-se porque os alunos não conseguem fazer uma lista de quatro países em ordem crescente com o IDH correspondente. Eles não conseguem” (ETNOGRAFIA, p. 295).

Ao avaliar suas próprias dificuldades com a leitura, as respostas dadas por professores e alunos apresentaram algumas diferenças significativas. Os alunos da EMEF Herbert José de Souza, por exemplo, declararam, em sua maioria, não ter paciência para ler, ao passo que os alunos da EMEF Antônio de Godoy declararam não ter dificuldade. Chama atenção, mais uma vez, uma postura por parte dos alunos mais interessada pela leitura na escola em que o Ideb é menor. Em contrapartida, apenas 23% dos alunos da primeira escola declararam não ter dificuldade.

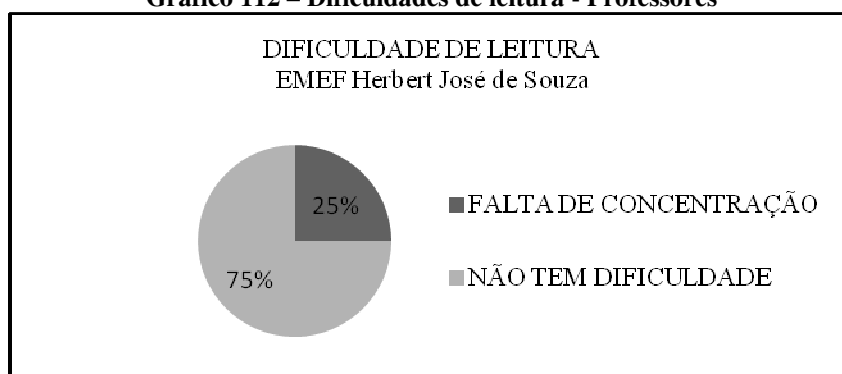
Gráfico 110 – Dificuldades de leitura - Alunos

Elaborado pela autora

Gráfico 111 – Dificuldades de leitura - Alunos

Elaborado pela autora

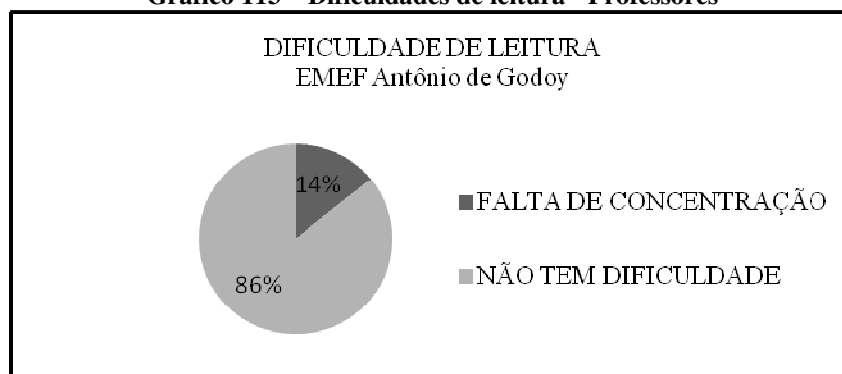
Nas duas escolas apareceram apenas duas respostas entre os professores: falta de concentração e não tem dificuldade. Os professores da EMEF Herbert José de Souza não assinalaram muitas das opções. 75% declararam não ter dificuldade e 25% alegaram falta de concentração.

Gráfico 112 – Dificuldades de leitura - Professores

Elaborado pela autora

Entre os professores da EMEF Antônio de Godoy, 75% declararam não ter dificuldade e 25% alegaram falta de concentração.

Gráfico 113 – Dificuldades de leitura - Professores



Elaborado pela autora

Tendo em vista que o foco de pesquisa está nos anos finais do Ensino Fundamental, porque defendemos a progressão do letramento não apenas no período comumente chamado de alfabetização, as práticas de leitura, tantas vezes referidas no texto, são necessárias para refletir sobre as práticas exercidas pela escola para a formação ou não de leitores. Segundo Smith (1999, p. 127): “O que acontece na sala de aula é fundamental para muitas crianças porque pode determinar se elas se tornarão leitores ou não.”.

A problemática suscitada pelo nó que se faz entre alfabetização e letramento diz respeito ao fato de que não podemos nos tornar e tampouco tornar nossos alunos leitores sem estarmos envolvidos ou sem envolvê-los pelos mais variados materiais escritos, sem estarmos mergulhados em situações cujas razões para ler sejam intensamente vividas, sentidas, experienciadas, mas é possível sermos alfabetizados sem isso. Nossos alunos, quando chegam aos anos finais do Ensino Fundamental estão alfabetizados e são raros os casos em que esta lógica não se concretiza, mas isso não quer dizer, sob hipótese alguma, que sejam leitores. Segundo Foucambert (1994, p. 33):

No entanto, o problema totalmente novo, colocado para todos, é inventar as condições e abordagens de uma política de “leiturização” que responda às necessidades individuais e sociais do nosso tempo, da mesma maneira que a política de alfabetização satisfizes as exigências dos últimos cem anos.

Em consequência daquilo que o Estado democrático acredita ser função da escola no que diz respeito às possibilidades de participação social, acreditamos que a leitura tenha papel fundamental nessa formação. Segundo Petit (2008, p. 19):

Compreendemos que por meio da leitura, mesmo esporádica, podem estar mais preparados para resistir aos processos de marginalização. Compreendemos que ela os ajuda a se construir, a imaginar outras

possibilidades, a sonhar. A encontrar um sentido. A encontrar mobilidade no tabuleiro social. A encontrar a distância que dá sentido ao humor. E a pensar, nesses tempos em que o pensamento se faz raro.

A afirmação acima corrobora a relação entre leitura e a formação pretendida, em termos de políticas públicas, para os alunos das escolas brasileiras. É evidente que a leitura não se constitui única e soberana diante de tantas possibilidades, nas mais variadas áreas do conhecimento, mas sustentamos a ideia de que um trabalho sério com a formação de leitores, contribui indiscutivelmente para a formação dos cidadãos que se pretende. Acrescentam os PCN (1997, p. 27):

Cabe ao campo educacional propiciar aos alunos as capacidades de vivenciar as diferentes formas de inserção sociopolítica e cultural. Apresenta-se para a escola, hoje mais do que nunca, a necessidade de assumir-se como espaço social de construção dos significados éticos necessários e constitutivos de toda e qualquer ação de cidadania.

Nesse sentido, a leitura aparece de variadas formas, uma vez que “a leitura é uma atividade de acesso ao conhecimento produzido, ao prazer estético e, ainda, uma atividade de acesso às especificidades da escrita.” (ANTUNES, 2003, p. 70), através das quais pode se dar a inserção sociopolítica e cultural. Como elucidada Petit (2008, p. 94-95):

Ler, como vimos, é conhecer a experiência de homens e mulheres, daqui e de outros lugares, de nossa época ou de épocas passadas, transcrita em palavras que podem nos ensinar muito sobre nós mesmos, sobre certas regiões de nós mesmos que ainda não havíamos explorado, ou que não havíamos conseguido expressar. Ao longo das páginas, experimentamos em nós, a um só tempo, a verdade mais subjetiva, mais íntima, e a humanidade compartilhada. E esses textos que alguém nos passa, e que também passamos a outros, representam uma abertura para círculos de pertencimento mais amplos, que se estendem para além do parentesco, da localidade, da etnicidade.

Em relação aos objetivos amplos expressos nos PCN (1997, p. 33), fica a clara a ideia interacionista que subjaz o documento. Neste sentido, pressupõe-se uma concepção de linguagem em consonância com estes objetivos. Assim, esclarecem:

Os Parâmetros Curriculares Nacionais, tanto nos objetivos educacionais que propõem quanto na conceitualização do significado das áreas de ensino e dos temas da vida social contemporânea que devem permeá-las, adotam como eixo o desenvolvimento de capacidades do aluno, processo em que os conteúdos curriculares atuam não como fins em si mesmos, mas como meios para a aquisição e desenvolvimento dessas capacidades. Nesse sentido, o que se tem em vista é que o aluno possa ser sujeito de sua própria formação, em um complexo processo interativo em que também o professor se veja como sujeito de conhecimento.

Para o nosso objetivo, assumimos, assim como indicam os PCN, uma postura em relação à leitura que pressupõe uma concepção de linguagem como processo interacionista. Elucida Antunes (2003, p. 41):

Ou seja, a evidência de que as línguas só existem para promover a interação entre as pessoas nos leva a admitir que somente *uma concepção interacionista da linguagem*, eminentemente funcional e contextualizada, pode, de forma ampla e legítima, fundamentar um ensino da língua que seja, individual e socialmente, produtivo e relevante.

A pesquisa tornou evidente o pouco que os alunos leem na escola, tanto em quantidade quanto em qualidade, mas o que ficou mais evidente, a partir da observação, da imersão no contexto escolar são os problemas que antecedem a possibilidade de formar leitores, talvez, que antecedam as possibilidades de aprendizagem. De um modo geral, é possível afirmar que as aulas são tradicionais, os professores adotam as mesmas metodologias em todas as aulas e os alunos são pouco desafiados. Inserida no contexto e acompanhando todas as aulas, em muitos momentos tive que driblar o cérebro tentando criar subterfúgios para que eu pudesse me retirar. Não raro, senti muito sono. “Impaciência, tédio, sono. Começo a ficar cansada. O tempo parece estar passando mais devagar” (ETNOGRAFIA, p. 213); “Sinto-me cansada e com dor de cabeça” (ETNOGRAFIA, p. 217); “Sinto sono e tédio” (ETNOGRAFIA, p. 225); “Minha cabeça dói. Vontade de sair. Sinto-me mal” (ETNOGRAFIA, p. 228); “Sinto muito sono e tem sido cada vez mais difícil me manter em sala, mal consigo ficar com os olhos abertos” (ETNOGRAFIA, p. 235); “É enlouquecedor em alguns minutos estar aqui” (ETNOGRAFIA, p. 269); “Estou cansada. Dor nas costas” (ETNOGRAFIA, p. 270); “Eu não aguento mais. Sinto muito frio, sono e dor nas costas” (ETNOGRAFIA, p. 270).

O que os alunos mais fazem durante o tempo em que estão na escola é copiar do quadro, conforme demonstrado no Apêndice H. Copiam o que poderiam retirar da internet, copiam do próprio livro didático que lhes é dado. Copiam para ocupar o tempo e têm que copiar em silêncio. “Os alunos copiam, enquanto conversam paralelamente, mas sem exageros. A professora solicita silêncio com o clássico e sonoro: ‘Shshsh’” (ETNOGRAFIA, p. 212); “Os alunos parecem envolvidos com a atividade, embora exija apenas que copiem informações do livro didático para o caderno” (ETNOGRAFIA, p. 213); “A professora segue escrevendo e os alunos seguem copiando, em silêncio” (ETNOGRAFIA, p. 220).

O desrespeito é recíproco, embora pareça consciente apenas por parte dos alunos. Muitos conflitos, muitas solicitações para comparecimento de alguém da direção em sala de aula. Uma aluna, referindo-se ao professor:

Uma aluna (a mesma descrita ontem), sentada à minha esquerda: “Ai, ai, virou homem!”. A mesma aluna coloca a perna em cima da mesa, mostra o dedo médio para o professor, chama-o de filho da #@!% e fica mexendo no celular. O tom de voz é sempre mais alto, aproveitando todas as oportunidades para gritar. (ETNOGRAFIA, p. 216)

Um aluno: “O que tu foi falar com a minha mãe?”. O professor: “Só perguntei pra ela por que tu não estava vindo.”. O aluno: “Deixa ela trabalhar, tu não tem que perguntar nada pra ela, nem cuidar da minha vida.”. O professor não responde e segue escrevendo no quadro. (ETNOGRAFIA, p. 222)

Alguns alunos: “Tu gosta que passem a linguíça em ti?”. “Pelo menos eu lavo os cabelos.”. “Tu vai no zoológico ver as tuas namoradas.” Gargalhadas e assim vai. Já encheu os dois lados do quadro, ameaça apagar, mas não apaga e dá risada de algumas coisas que os alunos falam. Apaga uma parte do quadro, sob protesto dos alunos, e começa a escrever novamente, quando faltam mais ou menos sete minutos para bater o sinal para o recreio. “Piolho nos pelos da bunda.” é frase de outro aluno. O professor inicia uma frase que é interrompida pelo sinal para o recreio. Os alunos riem e ele também. (ETNOGRAFIA, p. 222)

No entanto, o professor também provoca e permite; “Bah, sor, tu tá cada vez mais gay.”. “Tô aprendendo com o fulano (referindo-se a um aluno da turma)” (ETNOGRAFIA, p. 223). As intervenções da equipe diretiva são frequentes: “Alguns alunos são chamados pela vice-direção: os mais bagunceiros. Os alunos voltam rindo, reclamando da professora de inglês, que passou os nomes para a direção” (ETNOGRAFIA, p. 228).

O professor solicita que uma aluna vá para o seu lugar. Ela se nega. Ele insiste, pede por favor. Muitas vezes. Ela alega que há muitas pessoas fora do lugar. O professor diz que está pedindo para ela. A aluna insiste. O professor a manda sair da sala. Ela não sai. O professor sai e chama a vice-direção. Às 17h a vice-diretora entra, retira a aluna e faz um discurso sobre a importância do espelho de classe. (ETNOGRAFIA, p. 260)

O professor pede para uma aluna guardar o celular, a aluna responde, o professor a manda sair. Ela não sai. A colega do lado se manifesta, o professor manda as duas saírem. Elas riem. [Sinto raiva.] O professor chama a vice-diretora que as leva para a biblioteca. Saem da sala rindo. A vice-diretora chama atenção. (ETNOGRAFIA, p. 265)

Um aluno pergunta a resposta das questões da prova. O professor passa entre as classes. “Sor, eu não estudei, eu queria colar!”. “Sor, eu posso entregar a prova em branco?”. Às 16h05min o professor solicita a uma aluna que vá chamar a vice-diretora. A aluna volta e avisa o professor de que ela está em reunião. (ETNOGRAFIA, p. 289)

O enredo deixa evidente problemática que há tempos vem sendo discutidas no âmbito da educação, mas que fogem do cerne desta pesquisa. Há pouco espaço para a leitura, há

pouca organização e motivação, tanto por parte dos alunos quanto por parte dos professores. De um lado, as queixas já conhecidas sobre o desinteresse dos alunos, a falta de respeito e a baixa aprendizagem; de outro, a reivindicação por atividades que tenham sentido, maior diversidade de atividades, desafios, diversão, respeito e limites.

Há um hiato entre o que os professores desejam para os alunos e o que os alunos buscam na escola. Torna-se, portanto, indiscutível o grande desafio da escola contemporânea:

A educação assumiu muitas formas no passado e se demonstrou capaz de adaptar-se à mudança das circunstâncias, de definir novos objetivos e elaborar novas estratégias. Mas, permitam-me repetir: a mudança atual não é igual as que se verificaram no passado. Em nenhum momento crucial da história da humanidade os educadores enfrentaram desafio comparável ao divisor de águas que hoje nos é apresentado. A verdade é que nunca estivemos antes nessa situação. Ainda é preciso aprender a arte de viver num mundo saturado de informações. E também a arte mais difícil e fascinante de preparar seres humanos para esta vida. (BAUMAN, 2011, p. 125)

Este mundo saturado de informações exige professores que saibam preparar sujeitos para este mundo. É preciso repensar o entendimento acerca da formação, ainda muito atrelada à racionalidade técnica-científica e possível de verificação, por ser entendida como um fim e não um meio. É preciso pensar numa formação como autocriação, uma formação que não é ensinada nem medida, mas que se dá na experiência. Segundo Gadamer (1997), o homem experimentado conhece os limites de toda previsão e a insegurança de todo o plano, compreensões muito necessárias aos docentes de todos os níveis de ensino. Entendendo as práticas de leitura como uma possibilidade de formação dos sujeitos para além de uma racionalidade instrumental, pode-se, partindo das três dimensões da leitura propostas por Antunes (2003). Em uma primeira dimensão, a leitura favorece a ampliação dos repertórios de informação do leitor. À primeira vista, esta dimensão da leitura parece ser a protagonista no ambiente escolar. Num segundo plano, a leitura possibilita a experiência gratuita do prazer estético, do ler pelo simples gosto de ler. Neste sentido, a leitura pode estar a serviço de uma racionalidade intersubjetiva, constituída no reconhecimento recíproco do outro, necessária para que professores e alunos possam dialogar – com os textos e entre si – ampliando os horizontes interpretativos dos sujeitos envolvidos no processo pedagógico. Num terceiro e último plano, e de forma mais específica, a atividade da leitura permite, ainda, que se compreenda o que é típico da escrita, principalmente o que é típico da escrita formal dos textos da comunicação pública. Inserida neste contexto, a leitura tem sido protagonista antagônica: pode se constituir, ao mesmo tempo, em obstáculo e em instrumento para o êxito escolar. As queixas em relação às dificuldades leitoras dos alunos dos mais variados níveis de

ensino precisa se tornar foco de discussões na busca por práticas comprometidas com a formação de leitores que subvertam o status quo da importância da leitura apenas como discurso carregado de um pseudo prestígio social.

EPÍLOGO

O senhor mire, veja: o importante e bonito do mundo é isso: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas - mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam, verdade maior. É o que a vida me ensinou. Isso que me alegra montão.

(ROSA, João Guimarães, 2001, p.39)

Partindo da premissa de que nunca estamos terminados e entendendo também a aprendizagem como um processo ininterrupto, alegro-me de estar na travessia e não poder encerrá-la. As páginas deste estudo é que são concluídas, provavelmente, por pouco tempo. Fica a certeza de que há muito ainda o que estudar, o que pesquisar, o que aprofundar e muitas questões a responder.

O início desta travessia se deu há muito tempo, com a preocupação acerca da (falta de) leitura nos contextos escolares e dos frequentes discursos que circulam amplamente na sociedade sobre a sua importância. No contexto escolar, o discurso é reforçado pela queixa dos professores dos mais diferentes níveis de ensino e das mais diferentes áreas do conhecimento.

Para a estruturação de um diagnóstico sistematizado do lugar ocupado pela leitura no cotidiano escolar, as análises e reflexões estiveram pautadas por uma triangulação estabelecida entre os sentidos atribuídos à leitura no discurso – expressa através dos questionários –, na prática pedagógica – observada pela etnografia – e no referencial teórico. As análises apontam que segue latente a necessidade de subversão do *status quo* do discurso da importância da leitura, transformando-o em práticas comprometidas pedagogicamente e socialmente com a formação de leitores.

Os índices divulgados pelas avaliações de larga escala permitem concluir que os mesmos vêm ao encontro da nossa preocupação com os anos finais do Ensino Fundamental. Os índices demonstram resultados positivos para os investimentos públicos no desenvolvimento da alfabetização, cujas médias vêm aumentando ao longo dos anos. O mesmo não pode ser afirmado acerca das séries finais do Ensino Fundamental e seria oportuna pesquisa futura para identificação dos progressos ou não no Ensino Médio e no Ensino Superior, a fim de verificar se o progresso segue menor também nos níveis mais altos de escolarização.

Com o objetivo de relacionar os dados levantados aos respectivos Ideb's, entre os professores, apareceram poucas diferenças, não sendo possível atribuir o maior Ideb ou menor

Ideb às características dos docentes. Ambos os grupos são predominantemente femininos, a média de faixa-etária e a média de escolas em que trabalham são semelhantes. Os professores da EMEF Antônio de Godoy trabalham há mais tempo na escola, exercem a docência há mais tempo e trabalham mais horas na semana. Não apareceram diferenças significativas na formação dos professores, sendo que os dois grupos possuem um professor com mestrado e a maioria tem especialização. As realidades com que convivem os professores são mais diversificadas na EMEF Herbert José de Souza, em que há professores lecionando nas redes particulares de ensino e em outros municípios, o que não ocorre com os professores da EMEF Antônio de Godoy, que exercem a docência apenas na rede estadual de ensino, além da rede municipal de Alvorada.

Além das médias de horas semanais apresentarem uma diferença que consideramos ser significativa, a escola Herbert José de Souza não apresentou nem um declarante de 60 horas semanais de trabalho, ao passo que na escola Antônio de Godoy, dois professores do 7º A trabalham 60 horas semanais. É de conhecimento geral o grande número de professores da rede pública de ensino que optam por trabalhar 60 horas semanais para aumentar o orçamento. É também de conhecimento geral que ao professor que exerce esta carga-horária de trabalho em sala de aula restam pouco tempo e energia para a elaboração de aulas, avaliações, correção de avaliações, elaboração de projeto e outras atividades docentes que influenciam diretamente na qualidade do trabalho desenvolvido em sala de aula.

A turma da EMEF Herbert José de Souza é composta por maioria masculina, enquanto a turma da EMEF Antônio de Godoy é de maioria feminina, embora não significativamente. A quantidade de alunos por turma, em geral, é condicionante da qualidade, mas, de acordo com a nossa pesquisa, uma turma com dez alunos a menos não foi determinante para que o comportamento fosse melhor, tampouco o domínio da turma e o desenvolvimento das atividades. Embora com trinta e sete alunos em sala, número considerado grande, a rotina da EMEF Herbert José de Souza, de acordo com a pesquisa etnográfica, é muito mais tranquila e organizada do que a da EMEF Antônio de Godoy, cujo 7ºA tem apenas 27 alunos. Em ambas as escolas, a maioria dos alunos estuda na escola desde o início da escolarização, com menor entrada de alunos nos anos seguintes na EMEF Antônio de Godoy, o que poderia ser um fator contribuinte para a melhora do desempenho dos alunos. Este é um dado importante, quando relacionado ao Ideb discrepante entre 4º série/5º ano e 8º série/9º ano, observado na EMEF Herbert José de Souza. Da mesma forma, a manutenção de baixos índices nas duas etapas avaliadas na EMEF Antônio de Godoy pode estar relacionada ao maior tempo que os alunos

ficam na escola – do início da escolarização até o fim do Ensino Fundamental. Outro dado importante a ser relacionado aos Ideb's é o número de repetências, significativamente maior na EMEF Antônio de Godoy. Como elemento constituinte do Ideb, a escola precisa repensar avaliações e metodologias adotadas para a redução dos índices de repetência, sobretudo nos 5º e 6º anos. Embora não tenham aparecido diferenças significativas no nível de instrução dos responsáveis nas duas escolas, a constituição familiar dos alunos da EMEF Antônio de Godoy apresenta maior diversidade de composição do que as famílias dos alunos da EMEF Herbert José de Souza, com o agravante de que o desconhecimento acerca da escolaridade dos responsáveis foi significativamente maior na primeira escola, em que, no momento do preenchimento do questionário, manifestaram muitas dúvidas, muitos inclusive afirmando que marcariam sem ter certeza de estar certo.

Os incentivadores da leitura foram, em maioria, os responsáveis e não os professores, como indicado pela pesquisa do IPL. Este dado foi corroborado pelo dado sobre ser presenteado com um livro, uma vez que a maioria dos alunos declarou ter sido presenteada por algum familiar.

Em relação às bibliotecas escolares, as diferenças são significativas. Uma biblioteca presente na rotina dos alunos, com atividades regulares e de acesso facilitado colabora para os sentidos positivos atribuídos à leitura, o que ficou demonstrado pelo questionário respondido pela bibliotecária responsável na EMEF Herbert José de Souza. Fica como sugestão para a EMEF Antônio de Godoy uma reestruturação da sua biblioteca, com atividades de incentivo à leitura e aumento da participação e visibilidade na rotina dos alunos. Excetuando-se os demais dados, a análise do funcionamento das duas bibliotecas indica a EMEF Herbert José de Souza mais envolvida com a formação de leitores. É importante ressaltar, no entanto, que em 2013, as bibliotecas funcionavam, conforme apresentado neste estudo, o que não significa que em anos anteriores e posteriores ocorrerá da mesma forma. Tendo em vista que são professores da escola que ocupam a função de bibliotecário, o perfil do professor é determinante para o sucesso ou não das atividades desenvolvidas no/pelo espaço.

A quantidade de atividades de leitura contabilizadas nas duas escolas foi praticamente a mesma, o que constitui mais um dado que não corrobora as diferenças nos Ideb's. Em ambas as escolas, não houve diferenças significativas na metodologia utilizada. Ao encontro do exposto, o suporte mais utilizado foi o livro didático e o objetivo das leituras, em sua maioria, foram os mesmos: responder a questionários. As disciplinas de Ciências e História, na EMEF Herbert José de Souza, foram as que mais proporcionaram atividades de leitura,

enquanto, na EMEF Antônio de Godoy, a disciplina de Português foi a que apresentou, de forma isolada, o maior número de atividades de leitura. Isoladamente, as atividades de leitura nos indicariam a EMEF Antônio de Godoy como mais envolvida com a formação de leitores.

A preocupação com a compreensão e o estabelecimento de relações foram inexistentes nas atividades propostas: as atividades estiveram mais centradas na pronúncia do que no domínio da leitura e na compreensão. Além disso, ficou evidente o pouco conhecimento dos professores acerca dos gêneros textuais. Segundo Lerner (2007, p. 77):

O predomínio da leitura em voz alta deriva indubitavelmente de uma concepção da aprendizagem que põe em primeiro plano as manifestações externas da atividade intelectual, deixando de lado os processos subjacentes que as tornam possíveis. Mas a necessidade de controle faz sentir sua influência também nesse caso, já que avaliar a aprendizagem da leitura será mais difícil se na sala de aula predominarem as situações de leitura silenciosa.

Os questionários respondidos pela supervisão deixaram duas impressões: falta de interesse/compromisso ao responder as questões, fazendo-as de maneira mais sucinta possível; e a falta de projetos consistentes em que a formação de leitores seja o objetivo maior.

Nas duas escolas, a maioria dos alunos declarou gostar de ler, dado que contraria o senso comum que, normalmente, diz que os alunos não gostam de ler. Talvez o tipo de leitura que a escola tem proporcionado e os objetivos atribuídos a ela é que não tenham levado os alunos a demonstrarem interesse pela leitura. Em ambas as escolas, a grande maioria dos alunos declarou que a escola não exige que eles leiam, excetuando a leitura do livro didático. Em contrapartida, a maioria dos professores, nas duas escolas, declarou ter influência no perfil leitor de seus alunos. Quando solicitados a justificar a sua influência, os professores, em geral, tangenciaram as respostas, relacionando a importância da leitura à compreensão dos conteúdos, o que mais uma vez protagoniza a dimensão da leitura como aumento do repertório de informação do leitor.

Em relação ao acesso aos livros, a maioria, entre alunos, declarou que o mesmo acontece por empréstimo. Entre os professores houve divergência: os da EMEF Herbert José de Souza indicaram que o acesso se dá por empréstimo e os da EMEF Antônio de Godoy declararam que compram. Entre todos, também, a maioria declarou que a biblioteca é um local para pesquisar e estudar, reforçando a ideia tanto da leitura como ampliação do repertório informativo, quanto da biblioteca escolar como referência de biblioteca. Este dado é corroborado pelos índices de frequência a bibliotecas, em que a maioria dos alunos declarou

ser rara e a maioria dos professores declarou frequentá-la de vez em quando. O conhecimento acerca da existência da biblioteca pública municipal é de quase metade dos alunos da EMEF Antônio de Godoy, ao passo que mais de 80% dos alunos da EMEF Herbert José de Souza declararam não saber da existência da mesma.

Os dados apontam para a pouca leitura dos alunos: a maioria, nas duas escolas, declarou não ler jornais, nem revistas, nem histórias em quadrinhos, embora também a maioria tenha declarado que em suas casas compram-se jornais, e quase 100% dos alunos tenham declarado ter livros em casa. A maioria dos alunos declarou não saber o que é um *e-book*, embora tenha declarado que acessa a internet quase que diariamente. Entre os alunos da EMEF Herbert José de Souza, a maioria declarou ler textos na internet diariamente, ao passo que a maioria dos alunos da EMEF Antônio de Godoy declarou não lê-los. Quando questionados a respeito dos motivos para não ler, a maioria dos alunos respondeu ter preferência por outras atividades, o que vem ao encontro do tempo que passam na internet e nas redes sociais.

Os dados indicam que os professores leem pouca literatura, uma vez que a grande maioria declarou realizar esta leitura uma vez por mês. Este dado contraria a média de livros lidos no ano, que ficou em torno de dois livros. Obviamente, se houvesse leitura de literatura, mesmo que mensal, os professores teriam lido mais do que dois livros até o momento da realização da pesquisa.

Embora a maioria dos professores, de ambas as escolas, tenham declarado comprar jornais, os professores da EMEF Herbert José de Souza declararam, em sua maioria, ler jornais uma vez por semana, ao passo que os da EMEF Antônio de Godoy declararam ler todos os dias, o que nos parece mais coerente. Em relação às revistas, a maioria dos professores declarou comprá-las, embora tenham indicado frequência de leitura mensal.

Assim como se espera que os alunos leiam mais textos na internet, tendo em vista o tempo que passam conectados, esperava-se maior frequência de leitura de textos relacionados à docência por parte dos professores, no entanto, a maioria declarou lê-los uma vez por semana. Chama atenção o fato de a maioria ter declarado acessar a internet todos os dias e ler textos na internet também diariamente. Como a frequência de leitura de textos relacionados à docência não é diária, muitos professores não sabem o que é um *e-book* e nem todos terem declarado ler jornais diariamente (tendo em vista que existem as versões online dos principais jornais), a leitura na internet a que se referem os professores, possivelmente, esteja relacionada às redes sociais.

Entre os alunos, a ocupação do tempo livre da maioria é com a internet e as redes sociais. Somente na terceira opção a maioria marcou dormir. Entre os professores, apareceram na primeira opção sair com amigos e família e ler. Na segunda opção, viajar e ir ao cinema, teatro, exposições, etc. Na terceira opção, apareceram quase todas as alternativas, com número igual de marcações, distribuindo as escolhas.

Enquanto a maioria dos professores declarou não ler por falta de tempo, entre os alunos, o motivo para não ler está relacionado à preferência por outras atividades. Parece-nos que os alunos foram mais sinceros ao responder esta questão, uma vez que os mesmos que declaram não ter tempo para ler são os que declaram acessar a internet todos os dias.

Embora alunos e professores, em sua maioria, terem quantificado sua própria leitura como mais ou menos, os demais dados nos levam a afirmar que eles leem pouco. Somente os textos escolares apareceram como leitura diária, entre os alunos, ao passo que, entre os professores, no geral, nenhuma leitura apareceu como diária entre a maioria. O índice de alunos que não havia lido nem um livro até o momento da pesquisa justifica a afirmação de que leem pouco. A média de livros lidos pelos alunos ficou em menos de um.

O que observamos vai ao encontro de pesquisas que mostram que as estratégias de leitura não estão sendo desenvolvidas nas escolas brasileiras, de um modo geral. O que significa dizer que a escola cobra de seus alunos que compreendam os textos de todas as disciplinas sem que ninguém se responsabilize por ensiná-los a ler estes textos. É recorrente a queixa de professores de todas as disciplinas que atribuem os baixos desempenhos em função da dificuldade em compreensão leitora, responsabilizando, normalmente, os professores de Língua Portuguesa por não desenvolverem a compreensão leitora dos alunos. Os baixos desempenhos em compreensão leitora nas mais variadas disciplinas escolares é concomitante à abertura da escola para os processos que preconizam a criticidade e o raciocínio, afinal “quanto mais conhecimento textual o leitor tiver, quanto maior a sua exposição a todo tipo de texto, mais fácil será sua compreensão...” (Kleiman, 1989, p. 20). A afirmação de Colomer & Camps (2002, p. 71) esclarece:

Os alunos leem textos relacionados com as diferentes matérias do currículo para aprender seus conteúdos, sem que, de maneira geral, lhes tenham ensinado a ler textos informativos. Parece pressupor-se que os alunos já sabem ler e que, nessas situações, simplesmente devem fazê-lo e apropriar-se dos conteúdos.

Assim, o presente estudo evidencia o pouco conhecimento tanto em relação às concepções de leitura, linguagem e compreensão leitora, quanto aos próprios critérios de

avaliação das provas que compõem os índices oficiais. Os sentidos da leitura aparecem distorcidos, confusos e pouco sistemáticos.

A leitura é protagonista do cotidiano escolar, mas está estritamente atrelada à sua dimensão informativa. Não há trabalho efetivo, cujo foco e objetivo principal sejam a formação de leitores. Os dados não mostram justificativas para as diferenças nos Ideb's das duas escolas pesquisadas.

Alegra-me *um montão* (como diria Guimarães Rosa), portanto, saber que concluo uma parte da travessia diferente de como a comecei: eis o perigo e o ensinamento maior da vida. O ponto em que se chega não é o em que se pensou chegar, mas a travessia é o que vale mesmo a pena. Parto da sala de aula, da escola pública, das queixas, do discurso de que não é possível e me encanto com um trajeto – que não só atravesso, mas que também me atravessa -, de onde vejo o mesmo espaço, os mesmos personagens, as mesmas teorias, o mesmo cenário e excluo o clímax da minha história. Vejo os mesmos elementos e os vejo diferentes. Ao trocar de posição, muitas dúvidas foram sanadas, muitos emaranhados foram desfeitos e tantos outros construídos, por isso a exclusão do clímax: em que ele se consistiria neste contexto? Talvez em uma escola pública, cuja leitura fosse protagonista, em um projeto pedagógico inclusivo, em um projeto pedagógico que minimizasse as dificuldades sociais, em um projeto em que todos os alunos tivessem condições semelhantes de acesso à cultura.

O desejo de formar uma nação de leitores deixa de ser utópico, para se tornar possível. Há espaço para se fazer muito mais, há possibilidades de seguir com o letramento ao longo dos anos finais do Ensino Fundamental. Para tanto, a leitura tem que ser separada da ideia de aquisição, da habilidade única, sempre igual, a qual todos são submetidos e de que se depreendem os mesmos resultados. O letramento, por sua vez, precisa ser desenvolvido ao longo de toda a escolarização, ao longo de toda a vida, não apenas atrelado à alfabetização. Tudo isso exige dos professores conhecimentos que vão além dos conteúdos curriculares das disciplinas que lecionam. Em um esforço conjunto, os alunos ganham, a escola ganha e os professores ganham, todos podem colher os benefícios da leitura e o professor de Português pode deixar de ser o único culpado e responsável pelos desempenhos em compreensão leitora.

Os professores, das mais variadas áreas do conhecimento, precisam entender que o fato de os alunos chegarem ao 6º ano alfabetizados – o que nem sempre acontece – não significa que estejam prontos para ler qualquer texto, muito menor compreendê-los. É de fundamental importância, portanto, que haja conhecimento, sobretudo, sobre as diferentes

estratégias de leitura e sobre a diversidade de gêneros, a fim de que os professores possam auxiliar os alunos a ler com mais eficiência, atingindo seus objetivos.

O estudo como um todo deixa uma nova pergunta: de que forma as licenciaturas têm preparado os futuros professores para assumir a responsabilidade com a leitura e a compreensão leitora?

REFERÊNCIAS

- ACTIS, Beatriz. **Cómo promover la lectura**. 1º ed. Buenos Aires: longseller, 2007. 128 p.
- ANTUNES, Irandé. **Aula de português – encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- ANTUNES, Irandé. **Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- BRASIL. Ministério da Educação. PDE: Plano de Desenvolvimento da Educação: **Prova Brasil: ensino fundamental: matrizes de referência, tópicos e descritores**. Brasília: MEC, SEB; Inep, 2008. 200 p.
- BRASIL. Ministério da Educação. PDE: Plano de Desenvolvimento da Educação: **SAEB: ensino médio: matrizes de referência, tópicos e descritores**. Brasília : MEC, SEB; Inep, 2008. 127 p.
- BRASIL. Ministério da Educação. PCN: Parâmetros Curriculares Nacionais: **Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília : MEC, SEB; Inep, 1997. 126.
- BRASIL. Ministério da Educação. PCN: Parâmetros Curriculares Nacionais: **Parâmetros Curriculares Nacionais/Língua Portuguesa**. Brasília: MEC, SEB; Inep, 1997. 144 p.
- BLOOM, Harold. **Como e por que ler**. Tradução de José Roberto O’Shea. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- CHARTIER, Anne Marie. CLESSE, Christiane. HÉBRARD, Jean. Trad. Carla Valduga. **Ler e escrever: entrando no mundo da escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- COLOMER, Teresa. CAMPS, Anna. Trad. Fátima Murad. **Ensinar a ler, ensinar a compreender**. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- FOUCAMBERT, Jean. **A criança, o professor e a leitura**. Tradução Marleine Cohen e Carlos Mendes Rosa. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- FOUCAMBERT, Jean. **A leitura em questão**. Tradução Bruno Charles Magne. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica**. 3. ed. Traduzido por Flavio Paulo Meurer. Petrópolis: Vozes, 1997.
- GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das culturas**. 1º ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008. 323 p.
- GIARDINELLI, Mempo. **Voltar a ler: propostas para construir uma nação de leitores**. Tradução Víctor Barrionuevo. São Paulo: Ed. Nacional, 2010. 229p

HABERMAS, Jürgen. **Consciência moral e agir comunicativo**. Trad. Guido de Almeida. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

HABERMAS, Jürgen. **Pensamento Pós-metafísico**. Trad. Flávio Beno Seibeneichler. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990.

HERMANN, Nadja. *Formação em outra perspectiva*. IN: PAGNI, Pedro, BUENO, Sinésio, GELANO, Rodrigo. (Org.) **Biopolítica, Arte de viver e Educação**. São Paulo, Marília: Cultura Acadêmica Editora, 2012. p. 21-34.

HERMANN, Nadja. **Validade em educação – Intuições e problemas na recepção de Habermas**. Porto Alegre: EDPUCRS, 1999.

IBGE, 1991. **IBGE Cidades**. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, dados referentes ao município de Alvorada. Disponível em: <<http://ibge.gov.br/cidades/>>. Acesso em: 25/10/2012.

INEP. **Ideb: resultados e metas**. Brasília: INEP. Disponível em: <<http://Ideb.Inep.gov.br/resultado/>>. Acesso em: 18/08/ 2012.

IPM: Instituto Paulo Montenegro. **INAF: Indicador de alfabetismo funcional**. São Paulo. Disponível em: <[http:// ipm.org.br/](http://ipm.org.br/)>. Acesso em: 19/09/2012.

KATO, M. **O aprendizado da leitura**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

KLEIMAN, A. **Texto e Leitor**. Campinas: Fontes, 1989.

KOCH, Ingedore Villaça. ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. 2° ed. São Paulo: Contexto, 2007.

LEFFA, Vilson J. **Aspectos da leitura: uma perspectiva psicolinguística**. Porto Alegre: Sagra: DC Luzzato, 1996. 105 p.

LERNER, Delia. **Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário**. São Paulo: Artmed, 2007. 120 p.

LIBÂNEO, José Carlos. **O dualismo perverso da escola pública brasileira: escola do conhecimento para os ricos, escola do acolhimento social para os pobres**. IN: Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 38, n. 1, p. 13-28, 2012.

MACEDO, Elizabeth. **Currículo: Política, cultura e poder**. IN: Currículo sem Fronteiras, v. 6, n.2, pp. 98-113, jul/dez 2006.

MACEDO, Elizabeth. **Pensando a escola e o currículo à luz da teoria de J. Habermas**. IN: Em aberto, ano 12, n. 58, abr/jun 1993, Brasília.

MAGNANI, Guilherme. **A antropologia como prática e como experiência**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 129-156, jul/dez. 2009.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise dos gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. 296 p.

MÜHL, Eldon Henrique. **Habermas e a educação: ação pedagógica como agir comunicativo**. Passo Fundo: UPF, 2003.

PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva**. Trad. Celina Olga de Souza – São Paulo. Ed. 34, 2008. 192 p.

PRESTES, Nadja Hermann. **Educação e racionalidade – Conexões e possibilidades de uma razão comunicativa na escola**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.

RAMOS DO Ó, Jorge. **Desafios à escola contemporânea: um diálogo**. *IN*: Revista Educação e Realidade. Porto Alegre. 32 (2): 109-116 jul/dez 2007.

RBS. **A educação precisa de respostas**. Porto Alegre: Clic RBS. Disponível em: <<http://www.clicrbs.com.br/especial/br/precisandoderespostas//>>. Acesso em 22/09/2012.

RIBEIRO, Vera Mazagão. (org.) **Letramento no Brasil, reflexões a partir do INAF 2001**. São Paulo: Global, 2004. 287p.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. 19. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. V. I. Editora Nova Aguilar, 1994.

SACRISTÁN, José Gimeno. **A educação que ainda é possível: Ensaio sobre uma cultura para a educação**. Trad. Valério Campos. Porto Alegre: Artmed, 2007.

SCHNEUWLY, Bernard. DOLZ, Joaquim e colaboradores. Trad. e org. ROJO, Roxane. CORDEIRO, Gláís Sales. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

SILVA, Hélio. **A situação etnográfica: andar e ver**. Horizontes Antropológicos. Porto Alegre, ano 15, n. 32, jul/dez 2009.

SMED - Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Sul. **Censo escolar 2011**. Rio Grande do Sul. Disponível em: <<http://www.educacao.rs.gov.br>>. Acesso em: 18/08/2012.

SMITH, F. **Compreendendo a leitura: uma análise psicolinguística da leitura e do aprender a ler**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

SMITH, F. **Leitura Significativa**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

SOARES, Josiane de Souza. **Os professores e seus saberes: a questão dos gêneros discursivos e o ensino de língua materna**. 34° Reunião Anual da ANPED, Natal, 2011.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. 5° ed. São Paulo: Contexto, 2008.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

SOLIGO, Valdecir. A ação do professor e o significado das avaliações em larga escala na prática pedagógica. In: WERLE, Flávia Obino Corrêa. **Avaliação em larga escala: foco na escola**. São Leopoldo: Oikos; Brasília: Liber livro, 2010. p. 119-133.

ZERO HORA. **Ideias para ler o mundo**. Porto Alegre, 13/05/2013. p. 4-5.

ANEXOS

ANEXO A – CARTA DE APRESENTAÇÃO

Prezado(a):

A pesquisa - “PROTAGONISMO DA LEITURA: ESCOLA E FORMAÇÃO DE LEITORES” - será desenvolvida por meio da aplicação de instrumentos de identificação do perfil leitor dos sujeitos da pesquisa, bem como de observações do contexto escolar de duas escolas municipais, do município de Alvorada/RS. São sujeitos desta pesquisa os alunos do sétimo ano do Ensino Fundamental, em 2013, e seus respectivos professores, de todas as áreas do conhecimento.

Estas informações estão sendo fornecidas para subsidiar sua participação voluntária neste estudo, que tem como objetivo, mediante relação entre os Índices da Educação Básica (Ideb) 2011 e as práticas de leitura desenvolvidas pelas escolas objetos de estudo desta pesquisa, analisar o papel da leitura, no contexto escolar, para a formação de leitores.

Em qualquer etapa do estudo, você terá acesso ao investigador para esclarecimento de eventuais dúvidas. Contato: Tamara Vêras de Bitencourt, telefone 93164924, endereço eletrônico: tamaraprof@hotmail.com.

É garantida aos sujeitos de pesquisa a liberdade da retirada de consentimento e o abandono do estudo a qualquer momento.

As informações obtidas serão analisadas em conjunto com outros sujeitos da pesquisa, não sendo divulgada a identificação de nenhum participante. Fica assegurado, também, o direito de ser mantido atualizado sobre os resultados parciais da pesquisa, assim que esses resultados chegarem ao conhecimento do pesquisador.

Não há despesas pessoais para o participante em qualquer fase do estudo. Também não há compensação financeira relacionada à sua participação. Se existir qualquer despesa adicional, ela será absorvida pelo orçamento da pesquisa.

Comprometo-me, como pesquisador principal, a utilizar os dados e o material coletados somente para esta pesquisa.

ANEXO B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O projeto de pesquisa “Protagonismo da leitura: escola e formação de leitores (Alvorada/RS), tem como objetivo principal analisar as relações entre as práticas de incentivo à formação de leitores e de desenvolvimento da compreensão leitora de alunos do sétimo ano do Ensino Fundamental, em duas escolas municipais de Alvorada/RS e os Ideb’s das respectivas escolas.

Os participantes da pesquisa, docentes das equipes diretivas de ambas as escolas, docentes responsáveis pelas bibliotecas, docentes que atuam em sala de aula, diretamente com os alunos e os próprios alunos preencherão diferentes instrumentos de pesquisa.

Os docentes das equipes diretivas deverão responder questões acerca dos eventos previstos no calendário escolar que tenham como objetivo o incentivo à leitura. Aos responsáveis pelas bibliotecas serão aplicadas perguntas referentes ao funcionamento do espaço, ao acervo e atividades desenvolvidas. Aos docentes que atuam em sala de aula e aos alunos serão disponibilizados questionários para identificação do perfil leitor dos sujeitos.

Cabe salientar que a participação na pesquisa não acarretará nenhum dano físico ou moral aos voluntários. Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, declaro que autorizo a minha (ou do menor sob minha responsabilidade) participação neste projeto de pesquisa, pois fui informado (a), de forma clara e detalhada, livre de qualquer forma de constrangimento e coerção, dos objetivos, da justificativa e dos procedimentos a que serei submetido (a).

Fui, igualmente, informado (a):

- da garantia de receber resposta a qualquer pergunta ou esclarecimento a qualquer dúvida acerca dos procedimentos, riscos, benefícios e outros assuntos relacionados à pesquisa;
- da liberdade de retirar meu consentimento, a qualquer momento, e deixar de participar do estudo;
- da garantia de que não serei identificado quando da divulgação dos resultados e que as informações obtidas serão utilizadas apenas para fins científicos, vinculados ao presente projeto de pesquisa.

Os pesquisadores responsáveis por este Projeto de Pesquisa são:

ORIENTADORA: Dra. Maria Helena Camara Bastos email: mhbastos@pucrs.br

CO-ORIENTADORA: Maria Conceição P. Christofoli email: maria.christofoli@pucrs.br

MESTRANDA: Tamara Véras de Bitencourt email: tamara.bitencourt@acad.pucrs.br
CÔMITE DE ÉTICA DA PUCRS - Tel: 3320 3345.

O presente documento será assinado em duas vias de igual teor, ficando uma com o voluntário da pesquisa ou seu representante legal e outra com o pesquisador responsável.

Porto Alegre, ____ de _____ 2013.

Nome e assinatura do voluntário

Nome e assinatura dos responsáveis pela pesquisa

Nome e assinatura do Responsável Legal (para menores de 18 anos)

ANEXO C - LISTA DAS ESCOLAS MUNICIPAIS DE ALVORADA/RS.

1. Alcides Maia
2. Alfredo José Justo
3. Alice de Carvalho
4. Almira Feijó
5. Antônio de Godoy
6. Aparício Borges
7. Cecília Meirelles
8. Cléo dos Santos
9. Dom Pedro II
10. Duque de Caxias
11. Elisardo Duarte Neto
12. Emília de Oliveira
13. Frederico Dihl
14. Gentil Machado de Godoy
15. Guilhermina do Amaral
16. Herbert José de Souza
17. Hilário Feijó
18. Idalina de Freitas Lima
19. João Carlos de Vilagran Cabrita
20. Leonel de Moura Brizola 2012
21. Monteiro Lobato
22. Normélio P. Barcellos
23. Nova Petrópolis
24. Padre Léo Seidel
25. Paulo Freire
26. Podalírio Inácio de Barcellos
27. Rui Barbosa

ANEXO D - DESCRIÇÃO DOS NÍVEIS DA ESCALA DE DESEMPENHO DE LÍNGUA PORTUGUESA - SAEB²².

NÍVEL DE DESEMPENHO DOS ALUNOS EM LEITURA

Nível 0 – Abaixo de 125

O que os alunos conseguem fazer neste nível

- Localizar informação (exemplo: o personagem principal, local e tempo da narrativa);
- Identificar o efeito de sentido decorrente da utilização de recursos gráficos (exemplo: letras maiúsculas chamando a atenção em um cartaz); e
- Identificar o tema, em um texto simples e curto.

Nível 1 – 125 a 150

O que os alunos conseguem fazer neste nível

Os alunos do 5º e 9º anos (4ª e 8ª séries):

- Localizam informações explícitas em textos narrativos curtos, informativos e anúncios;
- Identificam o tema de um texto;
- Localizam elementos como o personagem principal;
- Estabelecem relação entre partes do texto: personagem e ação; ação e tempo; ação e lugar.

Nível 2 – 150 – 175

Este nível é constituído por narrativas mais complexas e incorporam outros gêneros textuais, por isto, ainda que algumas habilidades aqui apontadas já estejam listadas anteriormente, elas se mostraram mais difíceis neste intervalo. Além das habilidades anteriormente citadas, os alunos do 5º e 9º anos (4ª. e 8ª. séries):

- Localizam informação explícita. Exemplo: identificando, dentre vários personagens, o principal, e, em situações mais complexas, a partir de seleção e comparação de partes do texto;
- Identificam o tema de um texto;
- Inferem informação em texto verbal (características do personagem) e não verbal (tirinha);
- Interpretam pequenas matérias de jornal, trechos de enciclopédia, poemas longos e prosa poética;
- Identificam o conflito gerador e finalidade do texto.

²² Sistema de Avaliação da Educação Básica

Nível 3 – 175 – 200

Além das habilidades anteriormente citadas, os alunos do 5º e 9º anos (4ª e 8ª séries):

- Interpretam, a partir de inferência, texto não-verbal (tirinha) de maior complexidade temática;
- Identificam o tema a partir de características que tratam de sentimentos do personagem principal;
- Reconhecem elementos que compõem uma narrativa com temática e vocabulário complexos.

Nível 4 – 200 a 225

Além de demonstrar todas as habilidades anteriores a partir de anedotas, fábulas e textos com linguagem gráfica pouco usual, narrativos complexos, poéticos, informativos longos ou com informação científica, os alunos do 5º e do 9º anos (4ª. e 8ª. séries):

- Identificam, dentre os elementos da narrativa que contêm discurso direto, o narrador observador;
- Selecionam entre informações explícitas e implícitas as correspondentes a um personagem;
- Localizam informação em texto informativo, com estrutura e vocabulário complexos;
- Inferem a informação que provoca efeito de humor no texto;
- Interpretam texto verbal, cujo significado é construído com o apoio de imagens, inferindo informação;
- Identificam o significado de uma expressão em texto informativo;
- Inferem o sentido de uma expressão metafórica e o efeito de sentido de uma onomatopéia;
- Interpretam história em quadrinho a partir de inferências sobre a fala da personagem, identificando o desfecho do conflito;
- Estabelecem relações entre as partes de um texto, identificando substituições pronominais que contribuem para a coesão do texto.

Nível 5 – 225 – 250

Além das habilidades anteriores, os alunos do 5º e 9º anos (4ª. e 8ª. séries):

- Identificam o efeito de sentido decorrente do uso da pontuação (reticências);
- Inferem a finalidade do texto;
- Distinguem um fato da opinião relativa a este fato, numa narrativa com narrador personagem;
- Distinguem o sentido metafórico do literal de uma expressão;

- Reconhecem efeitos de ironia ou humor em textos variados;
- Identificam a relação lógico-discursiva marcada por locução adverbial ou conjunção comparativa;

- Interpretam texto com apoio de material gráfico;
- Localizam a informação principal.

Os alunos do 9º ano, neste nível, ainda:

- Inferem o sentido de uma palavra ou expressão;
- Estabelecem relação causa/consequência entre partes e elementos do texto;
- Identificam o tema de textos narrativos, argumentativos e poéticos de conteúdo complexo;
- Identificam a tese e os argumentos que a defendem em textos argumentativos;
- Reconhecem o efeito de sentido decorrente da escolha de uma determinada palavra ou expressão.

Nível 6 – 250 – 275

Utilizando como base a variedade textual já descrita, neste nível os alunos do 5º e do 9º anos (4ª. e 8ª. séries), além de demonstrarem as habilidades anteriores:

- Localizam características do personagem em texto poético;
- Distinguem um fato da opinião relativa a este fato;
- Identificam uma definição em texto expositivo;
- Estabelecem relação causa/consequência entre partes e elementos do texto;
- Inferem a finalidade do texto a partir do suporte;
- Inferem o sentido de uma palavra ou expressão;
- Identificam a finalidade do texto;
- Identificam o assunto em um poema;
- Comparam textos que tratam do mesmo tema, reconhecendo diferentes formas de tratar a informação;
- Interpretam texto a partir de material gráfico diverso (gráficos, tabelas, etc.);
- Estabelecem relações entre as partes de um texto, identificando substituições pronominais que contribuem para a coesão do texto.

Os alunos do 9º ano (8ª. série) ainda:

- Estabelecem relações entre partes de um texto, reconhecendo o sentido de uma expressão que contribui para a continuidade do texto;

- Estabelecem relações lógico-discursivas presentes no texto, marcadas por conjunções, advérbios, etc.;

- Reconhecem o efeito de sentido decorrente da exploração de recursos ortográficos e/ou morfossintáticos;

- Identificam o conflito gerador do enredo e os elementos que constroem a narrativa;
- Identificam a tese e o argumento que defendem em texto com a linguagem informal;
- Inferem informação a partir de um julgamento em textos narrativos longos;
- Inferem efeitos de ironia ou humor em narrativas curtas;
- Inferem o sentido de uma expressão em texto narrativo longo e de vocabulário complexo.

Nível 7 – 275 – 300

Além de demonstrar as habilidades dos níveis anteriores, no 5º e no 9º anos (4ª. e 8ª. séries), os alunos:

- Inferem informação em texto narrativo longo;
- Identificam relação lógico-discursiva marcada por locução adverbial de lugar, advérbio de tempo ou termos comparativos em textos narrativos longos, com temática e vocabulário complexos.

Os alunos do 9º ano (8ª. série):

- Inferem informações implícitas em textos poéticos subjetivos, textos argumentativos com intenção irônica, fragmento de narrativa literária clássica, versão modernizada de fábula e histórias em quadrinhos;
- Reconhecem o efeito de sentido decorrente da utilização de uma determinada expressão;
- Estabelecem relação causa/consequência entre partes e elementos do texto;
- Reconhecem posições distintas entre duas ou mais opiniões relativas ao mesmo fato ou tema;
- Comparam textos que tratam do mesmo tema, reconhecendo diferentes formas de tratar a informação.

Nível 8 – 300 – 325

Além de demonstrar as habilidades dos níveis anteriores, no 5º e no 9º anos (4ª. e 8ª. séries), os alunos:

- Identificam o assunto do texto em narrativas longas com vocabulário complexo;
- Inferem informações em fábulas.

Os alunos do 9º ano (8ª. série):

- Inferem o tema de texto poético;
- Inferem a finalidade de texto informativo;
- Identificam a opinião do autor em texto informativo com vocabulário complexo;
- Diferenciam as partes principais das secundárias de um texto;
- Interpretam tabela a partir da comparação entre informações;
- Inferem o sentimento do personagem em história em quadrinhos;
- Estabelecem relação entre a tese e os argumentos oferecidos para sustentá-la;
- Identificam a tese de um texto argumentativo;
- Identificam o conflito gerador do enredo;
- Reconhecem o efeito de sentido decorrente do uso da pontuação e de outras notações.

Nível 9- 325 – 350

Além das habilidades descritas anteriormente, os alunos da 9º ano (8ª. série) localizados neste nível demonstram habilidades de leitura que envolvem compreensão global de texto; avaliação e estabelecimento de relações entre textos e partes de textos mais longos e com vocabulário complexos; inferem informações em diversos contextos; e começam a ler com compreensão textos da literatura clássica.

APÊNDICES

APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO PARA IDENTIFICAÇÃO DAS PRÁTICAS DA ESCOLA EM RELAÇÃO AOS PROJETOS DE INCENTIVO À LEITURA E FORMAÇÃO DE LEITORES.

Eventos

Quantos eventos relacionados à leitura a escola realiza em um ano letivo?

Qual (quais) é (são) o(s) evento(s)?

Como se organiza (m)?

Quais são os objetivos?

Há quanto tempo o(s) evento(s) acontece(m)?

Quais são os resultados observados?

APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO PARA IDENTIFICAÇÃO DAS PRÁTICAS DA BIBLIOTECA EM RELAÇÃO AOS PROJETOS DE INCENTIVO À LEITURA E FORMAÇÃO DE LEITORES.

Com que frequência os alunos vão à biblioteca?

Há horários fixos de visitação?

Quais são as atividades desenvolvidas?

Quem é responsável pelas atividades desenvolvidas na biblioteca?

Os alunos levam livros para a casa?

A retirada de livros é obrigatória ou é opcional?

Média de retiradas mensais.

A biblioteca é aberta à comunidade?

Qual é o acervo da biblioteca? Como ele é renovado?

**APÊNDICE C – LEVANTAMENTO DE DADOS PARA COMPOR O PERFIL
LEITOR DOS ALUNOS DE SÉTIMO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL – 1º (1ª)
VERSÃO**

Idade: _____

Sexo: masculino () feminino ()

Cidade onde mora: _____

Desde quando estuda nesta escola: _____

Em qual ou quais escolas estudou antes _____

Já reprovou alguma vez? Sim () não ()

Em que série(s): _____

1. Quais destas atividades você gosta de fazer no seu tempo livre? (marque 3 opções, indicando a ordem de preferência. Ex.: 1º, 2º e 3º)

() Assistir televisão

() Escutar música ou rádio

() Descansar

() Reunir com amigos ou família

() Assistir vídeos/ filmes em DVD

() Sair com amigos

() Ler (jornais, revistas, livros, textos na Internet)

() Navegar na Internet

() Praticar esporte

() Fazer compras

() Passear em parques e praças

() Acessar redes sociais (Facebook/ Twitter/ Orkut)

() Escrever

() Ir a bares/ restaurante

() Jogar videogames

() Viajar (campo/ praia/ cidade)

() Desenhar/ pintar

() Ir ao cinema/ao teatro/museus/exposições

() Fazer artesanato e trabalhos manuais

2. Qual dessas frases melhor define o que é leitura?

() Fonte de conhecimento para a vida

() Fonte de conhecimento e atualização profissional

() Fonte de conhecimento para a escola/ faculdade

() Uma atividade interessante/ Uma atividade prazerosa

() Ocupa muito tempo

() Prática obrigatória

() Produz cansaço/ Exige muito esforço

() Uma atividade entediante

() Não sabe

3. Quantos livros inteiros você já leu? _____
4. Qual foi o último livro que você leu? _____
5. Com quem você mora? _____
6. Indique o grau de escolaridade das pessoas que são responsáveis por você:

Responsável 1: _____

- Analfabeto
- Até a 4º/5º ano
- Ensino fundamental incompleto
- Ensino fundamental completo
- Ensino médio incompleto
- Ensino médio completo
- Ensino superior incompleto
- Ensino superior completo

Responsável 2: _____

- Analfabeto
- Até o 4º/5º ano
- Ensino fundamental incompleto
- Ensino fundamental completo
- Ensino médio incompleto
- Ensino médio completo
- Ensino superior incompleto
- Ensino superior completo

7. Há livros na sua casa?

- Sim
- Não

8. Na sua casa compram-se jornais?

- Sim
- Não

Qual/quais? _____

9. Na sua casa compram-se revistas?

- Sim
- Não

Qual/quais? _____

10. Quem você acha que mais te incentiva a ler?

- Professor ou professora
- Mãe (ou responsável do sexo feminino)
- Pai (ou responsável do sexo masculino)
- Outro parente
- Amigo ou amiga

- () Padre, Pastor ou algum líder religioso
- () Outra pessoa
- () Ninguém

11. Onde você pega livros emprestados? _____

12. Há biblioteca no bairro? _____

13. A escola exige leitura de algum livro? _____

14. Em que disciplinas você mais lê? _____

15. O que você lê na escola? _____

16. O que você lê em casa? _____

17. Com que frequência você lê:

Textos escolares

- () Uma vez por dia
- () Pelo menos uma vez por semana
- () Pelo menos uma vez por mês

Textos na internet

- () Uma vez por dia
- () Pelo menos uma vez por semana
- () Pelo menos uma vez por mês

Livros indicados pela escola (didáticos)

- () Uma vez por dia
- () Pelo menos uma vez por semana
- () Pelo menos uma vez por mês

Jornais

- () Uma vez por dia
- () Pelo menos uma vez por semana
- () Pelo menos uma vez por mês

Livros indicados pela escola (literatura)

- () Uma vez por dia
- () Pelo menos uma vez por semana
- () Pelo menos uma vez por mês

Livros em geral

- () Uma vez por dia
- () Pelo menos uma vez por semana
- () Pelo menos uma vez por mês

Histórias em quadrinhos

- Uma vez por dia
- Pelo menos uma vez por semana
- Pelo menos uma vez por mês

Revistas

- Uma vez por dia
- Pelo menos uma vez por semana
- Pelo menos uma vez por mês

18. Por que você não lê mais?

- Falta de tempo
- Desinteresse/ Não gosta de ler
- Prefere outras atividades
- Não tem paciência para ler
- Só lê quando é obrigado
- Tem limitações físicas (visão)
- Lê muito devagar
- Não tem concentração para ler
- Tem dificuldades de compreensão ao ler
- Livro é caro
- Não tem onde comprar
- Não há bibliotecas por perto
- Não sabe

19. Você já ganhou um livro de presente?

- Sim
- Não

No caso de sim, quem presenteou? _____

20. Como você tem acesso a livros?

- Comprados
- Emprestados por outras pessoas
- Emprestados por bibliotecas e escolas
- Presenteados
- Distribuídos pelo governo e/ou pelas escolas
- Baixados na internet
- Fotocopiados/ xerocados

21. No seu bairro há uma biblioteca pública onde você possa pegar livros emprestados?

- Sim, existe.
- Não existe.
- Não sei se existe.

22. Na sua cidade há uma biblioteca pública onde você possa pegar livros emprestados?

- Sim, existe.
- Não existe.
- Não sei se existe.

23. O que a biblioteca representa para você?

- Um lugar para estudar
- Um lugar para pesquisar
- Um lugar voltado para estudantes
- Um lugar para emprestar livros de literatura
- Um lugar para emprestar livros para trabalhos escolares
- Um lugar voltado para todas as pessoas
- Um lugar para lazer
- Um lugar para passar o tempo
- Um lugar para consultar documentos e outros materiais do acervo
- Um lugar para ver filmes/ escutar música
- Um lugar para participar de exposições e eventos culturais
- Um lugar para acessar a internet

24. Você costuma ir a bibliotecas?

- Frequentemente
- De vez em quando
- Raramente
- Nunca

25. Que tipo de biblioteca você frequenta?

- Escolar
- Pública
- Comunitária
- Empresas

26. Quais das dificuldades abaixo você tem ao ler?

- Lê muito devagar
- Não tem paciência para ler
- Tem problemas de visão, ou outras limitações físicas
- Não tem concentração suficiente para ler
- Não compreende a maior parte do que lê
- Não sabe ler
- Não tem dificuldade nenhuma

27. Você gosta de ler?

- Gosto muito
- Gosto um pouco
- Não gosto

28. Com que frequência você acessa a internet?

- Todos os dias
- Algumas vezes na semana
- Uma vez por semana
- Raramente/de vez em quando
- Não acessa

29. Você sabe o que é um *e-book*?

- Sim
- Não

30. Você já leu um *e-book*?

- Sim
- Não

**APÊNDICE D - LEVANTAMENTO DE DADOS PARA COMPOR O PERFIL
LEITOR DOS ALUNOS DE SÉTIMO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL – NOVA
VERSÃO**

1. Idade: _____
 2. Sexo: masculino () feminino ()
 3. Desde quando estuda nesta escola:
 4. Em qual ou quais escolas estudou antes
 5. Já reprovou alguma vez? Sim () não ()
 6. Em que série(s):
 7. Quais destas atividades você gosta de fazer no seu tempo livre? (marque 3 opções, indicando a ordem de preferência. Ex.: 1º, 2º e 3º)
 - () Assistir televisão, filmes, dvd/ouvir rádio/escutar música
 - () Dormir
 - () Sair com amigos/família
 - () Ler (jornais, revistas, livros, textos na Internet)/escrever
 - () Navegar na Internet/acessar redes sociais
 - () Praticar esporte
 - () Jogar videogames
 - () Viajar (campo/ praia/ cidade)
 - () Desenhar/ pintar
 - () Ir ao cinema/ao teatro/museus/exposições
- 8. O que é leitura?**
- () Fonte de conhecimento para a vida
 - () Fonte de conhecimento para a escola
 - () Uma atividade interessante/prazerosa
 - () É uma obrigação
 - () É algo cansativo
- 9. Quantos livros inteiros você leu este ano? _____**
- 10. Com quem você mora? _____**
- 11. Indique o grau de escolaridade das pessoas que são responsáveis por você:**
- a. Responsável 1: _____
- () Analfabeto
 - () Até o 4º/5º ano
 - () Ensino fundamental incompleto
 - () Ensino fundamental completo
 - () Ensino médio incompleto
 - () Ensino médio completo
 - () Ensino superior incompleto
 - () Ensino superior completo

b. Responsável 2: _____

- Analfabeto
- Até o 4º/5º ano
- Ensino fundamental incompleto
- Ensino fundamental completo
- Ensino médio incompleto
- Ensino médio completo
- Ensino superior incompleto
- Ensino superior completo

12. Há livros na sua casa?

- Sim
- Não

13. Na sua casa compram-se jornais?

- Sim
- Não

Qual/quais? _____

14. Na sua casa compram-se revistas?

- Sim
- Não

Qual/quais? _____

15. Quem você acha que mais te incentiva a ler?

- Professor ou professora
- Mãe/pai/responsáveis/parentes
- Amigos
- Padre/pastor
- Ninguém

16. Você pega livros emprestados?

- Sim
- Não

17. A escola exige leitura de algum livro, além do livro didático? _____

18. Em que disciplinas você mais lê? _____

19. Com que frequência você lê:

a. Textos escolares

- Uma vez por dia
- Pelo menos uma vez por semana
- Pelo menos uma vez por mês
- Não leio textos escolares

b. Textos na internet

- Uma vez por dia
- Pelo menos uma vez por semana
- Pelo menos uma vez por mês
- Não leio textos na internet

c. Jornais

- Uma vez por dia
- Pelo menos uma vez por semana
- Pelo menos uma vez por mês
- Não leio jornal

d. Histórias em quadrinhos

- Uma vez por dia
- Pelo menos uma vez por semana
- Pelo menos uma vez por mês
- Não leio histórias em quadrinhos

e. Revistas

- Uma vez por dia
- Pelo menos uma vez por semana
- Pelo menos uma vez por mês
- Não leio revistas.

20. Você lê:

- Muito
- Mais ou menos
- Pouco

21. Quais os motivos para não ler?

- Falta de tempo
- Não gosto de ler
- Prefiro outras atividades
- Não tenho concentração para ler
- Tenho dificuldades de compreender o que leio
- Não tem onde comprar ou pegar livros
- Não sabe

22. Você já ganhou um livro de presente?

- Sim
- Não

No caso de sim, quem presenteou? _____

23. Como você tem acesso a livros?

- Compro
- Pego emprestado na biblioteca ou com outras pessoas
- Ganho de presente
- Baixo na internet
- Faço cópias/xerox

- 24.** Na sua cidade há uma biblioteca pública, que não pertença a nenhuma escola, onde você possa pegar livros emprestados?
- Sim, existe.
 - Não existe.
 - Não sei se existe.
- 25.** O que a biblioteca representa para você?
- Um lugar para estudar/pesquisar
 - Um lugar para emprestar livros
 - Um lugar para lazer /para passar o tempo
- 26.** Você costuma ir a bibliotecas?
- Frequentemente
 - De vez em quando
 - Raramente
 - Nunca
- 27.** Quais das dificuldades abaixo você tem ao ler?
- Não tenho paciência para ler
 - Tenho problemas de visão
 - Não tenho concentração para ler
 - Não compreendo a maior parte do que leio
 - Não sei ler
 - Não tenho dificuldade nenhuma
- 28.** Você gosta de ler?
- Gosto muito
 - Gosto mais ou menos
 - Gosto um pouco
 - Não gosto
- 29.** Com que frequência você acessa a internet?
- Todos os dias
 - Algumas vezes na semana
 - Uma vez por semana
 - Raramente/de vez em quando
 - Não acessa
- 30.** Você sabe o que é um *e-book*?
- Sim
 - Não

**APÊNDICE E - LEVANTAMENTO DE DADOS PARA COMPOR O PERFIL
LEITOR DOS PROFESSORES DO SÉTIMO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

1. Idade: _____
2. Sexo: masculino () feminino ()
3. Desde quando leciona nesta escola:
4. Qual a sua carga-horária semanal no exercício da docência?
5. Em quantas escolas você trabalha?
6. Além do município de Alvorada, em que outras instâncias administrativas você leciona?
() Estadual
() Federal
() Particular
7. Há quanto tempo você exerce a profissão?
8. Formação:
() Superior
() Pós-graduação – Especialização
() Pós-graduação – Mestrado
() Pós-graduação – Doutorado
9. Área da pós-graduação:
10. Quais destas atividades você gosta de fazer no seu tempo livre? (marque 3 opções, indicando a ordem de preferência. Ex.: 1º, 2º e 3º)
() Assistir televisão, filmes, dvd/ouvir rádio/escutar música
() Dormir
() Sair com amigos/família
() Ler (jornais, revistas, livros, textos na Internet)/escrever
() Navegar na Internet/acessar redes sociais
() Praticar esporte
() Jogar videogames/jogos eletrônicos/jogos online
() Viajar (campo/ praia/ cidade)
() Desenhar/ pintar
() Ir ao cinema/ao teatro/museus/exposições
11. O que é leitura?
() Fonte de conhecimento para a vida
() Fonte de conhecimento para a escola
() Uma atividade interessante/prazerosa
() Uma obrigação
() Algo cansativo

12. Quantos livros inteiros você leu este ano? _____

13. Há livros na sua casa?

() Sim

() Não

14. Na sua casa compram-se jornais?

() Sim

() Não

Qual/quais? _____

15. Na sua casa compram-se revistas?

() Sim

() Não

Qual/quais? _____

16. Quem você acha que mais te incentivou a ler?

() Professor ou professora

() Mãe/pai/responsáveis/parentes

() Amigos

() Padre/pastor

() Ninguém

17. Você pega livros emprestados?

() Sim

() Não

18. A escola exige dos professores a leitura de algum livro?

() Sim

() Não

Qual/quais? _____

19. Com que frequência você lê:

a. Textos para atividades relacionadas à docência

() Uma vez por dia

() Pelo menos uma vez por semana

() Pelo menos uma vez por mês

() Não leio textos escolares

b. Textos na internet

() Uma vez por dia

() Pelo menos uma vez por semana

() Pelo menos uma vez por mês

() Não leio textos na internet

c. Jornais

- Uma vez por dia
- Pelo menos uma vez por semana
- Pelo menos uma vez por mês
- Não leio jornal

d. Revistas

- Uma vez por dia
- Pelo menos uma vez por semana
- Pelo menos uma vez por mês
- Não leio revistas.

e. Livros de literatura

- Uma vez por dia
- Pelo menos uma vez por semana
- Pelo menos uma vez por mês
- Não leio revistas.

20. Você lê:

- Muito
- Mais ou menos
- Pouco

21. Quais os motivos para não ler?

- Falta de tempo
- Não gosto de ler
- Prefiro outras atividades
- Não tenho concentração para ler
- Tenho dificuldades de compreender o que leio
- Não tem onde comprar ou pegar livros
- Não sabe

22. Como você tem acesso a livros?

- Compro
- Pego emprestado na biblioteca ou com outras pessoas
- Ganho de presente
- Baixo na internet
- Faço cópias/xerox

25. O que a biblioteca representa para você?

- Um lugar para estudar/pesquisar
- Um lugar para emprestar livros
- Um lugar para lazer /para passar o tempo

26. Você costuma ir a bibliotecas?

- Frequentemente
- De vez em quando
- Raramente
- Nunca

27. Em geral, quais das dificuldades abaixo você tem ao ler?

- Não tenho paciência para ler
- Tenho problemas de visão
- Não tenho concentração para ler
- Não compreendo a maior parte do que leio
- Não sei ler
- Não tenho dificuldade nenhuma

28. Você gosta de ler?

- Gosto muito
- Gosto mais ou menos
- Gosto um pouco
- Não gosto

29. Com que frequência você acessa a internet?

- Todos os dias
- Algumas vezes na semana
- Uma vez por semana
- Raramente/de vez em quando
- Não acessa

30. Você sabe o que é um *e-book*?

- Sim
- Não

31. Você acha que o seu perfil leitor exerce alguma influência, seja positiva ou negativa, na formação leitora de seus alunos? Por quê?

APÊNDICE F – ETNOGRAFIA 7º ANO HERBERT JOSÉ DE SOUZA

Cenário: A escola Herbert José de Souza está localizada em uma região privilegiada do município de Alvorada, em que os moradores apresentam condições socioeconômicas diferenciadas do restante do município. Está localizada próxima a uma grande escola particular, recebendo muitos alunos da mesma. A troca de alunos entre estas duas escolas é frequente. Funciona nos dois turnos diurnos, com turmas de 1º ano ao 9º ano do Ensino Fundamental.

As observações iniciaram dia 29/04, uma segunda-feira. Faz parte da organização da escola a formação de filas no pátio para entrada em sala de aula. Em frente às salas de aulas, há pintado no chão o número das salas, portanto cada turma forma duas filas – uma de meninos e uma de meninas – diante do número. Assim acontece das séries iniciais às finais.

Cena 1: Entro na sala junto com a professora, depois que os alunos já entraram. Nos minutos seguintes, seguem entrando alguns alunos. A turma está tranquila e a professora os lembra da prova no próximo dia. Depois, dirige-se à turma toda: “Amanhã, temos nosso teste. Chegamos a corrigir as questões da última aula?”. Ao que os alunos confirmam a correção dos exercícios, a professora começa a escrever no quadro atividades de revisão para o teste posterior. Os exercícios são referentes aos Estados, regiões e capitais. Os alunos copiam, enquanto conversam paralelamente, mas sem exageros. A professora solicita silêncio com o clássico e sonoro: “Shshsh”. Quando a professora termina de passar as atividades, senta-se e anuncia o início da chamada. Antes de iniciar, repete que no dia seguinte haverá teste. Um aluno fala que tem prova, é corrigido pela professora que o alerta de que era teste. Assim, o aluno pergunta: “Qual a diferença?”. Não obtém resposta. Em menos de dois minutos, a chamada é finalizada. Em seguida, a professora afirma que a atividade já está pronta. Um aluno diz: “Não, ainda não.”. A professora diz: “Página vinte e cinco do livro didático”. A professora mostra o que eles devem estudar. Indica a página 68 para que estudem as capitais. Durante essa explicação, a professora pergunta para a turma: “Cai na prova?”. A turma responde: “Sim.”. A professora avisa que após o teste haverá um teste oral acerca das capitais do Brasil. Enquanto os alunos fazem as atividades, a professora indica uma questão para cada aluno responder. A professora circula pela sala, olha quem está fazendo. Um aluno debocha do cabelo de uma colega e é levado pela professora para fora da sala. [Neste momento não consigo saber se a atitude é corriqueira ou se é em função da minha presença.] A saída da professora não modifica o comportamento da turma. A conversa aumenta gradativamente, mas muitos seguem fazendo a atividade. Nenhum aluno pergunta quem eu sou, a professora não fala nada a meu respeito. [Entrei na sala como se fosse aluna e assim permaneci sentada no fundo da sala.] Um aluno vira para trás e pergunta se eu posso olhar se ele está fazendo corretamente a atividade. Sorrio, dizendo que não. A colega do lado pergunta, como se eu não estivesse ali: “Quem é ela?”. O mesmo aluno responde: “É a supervisora da sora!”. Complementa, esperando minha confirmação: “Não é?”. Respondo: “Não, estou fazendo uma pesquisa, eu era

professora aqui da escola.”. Olho o caderno e digo que está certo, o aluno vira para frente e segue realizando sua atividade. Logo depois, a professora volta com o aluno que havia sido retirado. Entra na sala perguntando se a atividade está pronta. Os alunos respondem que não e, então, ela diz que disponibiliza mais dois minutos. Enquanto isso, passa pelas classes, orientando a realização do exercício. Para o preenchimento da coluna “capital”, na atividade, os alunos consultam o mapa do Brasil, na página sessenta e oito do livro didático. “A bolinha maior é a capital.”, informa a professora. Os alunos vão fazendo perguntas e a professora vai respondendo, atendendo-os de forma individualizada. Os alunos parecem envolvidos com a atividade, embora exija apenas que copiem informações do livro didático para o caderno. O objetivo é estudar para a prova do dia seguinte. A professora segue olhando os cadernos, verificando se estão corretos. [O comportamento da professora parece fazer com que os alunos realizem as atividades.] Além disso, passa de classe em classe, fazendo perguntas. “Mais dois minutinhos.”, anuncia novamente, após quatorze minutos do primeiro anúncio. A professora escreve no quadro: página vinte e cinco para estados e regiões e página sessenta e oito para capitais. Bate para o segundo período. Um aluno entra. Dez minutos depois, o primeiro aluno vai ao quadro preencher a tabela com o primeiro estado da região norte. Assim, sucessivamente, até completar todos os quadros. A agitação vai aumentando, à medida que se aproxima o fim da correção. Enquanto os últimos vão ao quadro, o líder da turma distribui um mapa do Brasil em branco para cada aluno. A professora apaga o quadro e começa a escrever novamente. “Trabalho do Mapa do Brasil. Complexos regionais.”. Abaixo, a professora inicia as questões: “1. Localizar o oceano pacífico e pintar de azul.”. Neste momento, a turma começa a se acalmar novamente, embora alguns ainda circulem, outros estejam na porta. “2. Colocar as siglas dos Estados.”. “3. Pintar e escrever o nome dos complexos e relacionar com a legenda.”. Na legenda, constam os três complexos: Amazônia, Nordeste e Centro-Sul. A professora explica o que é para fazer na atividade. Orienta a leitura: “Se eu pintar o complexo Amazônia de verde, que cor eu vou usar na legenda?”. Na página 26 tem um mapa igual. Pode pintar com as mesmas cores do livro.”. [Impaciência, tédio, sono. Começo a ficar cansada. O tempo parece estar passando mais devagar.] A professora anuncia que a atividade é para entregar, mas que em função do pouco tempo, eles deverão fazer de tema e trazer no dia seguinte. Bate o sinal. “Pessoal, amanhã teste e entrega dessa atividade também.” A professora fica na porta do lado de fora uns segundos e vai.

Terceiro período, História. Logo na entrada, os alunos já anunciam e solicitam ao professor que ele não faça “cena”, em função da minha presença. A turma está bem agitada, os alunos falam alto. Alguns alunos tentam entregar trabalho e o professor avisa: “Trabalho e prova amanhã.”. A mesa do professor é deslocada mais para o centro da sala e o professor senta-se para fazer a chamada. O aluno da frente se vira para trás e me diz: “Ele está se fazendo, porque a senhorita está aqui.”. O aluno fala isso após voltar de uma tentativa frustrada de entregar o trabalho já referido. À medida que a chamada inicia, o barulho diminui, mas antes do final da chamada já há alunos circulando e a conversa

aumenta, sendo necessário que o professor solicite silêncio. A chamada é concluída e o professor solicita que duas alunas busquem os livros didáticos. As alunas se retiram e o professor atende os alunos individualmente. Mais uma aluna: “Tu só quer te exhibir para a professora.”. A mesma aluna: “Ele se faz de retardado!”. Um aluno me diz: “Em Ciências e Geografia todo mundo traz o livro porque perde nota.”. “Em História, o pessoal também recebeu o livro, mas não traz porque não dá nada.”. Uma aluna, quando o professor fala que tudo que está no caderno cai na prova de amanhã, diz: “Que caderno? Não tem nada no caderno! Tu só passa texto, texto, texto.”. O professor vem e me mostra o caderno de uma aluna para provar que há conteúdo no caderno. Solicita que os alunos abram o livro na página cinquenta e um. “Trabalhando com documentos.”. “Epístola escrita pelo Papa Inocêncio III.”. “Vamos ler e depois vocês vão responder a duas questões para entregar.”. O professor lê o texto em voz alta, com acompanhamento dos alunos. Faz uma pequena paráfrase. Solicita que os alunos copiem e respondam às duas questões sobre o texto (interpretação) para entregar, valendo nota. Uma aluna: “Sor, não vai ter recreio?”. “Não”, responde o professor. Está chovendo, portanto os alunos não serão liberados para o recreio e saem 15 minutos mais cedo do que o horário normal de saída. O barulho é demais. Os alunos estão muito mais agitados. Usam um tom mais alto. Em alguns minutos a turma se acalma, embora poucos pareçam, de fato, estar fazendo a atividade. O professor passa no quadro o significado de epístola, autoridade real e autoridade pontifícia. Enquanto, supostamente, os alunos realizam a atividade, o professor senta-se e aguarda. Os alunos seguem falando alto e circulando pela sala. Enquanto isso, o professor por nomes vai solicitando que se sentem. A mesma aluna que já havia se manifestado antes: “Nem vem te exhibir, que tu fala até palavrão na sala. É feio ser duas caras!”. O professor lê as duas perguntas que devem ser respondidas. [Estou impressionada com a mudança de comportamento dos alunos.] O professor solicita que respondam com as próprias palavras, os alunos reclamam, então, o professor diz que pode tirar uma frase do texto. O professor, desde o início da aula, solicita que um aluno sente, o aluno só obedece depois de transcorridos quase 15 minutos. Antes, o aluno foi agressivo, mal educado. Um grupo pequeno de alunos mantem-se concentrado. O professor alerta, individualmente, à aluna que estava gritando que ela estava demais. Essa mesma aluna, diante da explicação do professor acerca da pergunta número um, diz: “Mas eu não sei isso. Como vou saber?”. O professor responde: “Está escrito no texto.”. “Como eu vou embora, sor?”. “Não é problema meu!”. “Ah, então vai tomar no teu #@!%”. “Senta!” (fingindo não ter ouvido o xingamento). “Não tô a fim.”. Na segunda vez que a aluna disse “Vai tomar no #@!%!” , na frente da sala, olhou direto para mim. [Suponho que neste caso haja alguma necessidade subjacente.] Em pouco tempo, a sala vira uma bagunça total. Alguns alunos estão em volta da mesa do professor. Alguns alunos circulam, muitos gritam, alguns se estapeiam. Bate o sinal. O professor solicita a entrega. Os alunos levantam-se e entregam. Poucos. O aluno que passou a aula toda circulando recolhe os livros e sai da sala com outro que pegou parte dos livros apenas para poder sair da sala.

Quarto e quinto períodos, Matemática. Antes que eu percebesse a troca de professores, um silêncio absoluto se instala. Quando levanto os olhos, avisto o professor de matemática, sério, parado diante da turma. Alguns alunos trocam rapidamente de lugar, por estarem fora do espelho de classe. Não sorri. Alguns alunos tentam algumas perguntas pessoais às quais não têm resposta. “Bom dia, turma!”. [Entendo que esta é a frase que marca o início da aula.] A turma responde em coro: “Bom dia!”. “Alguma pergunta sobre o exercício quarenta e sete?”. “Não!”. Na sequência, sem anúncio algum, inicia as respostas: letra a, b, e assim sucessivamente até a letra z. O professor os lembra de que quarta-feira próxima será feriado, por isso só se encontrarão na semana seguinte. O professor vai para o quadro passar exercícios. Para tão logo começa e dirige-se até a aluna que estava gritando no período anterior. [Ainda mais impressionante a mudança de comportamento. Não parecem os mesmos alunos.] O professor coloca um conteúdo curto no quadro, solicita a uma aluna que busque a vassoura e a pá e começa a varrer a frente da sala. [Percebo, neste momento, que eu evitei contato visual com todos os professores, a fim de que meus olhos não demonstrassem meus pensamentos.] Depois de varrer a parte da frente da sala, circula pela mesma, solicitando que os alunos juntem os lixos, bolinhas de papel, etc. Todos os alunos juntam, sem responder ou questionar. O professor inicia a explicação dos elementos passados no quadro. Depois, coloca os exemplos, vai perguntando. Os alunos vão respondendo, inclusive os que passaram o período anterior inteiro em pé. Na sequência, o professor entrega uma tira de papel com o exercício quarenta e oito. [A numeração é contínua do início ao fim do ano.] O professor apaga os exemplos tão logo termina de escrevê-los. Enquanto os alunos fazem, o professor circula, perguntando se alguém tem dúvida. O professor passa e confere as respostas de quem foi terminando. Após mais uma explicação, avançando um pouco mais no conteúdo, o professor passa mais exercícios no quadro. Apesar da seriedade, alguns momentos ele faz os alunos rirem. As primeiras questões do exercício o professor faz junto com os alunos. Os alunos vão dando as respostas e o professor vai confirmando ou não os resultados. Os alunos solicitam bastante o professor. Há conversas paralelas sobre as atividades, durante a resolução dos exercícios, que são permitidas pelo professor. Um aluno avisa o professor de que não teve matemática durante todo o ano anterior, porque houve falta de professor durante muito tempo. O professor vai a frente da turma e diz: “Não estudaram raiz ano passado, problema de vocês.”. “Esse ano, o problema é meu, então vamos retomar.”. Final da aula: pequeno tumulto. Muitos alunos mostrando caderno e solicitando visto. Bate o sinal. O professor permanece sentado, aguardando silêncio. Demora muito para que os alunos se acalmem. Quando se acalmam (aparentemente) um aluno pergunta uma raiz quadrada e inicia tudo de novo. O aluno que mais solicitou silêncio dos colegas foi o que passou a aula de História inteirinha enfrentando o professor. Já passaram cinco minutos do sinal e os alunos seguem esperando pela chamada. Cada aluno chamado vira sua cadeira e se retira da sala. Assim termina a aula. [Vou embora quase quinze minutos depois do sinal.]

Cena 2: Aula de Geografia, primeiro período. Ao entrarmos, as classes já estão separadas para avaliação individual. Alguns minutos até todos os alunos se acomodarem. A professora solicita a um aluno que recolha os mapas iniciados no dia anterior. Na sequência, anuncia o início do teste, lembrando-os de que, em cima da mesa, só pode ficar o material de escrever. Estojos não são permitidos. Os alunos recebem as folhas e permanecem com as mesmas viradas para baixo, até a professora autorizar que virem. A turma permanece em absoluto silêncio e a professora segue circulando entre os alunos, atendendo-os individualmente. A professora circula durante todo o tempo, só parando para fazer a chamada. Recolhe os testes e vai embora. De novo, dois alunos são mandados para o lado de fora. Perguntei a três alunos o que ocorria quando a professora fazia isso e eles me responderam que a professora conversa.

Segundo e terceiro períodos, aula de História. Tão logo os alunos avistam o professor na porta, agitam-se e alguns, os mesmos de ontem, começam a gritar. O professor tem dificuldade em acalmá-los. Mesmo com algum tumulto, inicia a chamada. Pouco antes, anuncia o “roteiro” da aula. Recolhimento do trabalho, visto nos cadernos e aplicação da prova. Há uma calma no momento da chamada. Os alunos circulam sem constrangimento. A chamada é tumultuada, com interrupções, com chamadas de atenção, bastante rispidez. [Necessária, no meu ponto de vista.] Ao concluir a chamada, anuncia que passará para recolher os trabalhos e olhar os cadernos. Novo tumulto. Alunos reclamam de não terem sido avisados de que o caderno seria visto. Uma aluna (a mesma descrita ontem), sentada à minha esquerda: “Ai, ai, virou homem!”. A mesma aluna coloca a perna em cima da mesa, mostra o dedo médio para o professor, chama-o de filho da #@!% e fica mexendo no celular. O tom de voz é sempre mais alto, aproveitando todas as oportunidades para gritar. Após o recolhimento dos trabalhos, passa para recolher os cadernos. Embora sentados, os gritos são muitos. Quando o professor anuncia que não dará chance para quem não dá chance para ele, houve um “Ah!” geral, debochado. Dois alunos, enquanto ele recolhe os cadernos, vêm me falar: “Sora, ele tá fazendo isso por causa da senhora, ele é tri bala, ele não é assim!”. Eu respondo: “Eu não estou avaliando o professor, estou avaliando vocês. Teremos uma oportunidade de conversar sobre o que é ser bala.”. Segue-se o tumulto, enquanto as provas são entregues. A sala surpreendentemente silencia até reiniciarem as reclamações. A conversa paralela segue durante o momento da avaliação. A pergunta: “O, sor, o que é para fazer aqui?” é frequente, embora não recebam respostas. O professor permanece sentado, corrigindo os cadernos e solicitando silêncio, o que pouco resultado gera. A prova se constitui de um mapa sobre o qual há três perguntas, mais um desenho sobre o qual há quatro perguntas. No verso, a biografia de Joana D’arc para que, em uma única questão, os alunos identifiquem, no texto, os diferentes pontos de vista sobre ela. O silêncio não dura mais do que segundos e o burburinho já reinicia. O quarteto ao meu lado resolve a prova coletivamente, portanto alertei-as sobre a individualidade da avaliação. Fazem cara de desagradadas, mas reduzem o barulho. [Pelo menos param de se comportar como se estivessem em uma mesa de bar.] O anúncio de que eu estava em sala

para observar os alunos e não os professores fez com que o comportamento dos mais agitados modificasse significativamente. Muitos alunos vão até a mesa do professor para perguntar o que é para fazer. Recebem explicações, mas são orientados a não fazer mais perguntas. Não há concentração suficiente para a leitura do texto e desconfio que a grande maioria não saiba identificar o que foi solicitado. Não há controle sobre a cola. Muitos alunos compartilham respostas. Com frequência, iniciam conversas que tomam proporções além do paralelo. [Ontem, senti-me bem desconfortável, evitei o contato visual. Hoje, sinto-me menos desconfortável, embora a vontade de intervir seja grande.] Após o recolhimento da prova, há vinte e cinco minutos do recreio, a baderna piora. A falta de respeito, a gritaria, o exagero das risadas e dos gritos volta. Inicia a entrega dos cadernos. A conversa diminui, mas paulatinamente vai aumentando. A devolução é lenta. Cada vez que alguém não vê que é seu caderno que está sendo mostrado um aluno grita, acho que audível até fora da escola, perguntando de quem é o caderno. A postura de um dos alunos é assustadoramente diferente nesta aula. É agressivo verbal e fisicamente. Coíbe os colegas. Ameaças frequentes de agressão. Antes que a devolução dos cadernos termine, é preciso intervir diversas vezes. Muitos alunos batem nas classes, inclusive alunos muito quietos em todas as outras aulas. A velha história do deboche aos estudiosos, aos bons alunos. [Coitado dos bons alunos.] Não chegam a dez os que realmente tumultuam as aulas. [Sinto-me cansada e com dor de cabeça.] O ambiente está barulhento demais para pensar em qualquer coisa. O quarteto do meu lado esquerdo a essa altura já está com as classes juntas, de novo, como numa mesa de bar. O professor solicita que sentem e abram os cadernos. Os alunos seguem gritando. Dois meninos permanecem na frente da sala, ao lado do professor, debochando. A solicitação do professor é quase ignorada. Os alunos alegam faltar pouco tempo para bater. Um aluno senta-se no fundo da sala. O quarteto do meu lado esquerdo alega estar falando sobre um assunto muito importante. Mediante solicitação do professor, responde: “Dá para esperar?”. Quando o professor começa a escrever no quadro, inicia uma significativa redução do barulho. Neste momento, até alguns alunos começam a solicitar o silêncio do quarteto. “Império Franco”. Um parágrafo depois do título. Explicação oral. Quarteto conversando e indiferente ao que o professor está falando. “Ô, sor, sai da frente!”. Alguns ainda tentam copiar, quando alguns já circulam e ficam na frente do quadro. Assim termina a aula.

Quarto e quinto períodos, Língua Portuguesa. Os alunos fazem fila para entrar na sala, tanto na entrada, quanto na volta do recreio. Entram tranquilos, a professora senta, pede os trabalhos para aqueles que não haviam entregado. A professora, sentada, mostra o livro didático e exige que, a partir de então, o livro seja levado às aulas. [A professora assumiu a turma semana passada. Houve modificação do horário e a professora que lecionava português passou a lecionar a disciplina de Inglês.] Embora não esteja um silêncio absoluto, permanecem nos lugares e a professora até consegue fazer a chamada com certa tranquilidade. Antes da chamada, a professora diz que combinará algumas datas, umas avaliações e que fará uns exercícios para verificar como os alunos estão nos conteúdos

trabalhados até então. Solicita o caderno completo de um aluno, tão logo conclui a chamada. Olha o caderno e começa a passar oralmente as datas das avaliações. A professora passa no quadro conjugação verbal do presente do indicativo. A turma está tranquila. A aula segue tranquila até a professora de Educação Física vir na sala avisar que ela cedeu os períodos dela para que, quinta-feira, a professora de Ciências aplique a prova. Gera uma certa agitação, mas logo passa. A professora explica a matéria, dizendo que a conjugação dos verbos irregulares deve ser decorada e ensina a conjugação de presente do indicativo, decorando as desinências verbais e trocando os radicais. Nova cena de ameaças por parte de dois alunos. A professora passa o primeiro exercício “Complete as frases com a conjugação verbal correta dos verbos entre parênteses.”. Enche o quadro de exercícios, com uma letra bem miudinha. Tempo para os alunos fazerem.

Cena 3: Primeiro e segundo períodos, Língua Portuguesa. Ontem foi feriado de primeiro de maio, dia do trabalhador. Hoje, os períodos são reduzidos, ou seja, os alunos saem às 10h e os professores permanecem em reunião pedagógica até o horário normal, meio dia. A cada quinze dias isso acontece às quintas-feiras. Nas séries iniciais, toda quinta-feira é assim. Os períodos nestes dias são de 25 minutos cada um. Os alunos fazem filas para entrar nas salas. Na fila, os alunos conversam sobre a prova de ciências que farão hoje. Acomodam-se em seus lugares, enquanto a professora espera sentada o início da chamada. [De todos os professores, até agora, esta é, sem dúvida, a menos afetiva, a mais séria, mais rígida.] Solicita, tão logo conclui a chamada, que os alunos abram os cadernos. Chama, assim, em sua mesa de três em três alunos para verificar a realização do tema. Inevitavelmente essa ação gera um certo tumulto, aumentando a conversa, embora permaneçam em seus lugares. Em poucos minutos, após olhar os cadernos, inicia a correção dos exercícios no quadro. A turma permanece em absoluto silêncio. No meio da correção, os alunos iniciam uma discussão sobre diferença entre a qualidade do ensino público e ensino privado. A professora faz uma ampla defesa da escola pública, afirmando que a única diferença é financeira. Os alunos demonstram interesse pelos cursos de graduação. A professora comenta que trará na próxima aula algum material sobre isso para eles. Na sequência, a professora avisa que cobrará muita leitura e escrita. A aula termina com os exercícios no quadro.

Terceiro período, Ciências. A professora entra na sala, dá bom dia e inicia a explicação de como vai funcionar a avaliação. Dez questões dissertativas, pensar, letra maiúscula, frases completas, identificação. A professora inicia a entrega. Primeira professora que lê a avaliação com os alunos antes de iniciá-la. Explica para os alunos a diferença da primeira avaliação para a segunda avaliação. São vinte e cinco minutos para responder as dez questões. Quarteto à minha esquerda colando descaradamente. Não podem colar, porque eu estou olhando. Depois, vejo-as reclamando que não puderam colar. O líder desce para descobrir o que vai ser feito com eles, uma vez que a professora de Educação Física não está na escola. Enquanto isso, os alunos conversam alto, alguns saem da sala, parece recreio. Ainda assim, alguns parecem constrangidos pela minha presença. Os gritos e as risadas

exageradas voltam a acontecer. Os celulares saem das mochilas. Já são quase 09h30, quando muitos alunos entram correndo e colocam-se em seus lugares. Logo, a bagunça recomeça. [Pelo que entendo, quem eles pensavam que entraria em aula, não entrou. Não consigo nem imaginar o que estaria acontecendo se eu não estivesse aqui.] O quarteto sai da sala. O silêncio impera. Depois, a professora de geografia aparece na porta e os acalma, ao reclamar do barulho. Então, vou à frente da sala e começo a conversar com eles. Apresento-me, explico o que é um mestrado e o que eu estou fazendo aqui. Eles fazem algumas perguntas e eu as respondo. São compreensivos e educados. Ouvem o que eu digo com atenção. Estão preocupados se eu contarei para a direção ou para os pais deles o que eu estou vendo.

Cena 4: Primeiro período, Cultura Religiosa. O diretor da escola havia passado antes e aberto todas as salas. Quando chegamos à porta, os alunos já entravam. A professora se pergunta: “Ué, mudaram as regras?”. [Concluo que a atitude deve ter sido tomada pelo diretor, a fim de que os alunos não permanecessem sob a cerração que paira no ar nesta manhã.] Entram em sala a professora titular de Cultura Religiosa e a professora que está fazendo estágio em Arte Educação. Embora no horário conste como primeiro período Cultura Religiosa, a professora estagiária de Arte Educação solicita que, sem muito barulho, os alunos arredem as classes, de forma que a sala fique com espaço vazio. A chamada é realizada pela professora titular. A professora de Arte Educação exige atenção, solicita que façam um círculo e inicia o aquecimento com um reggae ao fundo. Antes do fim do aquecimento, a professora titular se retira da sala quase sem ser percebida. A professora usa uma camiseta em que está escrito: “A expressão do corpo é a felicidade da alma.”. Ao fim do aquecimento, a professora alerta-os sobre a importância de movimentar o corpo. [Imagino eu por ter observado o mesmo que eu: os alunos duros, desengonçados, descoordenados.] A professora orienta a formação dos mesmos grupos [Imagino: aos das aulas anteriores] e a retomada das sequências. [Ainda não sei as combinações anteriores nem com os alunos nem entre as professoras. Por que a aula de dança no período de Cultura Religiosa? Serão três períodos de Arte Educação? Qual a formação desta professora? Por que não usa a quadra? Ou outras áreas externas? Acabo de avistar a professora titular sentada corrigindo ou fazendo cadernos de chamada em lado oposto ao meu.] O primeiro grupo apresenta sua sequência de passos. Em seguida, os alunos devem juntar dois grupos. Há dificuldade em fazer essa junção. Quando a professora diz que decidirá por eles, há uma movimentação. Os grupos finalmente se juntam e o objetivo é um ensinar para o outro sua sequência. São 09h15, quando o primeiro grupo unido vibra a conclusão de sua sequência. A professora circula o tempo todo, dando sugestões, orientando, etc.

Terceiro período, Cultura Religiosa. As professoras haviam trocado: o primeiro e o segundo períodos foram de Arte Educação e o terceiro de Cultura Religiosa. A professora inicia a aula, falando que vai dar continuidade ao que vem trabalhando nas últimas aulas. Fala que na aula anterior foi ensinado a fazer a capa de trabalhos. Solicita que os alunos registrem em seus cadernos as regras para montagem de cartazes. “Como fazer um cartaz.”, é o título escrito no quadro. Ao término da atividade

de dança, os alunos recolocaram as classes em duplas. Enquanto a professora escreve no quadro, há conversas paralelas, mas a turma está tranquila. A aula segue com a professora circulando pela sala, atendendo as duplas de trabalho, na confecção dos cartazes sobre juventude. Muitos alunos estão sem cartolina e as figuras solicitadas já há uma semana.

Quarto e quinto períodos, Língua Inglesa. Ao entrar na sala, a professora solicita aos alunos que entreguem o trabalho pendente na aula anterior. Muitos alunos reclamam, lamentam não terem trazido. Uma aluna passa para recolher, mas poucos alunos entregam. Enquanto isso, a professora mantém-se sentada em sua cadeira, fazendo a chamada. O barulho está alto, alguns alunos conversam, por isso a professora interrompe a chamada para chamar atenção dos alunos acerca da bagunça. Ao terminar a chamada, inicia o apagamento do quadro. Embora o barulho esteja baixo, os alunos se agridem verbalmente com muita frequência. [Mais uma vez, sinto-me constrangida.] Os alunos reclamam da falta de explicação. A professora diz que está entendendo a intenção deles. [Tenho a sensação de que ela pensa que a reclamação é devida à minha presença.] Os alunos tentam realmente tumultuar. Após escrever no quadro, entrega uma folhinha e explica. Os alunos revoltam-se, criam tumulto, dizem que não sabem o que fazer. Gera uma situação desconfortável. Seguem fazendo as atividades até que a professora interrompe para falar que não está dando certo, que ela não sabe dar aula na bagunça. Na sequência, passa perguntas no quadro para serem respondidas em aula. Sai para buscar o trabalho da aula anterior para os que não estavam presentes. Faltam dez minutos para bater o sinal.

Cena 5: Segunda-feira, primeiro e segundo períodos de Geografia. A fila faz com que alguns minutos sejam perdidos, mas os alunos entram organizados e relativamente calmos. Após dar bom dia, a professora inicia o recolhimento de uma atividade. À negativa de mais entregas, a professora começa a escrever no quadro. “Brasil: aspectos demográficos.”. Após escrever no quadro este título, questiona os alunos a respeito do significado da palavra demográfico, ao que os alunos respondem: “população”. A professora segue escrevendo e os alunos seguem copiando, em silêncio. Ao concluir, a professora solicita que um aluno leia a frase escrita no quadro, depois explica o que é populoso. Solicita que os alunos abram o livro numa determinada página. Pede que olhem para o mapa e para os gráficos e descubram o 1º, o 2º, o 3º e o 4º país mais populoso do mundo, uma vez que ela diz que o Brasil é o quinto. Leitura: gráficos de coluna. A professora faz a chamada, enquanto eles trabalham. Página trinta e oito do livro didático. A professora diz: “Professora, como vou saber quais são?”. Ela mesma responde: “Quanto mais alta a coluna, maior a população.”. Mais ou menos, quatro minutos depois, a professora inicia a correção. 1º Índia, 2º China, 3º EUA e 4º Indonésia. A professora segue no quadro, escrevendo a definição de populoso, povoado e densidade demográfica. A professora inicia um diálogo com os alunos, comparando os conceitos com a sala de aula: qual a população desta sala? Qual a densidade demográfica da sala? É muito ou pouco povoada? Cálculo da densidade demográfica do Brasil. Compara o resultado da densidade demográfica do Brasil à do Japão para mostrar aos alunos o

porquê do Brasil ser pouco povoado. Segue: a população brasileira é distribuída de forma desigual: mostra o mapa do Brasil da página trinta e nove do livro didático para exemplificar a distribuição da população. Segue a lista das características. Mais uma vez, um aluno é levado para o lado de fora da sala e volta bem mais calmo. A turma segue em silêncio copiando do quadro. Figura três, página quarenta. A professora fez a primeira da atividade. A professora inicia o levantamento de quantos filhos a mãe de cada aluno teve, solicitando que os alunos indiquem a quantidade com as mãos; depois vó materna; depois vó paterna. Seguindo a lógica das aulas anteriores, alguns alunos são escolhidos para ir ao quadro responder às questões. Enquanto realizam a atividade, são atendidos individualmente pela professora, que circula auxiliando os alunos. Os alunos fazem muitas perguntas durante a aula. 2ª atividade: calcular a densidade demográfica da região sudeste, página trinta e nove. Conclui a aula, passando para ver os cadernos. Tema para amanhã.

Terceiro período, História. O professor entra na sala já solicitando que os alunos sentem, embora haja apenas dois alunos em pé. A conversa começa, mas muito menor do que na semana anterior. É importante lembrar que a aluna mais gritona e barulhenta nesta aula, não está hoje. Até então eles não estão se agredindo. Em poucos minutos inicia-se um “cala a boca”, etc. A sala está um pouco mais sob controle. O professor inicia a chamada. A conversa é alta, mas pelo menos os alunos estão sentados. O professor começa a escrever no quadro: “O primeiro Reino Franco”. Um aluno: “O que tu foi falar com a minha mãe?”. O professor: “Só perguntei pra ela por que tu não estava vindo.”. O aluno: “Deixa ela trabalhar, tu não tem que perguntar nada pra ela, nem cuidar da minha vida.”. O professor não responde e segue escrevendo no quadro. [A conversa reduz sensivelmente e me pergunto: o que pode ter acontecido? Tenho a sensação de que o próprio professor incita as discussões, na medida em que não tem escala para repreensão: é estúpido por pouco e indiferente a agressões severas.] Alguns alunos: “Tu gosta que passem a língua em ti?”. “Pelo menos eu lavo os cabelos.”. “Tu vai no zoológico ver as tuas namoradas.” Gargalhadas e assim vai. Já encheu os dois lados do quadro, ameaça apagar, mas não apaga e dá risada de algumas coisas que os alunos falam. Apaga uma parte do quadro, sob protesto dos alunos, e começa a escrever novamente, quando faltam mais ou menos sete minutos para bater o sinal para o recreio. “Piolho nos pelos da bunda.” é frase de outro aluno. O professor inicia uma frase que é interrompida pelo sinal para o recreio. Os alunos riem e ele também. Saímos para o recreio.

Quarto e quinto períodos, Matemática. O rigor, a seriedade perpassam o próprio comportamento do professor de matemática; tão logo bate o sinal, o professor se retira da sala dos professores. Há ainda muito barulho no pátio, quando ele já passa a letra q e r do exercício. Antes de começar a falar, “Bom dia, turma. Espero que tenham estudado em casa. Radiciação não é difícil, mas precisamos estudar.”. Retoma a aula anterior e lembra que estão sendo preparados para expressões numéricas. [Em função da falta de professor, o professor de matemática está atendendo duas turmas.] Sai durante um tempo, mas a turma não chega a sair do controle. Enquanto não terminam, não

conversam. Logo que concluem e começam a conversar, o professor volta e passa o exercício cinquenta no quadro. Volta, passa mais exercícios e permanece sentado, aguardando [acho eu] para fazer a chamada. Vai fazendo a chamada, aos poucos, enquanto libera os alunos.

Cena 6: Geografia. Primeiro período. Ao entrar na sala, os alunos acomodam-se em seus lugares. Primeira coisa: a professora passa para olhar quem fez o tema. A cada caderno visto, fala: “Parabéns, fulano!”, dizendo o nome de cada um dos alunos. O líder verifica o espelho de classe. Depois de olhar os cadernos, pergunta a um aluno a resposta da primeira questão do tema. Depois, a segunda. Ambas oralmente. Na sequência, segue, no quadro, com a continuação da matéria. [Os alunos a respeitam. Ela é firme, segura, rígida, sem deixar de ser afetiva. Respeita os alunos.] O líder devolve os mapas entregues como atividade em outra aula. A professora avisa que valerem dois pontos e que eles devem colá-lo no caderno. Enquanto o líder faz a entrega, a professora faz a chamada. Depois, a professora passa seis perguntas para que os alunos respondam. A última pergunta solicita a reflexão sobre sua própria expectativa de vida. Gera um burburinho, pois os alunos começam a conversar sobre isso.

Segundo e terceiro períodos, História. O professor entra e surpreendentemente os alunos permanecem nos seus lugares. O professor havia dito que eles assistiriam a um filme, mas ao ser questionado pelos alunos, responde que o equipamento está estragado. [Desconfio que seja mentira]. Embora a turma esteja relativamente sob controle, é difícil entender como o próprio professor incita a bagunça. Chega, senta-se e inicia a chamada. O professor anuncia que dará oportunidade do texto da aula anterior. Chama atenção o fato da aula de ontem ter terminado exatamente, quando ele ia iniciar uma explicação sobre o que ele havia passado no quadro, mas não faz, neste momento, referência a isso. Solicita que um aluno apague o quadro, o que foi feito da forma mais vagarosa possível. [Há um vínculo afetivo de alguns alunos comigo. Tenho sido bem recebida e os alunos têm tentado tirar dúvidas comigo, a respeito das mais variadas disciplinas. Inclusive o pior deles.] A aluna mais barulhenta de todas veio à aula hoje e ainda não deu grito algum. Conversa o tempo todo, mas pelo menos num tom que somente nós ao redor dela ouvimos. O professor está escrevendo no quadro, um aluno levanta e inicia o diálogo: “Senta, fulano!”. “Te acalma.”. “O que tu está fazendo?”. “Não te interessa!”. [Contato visual comigo.] Senta-se, em pouco tempo, começa a copiar. Logo o professor para de escrever no lado esquerdo do quadro e os alunos começam a conversar mais uma vez. [No meu ponto de vista, incitados pelo professor.] Ele mesmo puxa os assuntos e aos poucos a coisa foge do controle, embora o descontrole seja indiscutivelmente menor. Mas o que os alunos falam é exageradamente absurdo, mal educados, agressivos, sem noção, mas o que o professor fala também: “Bah, sor, tu tá cada vez mais gay.”. “Tô aprendendo com o fulano (referindo-se a um aluno da turma).”. Um aluno me convida para brincar de vaca amarela e a brincadeira dura. Outro aluno pede para entrar e o silêncio pelo menos no fundo da sala aumenta. O professor pede mais uma vez para que um aluno apague o quadro [não entendo por quê], o que foi feito de novo em câmera lenta, sob o olhar

do professor que apenas aguarda. Em função da demora em seguir escrevendo no quadro, faz com que a situação comece a sair do controle, a conversa aumenta. No meio da bagunça dos alunos em pé, do descontrole, solicita que duas alunas busquem os livros didáticos. A essa altura já havia tudo saído do controle. Termina o segundo período. Há um período todo pela frente. Os livros chegam, são distribuídos. O professor solicita que todos sentem, mas a situação já está fora de controle. Leva muito tempo para que ele consiga fazer com que os alunos silenciem e abram na página trinta e três do livro didático. O professor inicia a leitura do texto, mas é interrompido na segunda linha. Para, fala do facebook, coloca o facebook dele no quadro e tenta recomeçar. Alguns alunos falam junto com a leitura. O professor vai lendo e explicando, parafraseando. Alguns alunos perguntam o significado de algumas palavras, as quais são explicadas pelo professor. O texto trata de hábitos medievais, heranças que recebemos dessa época. O texto segue na página trinta e quatro. Surpreendentemente, o professor consegue ler o texto. É interrompido para explicar por que a Páscoa não é uma data fixa. A aluna mais bagunceira e gritona está muito mais calma, não gritou, mas está sentada com a perna por cima da classe. O professor consegue concluir a leitura já no meio do barulhão. Solicita que respondam algumas questões do livro didático com base no texto que ele leu. Antes de iniciarem, ele lê as questões e explica como é para fazer, mas poucos o ouvem. Assim que chega a hora de fazer a atividade, a situação sai do controle de novo. Inacreditavelmente as três meninas que fazem parte do barulhento grupo à minha esquerda, inclusive a mais gritona e respondona de todas, que não fizeram nada o período inteiro, além de planejar uma suposta festa de quinze anos, são as escolhidas pelo professor para recolherem os livros didáticos dos colegas e levá-los de volta para o lugar. [Difícil compreender. Por que foram premiadas? Assim, reforça-se o comportamento negativo.] Assim ficam até bater para o recreio.

Quarto e quinto períodos, Língua Portuguesa. Voltam do recreio agitados. Embora a professora esteja na sala e aguarde silêncio, demora para que se deem conta e silenciem. A professora inicia a aula marcando prova para o dia quatorze e a recuperação para o dia vinte e um. Para hoje, revisão dos pronomes. A professora solicita para sexta-feira o livro didático. Na sequência, vai ao quadro e começa a passar os exercícios. Uma letra bem miúda, aproveitando ao máximo o espaço do quadro. Exercícios de completar lacunas com pronomes retos, oblíquos, possessivos, de tratamento. Os alunos, com muitas dúvidas, solicitam ajuda da professora. No final da aula, a professora comenta comigo que os alunos não sabem nada, que as explicações anteriormente recebidas foram fracas e que ela está preocupada com a avaliação.

Cena 7: Primeiro e segundo períodos, Matemática. Mesmo procedimento das demais aulas: a fila organizadíssima, os alunos entram tranquilos, sentam-se em seus lugares, abrem os cadernos e aguardam o professor dar bom dia. Assim, “Bom dia, turma.”, diz o professor. Retoma a aula anterior e inicia a aula, explicando como fazer a fração no caderno. Segue a resolução da letra v. Chama atenção dos alunos para a escrita da expressão. Enquanto os alunos resolvem as questões, o professor

passa para auxiliar os que solicitam. O professor sai da sala por um tempo e os alunos aproveitam para comparar suas respostas. Esse é o máximo de agitação que ocorre. O professor retorna e corrige. “Nas expressões numéricas com números inteiros devemos seguir a seguinte ordem.”. O professor passa até a letra *d* e se retira de novo. A bagunça dessa vez foi maior. Com as atividades concluídas, circulam pela sala, alguns vão para a porta. Nada fora de controle, mas já não estão mais concentrados. Está perto do fim do período. Bate, a professora de Ciências vem, o professor pede mais dez minutos. Na sequência, o professor explica o motivo das ausências: as oitavas séries estão sem professor de matemática e ele está atendendo duas turmas ao mesmo tempo. Termina a chamada já passados quinze minutos do período de Ciências. O líder vai à sala dos professores e avisa à professora que ela pode retornar. A professora de Ciências entra.

Terceiro e quarto períodos, Ciências. A professora chega e avisa que fará revisão da avaliação (prova) da última aula. Trouxe um banner com o desenho de uma célula. “Eu falo, vocês escutam.”. “Se tiver conversa, não tem recreio.”. “Vamos ver como vocês foram e revisar o conteúdo.”. A sala está absolutamente silenciosa. A professora começa pela primeira questão. Pega a cadeira e pergunta: “Essa cadeira é um ser vivo?”. “Nããã!!”. “Por quê?”. “Porque não tem célula.”. Recreio. Voltam agitados do recreio. Empurram-se na hora de entrar na sala. A professora tem controle da turma. Faz uma retrospectiva do que foi visto, inclusive no período anterior. Anuncia a continuação da matéria. Muitos alunos sem livro. Um aluno busca o número de livros que faltam. Gera uma pequena agitação. Página vinte e quatro do livro didático – continuação. Começa a escrever no quadro. A professora fala até as dez para as onze horas da manhã. Solicita que respondam as dez questões no caderno, sem copiar as perguntas. Página vinte e seis. O professor de História, nas suas aulas, diz: “Como vou saber a pergunta, quando eu olhar os cadernos? Tem que copiar as perguntas sim.”. Professora de Ciências: “Para que copiar as perguntas se vocês têm o livro? Não é aula de cópia. Não é para copiar a resposta.”. Os alunos têm dificuldade em compreender o que a questão exige. A professora precisa parafrasear os enunciados. A professora fala para os alunos que essa é a dificuldade deles. Combina a conclusão dos exercícios na aula de amanhã. “Não é para fazer em casa.”. Recolhimento dos livros didáticos. Tumulto. Professora avisa que a aula não terminou. Os alunos guardam os materiais. Bate. Os alunos estão desorganizados. Muitos em pé, outros na porta. Alguns se batem, outros gritam. A professora entra.

Quinto período, Educação Física. Após a entrada da professora nada muda. A bagunça continua a mesma. Os gritos, os palavrões, os escândalos. A menina mais gritona não havia gritado até então; larga uma gargalhada estridente. Um aluno tira a calça jeans e fica com uma calça laranja de pijama. A professora manda-o colocar as calças jeans. A professora fica solicitando inúmeras vezes silêncio para que possa fazer a chamada. A menina mais gritona berra: “#@!%, vocês não querem sair?”. A professora ri. Outro aluno: “#@!% mesmo, calem a boca.”. A professora avisa que o tempo é deles. Demora muito para que eles se acalmem. A professora avisa que as mochilas ficarão na sala.

Novo tumulto. Gritos. “É só fazer a chamada!”. A professora se irrita. Mal começa a chamada, começa o tumulto novamente. Um aluno supostamente responde a chamada por alguém que não vem mais. Inicia nova discussão. O aluno acusado se irrita, se altera, grita. A professora grita também. São quase 11h30 da manhã, quando vão para o pátio. São 11h33min, quando começam o aquecimento. A professora tem dificuldade em levar todos os alunos para a quadra. Alguns alunos fingem estar fazendo. Dois alunos saem da quadra, por ordem da professora e são mandados para a diretoria. Uma aluna se retira da quadra, passando pela professora e dizendo que não vai realizar a atividade. Senta na arquibancada. A atividade consistia em fazer vinte polichinelos. Caso alguém não fizesse, todos começariam de novo. A menina mais barulhenta não fez e não foi punida. Os meninos foram interrompidos muitas vezes em função de não estarem erguendo os braços corretamente. [Começo a ter certeza de que os professores a temem.] 11h45min, os alunos são liberados da quadra. Alguns ficam para jogar futebol. Outros se dispersam, ficam conversando, fazem o que querem. Um grupo pequeno joga vôlei. Poucos minutos antes de bater o sinal, os alunos solicitam a chave da sala para a professora para que peguem seus materiais para ir embora.

Cena 8: Primeiro e segundo períodos, Língua Portuguesa. Antes de ir para a sala de aula, na sala dos professores, a professora de Educação Física diz para mim: “Estou tomando um chá, porque estou podre de gripe e ainda tenho que ficar na rua com estas pestes. Hoje eu vou dizer: divirtam-se.”. A sala está imunda, muitos papéis no chão: bolinhas de folha de caderno, embalagens de bala. O diretor já havia colocado os alunos para dentro da sala, não fizeram fila. A turma está tranquila. A professora anuncia que colocará mais dois exercícios de revisão: pronomes relativos e pronomes indefinidos. A professora esclarece que todos os exercícios serão corrigidos juntos no final. Alguns alunos vão chegando aos poucos. Copiam. Há conversas paralelas, mas são baixas e a professora fica indiferente a elas. Às 08h40min, a professora pede para iniciar a correção. Alguns alunos dizem não ter terminado, então, ela anuncia mais dois minutos para a conclusão. [Sinto sono e tédio.] Hoje não haverá recreio de novo, mas não chove. Foram iniciadas as obras da “casinha” (sala de aula improvisada para atender em torno de 25 alunos de primeiro ano que estão sem escola.). Em função da obra, não haverá recreio. Uns cinco minutos depois os alunos começam a ir ao quadro responder às questões. Às 09h13min, após concluir a correção dos exercícios de revisão, a professora solicita que os alunos abram os livros didáticos na página vinte e oito. Dezoito alunos estão sem livro, então dois alunos vão buscá-los. A professora diz: “É baixar a cabeça e ler, com muita atenção. Depois vamos fazer um trabalho sobre o texto.”. “Restos do carnaval, Clarice Lispector.”. A turma fica uma bagunça, enquanto os livros são distribuídos. Do início do silêncio e o reforço da solicitação para que leiam o texto, passam treze minutos. Mas o silêncio absoluto não acontece. Sempre há um fazendo comentários, um rindo, um falando com outro, um que vai ao banheiro, volta, fazendo barulho. O texto vai até a página trinta do livro didático. Alguns alunos reclamam de ser muito grande. Um aluno pergunta, logo de cara, se é para copiar o texto. Depois, quando aparecem reclamações sobre o

tamanho do texto, a professora pergunta: “Preferem copiar?”. “Nãããã!!!!”. Em quatro minutos, não se ouve absolutamente nada na sala. O silêncio é absoluto. Todos, sem exceção, de cabeça baixa, lendo. Aos sete minutos, alguém bate na porta, mas felizmente a concentração não é perdida. Aos onze minutos de leitura, a professora escreve no quadro: Trabalho para entregar dia 14/05. Interpretação das páginas trinta e um e trinta e dois, do um ao dez. Assim, inicia algum barulho. Mais uma vez a aula é interrompida. [O barulho do lado de fora é grande, mas não parece ser da obra.] Aos treze minutos, a professora explica o trabalho. “O trabalho deve ser entregue com capa e folha de identificação, à caneta. Não vou aceitar a lápis. Ler de novo em casa o texto.”. Bate.

Terceiro período, Ciências. A professora avisa que vai ter recreio, mas que eles devem ficar longe da obra. Vamos ao Ambiente Informatizado para assistir ao Globo Repórter sobre o Bioma Pampa. Segundo a professora, eles já estudaram Biomas. [Não entendo. O assunto passado era célula.] A professora diz que o que eles estão fazendo ficará para a próxima aula. Os alunos prestam atenção. Quando faltavam sete minutos para bater, a professora diz: “Pessoal, está terminando. Não esqueçam que vocês terão que fazer o relatório.”. Surge uma reação do tipo: “Não sabia.”. O volume vai aumentando. A concentração não é a mesma do início. Alguns alunos só conversam, outros já estão de costas. Antes de bater, a professora fez uma intervenção, explicando que eles seguirão assistindo aos outros biomas.

Quarto e quinto períodos, Educação Física. Mesma cena de ontem: uma gritaria, uma bagunça. Demora para iniciar a chamada. A chamada é interrompida várias vezes. “Guardem o material. O material fica na sala.”. Vão para o pátio e, conforme ela já havia me avisado, os deixa livres para fazer o que quiserem. Mais uma vez a turma se divide entre os que jogam futebol, os que jogam vôlei, os que ficam conversando em pé e os que ficam conversando sentados. Perto do meio dia os alunos solicitam a chave da sala para pegarem os materiais e irem embora.

Cena 9: Primeiro e segundo períodos, Arte Educação. [Frio, muito frio.] A professora titular faz a chamada. Alguns alunos saem para trocar de roupa [isso nunca aconteceu na aula de Educação Física.] A professora explica a atividade que vai ser feita no pátio. Orientações de cuidado, organização. Objetivo da aula: uma coreografia para a turma toda. Inicia a construção da coreografia. “O trabalho em grupo não é fácil, mas estou gostando do que está acontecendo.”. Assim, termina a aula. Na próxima aula, será dada continuidade à atividade. Bate.

Terceiro período, Cultura Religiosa. A professora já está na sala, porque é a titular da disciplina de Arte Educação. Não há tumulto de troca de períodos. A professora avisa que receberá os cartazes até terça-feira e que hoje eles farão outra avaliação: “Vocês vão receber um texto, vão ler em silêncio, eu vou passar cinco perguntas e vocês vão copiar e responder e entregar ainda hoje, valendo cinco pontos.”. Texto: “O grande desafio da juventude – relato de um internauta acerca da ditadura da mídia.”. Os alunos estão em absoluto silêncio, realizando a leitura do texto; a professora apenas os observa. Em cinco minutos, aparecem as primeiras manifestações orais dos alunos: “Gostei!”, “Tri!”.

Em pouco menos de seis minutos, a professora inicia a leitura oralmente e vai parafraseando cada parágrafo, acrescentando informações e exemplificando as informações do texto; não diz no texto explicitamente, mas a professora fala sobre o poder da propaganda. Segue a leitura. A professora tem um tom de voz baixo e ela não precisa aumentá-lo. Os alunos prestam atenção; concentram-se; os alunos empolgam-se, falando de desenhos, de programas de televisão: a professora para, eles querem falar sobre suas vidas, suas experiências. A professora fala do universal, eles particularizam. A professora começa a passar as questões no quadro para serem entregues até o final do período. As perguntas são pessoais, não de interpretação. Preveem que eles escrevam suas expectativas, seus sonhos, reflexões. Os alunos conversam um pouco. A professora recolhe as atividades. Termina o período. Sem recreio em função da construção da casinha.

Quarto e quinto períodos, Inglês. A professora entra, espera silêncio, que demora e não se mantém. Os alunos acham a professora chata. Ela tem dificuldade em concluir a chamada. Tem que dizer várias vezes “Eu estou tentando fazer a chamada.”. Passa no quadro lista de cores, animais, roupas. Lê as palavras em voz alta para que os alunos repitam. Depois perguntas para entregar. Tumulto. Professora se irrita. Bate e a aula termina, mais uma vez, com algo que parece “inventado” para ocupar os minutos restantes.

Cena 10: Primeiro e segundo períodos, Geografia. Professora inicia a aula dando bom dia, que tem que ser repetido para que os alunos respondam. Anuncia que devolverá os testes que valerem oito pontos. Quem tirou abaixo de cinco pontos deve trazer amanhã assinado pelo responsável. No quadro: 1. Passar o teste a limpo no caderno, apenas as questões erradas. 2. Colar o teste no caderno. “Só no primeiro período, pessoal.”, avisa a professora. “No segundo período tem atividade”. A professora inicia a entrega dos testes. Chama um por um na mesa, faz comentários para cada um do tipo: “Tu pode mais do que isso.”. “Estudar mais!”. “Deveria ter te esforçado mais.”. Alguns comentários são feitos muito baixo, atrás da folha para que os demais não ouçam. “Parabéns!”. Enquanto os alunos passam a avaliação a limpo, a professora marca teste oral para amanhã. Estado, sigla, capital e região. Os alunos reclamam, porque têm prova de português amanhã e a professora imediatamente troca para dia 20/05. A professora devolve os mapas, que valerem cinco pontos, para que os alunos estudem para o teste oral. Depois de um tempo, a professora começa a chamar para ver os cadernos. Bate para o segundo período. A aluna mais barulhenta de todas entra na sala. Enquanto a professora chama para ver os cadernos, alguns circulam, conversam, mas nunca sai do controle, do normal, do aceitável. Depois, ela passa de classe em classe para dar visto nos cadernos com o teste passado a limpo. Após passar nas classes, a professora escreve no quadro: “Pirâmide etária.”. Após a definição, a professora desenha a pirâmide etária. Na sequência, explica como se lê a pirâmide. [Sentada no fundo da sala, não me restam dúvidas de que é quase impossível uma fala para todos.] Muitos conversam baixo no fundo da sala, copiam do quadro, mas não ouvem o que a professora diz. Alguns alunos são chamados pela vice-direção: os mais bagunceiros. Os alunos voltam rindo, reclamando da professora de inglês,

que passou os nomes para a direção. A professora de geografia diz para a turma que concorda com a colega. Bate o sinal.

Terceiro período, História. O professor entra e os alunos todos já se colocam em pé, vão em volta do professor, contam para ele que foram chamados na direção. Pede para que sentem várias vezes. Um aluno diz: “Ela que me expulse desse colégio, mas eu vou infernizar a vida dela.”. O professor inicia a chamada, parando de tempos em tempos para solicitar que os alunos sentem e façam silêncio. Há conversas paralelas por toda a sala. Até os mais quietinhos conversam nesta aula. Está sempre barulhenta, embora tenha diminuído em relação ao primeiro dia em que estive aqui. O professor pergunta se os exercícios estão prontos e então diz que vai chamar para responder. “Apaga o quadro, fulano.”. Enquanto o aluno apaga 1/3 do quadro, o restante circula, conversa, grita, batuca. As colegas pedem para que o colega não apague a pirâmide, mas o professor ordena que o aluno apague tudo. A menina mais gritona de todas ainda não gritou, embora já tenha elevado a voz, desde o segundo período. O professor escreve *I* no quadro e inicia uma conversa paralela com uma menina da frente, suficiente para que tudo saia do controle novamente. A aluna gritona grita, responde para o professor quando ele solicita que ela sente. O professor está explicando o que é parágrafo, quando ela dá um grito. Começam os palavrões. O aluno que apagou o quadro vai ao quadro responder a questão número *1*. Outro aluno responde a *2*. Mas há sempre barulho. O professor chama atenção da aluna gritona especificamente mais de duas vezes e ela o ignora. Ela mente que respondeu, quando o professor se aproxima, ela fecha o caderno correndo. Dois alunos responderam a questão *2*, mas enquanto isso a turma sai do controle de novo. Outro aluno responde a *3*. Há muita conversa, muito barulho. A gritona já não usa mais o tom de voz normal. Só grita, gargalha. O professor marca a recuperação. A aluna pede para ir ao banheiro. O professor diz duas vezes que não e justifica, alegando que ela está gritando, mas acaba deixando e ela retorna gritando ainda mais. Muitos alunos na frente da sala na volta do professor. “Que homem filho da #@!%.” É uma das coisas que a ouvi dizer para o professor lá na frente. Uma aluna vai apagar o quadro, um menino chega por trás. A menina sai correndo atrás do colega pela sala. Eles dão três voltas na sala correndo até que são colocados para fora da sala, quando a menina avança a pontapés no colega. Quando um levanta, outro senta e vice-versa. Não para um segundo. [Minha cabeça dói. Vontade de sair. Sinto-me mal.] O professor começa a escrever no quadro: “A decadência do Império Franco.”. A gritona levanta o dedo do meio para o professor e, na sequência, diz “Vai te #@!%.”. O professor começa a escrever no quadro, mas não são todos que copiam. São 10h15min. O professor diz: “Não vai ter recreio, porque vocês já fizeram recreio na sala.”. Só que bate o sinal e os alunos saem, como se ele não tivesse falado nada.

Quarto e quinto períodos, Matemática. Assim que os alunos silenciam, o professor dá o rotineiro bom dia. Ao iniciar a aula, o professor fala sobre a direção da escrita, por causa dos trabalhos que são entregues de ponta cabeça, grampeados do lado errado, etc. Orienta: 1° folha: dados pessoais;

segunda e terceira: desenvolvimento; na última, cola o trabalho recebido; folha de ofício. Não é para grampear. O trabalho deverá ser entregue na próxima aula. “Talvez eu venha na quinta-feira na escola, então pode ser entregue na quinta. Não copiem do colega, não façam nas outras aulas.”, diz o professor. Um aluno entrega as folhas do trabalho para os colegas. As folhas são nomeadas, cada aluno recebe o seu trabalho. O espaço do nome foi preenchido pelo professor. Eles se perguntam por quê. No canto do quadro, o professor escreve: 20/05 avaliação de matemática. Capítulo 2. Não fala nada. Coloca no quadro a letra *g* da continuação dos exercícios. O professor explica de novo como é para fazer o trabalho. Depois de passar até a letra *z*, corrigir alguns, passar nas classes, o professor sugere que os alunos se encontrem para estudar. 11h50min pensa em iniciar a chamada. Mais uma vez, a chamada passa do meio dia.

Cena 11: Primeiro período, geografia. A professora inicia a aula falando sobre o episódio de ontem, a respeito dos alunos que foram chamados pela direção. Em função dos alunos terem comentado que infernizariam a professora na aula de inglês, a professora diz que assinou embaixo tudo o que a professora de inglês disse à direção. [Tive influência porque ontem conversei com todos os professores da turma a respeito da necessidade de serem solidários à colega que mandou chamar os alunos.] Terminado o discurso, a professora começa a escrever no quadro as faixas-etárias. Os alunos tentam relatar alguma coisa a respeito da aula de inglês e a professora corta imediatamente, alegando que, sem dúvida, o comportamento deles (alunos) é pior. Abram o livro na página quarenta e um. A professora explica no quadro como ler a pirâmide etária. Depois, vai para o livro e faz perguntas oralmente a respeito das pirâmides e os alunos vão respondendo. Ainda não ouvi a voz da gritona hoje. A professora solicita que respondam à questão do livro e passa nas classes para orientar alguns que a solicitam. Bate o sinal.

Segundo e terceiro períodos, História. Mal o professor entra, já começa: “Fulano senta.”. “Fulano, no teu lugar.”. A turma já fica mais agitada. O professor arruma a caneta de escrever no quadro, alguns alunos vão em torno dele e fazem algumas brincadeiras que daqui eu não ouço, mas o professor também está rindo. O professor inicia a chamada, pela primeira vez, com razoável silêncio. Um aluno circula pela sala. Outro apaga o quadro em câmera lenta. O diálogo do quarteto à minha esquerda começa a aumentar. Na sequência, “Abram os cadernos.”. Há uma discussão sobre ter dado ou não o visto. Outro aluno apaga o quadro em câmera lenta. O professor manda apagar logo, vai o terceiro aluno apagar o quadro. O primeiro aluno começa de novo o apagamento do quadro, pontilhando uma linha, em vez de apagar. O professor não diz nada. Escreve no quadro: “O tratado de Verdum.” e começa a escrever. Para de escrever: “Vi tua mãe também hoje de manhã.”. Tumulto. O tom da gritona já está mais alto do que o necessário. O que o professor escreve no quadro é desproporcional ao tempo que é dado para copiar. Com uma letra gigante escreve cinco linhas no quadro. Muitos alunos não copiam. Enquanto isso, o professor senta-se em sua cadeira e fica alguns minutos lendo o livro didático. Nisso, muitos já estão circulando pela sala. “Sor, posso ir no

banheiro?”. “Não.”. O aluno vai. Aliás, dois alunos vão: uma menina e um menino. Professor: “Já copiaram?”. Gritona: “Era para copiar? Hahahaha.”. Gargalhadas altas. Começa. Os dois alunos que vi sair, voltam com os livros didáticos. A gritona grita, levanta, grita, gargalha. Página dezenove. Ele explica quem é Clóvis, cuja figura está nesta página. Mostra o mapa da página vinte e explica. Explica a figura de Carlos Magno, na página vinte e dois. Não tem atenção de todos. “Fica quieto, meu”. Há uma intervenção para falar sobre a saída do professor que trabalhava no Ambiente Informatizado. O professor segue explicação até página vinte e cinco. Parece que dá aula para as paredes. Um aluno faz uma pergunta. Finalmente: “Vamos ler o texto da página quarenta e oito.”. Carnaval na Idade Média. O aluno pergunta de novo. O professor faz a leitura em voz alta. Os alunos, em geral, acompanham. Muitos não estão nem ouvindo. Estão visivelmente alheios. As gurias do meu lado não ficam quietas. Falam o tempo todo, junto com a leitura do professor. Página quarenta e nove. A gritona manda o professor catar coquinho. “Fulana, vira para a frente.”. Gritona: “Ah, se encarnou!”. O professor inicia a leitura de outro texto. Quando o professor diz que vão fazer exercícios depois, há um tumulto, uma reclamação. O professor lê, a gritona fala ao mesmo tempo, interrompe: “Deu, fulana.”. Resposta: nenhuma. Um aluno faz pergunta de novo, o professor se empolga com as explicações. Outro aluno faz outra pergunta. A gritona grita e chama o professor na classe para falar sobre o short minúsculo de uma colega. O professor solicita que os alunos resolvam os exercícios do livro sobre o texto que acabou de ler. Números 1, 2 e 3. Parece que o professor não diz nada. A gritona vai para a porta. [O professor tenta contato visual diversas vezes comigo ao longo da aula. Ainda não decifrei o que ele busca no meu olhar: aprovação? Ajuda? Reprovação? O quê?] Ontem, na sala dos professores, os professores comentaram que a turma era muito pior antes, que eles já melhoraram muito. Professor de História: “Antes, não dava para falar!”. Os alunos questionam o porquê de terem que copiar as perguntas. Alguns trabalham, outros avacalham. Não há concentração. A menina do short minúsculo vai, sob orientação do professor, ao banheiro trocar de roupa. Tumulto começa e o professor inicia a correção. Com dificuldade. Colocando os alunos no lugar, pedindo silêncio. O quadro foi apagado para dar lugar às respostas. Aos trancos e barrancos a correção é concluída com mais de cinco minutos faltando para o recreio e o tumulto já se instala: gritaria, todo mundo fora do lugar, etc. O professor ameaça começar a matéria nova, mas é ignorado. Ameaça tirar o recreio, caso não sentem. O professor diz que vai ler os aniversários constantes na pasta de registro das faltas. Isso gera gritaria também. Bate para o recreio. Todos saem, como se o professor nem estivesse na sala.

Quarto e quinto períodos, Língua Portuguesa. A professora apita um apito e solicita que sentem e façam silêncio. Com dificuldade, obtém silêncio. Permite a entrega do trabalho amanhã. Hoje o trabalho vale dez. Amanhã vale seis. A professora diz que passará aqui no terceiro período de amanhã para recolher. Um aluno recolhe os trabalhos. Muitos não entregam. Alguns nem sabiam do que se tratava o trabalho. Enquanto o aluno recolhe, a professora faz a chamada. “Guardem os cadernos e os livros.”. A turma silencia. “A prova é sem consulta.”. “À caneta.” “Qualquer

comunicação, a prova será retirada.”. “Bonés virados para trás.”. A professora entrega o número correspondente ao número de alunos da fila. “Rasura, faz assim (um risco) ou liquipaper.”. “Rapidamente, eu vou ajudar vocês.”. Um pequeno texto com cinco perguntas. Conjugação verbal, ortografia, pronomes pessoais, pronomes demonstrativos. Pronomes possessivos, indefinidos e relativos. Substantivos e adjetivos. “Boa sorte, qualquer dúvida, levantem a mão que eu vou até vocês.”. Silêncio absoluto. Quando bate para o último período (11h15min), muitos já estão com a prova virada. [Não vi ninguém colar.] 11h40min a prova é recolhida, na classe de cada um. Ficam com os últimos minutos livres. Conversam calmamente, até irem embora.

Cena 12: Primeiro e segundo períodos, Matemática. O professor entra, apaga o quadro, organiza as classes e dá bom dia à turma, com sua seriedade e tranquilidade comuns. “Trabalho número 1.”. “Número 2.” e assim por diante, então entendo que os trabalhos entregues na última aula eram numerados e diferentes uns dos outros. Os alunos vão entregando. Ao término, o professor diz que menos de 50% da turma entregou. A turma tem mais de 30 alunos (37 exatamente), o professor não recebe nem 15 trabalhos. Um aluno entrega em folha inteira, ou seja, não cumpriu as orientações dadas pelo professor na última aula. Recebe o trabalho de volta e ordem para refazer. Muitos alunos tiveram que voltar aos seus lugares para colocar acento em matemática. O professor fica em torno de sete minutos falando sobre a importância de estudar em casa. Depois, pergunta se alguém teve dúvida no exercício cinquenta e um e segue: *a* tanto, *b* tanto, *c* tanto, etc, até a letra *z*. Coloca a data no quadro, repete: “Alguma dúvida?”. Ninguém responde. Avisa que sabe que muitos não fizeram o tema. Escreve no quadro: 52) Calcule o valor das expressões. O professor para de novo: “Quando os pais vierem falar comigo, eu falo tudo. Então, sejam sinceros com os pais de vocês.”. Passou o exercício no quadro e, enquanto os alunos fazem, passa nas classes para auxiliá-los. Conforme a professora de português havia combinado, aparece na sala para buscar os trabalhos dos que não haviam entregado no dia certo. Apenas um aluno entrega o trabalho de português atrasado. Professor faz a chamada. Bate o sinal.

Terceiro e quarto períodos, Ciências. A professora entra quase 09h35min. Avisa que os minutos na organização serão descontados do recreio. Um aluno diz: “Mas a senhora chegou atrasada.”. A professora o ignora e diz: “Está avisado.”. Começa a explicar o trabalho que terão que fazer neste período, antes do recreio. Desenha uma folha no quadro e explica o que eles têm que fazer. “Bioma Pampa.”. Escrever uma redação sobre o bioma Pampa, depois os alunos devem opinar sobre o nosso bioma e as formas de preservação do nosso bioma. Os alunos não se concentram e, próximo do horário do recreio, a turma já está agitadíssima. Sai para o recreio. Na volta do recreio, a professora já se altera, grita, solicitando silêncio. A professora solicita que um aluno entregue as folhas com o conteúdo sobre o bioma Pampa. À medida que vão recebendo, iniciam a leitura. Do momento em que a professora ordena o início da leitura até a intervenção da professora passaram 1’55”. A professora inicia a explicação do trabalho de recuperação, o qual deverá ser realizado neste período. A professora

faz a leitura dos textos, parafrazeando e acrescentando explicações. Ao terminar a leitura e as devidas explicações, entrega os desenhos dos animais para que os alunos pintem, recortem e coleem nos cadernos. Faltam dez minutos para o final do período quando isso acontece. Bate. A professora combina com eles para pintarem na aula de amanhã.

Quinto período, Educação Física. Antes de a professora chegar, os alunos já guardavam o material. A professora chega apitando, mas os alunos estão agitadíssimos, a professora pede que eles escutem, ela diz que ficou sabendo “Olha o que eu vou contar para vocês. Algum professor contou que vocês estão se combinando de incomodar a professora.”. Gritaria geral. Muitos gritos. “Quem foi?”, os alunos querem saber. Os alunos gritam muito. Uma bagunça. A professora pede que eles se comportem na aula e que falem para o diretor, caso, mesmo assim, ela não explique. “Nós não gostamos dela e ela não gosta de nós.”. A professora teve dificuldade de falar, muita dificuldade. Os alunos falam junto, ela apita com força. Os alunos questionam o fato da professora de inglês ter chamado só alguns e ter reclamado para a direção. A gritona grita muito. Palavrões. Gritaria. Vão para o pátio assim mesmo, sem organização nenhuma. A professora cria um problemão. As discussões seguem no pátio. [Muito chato, me sinto mal.]

Cena 13: Períodos reduzidos, em função de reunião pedagógica quinzenal. Primeiro e segundo períodos, Português. Os alunos entram tranquilos. A sala, pela primeira vez, está organizada e limpa. A janela sem cortinas permite que bata sol em quase toda a sala, num dia muito frio. A professora passa uma auto-avaliação no quadro para que os alunos respondam e entreguem até o final do período. Rápido. Os alunos terminam e entreguem.

Terceiro período, Ciências. A professora dá bom dia. “Gente, vocês podem sentar em duplas e continuar pintando e colando os animais no caderno.”. Fazem isso os vinte e cinco minutos do período.

Quarto e quinto períodos, Educação Física. A professora entra, todos continuam fazendo o que estavam fazendo. Parece que não entrou professor. “Senta.”. Gritona, aos berros: “Professora, faz a chamada!”. Professora: “Tô tentando!”. Minutos depois de xingamento entre os alunos, a gritona grita de novo, a professora se irrita: “Tu não vai mandar em mim. Eu sei a hora que eu tenho que fazer a chamada.”. Bagunça. Eles querem sair da sala, mas não se organizam. Quanto mais tentam fazer silêncio, mais gritam e se agridem. São quase 09h30min. A professora troca um aluno de lugar e a sala silencia. “Vamos lá, deixem as mochilas. Quero falar com o líder.”. Os alunos saem da mesma forma. Deixam as mochilas na sala e vão para o pátio fazer o que querem.

Cena 14: Primeiro e segundo períodos, Arte e Educação. Tanto a professora titular quanto a professora estagiária são muito tranquilas, usam o tom de voz baixo, muito baixo. As professoras não estão fazendo nada, enquanto dois alunos buscam o rádio para a aula de música e todos os alunos estão sentados, nos seus lugares, conversando num tom totalmente civilizado. [Mais uma evidência de que o comportamento dos alunos é muito reflexo do professor.] Ao virem com o rádio, a professora chama

os alunos para o pátio, para que eles façam a coreografia que estão ensaiando desde as outras aulas. Faz seis graus hoje. Embora o céu esteja azul e o sol brilhe, está muito frio. A professora retorna para a sala, quando bate. Despede-se e a titular permanece para o período de Cultura Religiosa.

Terceiro período, Cultura Religiosa. Os alunos demoram para se acalmar na volta do pátio. A professora solicita que peguem o caderno de Cultura e anotem duas perguntas para responder depois de assistir a um vídeo. A professora dita duas questões para responder depois. 1. Tudo que você está fazendo você está fazendo bem feito? 2. Que responsabilidades você poderá assumir para que tudo melhore na sua vida? Os alunos não conseguem apenas ouvir. Alguns não conseguem anotar. Sempre há alguém repetindo. Fomos à sala de informática, mas, chegando lá, a sala estava ocupada por outro professor. A professora responsável pelo Ambiente Informatizado não registrou o agendamento da professora. A professora ficou visivelmente chateada, encheu os olhos de lágrimas, irritou-se. Voltamos para a sala e a professora aproveitou para falar sobre seguir líderes negativos. Os últimos minutos são livres; mas os alunos ficam na boa, conversando civilizadamente, enquanto esperam bater.

Quarto e quinto períodos, Inglês. Os alunos voltam do recreio agitados. Já ouvi mais de uma vez hoje: “Se prepara, sora.”. “Se prepara, sora.”. Acho que se referiam ao comportamento deles na aula de inglês. A professora começa a falar e a turma fica em absoluto silêncio. Todos prestando atenção. Silêncio total. A professora explica como vai funcionar a recuperação. A professora avisa que hoje eles farão o último trabalho. Quarta ela avisará quem está em recuperação. Quem ficar em recuperação, fará a prova na sexta-feira que vem. A gritona começa a falar um pouco mais alto sobre assuntos que em nada se relacionam com a aula. A professora explica tudo. Todos ouvem. Até a professora está estranhando o comportamento dos alunos. A expectativa não se confirma. Dois alunos foram colocados sentados lá na frente e isso ajuda muito a manter a turma sob controle. Os alunos trabalham. O barulho é decorrente da quantidade de perguntas que eles fazem, porque têm muitas dúvidas. “Professora, como posso dizer...?”. A professora segue se alterando com as conversas, mas parece mais tolerante, imagino eu que tenha sido em função do grande silêncio do início da aula. A aula termina bem mais tranquila.

Cena 15: Primeiro e segundo períodos, Geografia. O dia está muito, muito úmido. Tão úmido que parece estar chovendo, embora não esteja. As salas já estavam abertas, quando chegamos. Quando o tempo está assim, o diretor abre as salas para que os alunos não fiquem na rua. A professora dá um animado bom dia, que repete, em função do silêncio da primeira tentativa. A umidade é tanta que as classes estão molhadas. A professora anuncia: “Hoje é o dia do nosso teste.”. Os alunos pegam o livro e estudam. É o teste oral, marcado na semana passada. “Quem não estiver estudando, silêncio.”. Um aluno, sob ordem da professora, escreve no quadro o nome das cinco regiões e dos três complexos brasileiros. A professora entrega avaliações corrigidas. “Pessoal, recolher todo material, eu vou explicar como vai funcionar o teste. Eu fiz 32 papezinhos com estados variados, então não adianta colar do colega.”. Alguns minutos depois, a professora solicita que o líder recolha as folhinhas com o

teste. A professora segue chamando os alunos para mostrar os cadernos. Quando termina, começa a escrever no quadro. Nem todos os alunos percebem. Ela avisa: “A ideia é ir para o Ambiente Informatizado, mas desse jeito vamos ficar aqui até às 09h30min.”. Formação da população brasileira. Depois, a professora explica a matéria. “Abram o livro na página quarenta e cinco.” Pôr dados do mapa em tabela. Mostrar caderno para ganhar visto. Assim termina a aula.

Terceiro período, História. O professor já chega: “O que é isso?”, “Vamos, fulano, senta.”. “Vamos, beltrano, senta.”. “Siclano, senta.”. Gritona grita. A funcionária vem avisar que não haverá recreio, porque o pátio está molhado e “chove”. “Vai chupar, guria!”. “Ah!”. Levanta e sai correndo atrás do colega. O professor avisa que vai descontar ponto de comportamento. Não adianta. Inicia a chamada e o barulho continua. A gritona está virada para trás, comendo bolacha. O professor diz que não é hora de comer e ela o ignora e segue comendo. A chamada é extremamente tumultuada. O professor manda a gritona sair da sala. “Tu tá viajando, eu nem tô falando.”. “Sai.”. “Não vou, toda a sala tá falando.”. “Tu tá gritando.”. “Ah, vai fazer a chamada e não incomoda.”. [Assustador o diálogo.] Já são 09h42min e a chamada ainda não foi concluída. A aluna continua gritando. Levanta, manda o professor calar a boca, vai para a porta. “Império Bizantino”, escreve no quadro o professor. A aluna expõe seu vasto vocabulário chulo. O professor vai mandando um por um abrir o caderno. Os gritos são muito altos, todos falam alto. O professor fala e ri. [Não entendo.] Segue a mesma coisa até o final da aula. Bate. O professor de matemática entra.

Quarto e quinto períodos, Matemática. Os alunos acalmam-se automaticamente. Organizam-se para a prova. Uns pedem canetas pretas ou azuis uns para os outros. O professor pega os trabalhos da aula anterior, parece que os conta e guarda de volta na pasta. Começa a organização das filas. O professor não fala, apenas faz gestos e vai colocando todo mundo nos lugares. Às 10h30min a sala está milimetricamente arrumada. “Bom dia, turma.”. “Vamos juntar o lixo dos seus arredores.”. Todos juntam o lixo da sua volta. Minutos para estudar. A primeira fila é liberada para ir ao banheiro. Enquanto atendia a uma aluna, o professor vê a gritona passar a mão na bunda do colega que varre a sala. Foi imediatamente posta para fora da sala. A aluna volta e senta. Quando o professor percebe, faz a aluna sair, pedir licença e entrar. Ao fazer a chamada, o aluno entrega a avaliação e se retira.

Cena 16: Primeiro período, Geografia. A professora inicia a aula organizando as classes e cadeiras. Anuncia que fechou as notas e que está decepcionada. Diz que as notas ficaram baixas. Recuperação segunda, toda a matéria, sem consulta. A professora lê os nomes dos alunos que estão em recuperação. A professora passa no quadro um trabalho de pesquisa sobre formação do território brasileiro, divide os grupos e os assuntos entre os alunos. Gera uma certa turbulência, mas os alunos estão motivados, envolvidos.

Segundo e terceiro períodos, História. Mal o professor entra, a gritaria começa, palavões. Os alunos ficam falando que querem prova com consulta, alegam direitos iguais, dizem que ele deu prova com consulta em outra turma. O professor alega que a turma não merece negociação, em função do

péssimo comportamento. A turma se acalma e o professor inicia a chamada. Há muita dificuldade em organizá-los. Todo mundo vai bem para frente, o professor pede várias vezes para que guardem o material. A gritona grita demais, até quando está falando algo normal. Os alunos debocham do movimento que o professor faz com a mão para organizar os alunos em seus lugares. O professor acha graça do deboche. Já se passaram quinze minutos do início do período e não há um mínimo de organização. Um usa o fone, outro imita um passarinho. A gritona fala palavrão. O professor diz que vai entregar para quem está no lugar e organizado. O professor começa a entregar e o barulho continua. A bagunça continua. O professor explica cada uma das questões, parafraseando. Senta e pede que façam em silêncio. Uma aluna está com o caderno em cima do colo. O professor levanta. Um aluno olha o caderno embaixo da classe também. A aluna pede outra prova, porque diz que fez tudo errado. “#@!%!!”, “#@!%!”. Chama o professor na classe, com o caderno no colo, casaco em cima. Ele não vê ou vê e não faz nada. O quarteto à minha esquerda está fazendo tudo junto. “Deu, fulana.”. (Sobre a cola). Ela responde: “Eu não tô nem aí pra ti.”. Passa a resposta pela borracha. O professor vai pedindo para que guardem os cadernos. A aluna grita o tempo todo e segue colando descaradamente. Três alunas começam a rir e a gritona e sua gangue começam a gritar: “Não vi tu descontar ponto delas.”. “Profe, elas estão colando.”. Gritaria, palavrões e levanta o dedo do meio para o professor. [Que desespero.] Os alunos não têm respeito nenhum. Bate para o terceiro período. O professor recolhe as provas e solicita que os alunos voltem aos seus lugares. Caos. Gritaria. Barulho, alunos circulando. O professor pede que abram os cadernos. Escreve no quadro, mas a turma está fora de controle. Escreve quatro linhas, como nas outras vezes, só que não são nem 09h45min. Pela primeira vez, ouço o professor dizer: “Fulana, pode sair. Quer gritar, vai gritar lá fora.”. A aluna nem se mexe. Ouço um aluno dizer: “Ah, o sor só ameaça.”. Escolhe duas alunas para irem buscar os livros. Enquanto os livros são distribuídos, a gritaria aumenta. Página setenta e três. Muita dificuldade em iniciar a leitura. Quando o professor tenta explicar o que vai acontecer, um aluno interrompe perguntando onde está o caderno dele. O aluno diz: “Vai tu.”, quando o professor diz para ele procurar na rua. O professor lê trecho do Al Corão, em que há regras sobre as mulheres. Muitos alunos querem copiar do quadro, há um estresse. Os alunos não respeitam. Ele até consegue ler. O professor ordena que os alunos façam as questões um, dois e três do livro sobre o texto que o professor acabou de ler. O professor lê as três perguntas e, em seguida, pede para que quatro alunos recolham o livro e sai antes que bata o sinal. Sem recreio. 100% umidade relativa do ar.

Quarto e quinto períodos, Português. A professora entra, avisa que vai devolver as provas e entregar a prova de recuperação. Os alunos se agitam, porque como não sabiam, não estudaram. Pelo menos é o que argumentam. A professora logo dá um para-te quieto e eles ficam em absoluto silêncio, enquanto a professora dita a prova de recuperação. Terminou de ditar às 11h15, mais ou menos. Depois, tempo para responder, com consulta. Saímos às 11h45min, porque não teve recreio.

Cena 17: Primeiro e segundo períodos, Matemática. O professor inicia a aula questionando o mau desempenho dos alunos na prova da última aula. De todos os cadernos vistos pelo professor, apenas um estava completo. O professor atribui à falta de estudo, aos cadernos incompletos, aos exercícios errados, aos exemplos copiados errados do quadro. O professor diz que vai fazer a correção da prova e depois mais exercícios, porque a recuperação é semana que vem. O professor faz um apelo que os pais compareçam ao conselho de classe, que é participativo. A sala fica em absoluto silêncio durante todo o tempo em que o professor fala. “Tem dúvida, tem que perguntar.”. Vai para o quadro e copia as questões da prova. O professor não entrega a prova. [Sinto muito sono e tem sido cada vez mais difícil me manter em sala, mal consigo ficar com os olhos abertos.] O professor segue fazendo correção no quadro. Começa a bater um solzinho na sala, o professor avisa que não pode conversar.

Terceiro e quarto períodos, Ciências. Os alunos recebem duas folhas. Uma folha e meia com texto sobre os animais do Bioma Pampa. Cada aluno leu um pedaço do texto em voz alta. Após a leitura, sentam em duplas para responder às questões. A professora passa para olhar os cadernos, enquanto isso. Recreio. Na volta, os alunos já continuam a atividade. A professora traz uma célula feita por alunos para mostrar o que eles farão na próxima semana. A professora passa no quadro a lista de materiais que eles precisam trazer, como bola de isopor, massa de modelar, tinta, palito de dentes. Às 10h55min, a professora chama um aluno para iniciar a leitura do texto. A professora parafraseia o que o aluno acabou de ler. Assim, sucessivamente. Outro aluno é chamado. A professora faz intervenções em relação à leitura da pontuação. Corrige as questões, também chamando os alunos para responder.

Quinto período, Educação Física. A troca de períodos é agitada, muitos gritando, correndo, se estapeando. A professora de Educação Física entra apitando forte. A professora diz que tem que preencher a folha do pré-conselho. Faz a primeira pergunta: “Qual a disciplina que a turma tem mais facilidade para aprender?”. Há uma gritaria tremenda. Todos falam ao mesmo tempo. A professora não tem domínio e não se estressa. Eles respondem que a matéria que têm mais facilidade é matemática, mas o professor diz que todos foram mal. Quando questionados sobre a disciplina com mais dificuldade, responderam Inglês. Mas a maioria acha a matéria muito fácil. [Eles responderam com base no afetivo, na metodologia, não na aprendizagem.] A gritona grita muito e dá risada. Depois, a professora os questiona sobre o apoio dos pais e como ele acontece. Não sei como a professora está fazendo anotações, porque eles falam todos juntos, gritando. Uns estão indiferentes. Outros ficam em volta da mesa da professora, em vez de ficarem em seus lugares. A professora é conselheira da turma, por isso a responsável por fazer o pré-conselho. O número de alunos em volta da mesa aumenta e a professora os manda sentar e se levanta. A professora tem que ficar pedindo toda hora para que sentem, não gritem. Uma aluna, na frente da mesa, responde e a professora escreve. O resto da turma parece à parte. Embora apite com frequência, não tem efeito. A professora ameaçou deixá-los depois do sinal, o que não gera resultado e também não acontece.

Cena 18: Períodos reduzidos, em função da reunião pedagógica quinzenal. Primeiro e segundo períodos, Português. A professora tinha conselho de classe da filha, que é aluna da escola e me pediu para ditar um texto para eles. O texto, embora não muito longo, levou os dois períodos reduzidos e mais uns minutinhos do terceiro período para ser ditado. Consegui ditar todo o texto e a pergunta. “Texto: A gulosa disfarçada, Luis Camara Cascudo.

Terceiro período, Ciências. A professora de ciências entra, eu ainda termino de ditar. Por isso, estão calmos, sentados, organizados. Muitos alunos faltaram hoje. A professora de ciências entrega duas folhas sobre os mamíferos. Utiliza a mesma dinâmica da aula anterior. Cada um lê um pedacinho do texto. A professora acrescenta explicações, parafraseia o que os alunos leem. Os alunos fazem muitas perguntas sobre assuntos variados, às vezes com pouca relação com o assunto. Não há tempo para concluir a chamada.

Quarto e quinto períodos, Educação Física. Na troca de períodos, os alunos começam a conversar. Vão se agitando e a entrada da professora não é sentida, os alunos seguem exatamente iguais. A professora pergunta se eles querem a chamada, mas muitos nem ouvem. Ela pede para os alunos individualmente sentarem e pararem de falar. Até então eu não tinha ouvido um palavrão. Um aluno manda os colegas calarem a boca, um responde e ele se coloca, ameaçando de pegar o colega na rua e *quebrá-lo a pau*. A turma não faz silêncio e a chamada começa assim mesmo: no meio da gritaria. A professora parece não ter visto o episódio de ameaça, porque fica indiferente. A chamada prossegue, mas já são quase 09h30min. Há agressões verbais e as frases passam a ter palavrões. A voz da professora é um sussurro no meio de um monte de vozes. Vamos para a rua. Na rua, mesma coisa dos outros dias, com um agravante: “Hoje vocês podem até correr pelados no pátio, porque a “gritona” e as amigas não vieram.”. Foi para a sala dos professores. Os alunos, como nas outras aulas, ficam livres no pátio.

Cena 19: Primeiro e segundo períodos, Arte Educação. A professora titular não havia chegado à escola quando bateu. A professora estagiária vai para a sala mesmo assim. Poucos alunos em sala. A professora realiza a chamada. A professora avisa que em função dos períodos reduzidos, eles terão aula de Arte Educação nos três períodos, inclusive no período de Cultura Religiosa. Antes de ir para o pátio, a professora explica como vai funcionar a aula. Um aluno busca o rádio. Pede colaboração dos alunos. A professora está rouca, a serração é muito grande, a professora solicita que eles afastem as classes para utilizarem o espaço da sala de aula. A professora insiste que não se perca tempo. A professora é muito tranquila, não levanta o tom de voz. Dois alunos testam o limite da professora, mas mesmo assim ela não se altera. Pouco antes de bater, a professora solicita que eles arrumem as classes. É impressionante o quanto se agridem, o quanto se xingam, o quanto se metem um no assunto do outro. Nenhuma menina dançou. As meninas dançaram somente quando a coreografia foi totalmente coletiva. Na parte da coreografia em que cada grupo deveria se apresentar, não participaram. O comportamento de muitos meninos está péssimo. Não sei como se comportarão na aula de inglês.

Quarto e quinto períodos, Inglês. A professora não veio. A professora substituta entra na sala, eles tentam gritar. Um telefone foi retirado: a professora recolhe. A professora de Artes tentou tirar o celular do aluno antes e não conseguiu, porque o aluno negou-se e ela não insistiu. A substituta organiza a turma e solicita que saiam. Os alunos ficam a última meia hora de aula no pátio, livres.

Cena 20: Períodos reduzidos. Semana de períodos reduzidos, em função dos conselhos de classes que acontecem a partir das 10h. Primeiro e segundo períodos, geografia. A professora entra direto chamando alguns alunos para se sentarem na frente da mesa dela. No total, formam duas filas do lado direito da sala. São os alunos em recuperação, que imediatamente recebem a prova. A professora dirige-se à turma, avisando que o conselho é participativo, que é importante que os pais compareçam. O conselho desta turma é hoje, às 10h30min. A professora alerta que a turma começou bem e que está péssima. [Não é isso que falam na sala dos professores.] Mais uma vez, a professora mostra o que é ser firme, sendo afetiva. Alerta, que chama atenção deles, porque gosta deles. Alerta também que eles devem prestar atenção no que os professores vão falar a respeito da turma. Página quarenta e sete do livro didático. Ler e responder às questões. *Sessão: Saiba Mais. A capoeira.* Quatro perguntas no final da página. No caderno. Não precisa copiar a pergunta. Colocar a página do livro e as respostas. Os alunos demonstram dificuldade para compreender o texto. A professora decide ler com eles. Inicia a leitura e cada um lê uma parte. A professora lê um pouco, um aluno continua. Bate. A professora estava olhando alguns cadernos, verificando quem havia respondido. Recolhe as recuperações. Permanece na sala mais um pouco. Sai com uma aluna e o líder da turma para conversar do lado de fora da sala. A baderna começa antes que o professor de História chegue.

Terceiro período, História. O líder entra na sala, solicitando que os alunos separem as classes para realizar a prova de matemática. O professor de matemática entra na sala, sem falar, começa a organizar a sala em filas. A sala já está em silêncio. O professor de História cedeu o período e o professor de Matemática ficará com eles até às 10h, realizando recuperação. São 07 min para às 09h da manhã, quando a sala fica organizada e o professor inicia a entrega das provas. O professor precisa sair e entra o diretor: silêncio total. O diretor sai e entra a professora de Educação Física: a cola começa, a conversa, o caminhar. [O professor de matemática certamente enfiaria se visse a situação.] A professora ameaça umas três vezes de tirar a prova de quem está conversando. Um aluno: “Se tu não tirar de alguém, não vai adiantar.”. “Claro que eu vou tirar.” Arranca a prova de um aluno que não faz parte do grupo dos que bagunçam. São 09h40min, e ela já recolheu a prova de metade da turma. A conversa aumenta, obviamente. Um aluno vira para trás, confere os resultados com o colega, ela chama atenção, mas não recolhe a prova. Primeira vez que ouço a voz da gritona hoje, como não podia deixar de ser, um palavrão: “#@!%! ”.

Cena 21: Primeiro e segundo períodos, Geografia. Professora não veio, mas estava programado com a direção. Deixou atividade com a professora de Português, caso sobrasse tempo, porque os períodos foram cedidos para que eu realizasse o questionário com eles. Levamos em torno

de uma hora para responder a todas as questões. Os alunos colaboraram, mantiveram-se concentrados. Muitos alunos faltaram. Os minutos finais foram livres.

Terceiro período, História. Embora tenha os deixado livres nos últimos minutos em que estive com eles sob minha responsabilidade, consegui entregá-los para o professor sentados no lugar, em silêncio. Ele demorou a chegar. Consegue, pela primeira vez, fazer a chamada com silêncio. Fala sobre as notas baixas, lembra-os da entrega dos boletins, no sábado. Fala que, mediante silêncio, dirá as notas. Sai da sala para buscá-las. A professora de Ciências entra na sala para retomar os materiais necessários para a aula prática de quarta-feira. Solicita que eles se organizem e estejam prontos na quarta e com o material. O professor de História retorna, quando a professora de ciências ainda está na sala. Logo, ela agradece e sai. Os alunos imediatamente saem dos lugares, conversam, ignoram o professor. O professor chega com uma sacola cheia de papéis, visivelmente desorganizado, procurando as provas da turma. Chega à conclusão que pegou a sacola errada. Avisa que vai passar as notas. Os alunos questionam se eles não podem ter o direito de escolher se querem ou não ouvir as notas. O professor diz que a escola é pública, as notas são públicas e que ele quer dizer para todo mundo saber como a turma foi. Muitos alunos bons, com notas bem baixas. Pelo menos, em termos de comportamento. [O líder tirou 20?] Alguns alunos sentem-se surpresos positivamente. Imediatamente após a conclusão das notas, meia dúzia de alunos rodeia a mesa do professor para reivindicar a questão das notas. A situação rapidamente sai do controle, a agitação predomina. O professor consegue acalmá-los novamente, embora sempre tenha alguém falando junto. O professor tenta explicar o que vai acontecer no segundo trimestre, que é curto e que, por isso, não dá para perder tempo. Os alunos seguem reclamando. O professor escolhe duas alunas para buscar os livros didáticos. [A bagunça volta e fico impressionada com o desperdício de tempo.] Mais alguns minutos ociosos, com o professor exigindo silêncio e que fiquem virados para a frente. Consegue silêncio, mas diz: “Quero silêncio, porque quero meditar.”. [Os alunos não o levam a sério.] As duas alunas voltam com os livros e os distribuem. Novo tumulto. Alunos circulando. Conversando. Na página cinquenta e dois. Demora para que todos os alunos abram os livros e fiquem em silêncio. “Este trimestre começamos a estudar o Oriente Médio, que é onde passou a novela Salve Jorge.”. O professor inicia a leitura. O professor pede o tempo todo para que desliguem os celulares e tirem os fones. O professor explica o ritual de oração islâmica. Explica as imagens. Escreve no quadro a diferença entre Igreja Ortodoxa e a Igreja Católica. Os alunos fazem muitas perguntas. O professor vai respondendo. Ele tem atenção da turma. Vai respondendo. Primeira aula de verdade. Organizada. Uma aluna dorme. Mas o professor está sério, parece-me levar a sério o que está fazendo. Solicita que os alunos passem para a página cinquenta e quatro. O professor circula pela sala, explicando. Segue a leitura. Absoluto silêncio. [O que houve? Eu fiz um comentário de que eu achava demais as agressões e os gritos nas aulas de História. É isso resposta ao meu comentário?] Uma aluna avisa que já são 10h15min. Os alunos

comentam que passou rápido. O professor diz: “Já? E nem fizemos nada!”. O sinal não bateu às 10h15min. Os alunos são liberados 10h18min. Enquanto saem, bate o sinal para o recreio.

Quarto e quinto períodos, Matemática. A professora de Educação Física vem à porta. Os alunos estão na fila. Ela faz sinal para que venham. Os alunos vibram, achando que vai ter educação física, ou seja, nada. Pergunto para ela: “Cadê o professor?”. “Não sei. Mandaram eu começar, enquanto ele não vem.”. A professora entra e começa a passar expressões numéricas no quadro, com as respectivas respostas. Os alunos alertam que ela não deve passar as respostas. Ela diz para que eles desenvolvam e confirmem as respostas. Ela muda de ideia, tira as respostas. Passa até a letra *e*. A turma está calma. Não parecem na aula de Educação Física, embora não estejam como na aula de matemática. Os alunos também não sabem por que o professor não está. A professora coloca as respostas novamente. Segue passando. Os alunos estão respondendo. A aula tumultua, em função da professora ter parado na letra *f*. Bate. Ela sai, avisa-me que tem aula, me deixa a chave da sala e ficamos sozinhos. Alguns alunos estão na porta. A professora volta e avisa que eles irão para o pátio. Há uma grande agitação. Gritaria. Vibram muito. Vão para o pátio. Parece que tem recreio. Mais Educação, uma aula de Educação Física, mais uma aula de Educação Física e agora o 7ºA. Fora os perdidos; os matando aula, etc.

Cena 22: Primeiro período, Geografia. A professora inicia a aula separando as classes, organizando as filas. Os alunos perguntam o que vai acontecer. A professora diz que a surpresa já vai chegar. A surpresa demora. A conversa ficou no trivial. A gritona está na aula hoje. A professora solicita que em cima da mesa fique apenas material de escrever. Os alunos demonstram curiosidade. Querem saber o que é. A professora pergunta se eles foram avisados sobre o teste de inglês que vai ter hoje. A professora senta e diz que vai começar o espelho de classe. Senta-se e desenha as seis filas da sala. A turma está tranquila. Há umas conversas, mas nada exagerado. [A professora é séria até para fazer o espelho.] Às 08h18min ela diz: “Nossa, que demora o negócio.”. Eu também não sei o que é a surpresa, o que é que deve chegar. Impressiona que a professora esteja parada, montando um espelho de classe e a turma esteja na paz que está. Já ouço palavrões por parte do quarteto ao meu lado. Às 08h23min, a vice-diretora entra e entrega um pacote de provas para a professora. Os alunos não sabem do que se trata, nem eu. Um aluno começa a distribuir, recebo uma prova e então descubro: trata-se das olimpíadas da Matemática. 1º fase. Às 08h27min, a professora inicia as instruções. Um caderno com 20 questões. Os alunos não foram avisados. 08h32min inicia a prova. O horário mínimo de saída é 10h. Faço a prova, ou melhor, o que consigo fazer dela. Os alunos estão em silêncio. São 09h12min e muitos já terminaram. A professora avisa que trará um presente para o aluno que tirar a nota mais alta. Pergunta: “Que dia começam as férias?”. “Dia 20/05”, responde. 09h26min a professora começa a chamar por ordem de chamada um por um. Autoriza quem já entregou a pegar o caderno e dar uma estudada em Inglês. A professora avisa que já está com a prova de inglês. Entreguei o questionário para dois alunos que faltaram à aula ontem. Às 09h35min, a sala está tumultuada. Todos conversam,

muitos circulam. [Estou com dor de cabeça.] Às 09h39min a professora solicita que todos sentem e começa a organizar o espelho. O quarteto da minha esquerda foi desfeito. Cada uma de um lado da sala. Falta um aluno ainda responder o questionário. Já recebi mais dois hoje. Com o espelho, o silêncio foi ainda maior. 09h54min ainda não havia começado a prova de inglês. Os alunos até que não reclamam tanto do espelho. Às 10h a professora começa a distribuir as provas de inglês. Às 10h15min, a professora começa a liberar os alunos por fila.

Cena 23: Primeiro e segundo períodos, Matemática. O professor entra em sala às 08h08min. O diretor havia colocado os alunos na sala. O professor não fala nada, apaga o quadro e se para diante da turma, aguardando a organização final. “Bom dia, turma.” “Bom dia”, respondem os alunos. Estão sentados no espelho que a professora de geografia fez. A sala está em silêncio. “Nós vimos no primeiro trimestre os números naturais.”. Retoma o conceito. Questiona um aluno a respeito do material guardado. “Por que não abriu o material?”. Segue apresentando. Pega uma folha de caderno e pergunta: “O que acontece se eu dobrá-la ao meio?”, “E se eu dobrar de novo?”. Aproveita as bolas de isopor trazidas para a aula de Ciências para falar de representação das partes de um todo. Chama um aluno de gremista, comenta que hoje tem jogo. Um aluno diz: “Aé, no chiqueirão.”. Ele diz: “Eu não sou gremista, mas para chiqueirão não serve mais.”. Risadas. “Sor, eu fiquei com vermelha?”. “Não, ninguém vai receber o boletim com nota vermelha, porque os boletins são impressos com tinta preta.”. “Sor, eu fiquei com nota baixa?”. “Só ficou com nota baixa quem não atingiu a média.”. Outro aluno: “O senhor pode nos dizer?”. “Posso, sábado, na entrega de boletins.”. O professor fala que nenhum professor pode dizer as médias. Os alunos contam que o professor de História deu as notas. O professor ignora e segue escrevendo no quadro. “Números racionais.”. Saiu da sala. A sala segue em silêncio. Não dá para ouvir outro barulho se não dos materiais. Parece que há professor na sala. Ninguém sai do lugar. Ninguém conversa. Demora para voltar, então, como tinham terminado de copiar, conversam. Quarteto que senta à minha esquerda não veio. Conversam numa boa, circulam. Sob controle. O professor volta quando bate para o segundo período. Continua escrevendo no quadro diretamente e automaticamente a sala fica em absoluto silêncio. Três alunos entram no segundo período. O professor ensina a ler em matemática, por exemplo, o que significam as reticências em matemática. As representações dos conceitos. Pede para que os alunos tragam lápis de cor na próxima aula. Um aluno boceja exageradamente. O professor o olha e o aluno desculpa-se. Enquanto copiam, o professor faz a chamada. São 09h05min. Alguns alunos demonstram tédio. Há muitos suspiros agora. O professor sai e avisa que vai buscar as provas. O professor retorna em um minuto. Alguns alunos estão em pé. Todos sentam. O professor vai ao quadro explicar como foi fechada a nota do trimestre. Inicia a entrega dos trabalhos. Dá uma certa agitação, comparam as notas. Conversam. Reforça a necessidade de estudo em casa. Inicia a entrega das provas para serem coladas no caderno. Há agitação novamente. O professor aguarda. Só recebe a próxima prova quem tem a anterior colada no caderno. Faltam três minutos para o fim da aula e o professor pergunta se alguém tem dúvida. Atende um aluno

individualmente na classe. Há muitos alunos em pé conversando. Bate. O professor sai e quase todos levantam.

Terceiro e quarto períodos, Ciências. A professora entra e os acalma. “Antes de começar a trabalhar, vamos nos organizar.”, a professora diz. A professora manda guardar o material e pegar um livro didático por grupo e juntar as classes. Depois de organizados, a professora explica como o trabalho deve ser feito. Eles iniciam a atividade. Bate para o recreio. Conforme iam terminando, a professora foi passando o microscópio para os alunos olharem. Alguns terminam. Entra um divulgador de uma escola de informática. Propõe um teste escrito de múltipla escolha para os alunos responderem. Pouco antes de ele terminar, a professora solicita que os alunos organizem as classes, organizem-se. O divulgador vai embora. A professora diz que gostou da maneira como trabalharam e do resultado. Avisa que fará um fechamento amanhã. As células confeccionadas pelos alunos foram recolhidas pela professora que as levará para a casa até a Feira de Ciências. Duas vezes a professora diz que se deixadas na escola, serão destruídas. Solicita que cinco alunos a auxiliem, levando as células para a sala dos professores. A professora de Educação Física entra. Eles estão relativamente calmos.

Quinto período, Educação Física. A professora diz: “A boa é que nós vamos se adiantar e nos preparar para a festa junina para ganhar a gincana e fazer o passeio no final do ano.”. Gradativamente o barulho vai aumentando. A professora tem dificuldade em terminar uma frase. Adianta que eles definirão o nome da equipe, as cores e o grito de guerra. Há barulho. Ela pergunta que cores. Muitos alunos fazem várias sugestões. O líder tenta uma votação de levantar a mão e tem mais êxito do que a professora. A professora solicita que o líder e mais um aluno busquem uma caneta de quadro. Os dois alunos seguem no quadro, fazendo a votação. Escrevem no quadro as opções: amarelo e preto. Branco e preto, azul e vermelho, etc. Numa votação muito estranha, vence amarelo e preto. A definição do nome demora muito. Gritaria. No meio da coisa, decidem mudar a cor para cor do reggae. Inicia-se uma discussão sobre ter ou não ter preto nas cores do reggae. Os alunos não respeitam limites. Há dois alunos jogando massinha de modelar. Sobe na mesa. Outro pinta o quadro de avisos com caneta de quadro. Três alunos saem da sala, mas não consigo entender o porquê. É uma turma muito difícil de se expor. A professora circula entre os alunos, então começam a surgir outras ideias. Os três alunos voltam com uma rede. Ou melhor, dois alunos voltam com uma rede. Um carrega a rede. Um fica na rua. São quase 11h45min. O aluno com a rede sai da sala de novo. Um aluno que havia saído volta. A professora diz umas cinco vezes “Cala a boca!”. Mesmo assim há uma bagunça gigante. A professora está se irritando. A votação do nome acaba em duas opções, sem votos de toda a turma. A bola de isopor voa com bola de massinha. A professora não vê. Faltam sete minutos para o término da aula. A professora se irrita. Faltando dois minutos para o meio dia, os manda embora.

Cena 24: Primeiro e segundo períodos, Língua Portuguesa. A professora entra na sala e disponibiliza cinco minutos para a conclusão da atividade de procurar o significado das palavras no

dicionário. A professora solicita que dois alunos busquem a caixa de dicionários. A professora vai atrás deles e volta dizendo que os dicionários já haviam sido pegos por outra turma. A professora estava na metade da chamada. Quando retornou, continuou a chamada. Já são quase 08h20min. Os alunos são orientados a concluírem a atividade do jeito que conseguirem, uma vez que a atividade deveria estar pronta há uma semana. Às 08h33min inicia a leitura. Um aluno inicia a leitura. A professora chama outro aluno e ele se nega a ler. A professora diz que todo mundo vai ler. Registra que ele não quis ler. Chama outro aluno que segue. A leitura é concluída às 09h37min. [A compreensão fica prejudicada.] Concluída a leitura, a professora começa a correção das palavras que deviam ser procuradas no dicionário. A professora pergunta aos alunos a que região do Brasil o texto se refere, através dos nomes das comidas citadas no texto. Logo no início da aula, a gritona pede para eu sentar atrás dela. A professora faz uma busca de significados pelo contexto. Às 09h concluiu a correção e solicita a um aluno que apague o quadro. Discute com os alunos a moral da história. A professora começa a perguntar o que são artigos. Alguns alunos respondem “Definidos e indefinidos”. A professora reforça: “Tá, mas o que são?”. A problemática apresentada é que nas provas muitos completaram as lacunas que eram para ser completadas com pronomes com artigos. A professora diz então que vai revisar. No quadro: “Artigos: dá-se o nome de artigo às palavras variáveis que precedem o substantivo e lhe indicam o gênero, o número e a função gramatical.”. Depois, definidos e indefinidos. Não fez mais nada. Às 09h30 despede-se e sai.

Terceiro período, Ciências. A professora entra, acalma os alunos e avisa que vai falar sobre as notas. A professora fala sobre os conteúdos. Alguns alunos conversam bem baixinho, outros viajam, outros bocejam. A professora está fazendo uma defesa da disciplina. Fala de várias coisas juntas. Já são quase 09h40min. Às 09h45min ela inicia um encerramento. “Cada pessoa tem a sua capacidade.”. Apologia ao conhecimento e ao estudo. “Por isso vocês vão fazer agora uma auto avaliação.”. O que eu aprendi neste trimestre? O que eu preciso fazer? É para entregar. Sugestão para a construção das próximas aulas. “Quantas linhas?”. “Não tem.”. “Enquanto vocês escrevem, em absoluto silêncio, vou chamar um a um para dizer a nota.” Funciona. Faltando dez minutos para as 10h ela começa. Os demais ficam em absoluto silêncio. Às 10h05 conclui a entrega dos trabalhos e inicia o recolhimento das auto avaliações. Às 10h10min a professora avisa: “Vamos fazer um jogo! Todas as aulas vamos fazer um ditado. Cada vez que um aluno acertar tudo vai ganhar um prêmio. Tipo caixa de bombom. “Vocês têm que ler.”. Mostra um livro de um colega: *As crônicas de Nárnia*. “Vocês devem fazer como ele. Nos cinco primeiros minutos as nossas aulas vão ser isso.”. Bate o sinal.

Quarto e quinto períodos, Educação Física. Bagunça na volta do recreio. Sem fila. Uns ficam na porta conversando. A professora senta na mesa e espera. São 10h40min quando recomeça a votação de nome da equipe. Eles estão mais tranquilos. Conseguem conversar melhor. A professora pouco fala. O líder é quem conduz. Há agressões verbais. Bagunça. Quando eles me perguntam se eu vou ajudar na gincana, a professora diz, antes que eu possa responder alguma coisa: “A professora não existe!”.

Os alunos: “Bahhh!”. Há uma forte reação por parte dos alunos, eles acham feio o que a professora falou. Então, a professora começa com o “Cala a boca”. Para todo mundo. A professora pede para falar: “A gente tem que decorar a sala.”. Todo mundo fala junto. Indiferentes à professora. Às 11h há uma gritaria muito grande. Só para porque a funcionária do portão aparece na porta da sala para pegar a chave da sala de Educação Física com a professora. Acalmam um pouco, não muito. A professora tem muita dificuldade em falar. Quando ela começa, sempre alguém interrompe. A professora propõe, às 11h30min, que os alunos pesquisem e tragam, para a próxima aula, nome de equipe e grito de guerra, valendo nota em Educação Física. Às 11h35min, dois alunos são retirados. Quase às 11h40min muitos saem. Vão jogar futebol. A professora entra e diz: “Quem quiser pode ir jogar futebol com os guris.”. “Podem ir, não enche o saco.”. Um grupo fica na sala organizando a festa junina. O quarteto fica conversando comigo. E assim a aula termina, todos pegando os materiais e indo embora.

Cena 25: Primeiro e segundo períodos, Arte Educação. As professoras chegam tranquilas, como sempre. A estagiária está no seu último dia. A estagiária avisa que esperarão mais uns minutinhos para ver se chega mais alguém. A titular faz a chamada. Os alunos estão tranquilos. A professora titular avisa que é a última aula da professora e pede que eles pesquisem grafite para a próxima aula. “Continuaremos trabalhando a questão do espaço, como vocês estão trabalhando em dança.”. Às 08h13min, eles vão para o pátio. Embora frio, o dia está bonito, há um sol brilhante. O céu está azul. Vão para o pátio, não se esforçam. Parecem desmotivados a concluir a atividade da coreografia. A professora precisa filmá-los, realizando a coreografia para anexar ao seu relatório de estágio. A professora fica nervosa com a aparente displicência dos alunos, emociona-se e quase chora. Os alunos sensibilizam-se com a situação da professora e superam-se, realizando a coreografia com perfeição. Todos se emocionam e a atividade é concluída com muitos aplausos, assobios e gritos de alegria. A professora consegue fazer o vídeo.

Terceiro período, Cultura Religiosa. Os alunos são levados para o Ambiente Informatizado, onde assistem a dois vídeos motivacionais, disponíveis no Youtube. Os alunos são novamente muito sensibilizados. Muitos se emocionam. Alguns se esforçam para não chorar. São tocados, voltam para a sala, falando sobre o que acabaram de assistir. Na sala, ficam em absoluto silêncio. Todos ouvem a professora: “Vocês estão sendo desafiados o tempo todo. Vocês têm que pensar sobre isso.”. Últimos minutos de tranquilidade. Bate.

Quarto e quinto períodos, Inglês. A professora entra, leva alguns minutos para que eles se acalmem. A aula começa com avisos sobre avaliações. Verbo *to be* no quadro. Tempo para copiar. Exercício de tradução. 11h30min inicia a correção da tradução. 11h34min atrito. [A professora vê que eu peço para o aluno ao meu lado fazer silêncio.] Às 11h40min mais um exercício para passar para o plural. Um aluno levanta e a professora já se descontrola, irrita-se. Mais uma vez: “Vocês estão me tirando!”. Fica vermelha. A professora detesta que os alunos levantem. Faltando dez minutos para o

final da aula, dois alunos vão à classe de uma colega. A professora não se irrita, mas manda sentar. Inicia a correção. Pede para terminar a correção. 1h55min guardam o material e aguardam bater.

Cena 26: Primeiro e segundo períodos, Geografia. As salas já estão abertas, porque garoa. Há uma agitação incomum. Os professores estão em operação tartaruga. Hoje, a aula será até às 10h. A professora inicia a aula explicando a operação tartaruga e a paralisação de amanhã. Fala dos R\$ 25,00 reais de auxílio creche. R\$ 5,50 de vale refeição. Salário de R\$ 800,00 reais. A professora diz que não acha justo. Reforça a ideia de que se ela é exigente, é porque quer o bem deles. “Eu fico muito triste quando um aluno inteligente, que tem condições roda de ano.”. Ela não é a professora regente, mas parece. Conversa sobre as notas, explica que é preciso estudar mais. Fala sobre a necessidade de se refazer as atividades em casa. Chama atenção para matemática. Lembra-os de que o trabalho sobre os imigrantes é para o dia vinte. São 08h14min. Ela pega o livro didático e chama uma aluna para o lado de fora da sala. Mais uma vez não consigo descobrir por quê. A turma mantém-se tranquila com a saída da professora. Um aluno diz: “Professor devia ganhar R\$ 5.000 mil por dia.”. Um minuto depois, a professora volta com a aluna. Não sei o que aconteceu. No quadro “Atividade página quarenta e oito”. 1) *Imigração é...* A professora está criando as questões olhando o texto do livro. Um aluno está na porta, esperando para entrar na troca de períodos, mas a professora o coloca para dentro da sala. A professora sai da sala, diz que vai falar com o diretor. Volta dois minutos depois, dizendo que haverá aula com os professores que não estiverem paralisados. Os alunos perguntam: “Quem vai estar aí?”, a professora responde: “Não sei.”. A professora distribui as questões do quadro entre os alunos e passa para ajudá-los. “Segunda que vem tudo pronto, então.”. São 08h45min. O trabalho fica para o dia 17/06.

Segundo período, História. O professor entra na sala com o diretor. O diretor fala a respeito das cortinas sobre as quais os alunos vêm reclamando há muito tempo. O diretor sai com dois alunos para buscar a cortina. O professor aproveita o silêncio para fazer a chamada, mas tão logo o diretor sai da sala, os alunos conversam como se não houvesse professor presente. Não estão descontrolados, mas há muito barulho e o professor tem dificuldade em falar mais alto do que eles. O professor explica sobre a paralisação. Fala que se algum professor trabalhar amanhã estará *arregando*, porque sábado a maioria votou a favor da paralisação. O professor incentiva os alunos a não virem à escola. Pede solidariedade dos alunos para ajudar na paralisação. Solicita que os alunos não venham à escola. Fala sobre a operação tartaruga, faz apelo às famílias para que também participem indo para a frente da prefeitura. O professor conta sobre ameaça de morte de um professor que falou sobre o treinamento da guarda municipal com o *taser* (arma de choque). São 09h05min. O professor de matemática bate na porta, a turma automaticamente silencia. “Basta olhar,”, diz o professor e fecha a porta e se retira. A turma imediatamente volta a fazer barulho, então o professor avisa: “Eu não vou passar nada, porque é operação tartaruga, mas falem baixo, porque deve ter prova aqui do lado.”. Os alunos circulam e

conversam. O professor fica pedindo para que voltem para os lugares. Bate. O professor sai, em meio ao barulho.

Quarto e quinto períodos, Matemática. O professor entra, a sala automaticamente silencia. Como sempre, o professor fica uns segundos olhando para a turma. Apaga o quadro e dá bom dia. Não se ouve nada além do barulho da rua. O professor inicia a explicação sobre os boletins. Explana sobre o que falou para os pais no sábado. O professor distribui uma folha com a matéria. Havia solicitado lápis de cor, então pede para pintar o grupo dos naturais. Explica. Às 09h33min solicita que colem a folha no caderno e imediatamente entrega outra folha. Às 09h45min, a vice-diretora entra e entrega uns bilhetes. O bilhete avisa os alunos de que não terão aula amanhã. Faltando quatro minutos para as dez da manhã inicia a chamada. 10h os alunos são liberados.

Cena 27: Paralisação dos professores. Manifestação em frente à prefeitura. Caminhada na avenida.

Cena 28: Quarta-feira, primeiro e segundo períodos, Matemática. O professor entra na sala em silêncio, como sempre. Estou sentada ao lado da gritona. Os demais estão tranquilos, mas ela fala alto e conversa com uma menina que está à minha direita. O professor se mantém em silêncio, mas quando se posiciona diante da turma, o barulho, a conversa, automaticamente, terminam. O professor sai pela segunda vez. Bem baixinho o professor diz: “O tempo que vocês estão conversando, eu sugiro que deem uma olhadinha no conteúdo.” O professor está arrumando o projetor. Às 08h15min, pontualmente, a luz estava apagada e a projeção no quadro. “Ficou bom com as cortinas, né, sor?”. O professor só movimenta a cabeça em afirmativa. A pressão dos alunos adiantou. Embora o diretor tenha feito o discurso de que são os próprios alunos que estragam, as cortinas foram colocadas. Enquanto o professor procura o arquivo no computador, a sala está em silêncio; a gritona sussurra ao meu lado, querendo desesperadamente conversar com a menina do outro lado. Às 08h23min, o professor dá o clássico bom dia à turma e inicia sua apresentação em power point. Os alunos não leem o que está escrito no projetor, porque o professor parafraseia de cara o que está escrito. Há desenhos e animação nos slides. Fração no dia a dia é o assunto. O professor representa os alunos presentes por número de alunos da chamada. Número de meninos sobre total. Número de meninas sobre o total. Segue frações ordinárias e decimais. O professor distribui uma folha com três partes. Distribui aleatoriamente para que alguns alunos cortem e entreguem aos colegas. Isso gera uma pequena conversa. O professor aguarda um pouco e segue. Bate o sinal e o professor ainda não fez a chamada. Os alunos fazem alguns exercícios, junto com o professor. Antes de sair: “Gente, não esqueçam que até a meia noite de hoje dá para dar presente.”. Uns não entenderam, outros riram. [Hoje é dia dos namorados.] Retira-se.

Terceiro e quarto períodos, Ciências. A professora entrou às 09h25min, carregando um saco de lixo preto com as células que os alunos confeccionaram. Avisa que todos tiraram nota dez no trabalho e explica o porquê. Dedicção, empenho, trouxeram o material, etc. Informa que fará mais

aulas práticas. “No final da aula vocês vão combinar quem do grupo levará para casa.” Essa é a primeira combinação. “Numa aula, entreguei a folha com os animais. Começamos a falar sobre os mamíferos. Nós vamos construir um álbum. Cada grupo deve trazer folhas de ofício, cola, tesoura, recortes de animais de revistas, jornais, sacos plásticos, régua.”. A professora pede para recortarem as imagens e inicia explicação de como o álbum vai ser construído. Terminada a explicação, solicita que sentem em duplas e peguem o livro de ciências. A aluna gritona se manifesta pela primeira vez bem alto. “Página cento e noventa e um do livro didático. 1º momento: leitura silenciosa e individual. Cento e noventa e um a cento e noventa e nove. Ninguém vai para o recreio sem ler.”. 09h53min iniciam a leitura. A professora começa a anotar quem está conversando. A professora tira uma aluna do lado da gritona e a leva lá para frente. Às 10h13min a professora interrompe e avisa que no próximo período eles farão exercícios. Um aluno demora para parar de ler e sair para o recreio. Estava muito concentrado. Volta do recreio: “Quem não terminou a leitura, deve terminá-la.”. O clima na escola está estranho. “Quem já terminou a leitura, vai responder no caderno as nove questões da página 200.”. Enquanto os alunos respondem, a professora circula. Próximo ao final do período os alunos agitam-se. A agitação vai aumentando gradativamente. A professora de Educação Física ainda não chegou. Os alunos circulam pela sala, conversam, gritam. Alguns alunos saem da sala.

Quinto período, Educação Física. Às 11h18min a professora chega. Entra e parece que não entrou. Continuam todos nos mesmos lugares, conversando, gritando. Alguns alunos assobiam muito alto. Há muita gritaria. A professora está sentada e nem se manifesta. O líder tenta a atenção da turma. Quanto mais tentam silenciar, mais barulho fazem. A gritona dirige-se à frente e grita pedindo silêncio. Não adianta. A mesma aluna bate o pagador no quadro. Diminui, mas há assobios. A professora fala a primeira frase às 11h22min. “Posso fazer a chamada?”. O barulho recomeça. A professora diz: “Lembram do combinado de amanhã?”. [Eu sei qual é o combinado, porque a professora me contou, mas eles acham que eu não sei.] A professora faz a chamada, mas toda hora tem alguém falando, xingando outro. Às 11h26min termina a chamada. Deixem as mochilas na sala. A mesma aluna grita muitos palavrões. A professora pergunta se alguém quer ficar na sala (as gurias). Algumas meninas ficam. Teoricamente para falar da gincana. Ficam uns seis em sala. A professora sai para entregar a bola para os que estão na rua. Às 11h30min havia dez alunos em sala de aula. Os demais no pátio, jogando vôlei, futebol e fazendo nada. A professora conversa com o quarteto. Não estou perto, por isso não sei do que falam. Uma aluna passa uma lista para que cada aluno coloque o que vai trazer na festinha de amanhã. O líder está lendo uns gritos de guerra que pegou na internet. Pouco antes do meio dia os da rua entram para pegar a mochila e ir embora.

Cena 29: Primeiro e segundo períodos, Português. A professora entra. Apenas dezoito alunos em sala. Pergunta se tudo foi corrigido na última aula. Mediante confirmação dos alunos, pergunta se todos estão com o livro didático. Solicita que três alunos busquem vinte livros didáticos. Anuncia que fará a chamada. Os três alunos voltam e distribuem os livros. Após a chamada: “Pessoal, abram o livro

na página oitenta e seis. Primeiramente, vamos ler conjuntamente, depois vocês vão ler sozinhos. A semana que vem estarei me organizando com vocês a respeito da leitura obrigatória do trimestre. Não vale ler literatura infantil.”. Sugere a coleção vaga-lume. “Vocês devem trazer o livro que escolherem para eu aprovar. A entrega do trabalho vai ser para início de agosto. Alguns pais já estão sabendo, semana que vem vou mandar um bilhete avisando, explicando sobre o projeto.”. Para um, começa outro. A professora inicia a leitura da unidade, falando sobre Clarice Lispector, sua biografia, sua história. Explica que Clarice se correspondia com as irmãs, durante o tempo em que esteve na Europa. Cada aluno lê um pouco. A professora vai chamando cada um. Às 08h28min a leitura é concluída. Página oitenta e oito. Interpretação. “Agora vocês lerão de novo para responder às questões do *Para entender o texto*. Copiar as perguntas e responder.” Às 08h30min, a professora de Educação Física pede para falar com o líder. A turma trabalha numa boa. Já devia ter batido. “Recolham os livros e prontinho na semana que vem, que eu vou olhar.”. Bate. Enquanto os alunos levam os livros, mais uns atrasados entram, outros circulam, outros conversam, a professora de Ciências entra.

Terceiro período, Ciências. A professora tão logo entra, pede licença para a turma e diz que precisa ir comigo à direção. Saímos da sala, sem nenhuma reclamação dos alunos. A professora me leva para o Ambiente Informatizado, no caminho, passa pela orientadora educacional e avisa que depois que ela terminar o atendimento, nós precisamos falar com ela. Sentamos na sala de informática e ela fica me contando sobre as brigas a respeito da paralisação. Os professores que ficaram brabos porque os outros pararam e vice-versa. Mostra-me uma publicação de uma aluna no facebook, citando o nome de alguns professores que foram contra a paralisação. Depois de alguns minutos, não contei quantos, me convida para voltar para a sala. A porta estava fechada e quando ela abre: surpresa! A sala está arrumada com uma mesa central, repleta de doces, pastéis, bolos e refrigerantes. Há balões decorando a sala. É uma festa de despedida pra mim, porque concluo minha observação hoje. Comemos, tiramos fotos, eles me abraçaram, lamentaram o término da pesquisa, ouvimos música e aproveitamos a festa até às 10h.

APÊNDICE G – ETNOGRAFIA 7º ANO ANTÔNIO DE GODOY

Cenário: A escola Antônio de Godoy está localizada em uma região centralizada do município de Alvorada, próxima à capital Porto Alegre. A comunidade escolar apresenta baixo nível socioeconômico. Está localizada próxima à avenida principal da cidade. Recebe alunos de variados bairros, em função de sua localização, o que, segundo a direção da escola, justificaria aos altos índices de transferências e infrequências. Funciona nos três turnos, com turmas de 1º ano ao 9º ano do Ensino Fundamental durante o dia e o SEJA (Serviço de Educação de Jovens e Adultos), no noturno.

Cena 1: Segundo período, Geografia. A supervisora da escola, com quem combinei toda a pesquisa, entrou na sala comigo e me apresentou à turma, explicando aos alunos o que eu vou fazer. A supervisora se retira, o professor inicia a aula. A turma é pequena. Conteí mais ou menos dezoito alunos presentes hoje. Os alunos perguntam se usarão o livro didático, o professor responde que não, que passará um resumo no quadro. Retoma a aula anterior, avisa que corrigiu as atividades e começa a escrever no quadro. A turma está tranquila. A sala é abafada e mal iluminada. A vice-diretora entra para perguntar se todos receberam autorização para o passeio de quinta. O professor escreve “Deslocamentos populacionais” e inicia um texto, o qual está sendo copiado de um livro. Às 14h03min, duas alunas entram na sala rindo, o professor pergunta se elas conseguiram resolver. Uma aluna está com fones de ouvido. Uma das alunas que entrou depois diz: “Sabia, sor, que eu sou tão boa em leitura que fui convidada para escrever um livro?”. [Acho que ela estava na sala, quando a supervisora falou sobre o meu trabalho.] A letra do professor é linda. A tal aluna gerou um tumulto na turma que estava em absoluto silêncio até ela chegar. Alguém bate na porta, o professor vai verificar quem está de brincadeira. O dia está frio e nublado, a sala está escura. É mal iluminada. Há duas lâmpadas queimadas. A outra aluna que havia saído também gosta de um tumulto. O professor chama atenção para copiarem com cuidado as palavras emigrantes e imigrantes. Os alunos perguntam se o professor ficará brabo. O professor diz: “Se eu fico brabo, é para o bem de vocês. Pior se eu não estivesse nem aí!” O professor senta em seu lugar e aguarda que os alunos copiem. O professor aproveita enquanto os alunos copiam para falar sobre o passeio. Alerta que o passeio é de graça e pedagógico. Projeto dele e da professora de Português. Os alunos fazem muitas perguntas: “Tem macaco?”, “Tem tigre?”. O professor avisa que os recados já foram dados. Tudo gera discussão. O professor segue sentado, inicia: “Qual a diferença entre emigrante e imigrante?”. Dá o exemplo se ele fosse morar na Argentina. “O que eu seria lá? E aqui?” O professor faz referência ao texto para falar sobre os japoneses do Paraná. Uma aluna levanta, fala no ouvido do professor e sai da sala. O professor retoma a pergunta do aluno sobre ser tratado como imigrante. Uma aluna: “Eu adoro Geografia!”. O professor diz para o aluno que depende do país e depende do que o imigrante vai fazer no outro país. Então, o professor continua escrevendo no quadro. O quadro foi dividido ao meio. Escreve nos dois lados. Apaga a primeira metade e escreve mais uma parte. “Gente, sou gaúcho e vou

morar no Mato Grosso. Então é uma migração interna. Se é para outro país é externa, não tem como errar.”. “Professor, e se eu só vou passear?”. O professor explica migração pendular e sazonal. Um aluno vai à mesa do professor questioná-lo sobre a origem da cultura gaúcha, porque ele ouviu dizer que não tem origem. Senta. Outro aluno vai à mesa perguntar. Enquanto isso, três meninas estão em pé, no fundo da sala, conversando com outras duas. O professor diz: “Vamos continuar, turma!”. Todos retornam aos seus lugares, menos as meninas, que sentam aos poucos. O professor inicia a quarta metade do quadro. As meninas sentam, mas há conversa. Às 14h30min, o professor para de escrever e pergunta: “Qual o problema de vocês?”. “Não vai mais escrever?”, um aluno pergunta. “Não, antes vou registrar no caderno.”. O professor parece irritado e diz: “Que bela impressão vocês estão passando para alguém que está observando! Feio para vocês!” Depois de três minutos reclama de ter que parar a aula para registrar aluno. Uma aluna: “É para deixar seis linhas?”. O professor: “Espera, eu vou escrever.”. “Bah, que cavalo, sor, não pode responder?”. Passa um minuto. “Cavalo se eu fosse teu parente, mas não sou!”. A turma: “Baaah!”. “Mal educada!”, diz o professor. Continua um burburinho, o professor vira e grita: “Chega, fulana!”. A sala silencia. Um aluno olha para trás. Uma colega: “O que tu tá olhando para a mulher (eu), ela não vai te dar bola! Tá apaixonado?”. O professor senta-se, quando para de escrever e bate o sinal. Antes de sair avisa uma aluna de que ela será chamada na direção. Um aluno vai para a porta, onde já há outros alunos. Dois dentro da sala se estapeavam. Uns mudam de lugar. O professor de religião chega e tem dificuldade para entrar, em função do tumulto da porta.

Terceiro período, Cultura Religiosa. O professor entra dando boa tarde. Repete o boa tarde e pergunta se pode apagar o quadro. Como os alunos autorizam, apaga o lado esquerdo, escreve a data, Ensino Religioso, Questões Ambientais. “Agora vocês vão fazer um trabalho!”. Há sol lá fora, mas não chega aqui. O professor retoma a aula anterior, lixo, e pergunta o bairro onde moram. A aluna que respondeu para o professor de Geografia pediu para ir para a direção, alegando que será chamada de qualquer jeito. Ela tenta de novo. O professor manda esperar. O professor começa a comparar a questão do lixo nos diferentes bairros. Entrega uma folha para cada aluno com uma história em quadrinhos. A aluna insiste que quer sair. O professor de Geografia volta com um bilhete, dizendo que a mãe deve estar às 14h na escola amanhã. A supervisora também vem à sala, fala com o professor. O professor escolhe quatro alunos para sair da sala. [Não entendo.] O professor, então, avisa que a folha recebida deve ser colada no caderno. A folha tem duas tirinhas. O professor inicia a leitura da primeira tirinha. “Cebolinha: Abaixo a poluição.” O quarto está sujo. O professor chama atenção para as imagens. Questiona os alunos a respeito do sentido da tirinha. Alguns alunos respondem. O professor lê a segunda tirinha sobre uma bota em vez de peixe sendo pescada. O professor pergunta onde, em Alvorada, isso é comum. Um aluno responde no Arroio Feijó. A vice-diretora entra para recolher as autorizações do passeio. O professor pergunta se alguém tem dúvida. Ninguém. O professor segue a leitura da folha, sempre perguntando se existe ou não poluição na escola, no bairro. Os alunos falam

muito, interagem o tempo todo. Ora com coisas pertinentes, ora impertinentes. Às vezes falam coisas sem sentido. Uma aluna lê a primeira questão. O professor explica a questão um, depois a questão dois. Atividade: continuar a história (uma das tirinhas). Uma menina levanta e dá um tapa forte na cabeça de um colega. O professor para e questiona o que adiantou o trabalho sobre o comportamento. “Isso é falta de respeito!”. “Então tá, bom trabalho!”. São 15h02min. Enquanto trabalham, o professor passa com um caderno, anotando o nome dos alunos para a chamada. Alguns só conversam, não fazem nada. Após a chamada, o professor vai passando de classe em classe, ajudando, conversando, orientando. Alguns alunos guardam o material. O professor avisa que a aula não terminou. Bate o sinal. Os alunos saem, o professor apaga o quadro.

Cena 2: Primeiro e segundo períodos, Matemática. A sala já está aberta. Muitos alunos já estão acomodados. A professora entra às 13h12min. O dia está nublado e garoa. Está frio. O canto direito da sala está, ainda, com as lâmpadas queimadas. A sala está ainda mais escura do que ontem. A professora avisa que corrigiu os trabalhos, mas há muita conversa. A parte da frente da sala, do lado direito é muito escura. A professora comenta: “Nossa, pessoal, como está escuro esse lado!” A professora pede para abrir as cortinas, mas os alunos reclamam do reflexo no quadro. A professora coloca a data no quadro e começa uma conversa sobre o passeio de amanhã. [Alguns alunos estranham minha presença, suponho que não estavam na aula ontem.] Embora haja jogo do Brasil às 16 horas e chova, há mais alunos presentes hoje do que ontem. A professora avisa que entregará os trabalhos, mas não agora porque ainda tem que registrar no caderno de chamada. A professora recebe um trabalho atrasado e anuncia: “Hoje, iniciamos o conjunto dos números racionais.”. Pergunta qual era o conjunto estudado anteriormente. Os alunos chutam vários até que um diz: “Inteiros!”. A professora escreve no quadro “O conjunto dos números racionais.”. E segue a teoria, a qual está sendo copiada de um livro que segura em mãos. Os alunos copiam. Mais uma vez, há perguntas. A professora preocupa-se com a escuridão. Abrimos as cortinas. A sala clareou, mas o quadro ficou ilegível. Fechamos as cortinas. A professora diz que é preciso avisar a vice-direção. Um aluno “Não entendi, sora!”. A professora: “Não expliquei ainda!”. “Mesmo assim não entendi!”. A professora já escreve na segunda metade do quadro. Um aluno: “O que significa racional?”. A professora enrola, diz que existem os reais, mas não explica o que significa. A turma está tranquila. Há conversas, mas todos copiam. A professora sai da sala para buscar a folha de para registrar as notas. Os alunos continuam exatamente iguais. A escuridão dá sono. A professora retorna e diz que ainda não está pronto. Suponho eu que a folha de registro. A vice-diretora entra na sala e avisa que não haverá passeio amanhã, porque está chovendo, portanto será reagendado com o Jardim Botânico. Um aluno entrega os trabalhos outro recolhe autorizações do passeio. A professora aguarda. [Acho que registrou as notas em outro lugar.] Uma aluna come pirulito. [Fiquei sem bateria no celular e não tenho relógio.] A professora inicia as explicações. Alguns conversam baixo enquanto a professora explica. A concentração não está 100%. Alguns alunos olham os trabalhos. “Qual a operação inversa da fração?” A professora apaga a

primeira metade do quadro. Um aluno chama a professora para dizer que a professora corrigiu errado. Ela confere, o aluno pede para que ela não altere a nota. Ela que não vai alterá-la porque foi ela que errou. Segue escrevendo no quadro: “Observações.”. A professora enche os dois lados do quadro novamente. Bate para o segundo período. A professora se espanta: “Nossa! Que rápido!” A professora intervém num início de discussão. A professora termina e avisa que as observações são tudo que pode acontecer de diferente com os números racionais. Não tem atenção da turma. Sai da sala para buscar o trabalho para os alunos que não fizeram. Os alunos continuam iguais. A aula é interrompida para recolhimento dos alimentos para a gincana. Uma aluna passa recolhendo e saem para entregar na direção. A professora inicia a explicação e é interrompida com a volta das duas alunas. Recomeça. Vai seguindo o que está escrito no quadro e vai explicando. A professora vai fazendo as perguntas e os alunos vão respondendo. Termina a explicação, apaga a primeira metade do quadro e inicia a passar os exercícios. A professora termina de passar os exercícios e faz a chamada. O tempo destinado aos exercícios é ocupado com muita conversa. Há alunos com fones de ouvido. A professora olha alguns cadernos. Os alunos se agriem. A professora tenta começar a correção, mas há bastante barulho. Um aluno dá as respostas. A professora afirma que não concluirá a correção porque eles não terminaram. Olha uns cadernos. Muda de ideia. Coloca as respostas do exercício dois no quadro. Bate. Os mesmos alunos vão para a porta.

Terceiro período, Arte Educação. A professora entra. Os alunos entram junto. Pergunta se tem alguém copiando. À negativa dos alunos, apaga o quadro. Começa a escrever: “Figuras geométricas” e vira e explica que eles vão até a confecção do tangran. Inicia pela definição de figura geométrica. Muitos alunos conversam e parecem indiferentes ao que a professora escreve. A professora parece indiferente. Escreve, escreve até terminar o quadro. A turma só se acalma quando uma aluna sugere que quem não copiar, não saia para o recreio. Apaga tudo, enche tudo de novo. A vice-diretora vem avisar que tem telefonema para ela. Ela pede licença para sair, mas não sai. A vice-diretora volta e avisa que não é um telefonema, mas pessoalmente. A professora diz que vai explicar a atividade, mas uma aluna avisa que falta pouco para bater o sinal. A professora diz que é melhor deixar para a próxima aula. A professora diz o nome de cinco alunos para ficarem na sala na hora do recreio para uma conversa. Eles ficam preocupados, mas a professora diz que não fizeram nada. A professora conta para os alunos que os professores combinaram um café.

Cena 3: Primeiro e segundo períodos, Ciências. Chove. Está frio. A sala continua escura. A professora entra, pede que se acomodem e solicita que continuem respondendo as questões sobre bactérias. Pergunta se alguém já havia mostrado. Antes de entrar na sala, enquanto estava na sala dos professores, vi o professor de História entregar um livro para um aluno. Perguntei se era um presente e o professor disse que sim. Questionei o aluno, já em sala de aula, e ele me disse que gosta de ler e que ele e o professor de História são amigos. Os alunos estão com o livro didático, na página setenta e nove. Começaram a atividade semana passada. A professora se aproxima de duas alunas que

compartilham um fone de ouvido. Avisa que é proibido e as lembra do que pode acontecer. Solicita que concluam e avisa que apenas um aluno mostrou o caderno. A professora avisa que só um período para concluir a atividade. A professora circula entre os alunos um pouco. Senta-se. Algumas alunas falam muito alto. Os livros didáticos não foram distribuídos, foram trazidos da sala dos professores. Eu é que não vi. Perguntei para os alunos da minha frente sobre os livros didáticos e elas me explicaram. Uma colega pergunta a outra se o pai veio à escola. Ela responde: “Não, meu pai tá preso!”. Pergunto: “É verdade?”. Ela faz que sim com a cabeça e segue: “Meu tio saiu ontem, agora só falta o meu pai!”. A professora passa com o caderno de chamada para registrar quem fez. Às 13h36min a professora senta para fazer a chamada. O aluno que ganhou o livro do professor de História é o mesmo único que terminou a atividade de Ciências e está lendo o livro ganho enquanto aguarda que seus colegas terminem a atividade. Quando bateu para o segundo período havia alunos começando a responder. Após a chamada, a professora segue circulando entre os alunos, dando explicações e olhando. Às 14h batem na porta: são alunas de outra turma precisando dos livros de Ciências. A professora segue corrigindo cadernos. Pergunta se pode corrigir. Pega uma folha para anotar quem fez. Às 14h26min, a professora começa a correção. A professora inicia falando da sua classe, mas não há atenção. Voa estojo, outros trocam bala. O aluno que aguardava seus colegas terminarem responde a primeira pergunta. A professora parece dar aula só para ele. Na segunda, ninguém responde. Bateu quando a professora explicava a penúltima. Pede para terminar. A última do dia já não é ouvida. Uma aluna recolhe os livros didáticos, outros circulam, a professora avisa que terminará de corrigir na próxima aula. Dá tchau assim no meio do tumulto todo. Aproveito a troca de período para observar as paredes de tijolos à vista, pichadas. Uma aluna está em cima da cadeira. A maior parte da turma está todo lado de fora. Às 14h42min, a professora entra. Os alunos entram junto.

Terceiro período, Português. A professora entra solicitando que sentem e acalmem-se. Inicia falando sobre o passeio que não foi possível em função da chuva. A professora chama de passeio e os alunos corrigem, dizendo que é um trabalho, segundo o professor de Geografia. A professora avisa que segunda, parando a chuva, será remarcado para quinta e sexta da semana que vem. “Vamos terminar o trabalho da semana passada!”. “Quem terminou?”. A turma se agita. “O prazo que eu dei é até amanhã!”. Uma dupla recebeu a folha do trabalho. “Coloquem a data no caderno.”. “Anotem aí!”. “Atividade.” Um aluno: “Tá ditando?” “Tô!”. “De produção textual”. “Não entendi nada!”. “Vírgula, em duplas, avaliativo.”. “Vale três pontos!”. “Tem que ser a mesma dupla do outro trabalho!” “A gente vai usar duas aulas.” “A lápis.”. Folha entregue. À esquerda uma tirinha do Chico Bento por causa das árvores cortadas. À direita da folha, no modo paisagem, linhas para a produção textual. A professora lê a ordem expressa na folha. Há em torno de vinte alunos na sala novamente. Antes de iniciar a leitura, ela pergunta quem lê gibi, quem conhece a turma da Mônica. Os quadrinhos só têm fala no último quadro. Corte de árvores. A professora vai lendo os quadrinhos. Pergunta qual texto relaciona-se? Os alunos respondem. Permite que os alunos falem e reflitam sobre os dois textos. A

professora os lembra dos noticiários sobre o corte das árvores em Porto Alegre, na Redenção. Uma aluna diz que viu. A professora permite que a aluna conte o que sabe. Mais alunos lembram-se da história. “Qual a estratégia da prefeitura?”. Cortar de madrugada. Mais um aluno fala sobre a notícia. 14h59min batem à porta. A professora sai. Não vejo quem está falando com ela, embora a porta esteja entreaberta. A conversa estava boa. Menos de um minuto depois, volta e diz: “Vamos voltar!”. Lê a proposta, solicitando que os alunos acompanhem a leitura. A professora diz: “Vamos corrigir algumas coisas. Ideia tem acento?”. Explica para os alunos o que é vacágio que tivemos que nos adaptar. (A professora não sabe da prorrogação do acordo para 2015). “O que é redigir?”. Diz para todos os alunos: “peguem o lápis e anotem na folha o que significa redija.”. Um aluno: “Por que tu usa uma linguagem tão difícil?”. A professora diz: “Por quê?”. Uma aluna diz: “Porque temos que aprender palavras novas.”. A professora: “Isso! Por isso que eu gosto de vocês, são inteligentes.”. Os alunos têm muitas dúvidas sobre o que é para escrever. A professora se perde um pouco na hora de explicar, mas no fim ela diz que eles devem escrever um texto opinativo. Enquanto os alunos trabalham, a professora caminha. Chega ao lado direito e diz: “Como tá escuro esse lado da sala!”. Eu entendi que os alunos podiam fazer, então, a professora diz: “Vamos combinar como vamos fazer esse texto!”. A professora reclama do barulho. Está realmente muito estranho. A professora se esganiça e há sempre alguém falando junto. Indica como devem começar. Introdução. Fala o que é para escrever na introdução. Bate para o recreio. [Conheci a diretora hoje. Nunca a tinha visto.]

Cena 4: Aulas suspensas em função dos protestos no município.

Cena 5: Primeiro e segundo períodos, Português. Bateu, a professora não estava. A vice-diretora solicita que eu fique com a turma até a professora chegar. A professora chega às 13h36min. Pede desculpa. Aproveito o tempo para conversar com eles, explicar o que é Ideb e dizer por que estou assistindo às aulas com eles. Mal a professora inicia a explicação, a vice-diretora entra, pede licença e inicia um convite para uma Plenária do Orçamento Participativo, no ginásio municipal. [Duvido que os alunos tenham entendido metade do que ela disse.] A professora havia solicitado que uma aluna distribuísse as folhas da atividade da aula anterior. Solicitou que formassem suas duplas novamente. Comenta sobre a agitação da última aula. [A professora está com uma expressão abatida, não parece a mesma pessoa da semana passada.] Embora frio, há um sol lindo lá fora que, para variar, não chega aqui dentro. Trocaram as lâmpadas. Está menos pior a luminosidade da sala. Um aluno na minha frente ouve rádio com fones de ouvido e escuto a música de onde estou. A professora passa um modelo de texto para os alunos se basearem na hora de produzir seu próprio texto. Passa nas classes para verificar quem está fazendo. Senta na sua cadeira e avisa que, quem quiser, pode ir até a mesa para pedir orientação. Muitos alunos comem pirulitos durante as aulas. Ainda não vi nenhum professor proibir. Às 13h57min, o telefone da professora toca e ela sai da sala para atender. Em dois minutos retorna e segue auxiliando os alunos. Às 14h01min sai para atender uma aluna. Os alunos já estão mais tranquilos como no início. Alguns trabalham, outros apenas conversam. 14h04min volta. Neste

meio tempo o aluno que no outro dia vi ganhar um livro de presente do professor de História, me entrega o livro que ganhou e diz: “Estou te dando.” Perguntei se ele havia lido e ele me respondeu: “Mais ou menos.” [Há algo estranho nessa história.] Às 14h18min a sala está de férias, circulam, muitos conversam. A professora segue atendendo na mesa dela. O aluno que me presenteou me pergunta: “Tu estudou gramática?”. “Sim!”. “Qual a diferença entre macabro, estranho e sinistro?” Pergunto: “De significado ou de classe gramatical?”. “Não sei!”. “Depende do contexto.”. “A professora disse que um é pior do que o outro!”. Sai de perto. Uma menina na minha frente fala no celular. Recebe a informação de que há um menino na frente da escola. Ela não se esconde para falar, mas a professora não vê. A professora levanta para explicar a diferença entre *e* e *é*, mas a turma pouco se altera. Mais duas alunas saíram da sala. Não as vejo pedir para sair. As meninas do telefone ficam olhando na janela atrás de mim. A aula segue assim. Bate, me retiro, muitos alunos já estão na porta e a professora segue sentada, fazendo não sei o quê.

Quarto e quinto períodos, História. A aula inicia às 15h46min, quando entram mais duas alunas. Entra mais uma aluna. O professor pede muito enfaticamente atenção. O professor adia a entrega do trabalho do jornal para segunda. O professor avisa que vai fazer revisão para a prova de sexta-feira. Às 15h48min entra mais uma aluna. Tudo gera discussão. O professor fala mais alto do que todos. [Quando eu estava sozinha com eles, eles me falaram (alguns) que não gostavam de História, inclusive o que ganhou o livro do professor.] O professor pede para as gurias tirarem os fones de ouvido. “Alguém mais vai entregar o jornalzinho hoje?”. “Vou passar as questões de revisão e pretendo corrigi-las hoje.”. A conversa fica maior. O professor avisa que já há o que copiar, a sala silencia. “Podem sentar em duplas para responder.”. Ouço barulhos diferentes de celulares. Mensagens, ligações, ligando, desligando. Duas alunas avisam que vão sair. Vão até a porta, o professor as manda esperar. [Quando bate para o fim do recreio, fico meio perdida, porque nenhum professor faz sequer menção de sair da sala. Parece que o sinal não tocou. Perguntei: “Não bateu?”. Quase fui devorada. Dez minutos depois a vice-diretora diz: “Gente, já bateu faz tempo!”. Só que ela estava o tempo todo ali, ou seja, poderia ter dito isso na hora certa.] Duas mães na entrada: “Será que os professores também pegam papelzinho na secretaria?”. (Sobre o atraso dos professores). Duas alunas saíram em função da gincana. Passou as questões até a número dezessete. Senta para fazer a chamada. O aluno que saiu para buscar os livros volta sem os livros. O professor sai visivelmente irritado, deixando a porta aberta e eu sem entender nada. Uma aluna me explica: o aluno só achou quatro livros. O professor volta e chama o aluno para novamente ir buscar os livros. [Será que o professor achou e o aluno não? Por que o professor já não os trouxe?] Faltaram livros e o professor solicita que o aluno busque ainda mais três livros. Enquanto o professor esteve fora, a aluna falou no telefone de novo, suponho, pela conversa, que com o mesmo rapaz. Página cento e oito do livro didático para responder às questões. O professor dá uma circulada. Sai da sala. Volta. Às 16h53min o professor inicia a correção. “A prova é sexta-feira”, lembra-os. As gurias da gincana dão recados. A

correção começa mesmo às 16h55min. São 17h08min. Bate. Alguns alunos levantam e ele solicita que sentem, mas depois do sinal fica complicado. Já estão agitados. Para na questão quatorze e os manda embora.

Cena 6: Segundo período, Ciências. A professora entra às 13h57min. Direto alguns alunos pedem para ir ao banheiro. A professora alega que acabaram de vir da rua. Faz a chamada com barulho. Uma aluna distribui os livros didáticos. Antes de começar a aula, a professora avisa que dará o visto da última aula. “Eu vou ter que mudar vocês!”. Um aluno: “Que mudar o quê!”. A professora vai chamando um por um para ver o caderno. Para muitos ela diz: “Não tem nada teu!”. “Pessoal, vão dar uma lida na página cento e quatro, que eu já vou explicar para vocês.”. Segue chamando. Alguns alunos trocam de lugar, porque se fala no espelho (que eu nem sabia que existia). Vou mandar bilhete para os pais destes que não estão fazendo. Um aluno lê um pedaço e a professora explica. Alguns alunos conversam. É difícil ouvir a professora. Uma aluna lê mais um pedaço e a professora parafraseia e dá exemplos. Assim, segue a aula. Terminada a leitura, a professora pede que eles copiem o desenho da página cento e dez e copiem e respondam as perguntas. A professora sai da sala. As gurias da gincana apatifando. Bate. A professora volta. Uma aluna já recolhe os livros. Duas se xingam. Uma escreve no quadro. A professora arruma seu material e sai. Saio também. “Tchau pessoal. Na semana que vem (não consigo ouvir o resto da frase).”

Cena 7: Primeiro e segundo períodos, Português. A maioria dos professores, vagarosamente, como se ainda fosse bater, chegou depois do sinal. A professora entra às 13h17min. Avisa que vai passar para olhar os cadernos. Entrega uma folhinha para que os demais continuem fazendo os exercícios. Embora a escola pareça com número reduzido de alunos, a sala está cheia. Houve muitos boatos a respeito de uma paralisação geral no Brasil, o que fez com que muitas escolas suspendessem as aulas. As escolas estaduais estão sem aulas. Algumas municipais também. Enquanto os alunos fazem os exercícios da folha entregue hoje, a professora passa para olhar a folha da última aula. Às 13h31min a vice-diretora pede para falar com a professora na porta. A conversa dura até às 13h33min. Volta e segue atendendo os alunos. Às 14h01min a professora se retira, dizendo que vai ajudar duas professoras na sala ao lado e solicita que os alunos sigam fazendo os exercícios. Duas alunas vão para a porta. Umas escutam música. Às 14h09min retorna. Auxilia os alunos, sai de novo. Os alunos parecem não ter mais o que fazer. Conversam, circulam, saem da sala. A vice-diretora entra na porta, pergunta quem é o professor responsável. Os alunos respondem e ela se retira. Uma abre espacato, à minha frente, um grupo conversa. Um grupo está na rua, alguns meninos de brincadeira. Bate. A professora volta. Pede para fazer a chamada rapidinho e avisa que vai corrigir na próxima aula. Bate. A professora de inglês entra e saio às pressas para não atrapalhá-la.

Quarto e quinto períodos, História. Já são 15h45min quando o professor entra. A turma não volta. Ele fica na porta aguardando, enquanto os de dentro gritam, se agriem. O professor entra e fecha a porta, mas mais da metade não está. Uma aluna sai para chamar os demais. O professor

pendura um mapa no quadro e avisa que vai passar para recolher os trabalhos do jornal. O professor inicia a chamada com treze alunos em sala de aula. Entram mais duas no meio da chamada. Ao final, entram mais três. O professor, às 15h55min, começa a aula. Precisa gritar muito com os alunos para que eles se acalmem. O professor escreve um parágrafo no quadro e solicita que um aluno leia e explica, mas parece que sempre há alguém falando junto. “Há negros na Itália?”. “Jesus era negro?”. O professor enche três quadros inteiros de texto sobre a África, os quais são copiados de uma folha de caderno. O professor apagou e escreveu de novo várias vezes. Faltam dois minutos para bater e ele quer falar.

Cena 8: Primeiro e segundo períodos. Matemática. A professora entra às 13h14min. Anuncia a chamada. Às 13h17min consegue iniciar, mas ainda há alunos entrando. A professora solicita que sentem nos lugares do espelho. Alguns mudam de lugar. Há conversa durante a chamada. Silencia quando a professora para, chamando atenção de uma aluna para o excesso de faltas. Comem balas, pirulitos. Ouço o barulho dos papezinhos. Uma aluna na minha frente come sacolé. O sol está brilhando forte e a sala está gelada perto da temperatura agradável desta tarde ensolarada de inverno. Há mais de um aluno de mangas curtas e duas meninas de regata. Às 13h22min a professora lembra que no final da última aula foram revisados os números decimais. A professora explica como fazer uma soma e subtração de números decimais. As três alunas da minha frente conversam, alheias à aula. Os demais parecem atentos. A menina da minha frente estoura bolas de chiclete freneticamente. Às 13h34min alguém pede o material de uma aluna, a professora alcança, mas ninguém sabe por que ela vai embora. A professora passa no quadro dois exercícios. A professora senta-se. Os alunos copiam, fazem os exercícios. Alguns alunos começam a ir à classe da professora mostrar o caderno. Chega a fazer fila de três alunos. Às 13h54min, a professora explica o exercício número dois. Cria-se uma polêmica em função do MMC. Alguns alunos dizem nunca terem aprendido. Os alunos seguem indo à mesa da professora mostrar o caderno. [Acabo de ver uma aluna de short.] Às 14h10min corrige os exercícios. Às 14h20min termina a correção. Combina um teste e passa o exercício número três. A professora senta-se de novo. Os alunos estão conversando, já estão mais agitados. Alguns abrem a porta. Bate. A professora ainda olha cadernos. Uma tentou abrir a porta. A professora fecha. Termina, recolhe o material e sai.

Terceiro período, Arte Educação. A professora entra, dá boa tarde, pergunta se eles estão ocupados com a tarefa. Os alunos dizem que não. Então, ela diz que tem uma tarefa. Retoma a atividade da aula anterior que foi passada errada. A professora estava num curso. “Vocês sabem por que eu não vim semana passada?”, ela pergunta aos alunos. Explica que estava na reunião das Tribos da Cidadania. Diz que vai avaliar a atividade mesmo ela tendo sido explicada errada. Hoje é outra atividade. A professora explica, distribui folhas de ofício coloridas e revistas. A professora sai da sala. A professora volta em um minuto. Os alunos produzem, circulam, conversam, compartilham as colas, tesouras, etc. Há bastante conversa, mas a professora não se incomoda, circula entre as classes, olha,

ajuda. Às 15h04min inicia a chamada. A menina da frente grita muito. A professora usa um tom bem baixo. A professora solicita que limpem a sala. Bate. Alguns entregam o trabalho e saem. Quem não terminou, entrega sexta.

Cena 9: Primeiro e segundo períodos, Ciências. A professora entra e, como todos os dias, os alunos estão entrando, antes, depois, a qualquer horário. A professora pergunta: “Quem busca os livros?”. Um aluno sai para buscar e a professora solicita que eles formem grupos de três. Há muito barulho de classes arrastando. “Sábado, dia 13, tem a feira de Ciências.”. A professora os lembra. A professora começa a explicar o que eles vão ter que fazer. Mas é difícil. Sempre há alguém falando junto. A professora mostra um folder de exemplo para que eles confeccionem um folder sobre as doenças transmitidas por bactérias. A professora disponibiliza folhas e canetinhas. Um aluno fica sozinho. A professora sugere o grupo de umas meninas que energicamente negam-se a aceitá-lo. A professora repete que ele deve escolher um grupo e, então, ele se junta a um trio de meninos já formados. A professora quer que cada grupo escolha duas doenças. No fim, ela mesma divide. Os alunos têm dificuldade em compreender o que é para fazer. A professora sai para buscar um livro. A professora circula, auxiliando os grupos. Antes do final do primeiro período, a professora faz a chamada. Embora os alunos trabalhem, há muito barulho. Para solicitar a professora, alguns gritam. Bate. O segundo período segue da mesma forma. Dois alunos entram no segundo período. Os que vão concluindo dirigem-se à mesa da professora para mostrar e a professora vai orientando os últimos ajustes. A professora eleva o tom de voz para lembrar as meninas da minha frente de que devem guardar os celulares. Enquanto a professora recebe os trabalhos, uma aluna está na porta, do lado de fora, não demora para que outro se junte a ela. Um bate na classe, tornando o ambiente mais barulhento. Um aluno recolhe e leva os livros. Uma aluna recolhe as canetinhas e os lápis de cor. Também leva. A professora solicita que voltem aos lugares. Avisa os que não terminaram para entregarem depois. Antes que a professora saia já há muita gente na porta, alguns fora da sala. Dois brincam de tentar derrubar um ao outro. Quatro fazem guerra de giz. A sala fica com porquíssimos alunos. A maioria saiu. A guerra de giz aumenta. Poucos mantem-se nos lugares. A grande maioria está fora da sala. Já são 14h40min.

Terceiro período, Português. Embora a professora tenha demorado muito para entrar, chegou como se estivesse tudo sob controle. Fechou a porta, deixando uma parte da turma do lado de fora. Chegou perguntando se terminaram a atividade e a colaram no caderno. Senta-se. Segue sentada, duas alunas saem da sala de novo. Ficam na porta. Entram. A aluna sai de novo. Outra vai atrás. A professora parece não ver. [Daqui tenho a impressão de que ela faz registro no caderno de chamada.] Às 14h47min, a professora solicita que eles peguem a atividade da outra aula anterior. Gera um tumulto. Seis alunas saem com bolos da sala: tarefa da gincana. Alguns ficam na porta e a professora manda entrar, avisando que a aula já começou. (Mas na verdade ainda não aconteceu nada). Inicia a chamada. Tão concluí, pega um caderno para olhar. Uma menina entra na sala, vem até o fundo oposto

à porta da sala, fala com a menina que senta à minha frente e sai, sem que a professora perceba. Dois jogam aviõezinhos. Um fala com a professora, sentado diante dela, mas é uma conversa privada, porque não é audível para o resto da sala. Às 15h02min a professora inicia a correção. Lê o texto. Mal ela começa, a tropa do bolo volta. A professora está corrigindo, na verdade, com uns cinco alunos. A maioria está indiferente. Duas alunas ligam um ventilador. Levantam-se, param-se diante do ventilador. A professora segue indiferente assim como a aluna que permanece na frente do ventilador. Parecem não se enxergar. A do ventilador sai da sala, volta. A professora termina a correção, vai a sua mesa e pega uma folha da atividade para entregar a dois alunos que não tinham. Dois alunos seguem na porta. A professora diz que ali não é o bar da esquina e começa a falar da festa junina amanhã. Avisa que o passeio será remarcado para agosto e solicita que cada aluna traga, segunda-feira, garrafa pet, tinta e pincel. A professora pergunta se eles têm plantado em casa alguma erva medicinal ou chá. Isso gera um tumulto e o diálogo não é concluído. Dois brincam de aviãozinho de papel. Bate. Os alunos saem como se não tivesse professora. A professora nem ouviu bater.

Quarto e quinto períodos, Matemática. O recreio dura mais, para variar. São 15h54min quando a professora começa a falar. Os alunos estão um pouco mais calmos. A professora manda desligar os ventiladores e justifica. Há alunas de regata e barriga de fora. A professora questiona que roupas serão usadas no verão. A professora começa a escrever no quadro concomitantemente inicia uma imitação frenética de cachorros latindo. Alguns acham graça. A professora ignora, segue escrevendo no quadro a correção dos exercícios de ontem. O combinado para a aula de hoje foram os exercícios avaliativos. A professora começa a explicar a correção. Às 16h19min é concluída a correção. Uma aluna pede para ir embora, sob alegação de que apanhará na saída. A professora solicita que separem as classes. Inicia a entrega dos trabalhos. Bate. Não há silêncio absoluto, pelo contrário, há bastante conversa. Chega o ônibus da excursão. Gera uma gritaria descontrolada dentro da sala. Algumas meninas gargalham freneticamente, debochando que não conseguem fazer, que não responderam nenhuma questão. Um aluno é atendido na mesa da professora. Os alunos conversam. Não parece um momento de avaliação. “Professora, me dá a resposta?”. A professora ignora. Elas riem. Pedem resposta para todo mundo. A professora não levanta. Muitos circulam. Uns copiam dos outros. [Não sei o se a professora vê e não faz nada ou realmente não vê.] Às 16h57min, a sala está totalmente fora de controle. Não há muito barulho, mas todos circulam, conversam, etc. Às 17h06min, a professora diz que pode entregar outro dia e os libera.

Cena 10: Festa junina da escola. Sem participação da comunidade, apenas para os alunos, das 14h às 16h30.

Cena 11: Primeiro e segundo períodos, Português. Às 13h17min todos os alunos já se encontram dentro da sala, depois de uma efusiva comemoração pelo primeiro lugar na gincana. Às 13h20 a professora entra: "Trouxeram a garrafa pet que eu pedi?". Os alunos que trouxeram largam suas garrafas na mesa da professora. Vinte e quatro alunos em sala de aula, quatro garrafas pet na

mesa da professora. Depois disso, a professora fica na porta conversando com uma mãe até às 13h24min, quando efetivamente, a professora começa a se comunicar. “O passeio é dia oito e sete de agosto.” “Tem até quinta para trazer a garrafa pet.” Retoma a aula anterior, afirmando que tinham terminado a correção da atividade da última aula. Há uma movimentação e os dizem que não. “Nós vamos fazer uma baguncinha na aula hoje!”. “Vamos tentar fazer um quadrado com as classes, fazendo o mínimo barulho possível.”. Há muito barulho. Eles arrastam as classes, sem qualquer cuidado. Até não falam muito, mas fazem muito barulho com as classes e as cadeiras. Às 13h30min estão organizados e a professora faz menção de iniciar. Uma aluna conta vinte e quatro alunos em sala. A professora está sentada. Levanta-se e no meio do círculo, solicita que de dois em dois leiam o texto que ela está distribuindo. De dois em dois, porque a professora só tem vinte cópias. Às 13h32min todos os alunos têm a folha e a professora dita o título que está apagado. “O mistério da casa abandonada”, de Fernando Sabino. Os alunos iniciam a leitura. Está muito silenciosa a sala, chega uma cópia até a mim. Às 13h39min a professora convida para a leitura em voz alta, embora alguns alunos não tenham concluído a leitura silenciosa. Às 13h40min um aluno inicia a leitura. Como só três alunos aceitaram ler em voz alta, houve mais de uma rodada entre os três. No meio do texto as risadas aumentam e a professora precisa intervir, lembrando-os de que é preciso respeitar quem está lendo. A professora inicia uma exploração oral. “O que faz um lugar ser mal-assombrado?”. Uma aluna relata uma experiência de entrar em uma casa “abandonada”. “Que idade os personagens tinham”, pergunta a professora. Eles discutem. Quando bate para o segundo período, a turma já não tem mais a mesma concentração. Há conversas paralelas. A professora solicita que os alunos procurem palavras desconhecidas. Às 14h09min a professora solicita que uma aluna entregue uma folha a cada dupla. “Vamos entrar agora nos elementos da narrativa.”. Há muita conversa. Silenciam e a professora vai explorando as perguntas coletivamente. Às 14h25min solicita que os alunos respondam por escrito, em duplas. Às 14h31min as vice-diretoras entram para agradecer aos alunos e às professoras a participação na gincana da escola e a festa junina. Fazem um apelo para que levem para os estudos o resultado da gincana. Avisam também da Feira do Livro, no sábado, entregando bilhete. A professora diz para os alunos continuarem a atividade e sai para buscar a chamada. Há muita conversa, estão dispersos e poucos estão fazendo. Não busca a chamada, mas faz a chamada e anota quem não veio. Bate e a professora está terminando a chamada e os alunos ainda estão em círculo. Solicita que eles devolvam o texto e guardem a folha de questões. Lembra-os das classes que devem ser arrumadas.

Quarto e quinto períodos, História. A aula inicia às 15h50min. O professor passa no quadro questões sobre o texto passado na última aula sobre África. Uma aluna tenta entrar na sala, o professor não autoriza. Sai da sala, quando termina de passar as questões no quadro. Volta com as duas alunas que dão risadas da situação. São nove perguntas, as quais podem respondidas em duplas, sem bagunça. Às 16h01min faz a chamada. O professor circula, olha quem está trabalhando. Às 16h50min o professor chama atenção da turma para a correção. O professor solicita que uma aluna vá para o seu

lugar. Ela se nega. Ele insiste, pede por favor. Muitas vezes. Ela alega que há muitas pessoas fora do lugar. O professor diz que está pedindo para ela. A aluna insiste. O professor a manda sair da sala. Ela não sai. O professor sai e chama a vice-direção. Às 17h a vice-diretora entra, retira a aluna e faz um discurso sobre a importância do espelho de classe. A fala dura em torno de dois minutos. Acontece que os alunos resolvem ir para o espelho neste momento. E o professor perde o controle, não conseguindo concluir a correção. Mando os alunos limparem a sala e os alunos vibram. Ele avisa que vai cair na prova. Os alunos não se mostram interessados nisso ou preocupados com isso. Está muito feio e há uma aluna de bermuda. O professor pede muitas vezes para que os alunos sentem e façam silêncio. Consegue falar: “Muito fácil, é só ficar quieto. Qual o problema de vocês? Depois vão mal na prova de novo. Eu já sei a matéria.”. Uma aluna circula pela sala. O professor está falando, uma aluna diz: “Bateu!”. Ele libera por filas, às 17h09min.

Cena 12: Segundo período, Ciências. Às 13h58min a aula inicia. Tudo é devagar nesta escola. Quando bateu, a professora de Educação Física estava no pátio, concluiu a atividade como se não tivesse batido. Os alunos entram na sala agitados, como de costume. Saiu um sol bonito, a temperatura subiu um pouco em relação aos outros dias, por isso ligam o ventilador. Há alunos de short e regata. A professora avisa que estão agitados. Pede que se acalmem para que possa fazer a chamada. Às 14h01min inicia a chamada com muita conversa e barulho. Solicita silêncio de novo. Arrastam muito as cadeiras e as classes. No meio da chamada, interrompe para falar que virá na hora do recreio dar os minutos de aula que está perdendo neste momento. A turma de acalma. A professora segue a chamada. Duas alunas, uma de cada lado da sala, começam a discutir. A professora para de novo. Um aluno volta depois de um longo período de atestado médico. Às 14h05min conclui a chamada. A professora anuncia dez minutos para que terminem as perguntas da aula anterior. Uns perguntam para os outros a página do livro e o que é para fazer. Página cento e onze do livro didático. A professora passa nas classes para ajudá-los a se encontrar. Acalmam-se aos poucos. Às 14h27min a professora inicia a correção e vai explicando, à medida que corrige. A correção é tumultuada. Bate. Duas alunas recolhem os livros.

Quarto período, Geografia. São 15h53min quando professor e alunos entram em sala. O professor senta direto na sua cadeira. Os alunos estão relativamente calmos. Mais uma discussão por causa do espelho de classe. O professor pergunta se é necessário que cada professor mande para o espelho. Às 15h56min inicia a chamada. A porta da sala está com problema na maçaneta. Há uma pequena discussão a respeito disso e o professor opta por deixar a porta aberta. Realiza a chamada do seu lugar. Alguns alunos conversam, mas baixo. Em dois minutos conclui a chamada. Um aluno pergunta onde pararam. O professor não responde. Às 16h01min: “Turma, anota aí, a primeira coisa que a gente vai fazer!”. Vai ao quadro para marcar prova de Geografia para a semana que vem. Coloca a data e a lista dos conteúdos. Às 16h12min falta luz. Os alunos fazem uma gritaria sem fim, achando que vão embora mais cedo. Está bem escuro, embora tenha sol, as janelas são pequenas. As questões

que o professor passou no quadro como revisão para a prova não são possíveis de ler. O professor diz que tem que aguardar. Às 16h16min a luz volta. Os alunos reclamam. Há quatro questões no quadro sobre todo o conteúdo do trimestre. Alguns alunos vão à mesa do professor para tirar dúvidas. Há conversa. Alguns não estão fazendo. Uns conversam, uns ouvem música. Os alunos identificam um conteúdo que não tem no caderno, mas há uma pergunta no quadro sobre. Um aluno vai ao quadro, questiona o professor e o assunto acaba em legalização do aborto. A turma se agita, porque já bateu o sinal. [Impressionante como a aula termina, quando bate, não quando o professor sai.] Alguns alunos estão do lado de fora da sala, outros correm, outros se batem, muitos gritam. O professor tenta sair, mas os alunos não saem da frente.

Quinto período, Cultura Religiosa. São 16h32min quando o professor dá boa tarde. Solicita que não gritem, que guardem os celulares. Se alguém quer falar, levanta a mão, é a orientação do professor. Uma aluna, aos berros: “Claro, vai ser o pé!”. A turma se acalma um pouco. Uma aluna acusa novamente alunos fora do espelho. O professor não faz nada. Apaga o quadro e coloca a data, dividindo o quadro em três partes iguais. Na sequência, entrega um texto digitado em um décimo de folha. O professor solicita que colem no caderno. Às 16h40min o professor pergunta quem quer ler. Depois, avisa que quem estiver conversando será chamado para ler. Não há silêncio. Há alunos circulando. Não ouvi o primeiro parágrafo lido. O professor faz questionamentos. A leitura é tumultuada. Alguns estão totalmente indiferentes à aula. O professor dá aula para poucos. Às 16h58min termina a leitura e o debate passa as questões. No final, uma atividade em grupo. Pouco antes de bater, uma turma é liberada e, ao passar pela porta da nossa sala, derrubam a cadeira. Alguns alunos se organizam para sair como se o professor não estivesse explicando nada. Libera os alunos.

Cena 13: Primeiro e segundo períodos, Matemática. Quando bateu, os professores discutiam a paralisação de amanhã. A professora de matemática precisava atender uma mãe e era preciso que alguém ficasse com a turma. Fiquei todo o primeiro período passando conteúdo e exercício no quadro. Quando bateu para o segundo período, terminei de passar o que a professora havia solicitado e ela retornou do atendimento. Esperou que os alunos terminassem de copiar. A turma esteve tranquila durante todo o tempo. Às 14h01min, a professora inicia a explicação. Às 14h05min a vice-diretora entra na sala para entregar dois bilhetes. Um sobre a reunião do *Mais Educação* à noite e o outro sobre a paralisação de amanhã. Nem a vice-diretora consegue silêncio absoluto. Há conversas. As da minha frente mexem no celular. A vice-diretora pede para participarem da Feira do Livro. Confunde-se na hora de explicar que livros valem para o troca-troca: literatura e didático. A professora passa mais exercícios. Os alunos vão à mesa mostrar, conforme vão terminando. Às 14h35min o clima na sala já é de recreio. Sai e entra. Celulares. Em função do barulho, da música, etc, não ouço o sinal. A troca de professores acontece com pedido de desculpas. A professora de Artes já está na sala, mas parece que não.

Terceiro período, Arte Educação. Os alunos continuam agitados, mas alguns vão mostrar os trabalhos para a professora. Ela olha, fala com alguns alunos. Às 14h43min ela dá oi e a turma dá uma acalmada. Tumultua quando tentam abrir a porta. Os alunos pedem para jogar fla-flu no recreio. A turma silencia, a professora entrega um polígrafo de quatro folhas sobre folclore. “Vamos lendo aos poucos e discutindo.”. A história do folclore. A professora vai agendando quem quer ler. Vai anotando quem vai ler cada parte. Uma aluna atira um papel, bem em frente a mim. A professora pede que a aluna junte, ela faz de má vontade. Atira o papel cm força no lixo, fazendo com que o papel caia de novo no chão. A turma ri. A professora fala e a aluna interrompe: “Ah, deu? Deu! Deu! Ai que nojo!”. A professora diz: “Estou falando numa boa contigo, não tem por que tu faltar o respeito comigo.”. A aluna não responde mais. Senta-se. Um aluno inicia a leitura e a professora vai fazendo intervenções. Alguns alunos interagem, mas sempre os mesmos. Muitos conversam indiferentes ao que se passa. Alguns nem acompanham a leitura. Os alunos participam, contando suas histórias, fazendo comentários. As alunas que sentam na minha frente (uma delas a do episódio do lixo) estão escrevendo não sei o quê. A professora solicita que guardem o caderno e acompanhem a leitura, mas elas guardam os cadernos e pegam os celulares. Continuam não acompanhando. A professora justifica-se dizendo que há apenas um computador funcionando e não há internet desde março na escola. A professora explica que nem sempre os políticos aproveitam o que já tem e que o novo prefeito está licitando uma nova internet, então não se sabe quando a escola vai ter internet novamente. Avisa que não é culpa da escola. A professora diz que a secretária está usando o modem 3G dela para fazer o senso escolar. Segue-se a leitura. A professora precisa manter a turma mais calma. [Sinto um cheiro azedo muito forte.] Está bem quente hoje. Os alunos vestem-se como se fosse verão. [A aula demora a passar.] Bate. Vamos embora.

Cena 14: Primeiro período, Língua Portuguesa. O período foi cedido pela professora para aplicação dos questionários para identificação do perfil leitor dos alunos.

Segundo período, Arte Educação. Os alunos organizaram-se e pediram novamente para jogar. A professora pergunta se todos querem ir. A turma toda diz que quer. A professora oferece uma bola de vôlei e pacal no refeitório. A professora acorda com eles que não atrapalharão as aulas dos outros professores. Alguns alunos vão para um espaço jogar vôlei. Outros vão para o refeitório, onde há duas mesas de fla-flu. Pouco antes de bater, voltam para a aula. A professora faz a chamada e vai embora.

Terceiro período, Geografia. Tão logo a professora de Arte Educação sai, o professor de Geografia entra. A turma continua do mesmo jeito, conversam. É muito difícil ter a atenção de todos, embora sejam apenas vinte alunos em sala. O professor avisa que vai revisar o resto da matéria, mas de onde estou (lado oposto à mesa do professor) foi quase inaudível. As gurias que sentam na minha frente não param de conversar, comem balas e mexem nos celulares o tempo todo. O professor diz: “Tá, vamos corrigir.”. As gurias da minha frente: “Corrigir o quê?”. Nem sabem do que o professor está falando. O professor inicia a correção dos exercícios da última aula, solicitando que os alunos

respondam no quadro. Uma das meninas da minha frente, que pouco faz em aula, pega o caderno de uma colega que fez e vai ao quadro. Escreve bem devagar, com pouca roupa (short e tomara-que-caia), parece insinuar-se para o professor. Um aluno escreve sem acentos e o professor diz que a resposta está certa, mas que vai arrumar o português. Com a letra dos alunos, cabem quatro respostas no quadro. A questão número dois, o professor coloca no quadro as respostas. O professor, depois de passar a resposta, começa a explicar. Uma aluna do lado oposto ao meu: “A fulana peidou!”. O professor não ouve. Alguns riem. Outros não ouvem. O professor segue a explicação para dois alunos que sentam bem na frente. “Sempre tem alguém no sétimo A, nem vou dar bola! Mudar vocês não vão! Vou dar a minha aula e seguir em frente!”. Passa a resposta do número três. Enquanto isso, alguns circulam. Outros conversam, celulares tocam, uma coloca o celular para carregar. Há um período de silêncio, ao que o professor começa a falar, um já fala junto. O professor fala para se darem conta de quando há alguém falando. Quando começa a explicar, já ouço alguém falar junto. “Já saquei que alguns de vocês querem mesmo irritar os professores. Querem tirar do sério.”. Depois do “desabafo”, há um silêncio. Vai ao quadro copiar a resposta da questão número quatro. Quando para de escrever, há outra discussão. Alguns alunos reclamam de serem penalizados pelo comportamento de outros. O professor argumenta. Muito. Pede que cada um cuide de si e pense o que pode fazer para melhorar. Diz que algumas coisas precisam ser levadas a sério. Bate na seguinte frase: “Nasci pobre, como muito de vocês. E quem é pobre tem que ralar ainda mais.”.

Quarto período, História. São 15h50min, quando o professor entra. Muitos alunos já estavam na sala, porque a porta continua estragada. “Em cima da mesa só caderno e uma caneta. Devagar, vocês vão para o Ambiente Informatizado e vão sentar onde a professora responsável mandar”. Demoram para se organizar. Chegamos ao Ambiente Informatizado. Power Point projetado no telão sobre Renascimento Cultural, séculos XIII e XIV. O professor solicita que copiem cada slide depois da explicação. Ele se esforça, mas os alunos sempre têm comentários, se agriem verbalmente.

Quinto período, Geografia. Os alunos voltam do Ambiente Informatizado. Uma aluna distribui os livros didáticos. Os alunos estão eufóricos por causa do cupom de desconto do Parque Tupã. O professor de História vem à porta. A turma está uma baderna. Há gritos. O professor fala “Tudo para não ter aula! Tudo! A prova está marcada.”. O professor tenta falar, mas há muito barulho. Ele está na mesa dele. Acho que ele perguntou se alguém tinha dúvida. Uma aluna volta e avisa que não há mais cupons de desconto. O professor pede para abrirem o livro didático. Não consigo ouvir em que página. Coloca no quadro, página quarenta e nove. Censo demográfico. “Vamos ter um momento de aula decente: eu falando, vocês ouvindo.”. A vice-diretora entra para distribuir cupons de desconto do Parque. Agitam-se de novo. A vice-diretora sai e eles começam o troca-troca de cupons. Às 16h38min o professor começa a falar de novo. A atividade é copiar os primeiro e segundo parágrafos da página quarenta e nove. Silencia. Os alunos fazem bastante perguntas sobre o Censo. Quem termina mostra o

caderno. A primeira a mostrar mostrou às 16h56min. Aumenta o tumulto novamente. Muitos circulam. Ficam na boa esperando bater. 17h05min o professor libera.

Cena 15: Primeiro e segundo períodos, Português. Mais uma vez, coloco a turma para dentro da sala e fico aguardando a professora chegar. Hoje não chegou tão atrasada quanto nos outros dias. Entra na sala, me cumprimenta, solicita aos alunos que peguem a atividade da última aula e sai, avisando que buscará a chamada. Volta às 13h19min, com o material. A turma está tranquila. Dos vinte e quatro frequentes, vinte estão na aula neste momento. Os alunos não encontram a folha que a professora solicitou. A professora senta-se e fala que a responsabilidade é deles de cuidar dos materiais que recebem. Alerta que reavaliará o fazer material para eles. Então, solicita que concluem para que ela corrija. Termina a chamada às 13h29min. Segue sentada. Alguns alunos conversam. Às 13h30min, levanta-se, dirige-se a alguns alunos, perguntando se concluíram. Passa, olhando o que estão fazendo. Às 13h35min a professora inicia a correção no quadro. Alguns alunos (sempre os mesmos) participam e a professora vai escrevendo no quadro. Durante a correção, uma aluna solicita para outro (no lado oposto da sala) um espelho. A colega atira o espelho, que cai no chão, faz um grande barulho, mas a professor fica indiferente a isso. A professora pergunta quem gostaria de responder no quadro a questão número seis. Ninguém quis. Então, a correção segue oralmente. A conversa vai aumentando. Às 14h02min, a professora tem dificuldade em ser ouvida porque a conversa está demais. Às 14h11min, é concluída a correção e um aluno vai ver se há xerox da professora pronto. Enquanto isso, um vai à porta, outros seguem conversando. O aluno volta com as cópias que a professora havia solicitado. A professora pede, então, que o mesmo aluno entregue uma cópia para cada colega. As meninas da minha frente não param. A professora solicita que façam uma leitura silenciosa. Às 14h14min inicia, mas não há silêncio absoluto. A professora os lembra de que devem fazer silêncio. Alguns alunos iniciam a leitura. As duas meninas da minha frente não param de conversar. “O nariz”, de Luis Fernando Veríssimo, é o texto. Às 15h16min, a professora chama atenção e inicia a leitura em voz alta. A professora senta numa classe. Divide o texto entre três alunos: narrador e personagens um e dois. Uma aluna diz que não conseguiu fazer a leitura silenciosa. A professora diz: “Nós lemos juntos.”. A aluna inicia a parte do narrador. A professora não intervém. Uma aluna pede para fazer todo o diálogo, então foi mudando a voz para fazer os papéis masculinos e femininos. A turma se diverte. O aluno erra algumas vezes e a professora ajuda a saber quando é homem e uma mulher. Os colegas aplaudem o colega que leu. A professora começa a falar, alguns começam a falar junto. Dá uma agonia, porque há muitas pessoas alheias à aula. As duas da minha frente não fecham a boca. A professora tenta fazer relação com um texto já lido em outro momento. [Sinto frio e há alunas de short.] São os mesmos em todas as aulas que interagem. O celular desvia a atenção de muitos. O assunto é julgar pelas aparências, bullying. Muitos alunos indiferentes. Às 14h32min, há pouquíssima atenção na professora. Às 14h36min a professora diz: “Vocês não querem

mais, né? Vocês não se interessam!”. Segue. Bate. Os alunos já levantam e saem da sala. A professora junta seu material e sai.

Quarto e quinto períodos, História. Como de costume, os professores demoram a sair da sala e os alunos demoram a entrar. Os que entram, conversam, circulam, fazem uma bagunça. São 15h45min e o professor ainda aguarda para poder começar a aula. Parado diante da sala, braços cruzados e a turma bagunçando. Às 15h49min o professor pergunta quanto tempo vai demorar para começar a aula. Inicia fazendo discurso sobre o comportamento e interesse dos alunos. Hoje o Ambiente Informatizado não funciona. O professor diz que vai seguir o conteúdo e sexta-feira vão ao Ambiente Informatizado de novo. Segue falando sobre os artistas renascentistas (italianos). O professor pede para uma aluna guardar o celular, a aluna responde, o professor a manda sair. Ela não sai. A colega do lado se manifesta, o professor manda as duas saírem. Elas riem. [Sinto raiva.] O professor chama a vice-diretora que as leva para a biblioteca. Saem da sala rindo. A vice-diretora chama atenção. [Tenho a impressão de que se sentiram premiadas. Poderão ficar conversando sozinhas.] A turma não se acalma com a saída das duas. Continuam se agredindo. O professor pede silêncio muitas vezes. [Estou muito irritada.] Há sempre um barulho repetitivo. Às 16h08min o professor faz a chamada e senta-se. O barulho repetitivo continua. E continua me incomodando também. O professor sai com duas alunas para buscar os livros didáticos. Um livro por dupla. Página cento e noventa. Muitos alunos gritam que querem ler. Depois de sentados em duplas, o barulho aumenta muito. O professor faz no quadro uma lista com o nome de quatro alunos que querem ler. Depois de muito esforço, a colega começa a ler a turma faz silêncio. O professor se incomoda, grita e a turma ri. São 16h24min quando inicia a leitura. O professor passa as questões no quadro. Às 17h sai da sala, alguns alunos saem também. Uma menina é chamada de feia durante toda a aula por uma colega. Com a saída do professor, vira motivo de chacota de vários colegas. Duas alunas guardam o material às 17h04min e o professor manda tirar o material. Elas não obedecem. Às 17h05, o professor começa a entregar as provas e já vai liberando para ir embora.

Cena 16: Primeiro e segundo períodos, Português. São 13h16min quando a professora entra na sala. Pergunta como foram as férias, após um “boa tarde” bem animado, mas os alunos não respondem, seguem fazendo o que estão fazendo antes da entrada da professora. Uns ouvem música, outros conversam. A professora avisa, em sua primeira fala à turma, que dia sete eles terão o passeio (falado desde que iniciei as observações). A professora segue explicando como vai ser o passeio: roupa adequada, professor responsável, roteiro, objetivos, lanche, máquina fotográfica, água. Fala sobre a previsão do tempo. Não pode ir de bermuda, porque vocês estarão no meio do mato. Às 13h23min a professora encerra a fala sobre o passeio. Como a professora me falou na sala dos professores, antes do início da aula, que esqueceu o plano de aula em casa, sei que a conversa sobre o passeio tem o objetivo de ocupar o tempo. Os alunos não parecem felizes com o retorno. A professora diz que havia deixado uma atividade antes das férias e circula para verificar quem fez e não fez. Uma

folhinha em que foi solicitada ser colada no caderno. A professora os orienta a concluir a atividade. As alunas da minha frente não sabem a que atividade a professora está se referindo. Uns dois alunos parecem realizar o que foi solicitado. Os demais conversam, ouvem música, comem pirulitos e balas. Duas maquam-se. A diretora e a orientadora estão à porta da sala. Ouço funk's misturados, provavelmente porque há mais de um celular tocando. A professora disponibiliza uma cópia da atividade a um grupo de alunos que alegaram não ter a atividade. As alunas da minha frente também não têm a folha. Recebem uma cópia. Depois de tudo isso uma aluna: "O que é para fazer?". Às 13h33min a professora senta-se em seu lugar e os alunos seguem fazendo o que querem. "Vamos desligar as músicas!", diz a professora finalmente. Algumas trocam bilhetes. Às 13h39min: "E aí, professora, não vai ter aula?". "Tu já terminou tuas questões? Eu estou dando um tempinho para vocês terminarem.", diz a professora. Às 13h48min a professora escreve no quadro a tabela de pontuação da dinâmica que fará (a qual fui eu que ensinei antes das férias). Aguça a curiosidade de alguns que começam a questionar o que irá acontecer. A professora não responde e sai da sala. Volta em trinta segundos. Fecha a porta. Então começa a explicar a dinâmica. Primeira vez que há silêncio total e a professora tem atenção de todos. Avisa que a atividade que estavam realizando pode ser terminada em casa. "Vamos fazer uma brincadeira.", anuncia a professora. É nítido o interesse dos alunos. A professora explica como vai funcionar a brincadeira e entrega um texto. Os alunos leem altamente concentrados, provavelmente por causa do objetivo claro: participar da brincadeira. O texto chama-se "Testemunha tranquila", de Sérgio Porto (Stanislaw Ponte Preta). A professora solicita minha ajuda. Concluimos a atividade no final do período.

Quarto e quinto períodos, História. São 15h47min quando o professor entra na sala. Ouço um aluno perguntar sobre as férias do professor. Os celulares continuam ligados. Demora para que todos entrem. Às 15h48min, o professor pergunta como estão e como foram as férias. Alguns alunos respondem, rapidamente: "Legal!", "Boa!". O professor fala que voltamos todos felizes e os alunos dizem que não. O professor anuncia a matéria nova e vai ao quadro e escreve "O absolutismo". Vai fazer a chamada. Comenta que ainda há alunos na rua. Uma aluna, no meio da chamada, avisa que ficaram exercícios para corrigir antes das férias. "Fala, sor!". "Estou esperando!" "Tu vai ficar esperando até o final da aula.". Há uma discussão entre duas alunas, uma em cada lado da sala. Todos assistem ao bate boca. "Cala a tua boca!", foi pouco perto do que disseram uma para outra. Na sequência, uma aluna é tirada da sala, mas não se mexe. [Não entendo.] O professor assistiu ao bate-boca e não fez nada. Tudo que o professor fala é retrucado pelos alunos. As duas se ameaçam. A que foi convidada a se retirar permanece na sala. Às 15h58min o professor vai ao quadro e começa a escrever, ignorando a solicitação da correção das atividades anteriores. A aluna da minha frente (que é a mesma do bate-boca) troca bilhetes com um aluno que senta à frente. Atiram a bola de papel um para o outro. Às 16h02min, tão logo para de escrever, começa a explicar. Os alunos estão em silêncio, embora não concentrados. Enquanto o professor explica, os alunos pedem licença, o bilhete voa e o

professor divide o quadro ao meio para seguir escrevendo. Às 16h04min a professora de português entra na sala para entregar os bilhetes do passeio. Acabo de descobrir que um aluno que até hoje eu achava que era uma menina é um menino. Hoje, por exemplo, ele está com o cabelo que é comprido amarrado do lado da cabeça, com um rabicó roxo. As roupas são largas, mas femininas. São 16h13min quando a professora sai, mas o professor perde o pouco de controle que tinha, porque fica uma bagunça a entrega do prêmio da atividade de Português: saquinhos com bombons. A comilança e os pedidos de trocas geram um tumulto. Os arremessos de embalagens também. O professor segue, tentando explicar, mas é difícil. Os alunos fazem bastante barulho. Às 16h16min o professor afirma que ainda não conseguiu dar aula. Uma aluna: “Deu sim.”. O professor avisa que não há aula em que ele não pare para xingar. Mal começa a explicar, já inicia a conversa junto. Dois a minha frente gargalham, desrespeitando demais o professor. Estou com sono. O professor para de escrever e circula entre os alunos, olhando o que cada um está fazendo. Para diante da aluna que senta na minha frente: “Copia, fulana.” “Ah, não me xinga.”, “Para de gritar, fulana.”, diz o professor. “Não tô gritando!”. “Então copia.”. “Copia tu pra mim.”. O professor segue escrevendo no quadro. Às 16h32min, o professor pede a palavra, uma aluna interrompe, dizendo que é aniversário de uma colega, a turma automaticamente puxa o parabéns a você e o professor acompanha. Perde o controle de novo. Uma grita: “Tenho cinco pila, vou comprar um ovo!”. Um menino: “Eu tenho dois ovo!”. O professor sai da sala. Alguns alunos vão para a porta da sala, outros gritam, outros conversam. Pouco muda com a saída do professor. O professor volta, para na sala, a turma silencia, um fala: “Isso é desrespeito!” (em tom de deboche). O professor apaga o quadro. Segue escrevendo no quadro. “Como não dá para dar aula, eu vou atender individualmente.”. Os alunos debocham. Inicia novo bate-boca. O professor assiste. Passa perguntas no quadro. “Bota fogo no teu cabelo!”. “Estes teus dentes de cavalo”, “Vai tirar as lêndeadas!”. Oito questões. O professor circula. Os alunos parecem no recreio. Poucos realizam a atividade que o professor passou. Já são 17h05min, há um burburinho do lado de fora, tenho a sensação de que alguns alunos começam a sair. Bate o sinal. Os alunos saem.

Cena 17: Primeiro e segundo períodos, Matemática. 13h20min entramos na sala. Mais ou menos 10 alunos, sem material, estão comendo os lanches que levariam ao passeio. Os alunos reclamam, dizendo que deveria ter passeio. Choveu muito de manhã, embora haja sol agora. A professora avisa que trouxe folhas de ofício para que eles utilizem na aula. Alguns alunos seguem alegando que não farão nada. O professor que os levaria ao passeio vem à sala e lê o bilhete que eles receberam. Os alunos debocham. Ele vira as costas e sai da sala. Está visivelmente irritado. A professora solicita que duas alunas guardem o lanche, elas riem. A professora levanta o tom de voz: “Agora!”, mandando as meninas se retirarem. Elas riem, debocham, negam-se a sair. [Ainda não vi um professor ter autoridade.] A menina que hoje está sentada a minha frente irrita-se muito. Ouço-a fazer uma ligação para a mãe, dizendo que estava indo para o passeio. Mesmo com a saída das alunas, a discussão sobre o passeio continua. Um aluno tenta tomar refrigerante, a discussão recomeça. A

menina que ligou para a mãe atira uma cadeira. Pega outra, quase derruba a classe onde estou sentada. Está visivelmente irritada. Acho que ela pretende sair da escola, se não, por que outro motivo teria mentido para a mãe? A professora inicia a aula de verdade às 13h30min. Há muita dificuldade em mantê-los interessados. A professora pergunta e ouve: “Se a senhora não sabe, por que temos que saber?”. Risos. Espontaneamente, a professora negocia os últimos quinze minutos da aula para que eles comam o lanche que trouxeram. [Me pergunto: por quê? Por que a professora fez esta proposta, se eles sabiam que não haveria passeio?] As duas meninas que foram retiradas da sala voltam às 13h35min rindo, debochando. Quando entram, a professora avisa que elas não terão os quinze minutos que serão dados para os demais alunos. As duas que retornaram mais a indignada ficam conversando, indiferentes à explicação da professora. Ao total, há doze alunos presentes hoje. Os alunos reclamam muito. Reclamam do conteúdo, reclamam de não lembrar. Um aluno bate duas canetas insistentemente. A porta da sala continua estragada, então bate também constantemente, fazendo com que o barulho e a claridade oscilem o tempo todo. [Isso me irrita tanto quanto as canetas, quanto o deboche, as agressões, as risadas.] A professora parece dar aula para ela mesma. Às 13h42min a professora encerra a revisão e inicia os exercícios. Neste momento, um aluno coloca uma cadeira na frente da porta para que ela pare de bater. [Pelo jeito não fui a única a me incomodar.] A professora para de passar os exercícios para falar que verá um cinema para levá-los. [Pergunto-me mais uma vez: por quê?] Um aluno tirou uma bolinha que pica muito e a bolinha circula na sala. Um atira para o outro, atiram na parede, no chão. Imitam um gato. Do outro lado da sala, os alunos cantam, gritam. De novo começa uma rixa entre o lado esquerdo e o direito. A professora de Arte Educação vem à sala e pergunta se alguém tem 16 anos. Um aluno (o que pensei que fosse uma menina) levanta e diz que tem. Uma outra faz o mesmo. Ambos estão mentindo. A professora de Matemática diz para o aluno: “Então, que ano tu nasceu?”. “Não vou te dizer.”, é o que responde o aluno. Às 13h51min a professora sai da sala para guardar o refrigerante na geladeira dos professores [???] e buscar lápis para eles responderem às questões. Enquanto a professora está fora, eles aproveitam para comer. Estão em silêncio. Bate para o segundo período. A professora volta e às 14h faz a chamada. Alguns alunos dirigem-se à mesa da professora para tirar dúvidas, outros não fazem nada. Às 14h26min a professora sai da sala para pedir autorização para o lanche. Volta, recolhe os lápis emprestados. Vão para o refeitório para fazer o lanche. A professora diz: “Só quem tem lanche!”. É o mesmo que se ela tivesse dito para irem todos. Todos saem da sala. Alguns não vão para o refeitório. As meninas que supostamente não teriam os quinze minutos também saem. Às 14h33min alguns voltam. A professora diz: “Tu tá com a língua floxa, hein, fulana”. A aluna coloca a língua para fora, mexe e diz: “Pois é!”. Na bagunça, parecendo recreio, bate. Antes que a professora se mexa, uns alunos saem da sala. A professora avisa que não é recreio e elas dizem que vão passear e seguem, ignorando a advertência da professora.

Terceiro período, Arte Educação. Às 14h41min a professora entra, avisa que a apresentação dos trabalhos é hoje, mas os alunos demonstram não saber. Alguns alunos continuam na rua. A professora não consegue falar. Primeira aula depois das férias. A professora deseja um bom retorno. A professora não consegue falar. Está tentando dizer que a melhor coisa para um professor é ver seus alunos avançarem. Pergunta por que há tão poucos alunos. São doze alunos em sala neste momento. A professora diz que tem outra proposta, então. A professora marca a apresentação dos trabalhos para sexta-feira. Os alunos sequer se lembram de qual era a lenda que deveriam apresentar. Não lembram muito bem os grupos. Às 14h49min a professora sugere que quem está presente faça sua lenda em um cartaz. A professora tem muita dificuldade de falar. [São só doze alunos!] Agora em vez de canetas batendo, há um copo plástico sendo amassado. Às 14h53min, a professora sai da sala novamente. Neste momento sou eu e mais oito alunos em sala, dos quais cinco estão lendo suas lendas. Um volta e sai de novo. Outro resolve sair. Um volta com pincéis e tintas. Outro, giz de cera e lápis de cor. Chega o papel pardo. Há uma aluna com uma tesoura, ameaçando cortar os cabelos dos colegas. A professora volta, mas antes de entrar, retorna. Uma mulher acompanha (não sei quem é). Os alunos mesmo começam a se organizar. Distribuem um pedaço de papel pardo para cada grupo. Às 15h01min, a professora retorna. Eles empolgam-se com as tintas, embora nem todos tenham lido a lenda. A professora chama atenção dos alunos, em relação ao uso do banheiro e papel. A professora conta que foi colocada uma maçã dentro do vaso, uma cueca suja, etc. A professora diz que não pode ser disponibilizado papel higiênico para os alunos. Eles têm que pedir papel na sala dos professores. Bate para o recreio. Alguns saem, outros continuam fazendo os cartazes.

Cena 18: Primeiro e segundo períodos, Ciências. Às 13h12min a professora entra na sala. Muitos alunos vão entrando, aos poucos, na sala. São 13h15min, quando a professora dirige-se à turma, alertando que há pessoas fora do lugar. Solicita que tirem os fones de ouvido. Uma aluna: “Ah, sora, tu é muito chata!”. Há muito barulho na sala devido à troca de lugares, aumentado pela agressividade com que arrastam as classes e cadeiras. Verifica se todo mundo tem o livro. Ainda há barulho. Página cento e doze do livro didático. Retoma a última aula, mas há muita fala concomitantemente à fala da professora. A professora iniciou a revisão no quadro, com as principais características de cada árvore. Depois do início, um aluno interrompe, dizendo que não tem o livro. A professora empresta o dela. Os alunos conversam uns com os outros como se não estivesse acontecendo nada. Poucos concentrados. Do fundo da sala, onde sento, é notório o esforço da professora para sobrepor-se ao barulho dos alunos. Quando fica demais, ela chama atenção. Apenas um aluno responde às questões da professora. A professora então pergunta se apenas ele sabe responder. Às 13h27min a diretora entra para entregar uma convocação à professora que diz não querer ir à formação disponibilizada pela Secretaria de Educação do Município. A professora termina a suposta revisão às 13h39min. Então, começa a passar as questões no quadro para que os alunos copiem e respondam. Às 13h48min a professora confere o espelho de classe, sentada em seu lugar. Os

alunos estão relativamente calmos. A professora sai da sala e muitos levantam. A professora volta e avisa que vai à outra turma e já volta para olhar os cadernos. Às 14h01min entra uma outra professora para dar um recado sobre cursos gratuitos. A professora só pode dar o curso para doze alunos. Isso gera um tumulto. A professora sai. Uns estão em pé conversando. Dois estão se estapeando. Um aluno está na porta de brincando. Duas saem da sala. São 14h10min e a professora não volta. Ouço os gritos que elas dão no corredor. O barulho vai aumentando paulatinamente. Gritam. Está quente. Muitas meninas de short e top. Palavrões. Lanche. A professora volta às 14h15min e diz que estava resolvendo um problema na oitava série. Havia três exercícios no quadro, mas poucos fizeram. A professora resolve encostar a porta e a porta fica batendo, porque ainda está estragada. Há muito barulho, a professora fala gritando, a porta bate. De vez em quando a professora diz: “Ai, pessoal!”. “Ai, pessoal!”. Às 14h20min a professora avisa que quem terminou pode levar o caderno. Um aluno mostra o caderno para a professora. Um outro usa a classe, o armário de ferro e as canetas para fazer uma bateria. [É enlouquecedor em alguns minutos estar aqui.] Na sequência a professora diz que vai corrigir no quadro. [Não entendo. Se ela sabe que eles não fizeram!] Mais uma aluna mostra o caderno. Há muito barulho. Muita conversa. Às 14h30min a professora convida para corrigir, mas parece recreio na sala. Alguns respondem. Enquanto a professora corrige, um aluno está na porta. A professora corrige as questões um e dois. A professora manda uma aluna guardar o celular. O que a aluna faz? Nada. A professora passa para olhar os cadernos. A bagunça recomeça, aumenta. Ninguém obedece. “Por favor, fulano, senta.” “Fulana, senta.” A mesma coisa que não dizer nada. Às 14h36min um aluno recolhe os livros. Há muito barulho. Gritos. A professora se estressa. Ameaça recolher o celular. A professora diz para pararem de gritar. Aí é que eles gritam. A professora dá tchau e diz para ficarem sentados. Ninguém responde o tchau, mal a professora vira as costas, eles trocam de lugar e saem da sala. Baderna geral.

Terceiro período, Português. Às 14h42min a professora entra. Alguns continuam na porta. Parece que a professora não entrou. Não fossem meus olhos, eu não saberia que entrou um professor. Mesmo a professora na porta, há alunos saindo e entrando. A professora dá boa tarde. Quase inaudível no barulho da sala. A professora pede para se sentarem. Dá boa tarde de novo. Fala que o passeio está encantado. A professora está com as mãos nos bolsos, todos falam ao mesmo tempo. Não escutam. Alguns falam sobre o assunto outros não. Os alunos circulam e conversam como se não houvesse professor. A professora conversa com alguns alunos individualmente. A professora diz: “Vocês notaram que vocês nunca vêm no dia da folha?”. A orientação é concluir a atividade que já foi solicitada na última aula para posterior correção. A bagunça continua. A professora mexe no material, na sua mesa. “Alguém tem notícia da maçaneta da porta?”. A professora sai e volta. Faz a chamada. A professora pergunta por que estão fora do espelho. Os alunos dizem que não vão sentar e segue a chamada. Até a chamada é difícil. Às 14h54min a diretora vem e chama um aluno. Pergunta na frente da turma toda a que horas saiu nos últimos dias. A turma comenta que o colega se ferrou. A professora

começa a circular e mandar os alunos trabalharem. Há muitos alunos sem fazer nada. A diretora volta com o aluno. Alunos na rua, correndo, professora puxa uma pelo braço, se estapeiam. [Estou cansada. Dor nas costas.] Muita gritaria. Os alunos não estão trabalhando. Muita bagunça. Saem para o recreio.

Quarto e quinto períodos, Matemática. Às 15h45min entramos na sala. O tempo mudou. O sol, o bafo, o calor foram substituídos por um vento gelado que parece antever um temporal. O dia está nublado. A professora senta-se. Alguns alunos reclamam dos dois últimos períodos de matemática. Um aluno acusa outro de ter mexido na sua mochila. Às 15h49min dá boa tarde à turma. A professora decide passar no canto direito do quadro o trabalho de ontem para os que não estavam presentes. Após, cobra a entrega dos que estavam presentes. Na sequência, passa a matéria. Às 16h13min começa a passar os exercícios sobre a matéria nova. “Alguém pisou na merda ou está com o #@!% frouxo!”. A professora segue escrevendo e ainda diz: “Onde iam pisar?”. Pedem bom ar. Uma aluna ameaça sair da sala, a professora segura a porta e manda a aluna se controlar. A professora sai para buscar mais bilhetes da festa do dia dos pais e automaticamente duas alunas vão para a porta. As gurias incomodando, um menino diz: “Tu vai ver o #@!% daqui a pouco.”. Gritaria. Desmotivação. Reclamam. [Minhas costas doem muito de estar sentada nesta cadeira dura.] Às 16h34min começa a correção. Passa mais. Os alunos reclamam. [Muito, muito sono.] Já não há mais nada de sol, não que entre muita luz na sala, mas a escuridão exterior torna o ambiente interno mais entediante. São 16h36min e é a primeira vez na tarde que a turma está relativamente calma. [Eu não aguento mais. Sinto muito frio, sono e dor nas costas.] “Profe, tem como uma criança de quatro anos saber isso?”, pergunta uma aluna. A professora: “Se for uma criança japonesa, provavelmente saiba.”. “Como assim?”. “Mas Japão e China não é a mesma coisa?”. “Não, a China é enorme, o Japão é uma ilha.”. “Uma ilha?”. A professora explica os altos índices de suicídio no Japão, as aulas são rígidas, etc. A professora termina de passar do exercício um ao doze. A turma deu uma boa desacelerada. Tão logo ela parou de escrever já havia alunos mostrando o caderno. Uma aluna foi a segunda a mostrar o caderno e estava tudo certo. Hoje, esta aluna não parece a mesma menina de ontem. A professora segue olhando os cadernos até o final do período.

Cena 19: Primeiro período, Português. Há um pequeno tumulto em função de uma troca de sala, a professora larga seu material na sala e avisa que já vem, porque vai ajudar a colocar um filme no Ambiente Informatizado. Inicia a aula às 13h23min, avisando que farão a correção da atividade da última aula. Fica parada na porta, olhando para fora, esperando não sei o quê. Uma aluna é retirada da sala pela vice-diretora. O clima na escola não está bom. Muitas pessoas com cara feia. Aparentemente por motivos individuais. Depois dos 30°C e o sol lindo de ontem, está frio, chovendo e nublado. Dentro da sala a sensação é de que estamos no turno da noite. Antes de iniciar a correção, a professora faz a chamada. Dois alunos jogam bafo, uma aluna acaba de atender ao telefone. A professora nem percebe. A professora propõe a correção. Texto: O nariz, de Luís Fernando Veríssimo. A professora retoma a narrativa, lembra os alunos da história. Inicia a correção. A professora não só dá a resposta,

parafrazeia as perguntas, interpretando e faz os alunos responderem de forma completa. Coloca as respostas no quadro, à medida que os alunos vão respondendo. A professora chega a uma questão que reflete sobre a aceitação do diferente. Às 13h52min entram na sala dois meninos e uma menina que estavam na vice-direção. Isso gera um certo tumulto, barulho, sendo que até então a turma estava em absoluto silêncio, embora nem todos estejam concentrados. Antes da professora elaborar a resposta da questão quatro, bate o sinal. A professora sugere um desafio: reescrever a resposta da questão quatro para ser retomada na segunda-feira. Antes de sair, a professora puxa um “Parabéns a você” para uma aluna que está de aniversário, dá um abraço de parabéns e sai sem despedir-se da turma. Automaticamente, duas alunas dirigem-se à porta. A demora da chegada da outra professora faz com que quase todos os alunos levantem. Uns meninos brincam de luta na frente da sala.

Segundo período, Arte Educação. Às 14h01min a professora entra, dá oi, não obtém resposta, insiste. Há um aluno ouvindo música. Os alunos parecem não ter visto a entrada da professora. Devagar e num tom baixo, a professora vai solicitando que se dirijam a seus lugares. Há muita conversa. A professora tem dificuldade em falar com todos. Uma aluna grita: “Seus #@!%, tão vendo que a professora quer falar?”. Hoje é o dia em que a professora titular voltaria, mas foi entregue um novo atestado para mais sessenta dias de licença. Então, a professora avisa que ficará com eles mais dois meses. A professora os lembra de que não é formada em Arte Educação. A professora diz que deixará os alunos escolherem os trabalhos, porque acha que eles não gostaram do tema folclore. Promete aos alunos que passará o filme semana que vem. Um aluno sugere escultura em sabão. Outro sugere argila. A professora diz que tem que ter objetivo. Foi combinada a apresentação para hoje, mas estão faltando muitos alunos e os que estão presentes não se prepararam para apresentar. A professora diz que não adiará mais as apresentações, porque eles não gostaram e ela quer passar para a próxima atividade. Um grupo se oferece para começar a apresentação. Um do grupo reclama de ir à frente da sala. Um aluno alega pertencer ao grupo. Outro diz que ele não ajudou em nada. A professora tranquiliza: “Não é para a TV, é para os colegas.”. Mostram um cartaz com uma grama e um negro desenhados. Um aluno começa a contar, com suas próprias palavras, a lenda do Negrinho do Pastoreio. A turma se diverte com o jeito como o colega conta. O grupo desculpa-se por não ter conseguido terminar o desenho. Os demais integrantes não falaram. Outro grupo, que na verdade, é um trio. A menina que estava na vice-direção desde cedo, volta. A vice-diretora vem logo atrás e senta para conversar com a professora. Os três alunos aguardam diante da turma. A vice-diretora sai em menos de dois minutos. O trio pede para começar. É difícil de a turma silenciar e prestar atenção. Um aluno lê o resumo da lenda “Moça do cemitério”. O aluno começa a ler, a professora interrompe e solicita que larguem o papel e expliquem com suas próprias palavras. O grupo abre o cartaz, um aluno interrompe para dizer que o cartaz está mais bonito que o seu. A professora interrompe para dizer que não há cartaz mais bonito do que o outro. O aluno começa a apresentar e é interrompido pela funcionária que entra para largar um pacote de bolacha. O grupo tenta começar de novo e, então,

conseguem. Um colega conta que conhece a mesma lenda um pouco diferente. Espera-se o próximo grupo. Enquanto isso, a professora pede para que não digam “cala a boca”. A professora pergunta para cada um o porquê de não apresentarem. Uma aluna fica constrangida de apresentar. A professora tem que insistir. A professora diz que falta maturidade para trabalhar em grupo. Avisa que terão mais trabalhos em grupo. Um grupo pede para fazer na hora. Outro, pede para reler a lenda. A professora vai fazendo perguntas, e o grupo vai respondendo. A professora permite que o grupo converse um pouco. Outro grupo quando questionado diz não lembrar o nome da sua lenda. A professora oferece cinco minutos da próxima semana para que os grupos apresentarem. [É muita chance. Falta unidade do corpo docente.] A professora abre o pacote de bolacha para distribuir entre os alunos. [Por que agora?]. A turma parece no recreio. A professora os acalma de novo. Depois da distribuição da bolacha, a professora faz a chamada. Os alunos parecem estar no recreio de novo. Bate. A professora demora um pouco para sair, mas os alunos vão para a porta, saem da sala, usam o lixo como tambor, atiram bolinhas de papel, gritam. A professora sai no meio disso tudo. Até livro didático voa pela sala.

Terceiro período, Geografia. O professor entra, a *guerra* continua. Alguns seguem na rua. Parece que o professor não entrou. O professor pede ajuda para um aluno para pendurar um mapa do Brasil no quadro. Sai da sala e volta em dez segundos. Depois do retorno do professor ainda entram mais quatro alunos. Uma aluna esconde o caderno de um colega. O colega procura enquanto o professor faz a chamada. Dois alunos se estapeiam, um fica na porta, enquanto o professor faz a chamada. Aos poucos, a turma até que se acalma. Mais duas alunas entram na sala, quando o professor já está no fim da chamada. O professor segue sentado e os alunos seguem em recreio. Levanta-se, coloca o apagador no aparador do quadro, enrola o mapa. Tentar retomar a última aula, mas não tem atenção. Avisa que repetirá o título (IDH) e que seguirá passando a matéria. Os alunos seguem conversando, mais um caderno foi escondido, dois alunos ficam de brincadeira entre as classes. O professor segue de costas, escrevendo no quadro. O professor, de costas, reclama da turma ainda não ter se organizado. Um menino entra na sala, vendendo uma rifa. As gurias entram em êxtase, o menino não consegue falar. Cria um tumulto. Há muitas risadas, gargalhadas, que continuam após a saída do menino. O professor segue escrevendo no quadro. O professor escreve até o último espaço disponível no quadro. Aguarda. Ainda sem sair da área em frente ao quadro: território do professor. O professor inicia a explicação, um aluno questiona qual o estado brasileiro em que se estuda menos. Isso gera uma série de perguntas sobre a vida do professor, que ele encerra quando chegam ao assunto do salário. [Duas alunas, em especial, pegaram gosto por me contar histórias: uma me contou que já teve que se mudar porque o padrasto matou uma guria com quem ela brigava; outra me contou que o pai bate na madrasta todo dia; outra: já colocou fogo na sala de aula, irmãos presos, tio foragido da polícia.] Bate. Os alunos saem como se a jaula tivesse sido aberta.

Quarto período, História. A aula inicia às 15h50min, com a chamada. Duas alunas buscam os livros didáticos, enquanto isso. Voltam e distribuem os livros. Uma aluna joga o livro para a classe do

lado. A colega que distribui tenta colocar na classe umas dez vezes. Elas ficam atirando o livro de um lado para o outro. O professor manda abrir na página duzentos e dezoito. Não diz nada a respeito da quase briga. [Não entendi a mudança de comportamento da menina que atirou o livro no chão. Ela não havia sido agressiva hoje, ainda, embora me conte histórias de vida horrorosas. Temo pelo que ela fará com a colega, que além de insistir com o livro, denunciou que ela estava mexendo no celular.] Uma aluna começa a leitura do livro didático. Uma das alunas da dupla com o livro didático pede para falar com a vice-diretora e o professor autoriza. A segunda aluna da briga do livro ouve música no celular e desenha no caderno, indiferente ao que se passa em volta. A aluna leu uma parte e o professor faz três perguntas orais e os alunos respondem. Assim foram sendo chamados os demais alunos para ler. Quando entrei na sala, após o recreio, duas classes do fundo, onde me sento, estavam cobertas de álcool. A aluna das histórias horríveis e que discutiu em função do livro didático pegou um pano e secou as classes para mim. Questionei alguns professores na hora do recreio a respeito do aluno que é homem, embora pareça mulher. Nenhum professor soube me dizer como o aluno se vê, do que eu concluo que nenhum deles conversou com o aluno a respeito disso. Após a leitura, o professor passa uma síntese no quadro. “Sor, o senhor tem câncer?”. O professor ignora. Uma colega questiona e a menina justifica: “Ele tem uma bola, achei que fosse câncer.”. [Não sei o que ela se refere.] Quando para de escrever no quadro, inicia a explicação, circulando entre os alunos. Há uma goteira na sala. Um aluno reclama, perguntando: “O que esse colégio faz com o dinheiro que a gente dá pra eles?”. O professor pergunta: “Que dinheiro?”. O professor escreve mais um pouco no quadro. Ordena que respondam as questões da última aula. Bate. Uma aluna recolhe os livros. Antes que o professor saia, como de costume, muitos alunos saem da sala, vão para a porta. O professor sai em meio à bagunça, sem que sequer veja. A grande maioria está em pé, quando o professor de geografia entra.

Quinto período, Geografia. Mais uma vez, a chegada do professor não significa nada. A menina da discussão sobre o livro saiu da sala e não retornou. Os alunos continuam gritando e circulando. [Isso é impressionante. Ainda não descobri algum professor que tenha alguma autoridade.] O professor pede para que guardem os cadernos de História, mas foi quase inaudível. A menina volta, fala educadamente com o professor, pega o material, avisa que espera na frente da escola a amiga. Mentiu para a vice-diretora que tinha que pegar o ônibus. Temo pela outra. Uma vira para trás e diz: “Ela se acha porque tem um monte de tio traficante, então ela se acha, porque qualquer coisa ela manda matar, mas nada a ver porque a minha madrasta também tem três irmão assassino, então eu também tenho quem me proteja.”. O professor segue escrevendo no quadro. Ouço um papo de três meninas: “Minha mãe diz que eu tenho que namorar guri trabalhador. Nada a ver, né?”. “Que trabalha só com 30 anos.”. “Eu já namorei bandido, traficante.”. Elas falam sobre isso e só uma copia. O professor faz um comentário: “Como é bom quando vocês fazem perguntas, porque afinal de contas, a aula é para vocês.”. Uma aluna: “Tá falando sério?”. O professor: “Sim!”. “Puxa, sor, que bom. É a primeira vez que o senhor diz isso.”. O professor sai para largar os mapas. Uns já levantam, disputam,

brincam. O professor volta rápido, mas os alunos já estão com o material guardado. Já começa a bagunça. São 17h04min. Uma aluna me mostra uma classe riscada com corretivo. “Sabe o que significa PP?”. “Não.”. “Pâmela e Pierre, o nome da minha madrasta e do meu pai.”. “Foste tu que fez isso?”. “Sim.”. Ironicamente digo: “Que bonito! E tu ainda me conta!”. “Só contei porque em ti eu confio.”. [Neste momento, pergunto-me: como assim, meu Deus?] Bate. Vamos embora. Está muito frio e chovendo.

Cena 20: Primeiro e segundo períodos, Ciências. Bate. A professora é a primeira a dirigir-se à sala. Encontro duas alunas que estão indo buscar os livros didáticos. Encontro-as no corredor. Só há duas alunas quando entro na sala. Às 13h16min ainda estão entrando alunos na sala. Uma terceira entra e diz: “Só isso? Vou pro pátio!”. A professora se irrita, vai atrás e diz: “Se tu for, não vai entrar.”. A aluna entra novamente reclamando, gritando e empurrando a cadeira com força. [Perdi o momento em que a professora se retirou e a substituta entrou.] Pergunto para uma aluna por que a professora saiu e ela diz não saber. Os alunos estão sentados em seus lugares, relativamente tranquilos, mas sem nada para fazer. A substituta está sentada à mesa do professor. Às 13h21min entra mais uma aluna. A professora volta às 13h22min, conversa com a substituta algo que de onde estou não consigo ouvir. Sai de novo e os alunos seguem sem fazer nada. Às 13h27min a professora entra e sai, então a substituta dirige-se aos alunos, solicitando que abram os cadernos e coloquem a data e começa a ditar as perguntas. Vejo um aluno virado para trás mexendo em dois celulares. A professora segue ditando, embora os alunos falem ao mesmo tempo, alguns não tenham nem aberto os cadernos. Eles estão perdidos, a professora segue. Um aluno pergunta se é para entregar. Uma aluna reclama da velocidade, a professora diz que estão conversando. Duas conversam, indiferentes ao que a professora diz. Uma mexe no estojo de maquiagem. Dois do outro lado iniciam uma discussão no meio da fala da professora. Um levanta e vai até o fundo da sala conversar com duas colegas e volta ao lugar. A professora diz que emprestará a folha aos alunos que não conseguirem copiar. [Desconfio que ela emprestará para quase toda a sala.] Às 13h34min entra mais um aluno. Um aluno repete o que a professora diz, debochando e fazendo comentários: “Ui”, “Ai que delícia!”. A professora volta às 13h36min, a substituta avisa que ditou até a questão seis e se retira. A professora pergunta: “Vocês não estão no lugar de novo? Todo dia vou ter que dizer isso?” Começa a bagunça da troca de lugar. Barulho, cadeiras arrastando, classes. Às 13h37min a professora confere o espelho de classe. Os alunos dificultam, demorando a se ajeitar. Há muito barulho enquanto a professora confere o espelho. Depois, a professora diz: “Agora eu vou explicar o conteúdo.”. Os alunos: “Mas e as perguntas?”. “Isso não é para agora, era só para vocês não ficarem sem fazer nada.”. Os alunos conversam, tenho dificuldade em ouvir a professora. Página cento e vinte e seis do livro didático. O mesmo aluno que sempre responde, responde ao que a professora pergunta. Faz perguntas. A professora desenha uma árvore no quadro. Vai questionando os alunos, mas poucos interagem. Sempre há vozes competindo com a voz da professora. O dia está mais agradável em relação aos últimos dias frios e úmidos. O sol, embora

tímido, aumenta um pouco a sensação térmica. A sala cheirava mal quando entrei. Abri as janelas e as cortinas para que entrassem ar e luz. As janelas são basculantes, logo o efeito não é muito satisfatório. Os pirulitos, balas e chicletes circulam, como sempre. Duas alunas começam a gargalhar. A professora chama atenção. Está na página cento e vinte e nove. Uma aluna faz um comentário sobre o esmalte da professora. A professora fixa-se nos que fazem perguntas e interagem, respondem. Quando bate para o segundo período, o barulho gradativamente vai aumentando. A aluna que senta na minha frente está falando no celular, deitada em cima da classe, contra a parede. Escuto mais a ela do que à professora. A professora não vê ou finge que não vê. Um aluno de um lado da sala grita para outra, bem alto: “Fulana, tem pirulito?”. Outra, levanta, dirige-se à classe da mesma para pegar o pirulito. A professora segue falando. Às 14h a professora reclama que quanto mais ela aumenta o tom de voz, mais alto eles falam. Quando a professora chega nas trepadeiras, os alunos se agitam. Uma aluna grita: “Tô com friiii!”. Às 14h07min a professora passa as perguntas que a substituta estava ditando, a partir da número seis. Passa até a questão treze. Às 14h17min inicia a chamada. Tão logo começa a chamar a turma errada, um grito estridente ecoa pela sala. A professora pede que o aluno se controle e segue sentada. Uma aluna gargalha, a professora pergunta: “Onde tu está, fulana?” “Tô na treze”, responde a aluna. “Não, onde tu tá de lugar?”, diz a professora. “Tô rindo do fulano!”. “Tu não sabe rir?”, pergunta a professora. “Eu rio do jeito que eu quiser.”. “Vai aprender, então.”, tenta encerrar a professora. “Era só o que me faltava, eu vou rir do jeito que eu quiser.”, continua a aluna, em tom mais baixo para que talvez a professora não ouça. Alguns alunos circulam, voam aviões de papel, todos se sentam e assim segue. Bate. A professora diz que terminarão terça-feira. Duas alunas recolhem os livros didáticos. Uns voam. [Não é a primeira vez que observo a falta de cuidado com o material.] A professora dá tchau, apenas um aluno responde, porque os demais estão reunidos, conversando, outros saem da sala, outros pegam os celulares. A sala praticamente esvazia.

Terceiro período, Português. À medida que o tempo passa, a sala vai ficando mais vazia. Às 14h45min, a professora entra, dá boa tarde, mas a maioria dos alunos está fora da sala. Um aluno grita: “Vem pegar os livros!”, abanando uma série de livros na mão. Eles mudam de lugar novamente. Há muito barulho. Uma aluna grita agudo e insistentemente. Às 14h47min a professora solicita que peguem os cadernos e coloquem a data. Começa a ditar: “Leitura do texto...”. Para e se irrita. “Assim não dá.”. Segue: “Leitura do texto “Trabalho infantil continua a desafiar a América Latina.”. Ouço uma música. A professora diz: “Na próxima linha: Folha de São Paulo, julho de 2002.”. A professora diz que fará duas combinações: quer olhar os cadernos, diz que vai olhar amanhã e discutirá. Segundo: os professores estão cobrando a questão do espelho, então diz: “Vamos usar dois minutos para serem honestos.”. Eles trocam de lugar novamente, voltando para o espelho de classe. Inicia, então, a distribuição dos textos. A professora de cara questiona o que é América Latina e aparecem: Estados Unidos, Japão, México, etc. A professora diz que combinou com o professor de geografia e que ele trabalhará esse conteúdo com eles. Ela para no quarto parágrafo e faz perguntas orais. Arrumaram a

porta da sala. Os alunos estão em silêncio. Uma aluna pergunta: “Professora, se o mês tem trinta dias e ele (relatado na notícia) ganha dez reais por dia, não são trezentos reais no mês?” A professora ficou sem ter o que dizer. Então, questiona-se: “O que será que fiz errado?”. O cálculo da professora foi: “dez reais por dia, sete dias por semana, setenta reais, quatro semanas = duzentos e oitenta reais. Um aluno pergunta por que elas (referidas no texto) engravidavam tão cedo? A professora os deixa falar. “Meu irmão tem dezesseis anos e vai ser pai de gêmeas.”. “Minha irmã teve com quatorze.”. “Minha tia com nove anos.”. Eles se agitam, querem falar. A professora diz: “Deu.” E segue a leitura, mas já não tem mais a mesma concentração. Promete que trará um texto sobre gravidez na adolescência para ser trabalhado. Não consegue mais a concentração do início. Conclui a leitura com dificuldade. A professora pergunta se eles têm informação sobre exploração do trabalho infantil. Bate. Uns levantam, a professora manda eles sentarem. Eles avisam que bateu e saem, deixando a professora segurando os livros com a frase pela metade.

Terceiro e quarto períodos, Matemática. Às 15h52 ainda entravam alunos. 15h53min a professora dá boa tarde, mas eles seguem como se estivessem no recreio. A professora os lembra do trabalho que devem entregar hoje. Não são todos. Alguns que chegaram atrasados ontem. A professora relembra a data da prova, dia vinte e um de agosto. Anuncia a revisão. Os alunos conversam o tempo todo. Às 15h56min, a professora os manda para o espelho de classe. Mais uma vez, trocam de lugar. Enquanto isso, a professora inicia a correção dos exercícios da outra aula. Os alunos estão mais calmos. Termina a correção e senta-se para fazer a chamada. Passa mais matéria. Deixa-os copiar. Bate para o último período, a professora se assusta como passou rápido. Uma aluna cospe pedaços minúsculos de papel por uma caneta, utilizada como canudo. Uma aluna se incomoda, a professora intervém, falando sobre as bactérias e germes presentes na boca. Explica o conteúdo que está no quadro, na sequência. A professora tenta apagar o quadro, os alunos reclamam, ela para e sai da sala. São 16h36min. Não sei por que saiu. Às 16h38min voltou. Apaga o quadro. [Até tentei convencer a aluna que está cuspidando folha de caderno a parar, mas não consegui.] Às 16h52min a sala parecia mais uma vez no recreio. Uma discussão muito grande se iniciou por causa das bolinhas cuspidas. A professora tenta falar com a aluna, mas ela é agressiva e grita, mesmo a professora falando baixo e calmamente. A professora diz: “Tu não está na fase oral, tira isso da boca, é nojentto!”. “Lá em casa eu boto outra coisa na boca.”. “Tu fez alguma coisa na aula hoje?”. “Eu fiz.”. “Eu espero que tu vá muito bem na prova quarta.”. “Eu vou.”. A professora então chama o primeiro aluno para responder à questão número um. Não em vão, um aluno que estava circulando. O aluno vai, mas são os colegas que dizem o que ele deve escrever. Há uma gritaria muito forte. Às 17h06min os alunos pedem para guardar o material. A professora parou de corrigir, sentou-se, mas parece que eles nem perceberam. Há gritos, risadas, muita conversa. Ou eles realmente não se importam que haja correção. Os alunos já estão com os materiais guardados, dirigem-se à porta, começam a pressionar. Às 17h08 são liberados.

Cena 21: Primeiro e segundo períodos, Português. Tão logo entro na sala após o sinal, uma aluna vem me avisar que a turma mudará de sala, em função de um aluno da oitava série ter quebrado o pé. As salas de aula das oitavas séries são no andar superior do prédio da escola. A função demora e às 13h20min, a professora dirige-se à turma, solicitando que formem grupos de quatro alunos. Os alunos organizam-se nos grupos e a professora coloca a data no quadro, seguida da orientação: confecção de jogo da memória. Uma aluna é enviada para buscar cartolinas. Quando volta, a professora diz que não é suficiente. A aluna pede que a professora solicite a outro aluno que busque mais cartolinas. Outra aluna traz canetinhas, giz de cera, cola, tesoura, etc. Às 13h28min a professora inicia a explicação da atividade: entrega folhas com frases e a classificação dos advérbios/adjuntos adverbiais. A primeira tarefa é apenas recortar e colar na cartolina. As salas do andar superior são mais novas, estão mais conservadas. As janelas são basculantes como as do andar de baixo. As cortinas estão fechadas, o que impede a entrada da luz natural. A sala é mais larga do que comprida. O dia está lindo, há muito sol e a temperatura está agradável, mas dentro da sala está nublado e frio. Às 13h34min a professora começa a olhar os cadernos, enquanto confeccionam os jogos. Os cadernos são vistos só de quem quer. Não é obrigatório. Os alunos trabalham tranquilos. Às 13h44min a professora faz a chamada. Há dezenove alunos presentes hoje. A professora segue sentada em seu lugar. Às 13h50min a professora começa a circular pelos grupos e ver como estão os trabalhos. Às 14h02 a professora passa nos grupos para ensiná-los a jogar. Às 14h15min há alunos circulando, alguns desenham no quadro. A professora até solicita que voltem dos lugares, mas é ignorada. Às 14h19min entra uma professora para avisá-los de que amanhã eles sairão mais cedo, em função de uma reunião extra, solicitada pelos professores. Às 14h22min a professora dirige-se à turma toda, perguntando se alguém já estudou advérbios. A professora tenta explicar, mas o grupo que está na minha frente conversa, indiferentes ao que a professora diz. Alguns participam, dando respostas. O grupo no lado oposto da sala também conversa indiferente. As cortinas estão voando e a claridade do dia entra, o que eu acho energizante. Um aluno próximo a mim, de costas para a professora, batuca na classe. Às 14h28min a professora para de falar. Orienta os alunos a arrumarem as classes. O barulho é ensurdecedor, mas dura pouco. Pobre dos alunos do andar de baixo. Dois alunos se empurram. Muito barulho, uma cadeira cai. Um sobe na classe para olhar pela janela. A professora solicita que eles voltem para os lugares do espelho. Tenho que trocar de lugar também, em função disso. Passo para o lado oposto ao professor. A professora segue sentada, repete duas vezes que olhará os cadernos quinta. Após a bagunça da troca de lugares, os alunos ficam tranquilos, conversando em seus lugares. Aproveito que mudei de lado, abro as cortinas e deixo o sol entrar. São 14h38min, todos aguardam o sinal, até que ele bate. Antes que a professora se retire os alunos abrem a porta, circulam, saem.

Quarto e quinto períodos, História. São 15h49min, quando todos entram na sala e a aula inicia. O professor não fala, apenas escreve no quadro o que eles devem fazer. Duas charges. Uma sobre absolutismo e outra sobre mercantilismo. Dois alunos buscam os livros didáticos. Depois o professor

fala. Os alunos perguntam o que é. Um aluno diz história em quadrinho e o professor diz: muito bom! “No jornal não tem aquela parte das histórias em quadrinhos?”, pergunta se entenderam. Pede para um aluno buscar folha e material para colorir. O professor distribui as folhas. “Professor, posso inventar uma história?” O professor responde: “É para inventar uma história.”. Dois alunos correm dentro da sala. O professor leva um deles para fora da sala. Voltam menos de um minuto. [Sinto muito, muito sono.] O professor circulou entre os alunos, orientando-os. Às 16h50min passeavam, já conversavam alto, a concentração já tinha reduzido significativamente. Muitos já terminaram. O professor passa para olhar. Às 17h06min os alunos já estão com todo o material fechado, esperando para serem liberados. É difícil conseguir atenção de todos. Segunda revisão. Sexta, prova. Bagunça. Saem.

Cena 22: Segundo período, Geografia. Tão logo bate o sinal, entro na sala. O professor chega às 14h, senta-se em seu lugar. Os alunos circulam, conversam. A agitação maior é em função de uma sacola no fundo da sala (que não é deles) com fotos de alunos, de algum projeto antigo. Eles pegam as fotos, se reconhecem nelas, recortam, riem. Às 14h05min, o professor dirige-se à turma, falando que a sala nova deixa-os mais dispersos, em função do tamanho. Dois alunos foram buscar os livros didáticos. Enquanto isso, uma aluna entrega uma folha xerocada com um texto sobre a origem das favelas, retirado de um livro didático, sem referência. Após a distribuição das folhas, o professor vai ao quadro marcar a prova. Marca para a sexta-feira da próxima semana e os alunos reclamam, porque há outra prova no dia. Coloca os três conteúdos no quadro e avisa que cairão todos os conteúdos vistos até o dia da prova. O primeiro conteúdo é IDH e uma série de alunos pergunta o que significa. Às 14h13min o professor diz que há três perguntas para serem corrigidas, pede para abrirem o livro na página cinquenta e dois. Quando começa, uma cola voa no professor. O professor irrita-se, fecha o livro, o atira sobre a mesa e discursa sobre a dificuldade de dar aula. Não é o primeiro que ouço. “Sou pago para dar aula, e não para fazer tudo que o professor tem que fazer.”. “Vocês não sabem se governar.”. “Eu estou há vinte minutos tentando começar a aula.”. Nem com toda a raiva do professor, a turma silencia. Muitos riem. Às 14h18min retoma, chamando um aluno para ler a primeira pergunta. “O problema do professor ninguém resolve, eu tenho que resolver o problema de todos vocês. Eu não vou fazer isso, eu não posso fazer isso!”. Ameniza o clima, aos poucos, o professor se solta, alguns participam, fazem perguntas. O professor irrita-se novamente, quando uma aluna pede que ele pare de compará-los ao outro sétimo ano. Há outra discussão, o professor senta-se irritado e os manda responderem sozinhos. O professor estressou-se porque os alunos interpretaram uma fala dele como os menosprezando em relação aos alunos do outro sétimo ano. O professor, suspira, fala sobre a dificuldade em lidar com os seres humanos. Dois alunos comentam atrás de mim que o professor é estressado. Às 14h30min, o professor levanta-se e retira-se da sala, abrindo a porta com rispidez. A maioria dos alunos mantém-se da mesma forma. Duas saem da sala. Uma diz que eles estão certos, porque acham que o professor não tem direito de compará-los à outra turma. As duas alunas que saíram, voltam correndo e 14h34min o professor retorna, senta-se em seu lugar. Dois alunos dirigem-

se à mesa do professor para fazer perguntas. Bate. Os alunos já circulam, conversam. Antes de sair, avisa que a matéria foi dada e que ele não falará mais sobre isso. Sai da sala sem despedir-se e muitos alunos nem o veem sair.

Terceiro período, Cultura Religiosa. O professor entra às 14h43min, dá boa tarde, me cumprimenta (o que poucos fazem). Fala com alguns alunos, devolve trabalhos entregues em outra aula. Uma aluna tenta convencer o professor de que não estava em aula no dia do trabalho e é desmentida por colegas. Escreve a data e a disciplina no quadro e dá boa tarde novamente. Lembra que a última aula foi dia 06/08, pega a chamada e fala o nome dos que estavam ausentes no dia e que tinham até hoje para a entrega. Na sequência, faz a chamada. Em seguida entrega folhas A4 coloridas por duplas. O professor pergunta se sabem o que é um documentário. Eu mal ouço o professor, porque há conversas paralelas. Não consigo entender se o documentário vai ser hoje ou não. Semana que vem. Os alunos também entenderam que seria hoje. Inicia a explicação sobre o que vão fazer hoje: uma charge sobre o meio ambiente. Os alunos: “De novo? Já fizemos isso ontem.”. O professor sugere, no quadro, assuntos dentro do meio ambiente. Há dois alunos em pé, no lado oposto da sala, batendo papo com outros colegas. Há quatro sugestões. Ouço um aluno: “Eu nem sei o que é charge, e toda hora estão pedindo.”. O professor explica cada um dos termos, mas sempre há muita gente falando junto. Uma aluna: “Quantos quadrados eu boto?”. “A teu critério.”, responde o professor. Junto à charge a dupla deve escrever um pequeno texto. O professor avisa que deve ser entregue às 15h15min. São 15h. Enquanto fazem, o professor circula. Bate, não dá tempo de terminar. Fica para a próxima semana.

Cena 23: Primeiro e segundo períodos, Matemática. Às 13h21min, a professora dirige-se à turma. Antes, estavam arrumando as classes para a prova. Sentados individualmente. Antes de entrar na sala, já reclamaram e alegaram não terem estudado. A professora disponibiliza quarenta minutos para que estudem. Senta-se em seu lugar. Um aluno sai, volta, outros vão à mesa da professora. Alguns abrem o caderno, mas pela conversa não podem estar estudando para a prova. A maioria, na verdade, não está estudando. Alguns fazem perguntas para a professora. Uma aluna na minha frente está falando no telefone agachada. A professora não vê. Às 13h45min, a professora manda guardar o material para o início da prova. A professora explica que o MMC tem que aparecer. Ordena que peguem uma folha para rascunho. Muitos alunos perguntam o que é para fazer. Alguns dizem que não sabem fazer. Outros dizem que colocarão apenas o nome. Às 14h08 min, a professora de artes entra para ficar com a turma, enquanto a professora de Matemática vai atender uma mãe. A conversa começa, muitos alunos tentam perguntar as respostas. Conversam, perguntam. Há uma agitação. Começam a entregar, conforme terminam. Às 14h22min, a situação já está fora de controle: conversam, circulam. Às 14h26min voam aviões, folhas de rascunho estão no chão, a professora tem dificuldade em dirigir-se à turma. Os celulares já estão ligados e as músicas se misturam. Alguns se agriem, uma aluna tenta olhar as provas deixadas em sala e outra a alerta da minha presença, o que a

inibe. A professora diz que vai buscar o material já que é ela mesma que continuará com eles. Bagunça total. Gritos, muitos gritos. A professora de matemática volta antes que a de artes retorne. Um aluno volta com os materiais de artes. A professora solicita que sentem porque ainda não bateu para o terceiro período. A professora precisa gritar para que os alunos se deem conta de que a professora quer falar. Está bem problemático. A voz da professora está inaudível em tanto barulho. A professora pergunta: “Fizeram a prova e ficaram loucos?”. Nisso, a professora de artes entra. A turma ignora a professora de matemática que se retira sem que seja percebida. Os alunos já rodeiam a professora de artes e custam a se acalmar.

Terceiro período, Arte Educação. Às 14h34min, a professora aguarda diante da turma com os braços cruzados até que eles silenciam. A professora fala sobre a questão dos gritos e diz que vai primeiro explicar todo o trabalho. Mas ela não consegue explicar o trabalho sem ser interrompida. A atividade consiste em pintar uma folha A4 inteira com tinta e depois fazer um desenho com o dedo para depois deixar secar. Antes de terminar, a orientadora vem chamar a professora. Logo, os alunos cercam a mesa da professora. Uma aluna distribui os pincéis, outra as folhas A4. A professora usa copinhos de acrílico para colocar as cores que os alunos desejam. Bastante agitação. A concentração e o silêncio tão logo começam a pintar é impressionante. A professora saiu da sala, trabalham sozinhos. Tive que ajudá-los. Muitos não conseguiram realizar a atividade. Muitos jogaram fora suas folhas e tiveram que fazer de novo. São 15h01min quando a professora volta. As classes estão sujas de tinta. A professora solicita que alguns alunos ajudem na limpeza.

Cena 24: Primeiro e segundo períodos, Ciências. São 13h14min quando a professora tenta dirigir-se à turma. Dois estão em pé. Muitos conversam. Há dezenove alunos em sala de aula. A professora solicita que eles abram os cadernos. Fala sobre o que estudaram na última aula. Às 13h21min ainda há alunos entrando em sala. Uma menina chega, enquanto a professora tenta falar e inicia uma discussão com outra colega por causa do lugar em que quer sentar. Às 13h23min a professora confere o espelho e os coloca no lugar. Há barulho, mas no espelho a conversa diminui. Então, a professora avisa que está sem voz e um telefone celular toca. A dona do celular, mediante solicitação da professora para que guarde, diz não ter sido o dela. A professora pede que abram os cadernos e terminem de responder as treze questões da última aula. Página cento e vinte e seis do livro didático. A professora circula, fazendo os que não têm as perguntas copiarem e auxiliando os demais a responder. Às 13h32min, a professora pede licença para atender alguns alunos e solicita que sigam fazendo as atividades, mas tão logo sai, alguns alunos começam a espiar e rir alto, mas não entendi nem do que nem por quê. Duas estão em pé, uma do outro lado da sala conta animadamente, em pé, uma história que pelo que consigo entender é de uma briga, representa no ar, chutes e socos e ouço palavras. As da volta prestam atenção compenetradas. Alguns mexem nos celulares. As da minha frente conversam. Às 13h43min a professora entra, pega um caderno e diz: “Só um pouquinho” e sai. Nisso, a sala já está parecendo uma festa. A professora volta e pergunta qual o problema. Aos poucos

vão se reorganizando, mas três correm, jogam aviõezinhos, papeizinhos no ventilador. Às 14h05min, a turma parece menos agitada, mas há muita conversa e alunos circulando. Às 14h32min, quando bate, a sala está uma bagunça. A professora sai e ficam treze alunos em sala. Mais uns segundos e há sete alunos em sala. Chegaram a ficar somente cinco.

Terceiro período, Português. São 14h59min e todos os alunos praticamente estão fora da sala. Duas escutam música no celular. Uma, com terçol, visivelmente constrangida por isso, fica deitada na classe. Duas quietinhas, que sofrem bullying todos os dias, seguem sentadas em seus lugares. Uma aluna vem da rua e diz que a diretora mandou todo mundo sair. [Como é uma aluna que mente muito, não tenho certeza se é verdade.] Há alguns alunos no pátio, aos quais os alunos do 7ºA se juntam. Alguns estão jogando futebol, outros jogam vôlei, outros circulam, conversam pelo pátio. As duas quietinhas da sala também descem. De onde os observo agora – parapeito do andar superior – tenho a vista da quadra, identifico um menino, maquiado, cabelos na altura dos ombros, brincos, jeans justos, botas de cano alto. Uns alunos acabam de me dizer que o travesti que estou enxergando é “professor” do *Mais Educação*. [Estou chocada.] Durante o tempo em que a observei, ela encostou nos alunos diversas vezes, gritou histericamente, deu chutes no ar. Quando dirijo-me à sala dos professores pergunto a uma professora que desce comigo e antes que eu complete a pergunta, que tive receio de fazer, ela confirma que a pessoa é “professora” do Mais Educação.

Quarto e quinto períodos, Matemática. São 15h53min e a aula começa. A líder da turma havia sido chamada e a entregaram as cópias das atividades que a professora de Português havia deixado para que eles fizessem no terceiro período, em que ficaram passeando pelo pátio. Distribui as folhas e a professora inicia a aula dizendo que vai entregar a prova, que a recuperação será semana que vem e às 15h57min entram oito alunos, com autorização da diretora, depois da professora ter sugerido que eles se juntassem no máximo em três para resolver as questões da prova. Quatro dos que entraram atrasados são mandados para o refeitório por estarem comendo maçã. Saem tranquilos achando até bom. São 16h03min quando eles começam a arrastar as classes para se ajeitarem nos grupos. As duas meninas da minha frente não param de conversar. A professora chama atenção e uma das alunas – que não fez a prova – discute com a professora, alegando que ela não pode afirmar que a colega sabe mais do que ela. Depois da discussão, recebe uma prova em branco e passa a trabalhar. A professora circula pela sala, ensinando e auxiliando os grupos.

Cena 25: Primeiro período, Língua Portuguesa. Hoje descobro, na sala dos professores, que a professora de Português está em formação pela SMED. Por isso não veio ontem e também não veio hoje. A vice-diretora me pediu para abrir a sala, colocá-los para dentro da sala e pedir para que deixassem os materiais na sala de aula e descesse com eles para o Ambiente Informatizado. Fiz o que me foi pedido, quando cheguei ao Ambiente Informatizado já havia uma turma lá. Organizei-os e resolvi me retirar, porque a professora de Arte Educação resolveu colocar três turmas juntas para assistir o filme: “Minha mãe é uma peça.”

Segundo período, Arte Educação. Seguiram assistindo ao filme no Ambiente Informatizado.

Terceiro período, Geografia. O filme terminou por volta das 14h45min. Às 14h58min todos estavam de volta à sala de aula. Está muito frio, chove. Tão logo se acomodam o professor inicia a chamada sentado em seu lugar. Uma aluna distribui uma folha para cada aluno, que deve ser colada no caderno para responder as questões que o professor passará no quadro. O professor avisa que o que vai ser colocado no quadro deve ser copiado direto numa folha para entregar. É um trabalho. Uma aluna pergunta se precisa capa e o professor diz que ela escolhe. O professor faz no quadro igual como eles devem fazer na folha: “Nome, turma, etc.”. Começa a escrever as perguntas e os orienta a copiar uma embaixo da outra. O texto que deve ser colado no caderno fala sobre IDH e traz um quadro com o ranking das taxas de crescimento do IDH entre as capitais do Brasil. Os alunos estão tão calmos que dá para ouvir a professora da sala ao lado falar. Mal se ouve burburinhos. Todos copiam. O professor termina de passar às 15h12min. Orienta os alunos a deixarem tudo copiado para responderem no último período. Os alunos comentam que a turma está em silêncio. O professor concorda e agradece. Os alunos atribuem ao filme. O professor explica como é para fazer o último. Como não está todo mundo concentrado, decide deixar para depois. Bate para o recreio.

Quarto período, História. São 15h46min quando o professor dirige-se à turma, perguntando quem vai entregar o trabalho da charge. Muitos dizem que não estavam na aula. O professor pede que abram o caderno. Escreve no quadro Mercantilismo e coloca tópicos. Uma aluna pergunta se é para copiar, o professor diz que é só para prestar atenção. O que ele escreve no quadro os alunos já têm no caderno. Anuncia que trabalhará colonialismo. Escreve no quadro e solicita que os alunos copiem. Depois que escreve pede para uma aluna ler, nega-se. Outra se oferece e faz a leitura. O professor inicia a exposição sobre o colonialismo. O professor para as frases e os alunos completam. Um aluno foi enviado para buscar o mapa mundi. Enquanto os alunos terminam de copiar, o professor faz a chamada. [Hoje ganhei meu primeiro beijo de uma aluna no início da aula.] O professor pendura o mapa diante da turma. Os alunos já estão um pouco mais agitados. O professor chama uma aluna para pendurar o mapa mundi e a turma acha graça. Gera um tumulto. A própria aluna se espanta. Há uma discussão quando um aluno solicita silêncio. Um xinga o outro. Depois de um tempo, eles autorizam o professor a falar. O professor deu uma explicação e escreve mais um pouco. Uma aluna vira para trás e pergunta se virei semana que vem. Uma aluna do outro lado da sala ouve e a turma toda pergunta: “Quem? Quem? ”. Sorte que não demora a passar. Tão logo o professor para de escrever, começa a falar. Isso é um problema porque alguns ainda estão copiando. Um aluno pergunta como é feita a bússola. O professor explica e diz que vai pedir para o professor de Geografia explicar melhor. Bate. O professor retira-se com alguns alunos já do lado de fora. Isso é normal. Bate e os alunos saem ignorando a presença do professor.

Quinto período, Geografia. O professor chega, eles estão um pouco agitados, mas logo de acalmam. O professor consegue explicar. O professor passa nas classes para auxiliar. Eles perguntam, concentram-se, ajudam-se.

Cena 26: Primeiro e segundo períodos, Português. Bate. Há três professores para entrar em sala de aula. A vice-diretora me pede para abrir a porta, colocá-los para dentro. Faço isso e às 13h18min, a professora chega. Explica a ausência na semana passada, mas não tem atenção da turma. Ninguém pergunta curso de que ele estava fazendo. A professora pergunta se eles receberam o exercício e alguns já começam a justificar por que não fizeram. A professora distribui as atividades para quem não estava ou diz que não estava. Às 13h24min ela afirma que o tempo é para que eles terminem a atividade. O quadro está escrito com a aula de sexta à tarde, último período. Os alunos parecem estar trabalhando, embora conversem. Às 13h27min, enquanto os alunos fazem as atividades, a professora faz a chamada. Depois da chamada a professora solicita algo a duas alunas que saem da sala. Na sequência pergunta se é possível corrigir. Um aluno avisa que está respondendo ainda. Ela espera. Às 13h44min a professora inicia a correção, chamando os alunos para ler o texto. Alguns se manifestam, demonstrando interesse em fazer a leitura do texto em voz alta. A professora divide os parágrafos do texto entre três alunos. Alguns acompanham a leitura, outros conversam, indiferentes à leitura. Ao término da leitura, a professora pergunta quem concorda com o texto. Alguns seguem conversando. A professora fala sobre como eram os celulares. Às 13h54min a professora precisa pedir para que parem de conversar. Às 14h08min a concentração da turma é quase zero. Eles estão dispersos; alguns já largaram a atividade, outros estão impacientes. Há alguém cantando. A professora começa a solicitar frequentemente que parem de conversar. Às 14h21min, a correção termina e a professora sai para ir à biblioteca e diz que eles podem conversar sobre a gincana. Três alunos vão para frente da sala e ficam conversando. Uma ou duas alunas saem da sala. Uma aluna diante da turma diz que porque ganharam a gincana, vão ver um filme. Quem não ajudou não vai nem escolher. Gera uma polêmica, obviamente, então vão para o quadro tentar uma votação. Alguns estão fora da sala, há celulares tocando música, uma bagunça. Às 14h28min a professora volta e pergunta se terminaram. [Na verdade, nem começaram.] A professora volta com uma série de livros. [Três filmes da lista dos alunos estão no cinema, o que obviamente significa que há dvd's piratas na escola.] Decidem rapidinho, embora a professora tenha dito que não. A professora pede que eles escolham um livrinho para ler nos últimos minutos da aula. Levantam-se, reúnem-se em torno da mesa em que foram largados os livros, escolhem e sentam-se. Às 14h34min ainda estão conversando alto, então a professora dirige-se a todos e diz que é necessário o silêncio para realizar a leitura. A turma silencia, mas muitos não leem.

Quarto e quinto períodos, História. Às 15h46min, o professor dirige-se à turma: questionário de revisão para a prova. Vai ao quadro passar as questões. “Fulana, presta atenção!”. “Não tô fazendo nada, sor!”. “Então presta atenção!”. Os alunos dizem que ele é chato. Ao terminar de passar as treze

questões do questionário, faz a chamada, às 16h07min. Os alunos copiam, conversam um pouco. Está muito frio. No final das questões, passa os conteúdos da prova da semana que vem. O professor sai da sala. Volta às 16h17min e pergunta se todos terminaram. Acontece que a maioria não estava nem fazendo. Às 16h45min o professor diz que eles deverão entregar as respostas para o professor sexta-feira, porque há alunos brincando. Ele diz que essa entrega ajudará na nota da prova. Segue passando nas classes para ajudar e verificar, mas mesmo assim sempre há muita conversa. Às 17h08min começa uma agitação maior. Alguns alunos já estão com o material guardado, aguardando o sinal. Às 17h09min dirige-se à turma, avisando que só liberará se estiverem todos sentados. Estão todos sentados e então o professor faz um gesto com a mão e a *manada* sai.

Cena 27: Segundo período, Ciências. Tão logo entramos, dois alunos saem para buscar os livros didáticos e a professora, numa rápida circulada, solicita que juntem os papéis de bala e sentem nos seus lugares do espelho, inicia a chamada. Às 14h01min os livros didáticos já estavam sendo distribuídos por duplas. A professora anuncia que entrarão no reino dos animais. Página cento e cinquenta e dois do livro didático. Há muita conversa que, aos poucos, vai diminuindo. Página cento e cinquenta e quatro. “Quem são os poríferos?”. Os alunos conversam, até que uma responde: “As esponjas.”. Hoje há reunião pedagógica, então os alunos assistirão apenas os três primeiros períodos, dos quais assisto só esse. O terceiro é inglês. A professora desenha no quadro um porífero para indicar as partes. A professora chama um aluno para ler um parágrafo que define os poríferos, que sistematiza o que a professora acaba de explicar. Às 14h13min a professora inicia a explicação sobre cnidários. As meninas da minha frente conversam e mexem no celular, comem balas, etc. A professora esforça-se para falar mais alto que os alunos. A professora parece ignorá-las. Alguns fazem muitas perguntas. Chama um aluno para ler. Muitos alunos com fones de ouvido. Há pouquíssimos alunos acompanhando o que a professora fala. Às 14h25min a professora para de falar, pede para os alunos irem para a página cento e sessenta e um e que façam o número seis dos exercícios do livro. Na sequência, pergunta quem ficou de mostrar o caderno. Pede que copiem a questão no caderno e resolvam. Às 14h37min os livros são recolhidos. A professora sai da sala, antes de bater o sinal.

Cena 28: Conferência para o projeto de sustentabilidade. Às 14h para alunos e comunidade em geral, no refeitório da escola. Sem aula.

Cena 29: Primeiro e segundo períodos, Ciências. A professora chega correndo, quando já bateu o primeiro sinal. No caminho, alguns alunos já vão buscar os livros didáticos. Tão logo a professora entra, solicita que um aluno vá buscar giz. Assim, as coisas vão se ajeitando. Às 13h20min a professora anuncia a chamada, mas sai para atender alguém na porta. Retorna em menos de um minuto e inicia a chamada com muito barulho. No terceiro nome entram mais dois alunos. No décimo nome mais ou menos fala que é para sentarem nos seus lugares do espelho. Segue a chamada. Há muito barulho, muita conversa. As classes e cadeiras são arrastadas para que eles sentem nos seus lugares. Ao terminar a chamada, a professora confere o espelho de classe, certificando-se de que todos

estejam nos seus lugares. Às 13h24min a professora pergunta se todos estão com os livros. A professora os organiza de modo que cada dupla fique com um livro. Retoma a última aula, falando sobre o reino animal. Alguns alunos colaboram, respondendo o que a professora pergunta. Desenha um porífero novamente e retoma no quadro as partes, como na última aula. A turma silencia. Às 13h34min a professora para de falar e começa a passar um questionário no quadro. Às 13h44min a professora para de escrever no quadro porque chega no número dez. Senta e começa a dizer quem precisa mostrar o caderno. Chama atenção de quem não mostrou o caderno nenhuma vez. Gera um pequeno tumulto. Silencia. Uma aluna pergunta se o que eles estão fazendo hoje também vale, também vai ter que mostrar. A professora diz que sim, mas que é para o terceiro trimestre. Por volta de 13h49min os alunos começam a concluir a cópia. Nem todos trabalham, embora a sala esteja tranquila. [Todos os dias em que estive aqui emprestei meus materiais. Hoje não foi diferente: todas as minhas canetas e meus lápis foram emprestados.] Às 14h01min batem na porta pedindo os livros didáticos. A professora avisa que só há doze livros e que estão sendo usados. Às 14h11min a professora avisa que se alguém tem alguma dúvida deverá perguntar. Às 14h17min muitos alunos circundam a mesa da professora, fazendo com que outros mexam nos celulares, levantem, circulam, etc. Na sequência, todos sentam e a professora circula para verificar quem está fazendo. Às 14h27min eles estão visivelmente mais agitados. Uma menina corre atrás de um menino. A professora pede que parem e não adianta. Muitos circulam. Conversam alto. Uma sai da sala. Estão dispersos, só não sei por que concluíram a atividade ou se porque pararam mesmo. A professora está indiferente ao comportamento deles, embora um menino e uma menina estejam atrás da professora grudados na parede. Às 14h33min dois alunos recolhem os livros e saem. A professora solicita que todos sentem e aguardem o sinal. Dois desenham no quadro. Todos aguardam o sinal. Alguns já saíram do espelho, mesmo com a professora em sala de aula. Um aluno apaga as luzes e liga os ventiladores. Tem que buscar meia dúzia de alunos que saem da sala. Dá tchau. Ninguém responde. Sai e em seguida a sala esvazia. Eles fazem recreio a cada troca de períodos. Fico eu e mais dez alunos na sala. Os celulares saem das mochilas. Um volta correndo, puxa a grade da porta, impede que os outros entrem, solta o portão. Toca música num celular. A demora faz com que mais alunos saiam da sala.

Terceiro período, Português. São 14h43min quando a professora entra. Aos poucos, depois dela, vão entrando os demais. A professora trouxe os livros de novo. “Boa tarde, vamos sentar!”. São 14h45min. A professora inicia falando sobre a conferência da sustentabilidade de ontem e questiona sobre a oficina a que assistiram. Dois homens estraram na sala para olhar os vidros quebrados. A professora continua a aula, ignorando-os. Enquanto a professora fala, uma aluna levanta, atravessa a sala para falar com outra. A professora segue. Pergunta se eles gostaram da oficina. Os alunos respondem que sim. A professora conta a respeito da oficina que ela assistiu. Ela fala sobre a viagem para Brasília. Os alunos ficam encantados com esta possibilidade. Só que é um aluno por escola. A professora tenta mostrar para os alunos que o projeto é mais importante do que a viagem. “Vamos

escutar, meu!” – diz um aluno. Há sempre alguém falando junto. A professora conta que aprendeu ontem que embalagem de salgadinho e bolacha recheada e embalagem de lasanha congelada não são recicláveis. Conta que espelho não é reciclável. Comenta sobre embalagens grandes e conteúdos pequenos. A professora fala sobre alimentação saudável. Alguns alunos reagem negativamente, alegando ser bobagem. Os alunos não falam com a professora. Falam ente si. Não sei se sobre o assunto ou outro. A professora segue falando, falando, os incentiva a falar para outras pessoas. Muitos conversam junto, um aluno simula uma bateria com canetas e caderno. Às 15h01min a professora libera para que peguem os livros de poesia que trouxe para a aula: “Como na última aula foi só dez minutinhos, trouxe livros de poesia.”. Sugere que leiam no final da aula. Eu entendi que ela quis dizer ler em voz alta no final da aula, compartilhar, mas ela não disse. Senta e inicia a chamada. Os alunos conversam. Batem na porta. É um aluno da turma fingindo. Aos pouquinhos vão se concentrando e dedicando-se à leitura. Alguns alunos desenharam no quadro e a professora tem dificuldade de fazê-los sentar. Um aluno atira um giz em outro. Quatro alunos seguem em pé ao lado da caixa de livros, supostamente ainda escolhendo. A professora senta e grita: “Assim não dá! Vocês tem que aprender a respeitar o espaço do colega. Um aluno, imitando a professora: “Assim não dá, assim não dá!”. Diminui o barulho, mas tem gente que segue sem ler. A professora está lendo e dois seguem fazendo guerra de giz e luta com os livros como espada. Às 15h10min, tão logo silencia a professora chama para que alguém leia em voz alta. A primeira aluna lê. Um segundo aluno pede para ler. A professora diz: “Que bonitinho esse poeminha! Esse é o mais infantil!”. A professora pede para ler um poema que ela escolheu. Tenho certeza de que os alunos não entenderam nada. Eu não entendi. Um outro aluno pede para ler. Fica nervoso, atropela, a professora o incentiva, mas o aluno desiste. Uma aluna lê um sobre segredos de amor. Mais um aluno lê. “Vocês se deram conta de que esses textinhos são poemas, poesias?” Bate. Sai a *manada*. Todos os meninos saem. Fica uma menina para levar os livros. A professora tem que pedir diretamente para um aluno carregar a caixa.

Quarto e quinto períodos, Matemática. São 15h46min quando os que estão em sala começam a se acalmar. Muitos ainda não estão presentes. A professora fecha a porta faltando, ainda, quase metade da turma. Eles demoram muito para se organizar. A professora tem que solicitar silêncio várias vezes. A professora pergunta se eles querem que ela corrija os exercícios antes da prova. Pega um caderno e vai ao quadro fazer a correção. São 15h54min, chega uma meia dúzia de alunos querendo entrar. Uma é autorizada e os demais ficam do lado de fora. A professora segue a correção dos exercícios. Às 16h06min termina a correção, a professora pede para que algum aluno apague o quadro. Enquanto apagam, a professora faz a chamada. Termina a chamada às 16h10min. Na sequência, solicita que os alunos guardem o material e separem as classes. Demora uns minutos, fazem barulho, arrastam classes e cadeiras. [Minha cabeça dói.] A professora escreve no quadro que a partir de quarta eles devem trazer o livro didático para as aulas. Isso gera uma discussão. Alguns dizem que venderam, que perderam, etc. Às 16h14min eles estão prontos. A professora começa a distribuir. Conversa. Mais de

um lado pede para ir ao banheiro, a professora não deixa. Às 16h17min todos estão em silêncio. A professora não deixa que peguem material emprestado nem que peguem na mochila, após o recebimento da prova. Dois alunos não estão fazendo, porque não precisam. A professora pergunta se eles querem ir à biblioteca pegar um livro. Eles dizem que não. Ouço muitos gritos e tenho a impressão de que há uma turma próxima destruindo a sala ou talvez o raro silêncio da sala me faça perceber o barulho que normalmente é abafado pelo de dentro. Às 16h33min os alunos estão na rua, tentam entrar de novo e a professora não deixa. Os alunos alegam que foi ordem da diretora. A diretora vem falar com a professora que se mantém firme. Os dois alunos, um menino e uma menina, entram, pegam o material, recebem um bilhete da professora e vão embora. Um dos alunos que não está fazendo recuperação questiona por que ele não pode ir embora. Os dois saem da sala com cara de razão e ainda batem a porta ao sair. São 16h39min. Alguns alunos já terminaram a avaliação. Muitos ainda fazem. Um aluno pergunta se todo mundo que está fazendo a prova precisa de recuperação. A professora explica que a maioria está fazendo para aumentar a nota. Às 16h50min a professora solicita que uma aluna recolha as provas. Inicia uma baderna. Falam alto, arrastam classes, cadeiras, circulam. A professora pede colaboração com os que estão fazendo ainda. Claro que não adianta. Um aluno conta com uma voz aguda algo que me irrita profundamente. Os alunos ficam, conversando, esperando o sinal.

Cena 30: Primeiro período, Português. Às 13h24min a professora começa a passar exercícios no quadro. Não fala com eles antes. Os alunos estão tranquilos, copiando e conversando baixo. Quando termina de passar o exercício, dirige-se aos alunos e fala que é apenas um exercício bem fácil. Circula, auxiliando os alunos. Bate. O exercício fica sem ser corrigido. Antes de sair, a professora marca um trabalho para o dia 09/09.

Segundo período, Arte Educação. Entra a professora substituta e pergunta que disciplina eles têm. Os alunos respondem que é Arte Educação. A professora diz então para que eles desçam para o refeitório para jogar fla-flu. Chama atenção o número de alunos que pegam o caderno para aproveitar para estudar para a prova de geografia.

Terceiro período, Geografia. Às 14h42min o professor entra. Um grupo de alunos rodeia o professor. A sala está com muitos papéis no chão. Alguns atiram aviõezinhos no ventilador. O professor segue conversando com algumas alunas que, pelo que entendo daqui, questionam valores de avaliações. Às 14h45min o professor fecha a porta, mas há alunos se comportando como se não houvesse professor na sala. Às 14h46min, o professor dá oi, pergunta se tá tudo tranquilo. Os alunos perguntam se ele vai dar prova, ele avisa que será no último período. Às 14h49min inicia a chamada. Às 14h53min apaga o quadro. Há muito barulho, eles falam alto. Tenta de novo: “Alguns alunos vieram me perguntar, turma...” Barulho. Escreve no quadro as avaliações e quando começa a falar, muitos falam junto. O professor irrita-se. Aos poucos o barulho vai diminuindo. Os alunos começam a fazer perguntas, o professor suspira, diz: “Onde eu estava? Até me perdi!”. Segue explicando.

“Trabalho não entregou, azar o teu!”. “Só vem para bagunçar, azar o teu!”. Só tem recuperação dos vinte pontos da prova. Inicia uma revisão no quadro e solicita que os alunos copiem. Às 15h07min o professor começa a falar sobre a prova e sobre o que escreveu no quadro. Tão logo começa a falar, os alunos falam junto. Para. Fala. Para. Fala. A turma compete com a fala do professor. O professor se irrita. “Sabe qual é a única diferença entre a minha geração e a de vocês? Vocês têm acesso a tudo, eu tinha que passar uma tarde toda cheirando livro mofado. Como vou fazer um trabalho de conclusão sem ler?”.

Quarto período, História. Às 15h45min o professor pede atenção da turma. Avisa que recolherá os trabalhos antes da prova. Começa a recolher. Às 15h47min começa a ordenar: separar as classes, guardar todo o material. Isso gera tumulto, muitas classes e cadeiras sendo arrastadas. Muito barulho. Enquanto o professor entrega as provas, um aluno faz a mesa de bateria e as canetas de baquetas. Um no outro da sala canta gritando. Mal ele para de entregar, inicia uma discussão entre dois alunos. Um aluno começa a imitar um cachorro. O professor para, ele continua insistentemente. O professor ignora. Começa a leitura da prova. Os alunos não fazem silêncio. Todo momento alguém fala. Silencia de verdade às 15h58min. Mas não dura. Um aluno pergunta a resposta das questões da prova. O professor passa entre as classes. “Sor, eu não estudei, eu queria colar!”. “Sor, eu posso entregar a prova em branco?”. Às 16h05min o professor solicita a uma aluna que vá chamar a vice-diretora. A aluna volta e avisa o professor de que ela está em reunião. Às 16h10min o professor recolhe as provas, algumas. Às 16h18min os alunos conversam, circulam normalmente. Uma aluna é autorizada a ir ao banheiro, quando volta, outra vai. Uma menina que senta na minha frente faltou à aula ontem e chegou com os olhos muito inchados. Pergunto: “Por que não vieste ontem?”. “Minha mãe não deixou.”. “Tu disseste para ela que tinha prova?”. “Ela não acredita em mim. Hoje ela não queria deixar de novo.” “Tu choraste?”. “Sim, por causa da minha mãe.”. Quando bate, o professor está sentado em seu lugar. Os alunos saem da sala, circulam, gritam, conversam, arrastam classes e cadeiras. O professor segue sentado em seu lugar e metade da sala já saiu. Um aluno pede para ir ao banheiro o que parece um grande paradoxo agravado pela negativa do professor. O aluno vai mesmo assim.

Quinto período, Geografia. Às 16h28min o professor entra e organiza a sala para a prova. Desfaz uma das filas, distancia uma fila da outra. É muito barulho. [Minha cabeça parece que vai explodir.] O professor diz: “O tempo é de vocês.”. Inicia a entrega às 16h32min. Quando o professor inicia a leitura, um aluno bate na porta, entra na sala para pegar um celular com um aluno. O professor fica parado, sem reação. Segue explicação no quadro. Às 16h45min os dois primeiros alunos avisam que terminaram. “A prova é documento, não riscuem atrás.”. O professor irrita-se porque os alunos não conseguem fazer uma lista de quatro países em ordem crescente com o IDH correspondente. Eles não conseguem. Duas casas depois da vírgula eles leram como sendo um número menor do que os que apareceram com três casas depois da vírgula. Às 16h50min quase toda a turma havia terminado a

avaliação. O professor avisa que recolherá todas juntas. Às 16h51min inicia recolhimento das avaliações que estão prontas. Às 17h eles guardam os materiais e começam a se organizar (ou desorganizar) e vão embora.

**APÊNDICE H – QUADRO DE CATEGORIAS ESTABELECIDAS A PARTIR DAS
ETNOGRAFIAS**

CATEGORIA	HERBERT JOSE DE SOUZA	ANTÔNIO DE GODOY
Cópia do quadro	<ol style="list-style-type: none"> 1. Ao que os alunos confirmam a correção dos exercícios, a professora começa a escrever no quadro atividades de revisão para o teste posterior. Os exercícios são referentes aos Estados, regiões e capitais. Os alunos copiam, enquanto conversam paralelamente, mas sem exageros. (Geografia) 2. Dez minutos depois, o primeiro aluno vai ao quadro preencher a tabela com o primeiro estado da região norte. Assim, sucessivamente, até completar todos os quadros. A agitação vai aumentando, à medida que se aproxima o fim da correção. Enquanto os últimos vão ao quadro, o líder da turma distribui um mapa do Brasil em branco para cada aluno. A professora apaga o quadro e começa a escrever novamente. “Trabalho do Mapa do Brasil. Complexos regionais.”. Abaixo, a professora inicia as questões: “1. Localizar o oceano pacífico e pintar de azul.”. Neste momento, a turma começa a se acalmar novamente, embora alguns ainda circulem, outros estejam na porta. “2. Colocar as siglas dos Estados.”. “3. Pintar e escrever o nome dos complexos e relacionar com a legenda.”. Na legenda, constam os três complexos: Amazônia, Nordeste e Centro-Sul. A professora explica o que é para fazer na atividade. (geografia) 3. O professor passa no quadro o significado de epístola, autoridade real e autoridade pontifícia. História 4. O professor vai para o quadro passar exercícios. O professor coloca um conteúdo curto no quadro, solicita a uma aluna que busque a vassoura e a pá e começa a varrer a frente da sala. Após mais uma explicação, avançando um pouco mais no conteúdo, o professor passa mais exercícios no quadro. Matemática 5. Quando o professor começa a escrever no 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Retoma a aula anterior, avisa que corrigiu as atividades e começa a escrever no quadro. O professor escreve “Deslocamentos populacionais” e inicia um texto, o qual está sendo copiado de um livro. Geografia 2. Então, o professor continua escrevendo no quadro. O quadro foi dividido ao meio. Escreve nos dois lados. Geografia 3. A professora escreve no quadro “O conjunto dos números racionais.”. E segue a teoria, a qual está sendo copiada de um livro que segura em mãos. Os alunos copiam. Matemática 4. A professora enche os dois lados do quadro novamente. Matemática 5. . Começa a escrever: “Figuras geométricas” e vira e explica que eles vão até a confecção do tangran. Inicia pela definição de figura geométrica. Muitos alunos conversam e parecem indiferentes ao que a professora escreve. A professora parece indiferente. Escreve, escreve até terminar o quadro. Arte Educação 6. “Vou passar as questões de revisão e pretendo corrigi-las hoje.”. A conversa fica maior. O professor avisa que já há o que copiar, a sala silencia. História 7. O professor escreve um parágrafo no quadro e solicita que um aluno leia e explica, mas parece que sempre há alguém falando junto. História 8. O professor enche três quadros inteiros de texto sobre a África, os quais são copiados de uma folha de caderno. O professor apagou e escreveu de novo várias vezes. História 9. A professora passa no quadro dois exercícios. Matemática 10. A professora ignora, segue escrevendo no quadro a correção dos exercícios de ontem. Matemática

	<p>quadro, inicia uma significativa redução do barulho. Neste momento, até alguns alunos começam a solicitar o silêncio do quarteto. “Império Franco”. Um parágrafo depois do título. Explicação oral. (História)</p> <p>6. A professora passa no quadro conjugação verbal do presente do indicativo. Português</p> <p>7. A professora passa o primeiro exercício “Complete as frases com a conjugação verbal correta dos verbos entre parênteses.”. Enche o quadro de exercícios, com uma letra bem miudinha. Tempo para os alunos fazerem. Português</p> <p>8. Em poucos minutos, após olhar os cadernos, inicia a correção dos exercícios no quadro. Português</p> <p>9. A aula termina com os exercícios no quadro. Português</p> <p>10. Solicita que os alunos registem em seus cadernos as regras para montagem de cartazes. “Como fazer um cartaz.”, é o título escrito no quadro. Cultura Religiosa</p> <p>11. Após escrever no quadro, entrega uma folhinha e explica. Inglês</p> <p>12. Na sequência, passa perguntas no quadro para serem respondidas em aula. Inglês</p> <p>13. À negativa de mais entregas, a professora começa a escrever no quadro. “Brasil: aspectos demográficos.” Geografia</p> <p>14. A professora segue escrevendo e os alunos seguem copiando, em silêncio. Geografia</p> <p>15. O professor começa a escrever no quadro: “O primeiro Reino Franco”. História</p> <p>16. Já encheu os dois lados do quadro, ameaça apagar, mas não apaga e dá risada de algumas coisas que os alunos falam. Apaga uma parte do quadro, sob protesto dos alunos, e começa a escrever novamente, quando faltam mais ou menos sete minutos para bater o sinal para o recreio. História</p> <p>17. Há ainda muito barulho no pátio, quando ele já passa a letra q e r do</p>	<p>11. O professor passa no quadro questões sobre o texto passado na última aula sobre África. História</p> <p>12. Vai ao quadro para marcar prova de Geografia para a semana que vem. Coloca a data e a lista dos conteúdos. Geografia</p> <p>13. A professora de matemática precisava atender uma mãe e era preciso que alguém ficasse com a turma. Fiquei todo o primeiro período passando conteúdo e exercício no quadro. Matemática</p> <p>14. A professora passa mais exercícios Matemática</p> <p>15. O professor inicia a correção dos exercícios da última aula, solicitando que os alunos respondam no quadro. Geografia</p> <p>16. Vai ao quadro copiar a resposta da questão número quatro. Geografia</p> <p>17. O professor solicita que copiem cada slide depois da explicação. História</p> <p>18. Às 13h35min a professora inicia a correção no quadro. Alguns alunos (sempre os mesmos) participam e a professora vai escrevendo no quadro. Português</p> <p>19. O professor anuncia a matéria nova e vai ao quadro e escreve “O absolutismo”. História</p> <p>20. O professor apaga o quadro. Segue escrevendo no quadro. História</p> <p>21. Às 13h42min a professora encerra a revisão e inicia os exercícios. Matemática</p> <p>22. A professora iniciou a revisão no quadro, com as principais características de cada árvore. Ciências</p> <p>23. Então, começa a passar as questões no quadro para que os alunos copiem e respondam. Ciências</p> <p>24. Na sequência a professora diz que vai corrigir no quadro. Ciências</p> <p>25. Na sequência, passa a matéria. Às 16h13min começa a passar os exercícios sobre a matéria nova. Matemática</p> <p>26. Passa mais. Os alunos reclamam. Matemática</p>
--	---	--

	<p>exercício. Matemática</p> <p>18. Logo que concluem e começam a conversar, o professor volta e passa o exercício cinquenta no quadro. Matemática</p> <p>19. Depois, a segunda. Ambas oralmente. Na sequência, segue, no quadro, com a continuação da matéria. Geografia</p> <p>20. Depois, a professora passa seis perguntas para que os alunos respondam. Geografia</p> <p>21. O professor está escrevendo no quadro, um aluno levanta e inicia o diálogo: História</p> <p>22. Na sequência, vai ao quadro e começa a passar os exercícios. Uma letra bem miúda, aproveitando ao máximo o espaço do quadro. Português</p> <p>23. O professor passa até a letra d e se retira de novo. Matemática</p> <p>24. Começa a escrever no quadro. Ciências</p> <p>25. A professora anuncia que colocará mais dois exercícios de revisão: pronomes relativos e pronomes indefinidos. Português</p> <p>26. Aos onze minutos de leitura, a professora escreve no quadro: Trabalho para entregar dia 14/05. Interpretação das páginas trinta e um e trinta e dois, do um ao dez. Português</p> <p>27. A professora começa a passar as questões no quadro para serem entregues até o final do período. Cultura Religiosa</p> <p>28. Passa no quadro lista de cores, animais, roupas. Lê as palavras em voz alta para que os alunos repitam. Depois perguntas para entregar. Inglês</p> <p>29. No quadro: 1. Passar o teste a limpo no caderno, apenas as questões erradas. 2. Colar o teste no caderno. “Só o primeiro período, pessoal.”, avisa a professora. Geografia</p> <p>30. Após passar nas classes, a professora escreve no quadro: “Pirâmide etária.”. Após a definição, a professora desenha a pirâmide etária. Geografia</p> <p>31. O aluno que apagou o quadro vai ao quadro responder a questão número 1. Outro aluno responde a 2. História</p>	<p>27. Coloca as respostas no quadro, à medida que os alunos vão respondendo. Português</p> <p>28. O professor segue de costas, escrevendo no quadro. Geografia</p> <p>29. O professor segue escrevendo no quadro. O professor escreve até o último espaço disponível no quadro. Geografia</p> <p>30. O professor escreve mais um pouco no quadro. Ordena que respondam as questões da última aula. História</p> <p>31. O professor segue escrevendo no quadro. Geografia</p> <p>32. A professora desenha uma árvore no quadro. Vai questionando os alunos, mas poucos interagem. Ciências</p> <p>33. Passa mais matéria. Deixa-os copiar. Matemática</p> <p>34. O professor não fala, apenas escreve no quadro o que eles devem fazer. Duas charges. Uma sobre absolutismo e outra sobre mercantilismo. História</p> <p>35. Uma aluna distribui uma folha para cada aluno, que deve ser colada no caderno para responder as questões que o professor passará no quadro. Geografia</p> <p>36. Escreve no quadro Mercantilismo e coloca tópicos. História</p> <p>37. Vai ao quadro passar as questões. História</p> <p>38. A professora desenha no quadro um porífero para indicar as partes. Ciências</p> <p>39. Às 13h34min a professora para de falar e começa a passar um questionário no quadro. Às 13h44min a professora para de escrever no quadro porque chega no número dez. Ciências</p> <p>40. Pega um caderno e vai ao quadro fazer a correção. Matemática</p> <p>41. Às 13h24min a professora começa a passar exercícios no quadro. Português</p> <p>42. Inicia uma revisão no quadro e solicita que os alunos copiem. Geografia</p>
--	---	--

	<p>32. O professor começa a escrever no quadro: “A decadência do Império Franco.” História</p> <p>33. Coloca no quadro a letra g da continuação dos exercícios. Matemática</p> <p>34. Depois de passar até a letra z, corrigir alguns, passar nas classes, o professor sugere que os alunos se encontrem para estudar. Matemática</p> <p>35. Terminado o discurso, a professora começa a escrever no quadro as faixas-etárias Geografia</p> <p>36. Escreve no quadro: “O tratado de Verdum.” e começa a escrever. História</p> <p>37. Escreve no quadro: 52) Calcule o valor das expressões. Matemática</p> <p>38. A professora passa uma auto-avaliação no quadro para que os alunos respondam e entreguem até o final do período. Português</p> <p>39. “Império Bizantino”, escreve no quadro o professor. História</p> <p>40. A professora passa no quadro um trabalho de pesquisa sobre formação do território brasileiro, divide os grupos e os assuntos entre os alunos. Geografia</p> <p>41. Escreve no quadro, mas a turma está fora de controle. Escreve quatro linhas, como nas outras vezes, só que não são nem 09h45min. História</p> <p>42. Vai para o quadro e copia as questões da prova. Matemática</p> <p>43. A professora passa no quadro a lista de materiais que eles precisam trazer, como bola de isopor, massa de modelar, tinta, palito de dentes. Ciências</p> <p>44. Escreve no quadro a diferença entre Igreja Ortodoxa e a Igreja Católica. História</p> <p>45. A professora entra e começa a passar expressões numéricas no quadro, com as respectivas respostas. Matemática</p> <p>46. O professor ignora e segue escrevendo no quadro. “Números racionais.” Matemática</p> <p>47. No quadro: “Artigos: dá-se o nome de artigo às palavras variáveis que precedem o substantivo e lhe indicam o</p>	
--	---	--

	<p>gênero, o número e a função gramatical.”. Depois, definidos e indefinidos. Português</p> <p>48. Verbo to be no quadro. Tempo para copiar. Exercício de tradução. Inglês</p> <p>49. No quadro “Atividade página quarenta e oito”. 1) Imigração é... A professora está criando as questões olhando o texto do livro. Geografia</p>	
<p>Uso do livro didático</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. A professora diz: “Página vinte e cinco do livro didático”. A professora mostra o que eles devem estudar. Indica a página 68 para que estudem as capitais. (Geografia) 2. Os alunos vão fazendo perguntas e a professora vai respondendo, atendendo-os de forma individualizada. Os alunos parecem envolvidos com a atividade, embora exija apenas que copiem informações do livro didático para o caderno. (Geografia) 3. Solicita que os alunos abram o livro na página cinquenta e um. “Trabalhando com documentos.”. “Epístola escrita pelo Papa Inocêncio III.”. “Vamos ler e depois vocês vão responder a duas questões para entregar.”. (História) 4. A professora, sentada, mostra o livro didático e exige que, a partir de então, o livro seja levado às aulas. (Português) 5. Solicita que os alunos abram o livro numa determinada página. Geografia 6. . Página trinta e oito do livro didático. A professora diz: “Professora, como vou saber quais são?”. Ela mesma responde: “Quanto mais alta a coluna, maior a população.” Geografia 7. No meio da bagunça dos alunos em pé, do descontrole, solicita que duas alunas busquem os livros didáticos. História 8. Leva muito tempo para que ele consiga fazer com que os alunos silenciem e abram na página trinta e três do livro didático. O professor inicia a leitura do texto, mas é interrompido na segunda linha. História 9. Solicita que respondam algumas questões do livro didático com base no texto que ele leu. História 10. Página vinte e quatro do livro didático – continuação. Ciências 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Os alunos estão com o livro didático, na página setenta e nove. Começaram a atividade semana passada. Ciências 2. Página cento e oito do livro didático para responder às questões. História 3. “Pessoal, vão dar uma lida na página cento e quatro, que eu já vou explicar para vocês.” 4. Ciências 5. Página cento e onze do livro didático. Ciências 6. O professor pede para abrirem o livro didático. Não consigo ouvir em que página. Coloca no quadro, página quarenta e nove. Geografia 7. Um livro por dupla. Página cento e noventa. Muitos alunos gritam que querem ler. História 8. Verifica se todo mundo tem o livro. Ainda há barulho. Página cento e doze do livro didático. Ciências 9. Duas alunas buscam os livros didáticos, enquanto isso. Voltam e distribuem os livros. História 10. O professor manda abrir na página duzentos e dezoito. História 11. Às 14h13min o professor diz que há três perguntas para serem corrigidas, pede para abrirem o livro na página cinquenta e dois. Geografia 12. Página cento e vinte e seis do livro didático. Ciências 13. Página cento e cinquenta e dois do livro didático. Ciências 14. Às 14h25min a professora para de falar, pede para os alunos irem para a página cento e sessenta e um e que façam o número seis dos exercícios do livro. Ciências

	<p>11. Solicita que respondam as dez questões no caderno, sem copiar as perguntas. Página vinte e seis. Ciências</p> <p>12. Às 09h13min, após concluir a correção dos exercícios de revisão, a professora solicita que os alunos abram os livros didáticos na página vinte e oito. Dezoito alunos estão sem livro, então dois alunos vão buscá-los. A professora diz: “É baixar a cabeça e ler, com muita atenção. Depois vamos fazer um trabalho sobre o texto.” Português</p> <p>13. Abram o livro na página quarenta e um. Geografia</p> <p>14. . Página dezenove. Ele explica quem é Clóvis, cuja figura está nesta página. História</p> <p>15. O professor solicita que os alunos resolvam os exercícios do livro sobre o texto que acabou de ler. Números 1, 2 e 3. História</p> <p>16. Abram o livro na página quarenta e cinco.” Geografia</p> <p>17. Página setenta e três. Muita dificuldade em iniciar a leitura. História</p> <p>18. O professor ordena que os alunos façam as questões um, dois e três do livro sobre o texto que o professor acabou de ler. História</p> <p>19. Página quarenta e sete do livro didático. Ler e responder às questões. Geografia</p> <p>20. Na página cinquenta e dois. Demora para que todos os alunos abram os livros e fiquem em silêncio. História</p> <p>21. “Atividade página quarenta e oito”. Geografia</p> <p>22. Terminada a explicação, solicita que sentem em duplas e peguem o livro de ciências. Ciências</p> <p>23. Após a chamada: “Pessoal, abram o livro na página oitenta e seis. Primeiramente, vamos ler conjuntamente, depois vocês vão ler sozinhos. Português</p> <p>24. Página oitenta e oito. Interpretação. “Agora vocês lerão de novo para responder às questões do Para entender o texto. Copiar as perguntas e responder.” Português</p>	<p>15. A professora escreve no quadro que a partir de quarta eles devem trazer o livro didático para as aulas. Matemática</p>
--	--	---

<p>Atividades para casa</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. A professora anuncia que a atividade é para entregar, mas que em função do pouco tempo, eles deverão fazer de tema e trazer no dia seguinte. (geografia) 2. Tema para amanhã Geografia 3. “O trabalho deve ser entregue com capa e folha de identificação, à caneta. Não vou aceitar a lápis. Ler de novo em casa o texto.”. Português 4. Orienta: 1º folha: dados pessoais; segunda e terceira: desenvolvimento; na última, cola o trabalho recebido; folha de ofício. Não é para grampear. O trabalho deverá ser entregue na próxima aula. Matemática 5. A professora passa no quadro um trabalho de pesquisa sobre formação do território brasileiro, divide os grupos e os assuntos entre os alunos. Geografia 	
<p>Avaliações</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Antes de iniciar, repete que no dia seguinte haverá teste. Um aluno fala que tem prova, é corrigido pela professora que o alerta de que era teste. Assim, o aluno pergunta: “Qual a diferença?” Não obtém resposta. (geografia) 2. Alguns alunos tentam entregar trabalho e o professor avisa: “Trabalho e prova amanhã.”. (História) 3. Ao entrarmos, as classes já estão separadas para avaliação individual. Na sequência, anuncia o início do teste, lembrando-os de que, em cima da mesa, só pode ficar o material de escrever. Estojos não são permitidos. Os alunos recebem as folhas e permanecem com as mesmas viradas para baixo, até a professora autorizar que virem. Geografia 4. Ao concluir a chamada, anuncia que passará para recolher os trabalhos e olhar os cadernos. História 5. Segue-se o tumulto, enquanto as provas são entregues. A sala surpreendentemente silencia até reiniciarem as reclamações. A conversa paralela segue durante o momento da prova. História 6. Chama, assim, em sua mesa de três em três alunos para verificar a realização do tema. Português 7. Começa a explicar o trabalho que terão 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Pega uma folha para anotar quem fez. Ciências 2. A professora vai chamando um por um para ver o caderno. Ciências 3. . A professora solicita que separem as classes. Inicia a entrega dos trabalhos. Matemática 4. Quem termina mostra o caderno. Geografia 5. A professora segue olhando os cadernos até o final do período. 6. Matemática 7. Às 13h45min, a professora manda guardar o material para o início da prova. 8. O professor avisa que o que vai ser colocado no quadro deve ser copiado direto numa folha para entregar. É um trabalho. Uma aluna pergunta se precisa capa e o professor diz que ela escolhe. O professor faz no quadro igual como eles devem fazer na folha: “Nome, turma, etc.”. Começa a escrever as perguntas e os orienta a copiar uma embaixo da outra. O texto que deve ser colado no caderno fala sobre IDH e traz um quadro com o ranking das taxas de crescimento do IDH entre as capitais do Brasil. Geografia 9. Às 16h45min o professor diz que eles

	<p>que fazer neste período, antes do recreio. Desenha uma folha no quadro e explica o que eles têm que fazer. “Bioma Pampa.”. Escrever uma redação sobre o bioma Pampa, depois os alunos devem opinar sobre o nosso bioma e as formas de preservação do nosso bioma. Ciências</p> <p>8. A professora entra na sala, dá bom dia e inicia a explicação de como vai funcionar a avaliação. Dez questões dissertativas, pensar, letra maiúscula, frases completas, identificação. A professora inicia a entrega. Primeira professora que lê a avaliação com os alunos antes de iniciá-la. Explica para os alunos a diferença da primeira avaliação para a segunda avaliação. São vinte e cinco minutos para responder as dez questões. Ciências</p> <p>9. Primeira coisa: a professora passa para olhar quem fez o tema. A cada caderno visto, fala: “Parabéns, fulano!”, dizendo o nome de cada um dos alunos. Geografia</p> <p>10. A professora inicia a aula marcando prova para o dia quatorze e a recuperação para o dia vinte e um. Português</p> <p>11. “Vocês vão receber um texto, vão ler em silêncio, eu vou passar cinco perguntas e vocês vão copiar e responder e entregar ainda hoje, valendo cinco pontos.”. Cultura Religiosa</p> <p>12. A professora manda guardar o material e pegar um livro didático por grupo e juntar as classes. Células em bolas de isopor Ciências</p> <p>13. Enquanto os alunos passam a avaliação a limpo, a professora marca teste oral para amanhã. Geografia</p> <p>14. Depois de um tempo, a professora começa a chamar para ver os cadernos. Geografia</p> <p>15. A turma silencia. “A prova é sem consulta.”. “À caneta.” “Qualquer comunicação, a prova será retirada.”. “Bonés virados para trás.”. A professora entrega o número correspondente ao número de alunos da fila. “Rasura, faz assim (um risco) ou liquipaper.”. “Rapidamente, eu vou ajudar vocês.”. Um pequeno texto com cinco perguntas. Conjugação verbal, ortografia, pronomes</p>	<p>deverão entregar as respostas para o professor sexta-feira, porque há alunos brincando. Ele diz que essa entrega ajudará na nota da prova. História</p> <p>10. Senta e começa a dizer quem precisa mostrar o caderno. Chama atenção de quem não mostrou o caderno nenhuma vez. Ciências</p> <p>11. A professora não deixa que peçam material emprestado nem que peguem na mochila, após o recebimento da prova. Dois alunos não estão fazendo, porque não precisam. Matemática</p> <p>12. Às 15h45min o professor pede atenção da turma. Avisa que recolherá os trabalhos antes da prova. Geografia</p> <p>13. Enquanto o professor entrega as provas, um aluno faz a mesa de bateria e as canetas de baquetas. História</p> <p>14. Às 16h28min o professor entra e organiza a sala para a prova. Desfaz uma das filas, distancia uma fila da outra. Geografia</p>
--	---	---

	<p> pessoais, pronomes demonstrativos. Pronomes possessivos, indefinidos e relativos. Substantivos e adjetivos. “Boa sorte, qualquer dúvida, levantem a mão que eu vou até vocês.”. Silêncio absoluto. Português </p> <p> 16. A professora passa uma auto-avaliação no quadro para que os alunos respondam e entreguem até o final do período. Português </p> <p> 17. A professora avisa que hoje eles farão o último trabalho. Quarta ela avisará quem está em recuperação. Quem ficar em recuperação, fará a prova na sexta-feira que vem. Inglês </p> <p> 18. Os alunos acalmam-se automaticamente. Organizam-se para a prova. Uns pedem canetas pretas ou azuis uns para os outros. Matemática </p> <p> 19. Recuperação segunda, toda a matéria, sem consulta. A professora lê os nomes dos alunos que estão em recuperação. Geografia </p> <p> 20. O professor explica cada uma das questões, parafraseando. Senta e pede que façam em silêncio. Uma aluna está com o caderno em cima do colo. O professor levanta. Um aluno olha o caderno embaixo da classe também. A aluna pede outra prova, porque diz que fez tudo errado. História </p> <p> 21. A professora logo dá um para-te quieto e eles ficam em absoluto silêncio, enquanto a professora dita a prova de recuperação. Português </p> <p> 22. No total, formam duas filas do lado direito da sala. São os alunos em recuperação, que imediatamente recebem a prova. Geografia </p> <p> 23. São 07 min para às 09h da manhã, quando a sala fica organizada e o professor inicia a entrega das provas. Matemática </p> <p> 24. Às 08h23min, a vice-diretora entra e entrega um pacote de provas para a professora. Os alunos não sabem do que se trata, nem eu. Um aluno começa a distribuir, recebo uma prova e então descubro: trata-se das olimpíadas da Matemática. ESCOLA </p> <p> 25. Às 10h a professora começa a distribuir as provas de inglês. Inglês </p>	
--	---	--

	<p>26. Um aluno inicia a leitura. A professora chama outro aluno e ele se nega a ler. A professora diz que todo mundo vai ler. Registra que ele não quis ler. Chama outro aluno que segue. Português</p> <p>27. Por isso vocês vão fazer agora uma auto avaliação.”. O que eu aprendi neste trimestre? O que eu preciso fazer? É para entregar. Ciências</p> <p>28. Nós vamos construir um álbum. Cada grupo deve trazer folhas de ofício, cola, tesoura, recortes de animais de revistas, jornais, sacos plásticos, régua.”. A professora pede para recortarem as imagens e inicia explicação de como o álbum vai ser construído. Ciências</p>	
<p>Atividades de Leitura</p>	<p>1. O professor lê o texto em voz alta, com acompanhamento dos alunos. Faz uma pequena paráfrase. Solicita que os alunos copiem e respondam às duas questões sobre o texto (interpretação) para entregar, valendo nota. O professor vai lendo e explicando, parafraseando. Alguns alunos perguntam o significado de algumas palavras, as quais são explicadas pelo professor. O texto trata de hábitos medievais, heranças que recebemos dessa época. O texto segue na página trinta e quatro. História</p> <p>2. A professora diz: “É baixar a cabeça e ler, com muita atenção. Português</p> <p>3. “Vamos ler o texto da página quarenta e oito.” História</p> <p>4. Os alunos estão em absoluto silêncio, realizando a leitura do texto; a professora apenas os observa. Cultura Religiosa</p> <p>5. A professora solicita que um aluno entregue as folhas com o conteúdo sobre o bioma Pampa. À medida que vão recebendo, iniciam a leitura. Ciências A professora faz a leitura dos textos, parafraseando e acrescentando explicações. Ciências</p> <p>6. O professor lê trecho do Al Corão, em que há regras sobre as mulheres. História</p> <p>7. Os alunos recebem duas folhas. Uma folha e meia com texto sobre os animais do Bioma Pampa. Cada aluno leu um pedaço do texto em voz alta. Após a leitura, sentam em duplas para responder</p>	<p>1. Entrega uma folha para cada aluno com uma história em quadrinhos. O professor inicia a leitura da primeira tirinha. “Cebolinha: Abaixo a poluição.” O quarto está sujo. O professor chama atenção para as imagens. Questiona os alunos a respeito do sentido da tirinha. Alguns alunos respondem. O professor lê a segunda tirinha sobre uma bota em vez de peixe sendo pescada. O professor explica a questão um, depois a questão dois. Atividade: continuar a história (uma das tirinhas). Cultura Religiosa</p> <p>2. À esquerda uma tirinha do Chico Bento por causa das árvores cortadas. A professora vai lendo os quadrinhos. Português</p> <p>3. Um aluno lê um pedaço e a professora explica. Alguns alunos conversam. É difícil ouvir a professora. Uma aluna lê mais um pedaço e a professora parafraseia e dá exemplos. Assim, segue a aula. Terminada a leitura, a professora pede que eles copiem o desenho da página cento e dez e copiem e respondam as perguntas. Ciências</p> <p>4. Levanta-se e no meio do círculo, solicita que de dois em dois leiam o texto que ela está distribuindo. De dois em dois, porque a professora só tem vinte cópias. Às 13h40min um aluno inicia a leitura. Como só três alunos aceitaram ler em voz alta, houve mais de uma rodada entre os três. A professora inicia uma exploração oral. “O que faz um lugar ser mal-assombrado?”. Uma aluna relata uma experiência de entrar em uma casa “abandonada”. “Vamos entrar agora nos</p>

	<p>às questões. Ciências</p> <p>8. Às 10h55min, a professora chama um aluno para iniciar a leitura do texto. A professora parafraseia o que o aluno acabou de ler. Assim, sucessivamente. Outro aluno é chamado. A professora faz intervenções em relação à leitura da pontuação. Ciências</p> <p>9. A professora de ciências entrega duas folhas sobre os mamíferos. Utiliza a mesma dinâmica da aula anterior. Cada um lê um pedacinho do texto. A professora acrescenta explicações, parafraseia o que os alunos leem. Ciências</p> <p>10. Página quarenta e sete do livro didático. Ler e responder às questões. Sessão: Saiba Mais. A capoeira. Quatro perguntas no final da página. No caderno. Não precisa copiar a pergunta. Colocar a página do livro e as respostas. A professora decide ler com eles. Inicia a leitura e cada um lê uma parte. A professora lê um pouco, um aluno continua. Geografia</p> <p>11. Um aluno inicia a leitura. A professora chama outro aluno e ele se nega a ler. A professora diz que todo mundo vai ler. Registra que ele não quis ler. Chama outro aluno que segue. Português</p> <p>12. 1º momento: leitura silenciosa e individual. Cento e noventa e um a cento e noventa e nove. Ninguém vai para o recreio sem ler. “Quem já terminou a leitura, vai responder no caderno as nove questões da página 200.”. Ciências</p> <p>13. Após a chamada: “Pessoal, abram o livro na página oitenta e seis. Primeiramente, vamos ler conjuntamente, depois vocês vão ler sozinhos. A professora inicia a leitura da unidade, falando sobre Clarice Lispector, sua biografia, sua história. Explica que Clarice se correspondia com as irmãs, durante o tempo em que esteve na Europa. Cada aluno lê um pouco. A professora vai chamando cada um. Página oitenta e oito. Interpretação. “Agora vocês lerão de novo para responder às questões do <i>Para entender o texto</i>. Copiar as perguntas e responder.” Português</p>	<p>elementos da narrativa.” Às 14h25min solicita que os alunos respondam por escrito, em duplas. Português</p> <p>5. Na sequência, entrega um texto digitado em um décimo de folha. O professor solicita que colem no caderno. Às 16h40min o professor pergunta quem quer ler. Depois, avisa que quem estiver conversando será chamado para ler. Cultura Religiosa</p> <p>6. A turma silencia, a professora entrega um polígrafo de quatro folhas sobre folclore. “Vamos lendo aos poucos e discutindo.”. A história do folclore. A professora vai agendando quem quer ler. Vai anotando quem vai ler cada parte. Um aluno inicia a leitura e a professora vai fazendo intervenções. Arte Educação</p> <p>7. A professora solicita que façam uma leitura silenciosa. Divide o texto entre três alunos: narrador e personagens um e dois. Uma aluna diz que não conseguiu fazer a leitura silenciosa. A professora diz: “Nós lemos juntos.”. A aluna inicia a parte do narrador. A professora não intervém. Uma aluna pede para fazer todo o diálogo, então foi mudando a voz para fazer os papéis masculinos e femininos. A turma se diverte. O aluno erra algumas vezes e a professora ajuda, a saber, quando é homem e uma mulher. Português</p> <p>8. Depois de muito esforço, a colega começa a ler a turma faz silêncio. História</p> <p>9. Os alunos leem altamente concentrados, provavelmente por causa do objetivo claro: participar da brincadeira. Português</p> <p>10. A aluna leu uma parte e o professor faz três perguntas orais e os alunos respondem. Assim foram sendo chamados os demais alunos para ler. História</p> <p>11. Inicia, então, a distribuição dos textos. Ela para no quarto parágrafo e faz perguntas orais. Arrumaram a porta da sala. Às 13h44min a professora inicia a correção, chamando os alunos para ler o texto. Alguns se manifestam, demonstrando interesse em fazer a leitura do texto em voz alta. A professora divide os parágrafos do texto entre três alunos. Português</p>
--	--	--

		<p>12. A professora pede que eles escolham um livrinho para ler nos últimos minutos da aula. Levantam-se, reúnem-se em torno da mesa em que foram largados os livros, escolhem e sentam-se. Português</p> <p>13. A professora chama um aluno para ler um parágrafo que define os poríferos, que sistematiza o que a professora acaba de explicar. Ciências</p> <p>14. Às 15h01min a professora libera para que peguem os livros de poesia que trouxe para a aula: “Como na última aula foi só dez minutinhos, trouxe livros de poesia.”. Sugere que leiam no final da aula. A primeira aluna lê. Um segundo aluno pede para ler. A professora diz: “Que bonitinho esse poeminha! Esse é o mais infantil!”. A professora pede para ler um poema que ela escolheu. Tenho certeza de que os alunos não entenderam nada. Eu não entendi. Um outro aluno pede para ler. Fica nervoso, atropela, a professora o incentiva, mas o aluno desiste. Uma aluna lê um sobre segredos de amor. Mais um aluno lê. “Vocês se deram conta de que esses textinhos são poemas, poesias?” Português</p>
Textos	<p>1. “Epístola escrita pelo Papa Inocêncio III.”, livro didático de História, pg. 51</p> <p>2. No verso, a biografia de Joana D’arc para que, em uma única questão, os alunos identifiquem, no texto, os diferentes pontos de vista sobre ela. História</p> <p>3. Leitura: gráficos de coluna. Geografia</p> <p>4. “Restos do carnaval, Clarice Lispector.”</p> <p>5. “O grande desafio da juventude – relato de um internauta acerca da ditadura da mídia.”. Cultura Religiosa</p> <p>6. Carnaval na Idade Média. História</p> <p>7. O professor lê trecho do Al Corão, em que há regras sobre as mulheres. História</p> <p>8. “Texto: A gulosa disfarçada, Luis Camara Cascudo. Português</p> <p>9. Sessão: Saiba Mais. A capoeira Geografia</p>	<p>1. Tirinha Português</p> <p>2. O mistério da casa abandonada”, de Fernando Sabino. Português</p> <p>3. A história do folclore – Arte Educação</p> <p>4. “O nariz”, de Luis Fernando Veríssimo Português</p> <p>5. Testemunha tranquila”, de Sérgio Porto (Stanislaw Ponte Preta Português</p> <p>6. “Leitura do texto “Trabalho infantil continua a desafiar a América Latina.” Português</p> <p>7. Enquanto isso, uma aluna entrega uma folha xerocada com um texto sobre a origem das favelas, retirado de um livro didático, sem referência. Geografia</p> <p>8. O texto que deve ser colado no caderno fala sobre IDH e traz um quadro com o ranking das taxas de crescimento do IDH entre as capitais do Brasil. Geografia</p>